

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO NORTE

ANTONIO MAX FERREIRA DA COSTA

**HISTÓRIA, CULTURA ESCOLAR E MEMÓRIA DO ENSINO TÉCNICO
PROFISSIONALIZANTE NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO
TEIXEIRA (1982-2002)**

NATAL - RN

2022

ANTONIO MAX FERREIRA DA COSTA

**HISTÓRIA, CULTURA ESCOLAR E MEMÓRIA DO ENSINO TÉCNICO
PROFISSIONALIZANTE NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO
TEIXEIRA (1982-2002)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação, na linha de História, Historiografia e Memória da Educação Profissional.

Orientador: Prof. D.r José Mateus do Nascimento

NATAL - RN

2022

Costa, Antonio Max Ferreira da.
C837h História, cultura escolar e memória do ensino técnico
profissionalizante na escola estadual professor Anísio Teixeira (1982-
2002) / Antonio Max Ferreira da Costa. – 2022.
264 f.: il. color.

Tese (doutorado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.
Orientador: Prof. Dr. José Mateus do Nascimento.

1. Ensino profissional – História – Cultura escolar - Memória. 2.
Ensino Técnico Profissionalizante – 2º grau – Escola Estadual Anísio
Teixeira - Cultura escolar. I. Título.


CDU 377.36(091)

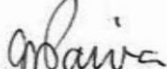
ANTONIO MAX FERREIRA DA COSTA

**HISTÓRIA, CULTURA ESCOLAR E MEMÓRIA DO ENSINO TÉCNICO
PROFISSIONALIZANTE NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO
TEIXEIRA (1982-2002)**


Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Tese aprovada em 30/09/2022 pela seguinte Banca Examinadora:



Prof. D.r José Mateus do Nascimento
(Presidente IFRN)

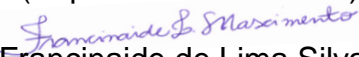

Profa. D.ra Marlúcia Menezes de Paiva
(Titular Interna UFRN/IFRN)



Profa. D.ra Olívia Medeiros Neta
(Titular Interna UFRN/IFRN)



Profa. D.ra Maria Inês S. Stamatto
(Titular Externa UFRN)


Profa. D.ra Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto
(Titular Externa UFRN)


Profa. D.ra Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares
(Suplente Interna IFRN)


Profa. D.ra Francinaide de Lima Silva Nascimento
(Suplente Interna IFRN)


Prof. D.r Francisco Carlos Oliveira de Sousa
(Suplente Externo IFRN)


Profa. D.ra Rozicleide Bezerra de Carvalho
(Suplente Externa IFESP)

Ao Transcendente por ter me dado saúde e inteligência para percorrer esse caminho; A minha esposa Zandra Coutinho pela parceria, compreensão e paciência nesse caminhar, dedico.

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grato a Deus por ter me permitido concluir essa pesquisa e adquirir o título de doutor em educação em meio a um caos epidemiológico mundial;

À minha esposa, Zandra Coutinho de Melo Costa pelo incentivo, companheirismo, carinho e compressão nos muitos instantes em que estive imerso nesse projeto;

Ao meu Orientador Professor D.r José Mateus do Nascimento pela confiança, respeito, diálogo, parceria e amizade, meu eterno obrigado.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP-IFRN) pelos saberes construídos ao longo desses anos;

Aos Professores e pesquisadores da linha de pesquisa 3: História, historiografia e memória da educação profissional pelas reflexões e discussões empreendidas durante meu processo formativo;

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP-IFRN) por ter viabilizado essa oportunidade;

À Professora D.ra Marlúcia Menezes de Paiva e à Professora D.ra Lenina Lopes Soares Silva pelos conselhos e partilhas acadêmicas;

Aos Coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP-IFRN), Professora D.ra Ana Lúcia Sarmiento Henrique e Professor D.r José Moisés Nunes da Silva pela presteza e empenho na coordenação do mestrado e doutorado;

Ao Professor D.r Justino Magalhães do Instituto de Educação, da Universidade de Lisboa pelas obras enviadas de Portugal e por permitir minha missão de estudos nesse país de língua portuguesa, não materializado devido a pandemia da Covid-19;

À Professora D.ra Ana Zélia Maria Moreira pela atenção e partilha das fontes históricas sobre a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira;

Aos agentes-sujeitos da pesquisa, Evânia Maria Damásio de Souza, Maria da Salete Marinho Coelho, Jarbas Gomes de Carvalho, Rozicleide Bezerra de Carvalho, Ismênia Verônica Barboza, Isaura Lima Alves Galvão, José Mateus do Nascimento e Andrina de França Silvestre de Souza pela disponibilidade e pelo carinho em contribuir com a re (construção) da história da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira;

Ao corpo docente e a gestão das instituições em que exerço minhas atividades docentes, Escola Municipal Estudante Emmanuel Bezerra e Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti.

Aos meus amigos doutorandos da 1ª turma, 2019.1 “Existindo e Resistindo” do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP-IFRN) pelas partilhas de conhecimentos e amizades;

Às amigas que encontrei no (PPGEP-IFRN) Joentina e Adilina, agradeço a parceria acadêmica ao longo dessa jornada;

Ao Diretor da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, Professor Francisco Neres Viana, a Coordenadora Justiana Damasceno e a Servidora Albertina Monteiro por ter disponibilizado os arquivos da escola, bem como a minha circulação pelo espaço da instituição;

À Advogada Elizabete Pires, eterna professora de Direito da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira pelas memórias e mediação com os agentes-sujeitos da pesquisa;

Ao amigo *Teacher* Miguel Ribeiro pela colaboração na tradução do *abstract* desse trabalho;

Ao amigo da segunda turma do doutorado Professor Kleiton Cassemiro pela ajuda na transformação do *software* das plantas baixas da Escola E. Prof. Anísio Teixeira;

Aos Professores da banca examinadora pela leitura cuidadosa;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão de Bolsa de Estudos, permitindo uma dedicação maior as pesquisas;

Enfim, agradeço a todos aqueles que desejarem ler esse trabalho de tese.

O princípio desse caminhar tem sua gênese em uma tarde crepuscular
Era verão
Tinha-se a esperança de uma aurora matinal, de um amanhecer transcendental
(Re) escrita se tecia, (Re) leitura se fazia e tudo se (Re) construía

O tempo transcorria, o vento batia e as folhas caíam
Era outono
(Re) escrita se tecia, (Re) leitura se fazia e tudo se (Re) construía

O frio gelado, paralisa a visão
Era inverno
(Re) escrita se tecia, (Re) leitura se fazia e tudo se (Re) construía

A transição entre o inverno e o verão é real
Flores, folhas e frutos
Era primavera
(Re) escrita se tecia, (Re) leitura se fazia e tudo se (Re) construía

(Antonio Max Ferreira da Costa, 2022)

RESUMO

A presente tese trata-se de uma pesquisa historiográfica sobre História, Cultura Escolar e Memória do Ensino Técnico Profissionalizante na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, com recorte temporal nos anos de 1982 a 2002, tendo como objetivo: analisar a história, a cultura escolar e a memória do ensino técnico profissionalizante da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira no tempo já citado. Este trabalho está assentado em referenciais teóricos da história das instituições, da cultura escolar, da memória, da educação profissional e da educação, com base nos estudos de Magalhães (1996, 1998, 2001, 2004, 2010 e 2019); Julia (2001); Viñao Frago (1995, 2006); Le Goff (1996) dentre outros. Para a construção dessa investigação utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa de natureza histórica, realizando um levantamento bibliográfico e documental nos arquivos da escola *lócus* de pesquisa. Evidencia-se também nessa produção acadêmica, como instrumento de pesquisa de informações, a entrevista gravada em vídeo centrada na (re) construção da história e da cultura escolar da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, culminado num produto denominado de vídeo-história ou videografia, Mauad (2011). Essa investigação historiográfica permitiu-nos concluir que mesmo havendo uma legislação que extinguiu a oferta do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, nas habilitações de Assistente em Administração e Contabilidade, os agentes-sujeitos continuaram resistindo na manutenção da cultura escolar do tecnicismo no contexto das práticas pedagógicas, mesmo sofrendo as forças advindas da materialidade e dos tempos. Enfim, a “Escola da Praça” materializou uma cultura escolar específica, a cultura escolar do tecnicismo.

Palavras-Chave: história; cultura escolar; memória; ensino técnico profissionalizante de 2º grau.

ABSTRACT

The present thesis is about a historiographic research on History, scholastic culture and memory of the technicality professional teaching in Professor Anísio Teixeira school, between 1982-2002, which has got as an aim the analysis of the history, the scholastic culture and the memoir of the technical professional teaching of Professor Anísio Teixeira public school in the cited time. This work is based on theoretical references of the Institution's history the scholastic culture, the memoir, the professional education and the education itself, its also based on Magalhães reviews (1996, 1998, 2001, 2004, 2010 and 2019); Julia's (2001); viñao frago's (1995-2006); Le Goff's (1996) among others. To have this investigation elaborated, we have used a qualitative historical nature making bibliographic and documental archive review of the *loucs* school. It's been also evidenced in this academic work a vídeo interview which was recorded in the reelaboration of the history and the scholastic culture of the Professor Anísio Teixeira public school which resulted in something called vídeo history or videography, Mauad (2011). This historiographic investigation led us to conclude that even occurring a legislation that extingued an offer technical professeonal teaching high school in the habilitation of business administration and accounting the agents keep on resisting in the maintenance of the escolastic technicality culture in the context of pedagogical practices though it suffers which the impact of the time materiality. At long last the "Escola da Praça" has turned a real especific scholastic culture the technicalitty, scholastic cultures.

Keywords: history; escolastic culture; memor; thechnical professional high school teaching.

RESUMEN

La presente tesis es una investigación historiográfica sobre Historia, Cultura Escolar y Memoria de la Educación Técnica Profesional de la Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, con un marco temporal de 1982 a 2002, con el objetivo de: analizar la historia, la cultura escolar y la memoria de la profesionalizando la enseñanza técnica de la Escuela Estatal Professor Anísio Teixeira en el tiempo mencionado. Este trabajo se basa en referentes teóricos de la historia de las instituciones, la cultura escolar, la memoria, la formación profesional y la educación, a partir de los estudios de Magalhães (1996, 1998, 2001, 2004, 2010 y 2019); Julia (2001); Viñao Frago (1995, 2006); Le Goff (1996) entre otros. Para la construcción de esta investigación se utilizó como metodología la investigación cualitativa de carácter histórico, realizándose un levantamiento bibliográfico y documental en los archivos de la escuela locus de investigación. También se evidencia en esta producción académica, como instrumento de búsqueda de informaciones, la entrevista grabada en video enfocada en la (re)construcción de la historia y cultura escolar de la Escuela Estatal Professor Anísio Teixeira, culminando en un producto denominado video-historia o videografía, Mauad (2011). Esta investigación historiográfica permitió concluir que aún con la legislación que extinguió la oferta de educación técnica profesional de 2º grados, en las titulaciones de Auxiliar en Administración y Contabilidad, los agentes-sujetos continuado resistiendo en el mantenimiento de la cultura escolar del tecnicismo en la contexto de las prácticas pedagógicas, aun sufriendo las fuerzas provenientes de la materialidad y de los tempos. En suma, la “Escola da Praça” materializó una cultura escolar específicamente, la cultura escolar del tecnicismo.

Palabras clave: historia; cultura escolar; memoria; 2º grado de educación técnica profesional.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 -	Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira (1970/80)	19
Quadro 1 -	Síntese das dissertações e teses	21
Quadro 2 -	Síntese da dissertação (BDTD/IBICT)	27
Quadro 3 -	Síntese de dissertações e teses (BDTD/IBICT)	28
Figura 1 -	Mapa da Praça Pedro Velho – Escola Est. Prof. Anísio Teixeira	36
Foto 2 -	Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (2022)	40
Quadro 4 -	As categorias de análise para pesquisa em instituições escolares	45
Quadro 5 -	As categorias de pesquisa/exame dos aspectos das instituições educativas	46
Quadro 6 -	As categorias de pesquisa das instituições escolares	47
Foto 3 -	Produção da pesquisa videográfica (Diretoras Salete e Evânia)	55
Foto 4 -	Antonio Max Ferreira da Costa, no arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, em Natal-RN, ano de 2020	63
Figura 2 -	Passo a passo da ATD	71
Figura 3 -	Mercado de trabalho (Técnicos em Adm. e Contabilidade)	73
Figura 4 -	Histórico Escolar do Técnico em Contabilidade (1980)	87
Figura 5 -	Histórico Escolar do Técnico em Contabilidade (1980)	87
Figura 6 -	Histórico Escolar do Técnico em Contabilidade (1990)	88
Figura 7 -	Histórico Escolar do Técnico em Contabilidade (2000)	88
Figura 8 -	Histórico Escolar do Assistente em Administração (1990)	89
Figura 9 -	Histórico Escolar do Assistente em Administração (2000)	89
Figura 10 -	Certificado Escolar do Assistente em Administração (1982)	91
Figura 11 -	Certificado Escolar do Assistente em Administração (1990)	92
Figura 12 -	Certificado Escolar do Assistente em Administração (2000)	92
Foto 5 -	Agentes-Sujeitos da Escola Est. Prof. Anísio Teixeira	96
Quadro 7 -	Identificação dos agentes-sujeitos (Estudantes)	98
Quadro 8 -	Identificação dos agentes-sujeitos (Professores)	99
Quadro 9 -	Identificação dos agentes-sujeitos (Diretores e Vice-Diretores)	99
Foto 6 -	Diretora Fátima Macêdo, recebendo o título de honra ao mérito	102

	de melhor escola estadual do RN, no ano 2000	
Foto 7 -	Professora Zuleika Romano, regente do coral da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, durante a solenidade cívica de 7 de setembro de 1996	119
Foto 8 -	Professora Zuleika Romano e a Vice-Diretora Maria da Salette Marinho Coelho na solenidade cívica de 7 de setembro de 1996	119
Foto 9 -	Estudantes da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira no desfile cívico de 7 de setembro, da década de 1990	120
Foto 10 -	Professora D.ra Rozicleide Bezerra de Carvalho, na feira de ciências da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, em Natal-RN	121
Foto 11 -	Corredor da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, em Natal-RN, anos 2000	123
Foto 12 -	Sala de Aula do Anísio Teixeira, em Natal-RN, anos 2000	124
Figura 13 -	Planta baixa da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1973-1998)	126
Figura 14 -	Planta baixa da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1999-2002)	127
Foto 13 -	Praça Cívica de Natal-RN, anos 2000	129
Foto 14 -	Prédio do Anísio Teixeira em reforma, final dos anos 1990	130
Foto 15 -	Visita do Governador Garibaldi Alves Filho, Secretário de Educação Luiz Eduardo e o Dr. Kerginaldo as novas instalações do Anísio Teixeira, em 1998	131
Figura 15 -	Esquema dos elementos da cultura escolar da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002)	137

LISTA DE SIGLAS

PPP	Projeto Político Pedagógico
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
SEEC	Secretaria de Estado, da Educação e da Cultura
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
CAPES	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IFTM	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro
IFAP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá
SP	São Paulo
ETFRN	Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte
ATD	Análise Textual Discursiva
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
SRM	Sala de Recursos Multifuncionais
AEE	Atendimento Educacional Especializado
PPGEP	Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional
IFRN	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
LABHOI	Laboratório Oral e Imagem
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
ETE	Escola Técnica Estadual
O.S.P.B	Organização Social e Política Brasileira
E.M.C	Educação Moral e Cívica

O.T.C	Organização e Técnicas Comerciais
P.R.H	Processos de Recursos Humanos
C.E.E	Conselho Estadual de Educação
SOINSPE	Subcoordenadoria de Organização e Inspeção Escolar
RH	Recursos Humanos
SEECD	Secretaria Estadual da Educação, da Cultura e dos Desportos
IEL	Instituto Euvaldo Lodi
CIEE	Centro de Integração Empresa Escola

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES E A CULTURA ESCOLAR	41
2.1	A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: gênese, definição, conceitos e delineamento metodológico	41
2.2	A CULTURA ESCOLAR: gênese, definição, conceitos e delineamento metodológico	48
3	TESSITURA DO PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	56
3.1	TESSITURA DE UM PRIMEIRO CONTATO	56
3.2	TESSITURA DE UMA EXTENSÃO DA HISTÓRIA ORAL	58
3.3	TESSITURA DO ENTRELACE: narrativa e imagem	60
3.4	TESSITURA DE ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> DOCUMENTAL HISTORIOGRÁFICO	69
4	A CULTURA ESCOLAR DO ENSINO TÉCNICO PROFSSIONALIZANTE DE 2º GRAU	74
4.1	CULTURA ESCOLAR OU CULTURAS ESCOLARES?	75
4.2	CULTURA ESCOLAR DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA	77
4.2.1	O Tecnicismo e o Behaviorismo	77
4.2.2	A Teoria do Capital Humano, a Lei nº 5.692 de agosto de 1971 e o Ensino Técnico Profissionalizante de 2º grau	80
5	ELEMENTOS DA CULTURA ESCOLAR DO ENSINO TÉCNICO PROFSSIONALIZANTE DE 2º GRAU DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA: ENTRE A MEMÓRIA E O ARQUIVO	97
5.1	OS AGENTES E OS SUJEITOS: estudantes, professores, diretores e vice-diretores	98
5.2	AS NORMAS: conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar	108
5.3	AS PRÁTICAS: transmissão de conhecimentos e comportamentos	113
5.4	A MATERIALIDADE ESCOLAR: arquitetura, mobiliário, utensílios e materiais pedagógicos	122

5.5	OS TEMPOS: anos de 1980, 1990 e 2000	131
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
	REFERÊNCIAS	141
	APÊNDICE A – Quadro de roteiros das sessões de vídeo-histórias ou videografias (Diretores, Vice-diretores, Professores e Estudantes)	150
	APÊNDICE B – Quadro de inventário das fontes do arquivo da escola	154
	APÊNDICE C – Transcrições das sessões das videografias ou vídeo histórias	155
	APÊNDICE D – Quadro analítico das vozes e imagens da memória histórica dos agentes/sujeitos que (re) constrói a história da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002) pesquisados por meio da videografia ou vídeo-história e analisados por meio da metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD)	235

1 INTRODUÇÃO

A presente tese tem como objeto de estudo, a abordagem histórica da cultura escolar e da memória do Ensino Técnico Profissionalizante de 2º grau no contexto da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, durante os anos de 1982 a 2002, no qual se questiona: a proposta de ensino técnico foi revogada pela Lei Nº 7.044 em 1982, mas por que a cultura escolar do tecnicismo foi mantida pela instituição até 2002? Quando e como ocorrem mudanças na cultura escolar da instituição pesquisada? O que foi responsável para a promoção de mudanças e permanências? A legislação? O ideário? As práticas educativas? Os agentes educacionais?

Diante dos questionamentos levantados sobre esse objeto de investigação, elegeu-se como objetivo geral: analisar a história, a cultura escolar e a memória do ensino técnico profissionalizante da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira no período de 1982 a 2002; e como objetivos específicos: refletir sobre a história das instituições escolares e a cultura escolar enquanto referencial teórico-metodológico; discutir a cultura do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, articulando com o contexto dessa instituição; investigar os elementos promotores de permanências e mudanças da cultura escolar da instituição em destaque.

Os anos de 1982 a 2002 como recorte temporal usado, neste trabalho, justificam-se pelo fato de ter sido em 1982 o marco referencial, a queda da compulsoriedade da Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 alterada pela Lei Nº 7.044, de 18 de outubro de 1982, conforme consta no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2015) da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira. Mesmo com essas legislações educacionais, inclusive a legislação vigente (LDB), Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a instituição continuou oferecendo o ensino técnico profissionalizante até o ano de 2002.

A reforma de ensino brasileira referendada pela Lei Nº 5.692/71, posteriormente fracassada em 1982, cede lugar a legislação Nº 7.044/82 permitindo argumentar:

[...] flexibilizaram a obrigatoriedade da profissionalização do 2º grau. No entanto, apenas a rede pública continuou seguindo essa legislação (bastante deficiente na rede estadual), pois na rede privada prevalecia o ensino propedêutico, dando condições àqueles que nele se inseriam de prosseguimento nos estudos em nível superior. (MEDEIROS NETA; PEREIRA; ROCHA & NASCIMENTO, 2018, p.179).

Percebe-se nessa citação que a flexibilização e revogação engendradas nos marcos legais do ensino técnico profissionalizante demonstram o avanço da escola dual, um modelo para os filhos da elite e um outro para os filhos da classe trabalhadora, ofertando como herança para esses últimos apenas a formação para o trabalho como terminalidade, e aos primeiros a continuidade da formação no nível superior.

Nesse movimento de transição e tensão, caminha-se para a década de 1990, gestando no limiar da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Nº 9.394/96), uma concepção de educação técnica profissionalizante amparada em novas competências. No artigo 39, dessa LDB, o ensino profissional é caracterizado da seguinte forma: “A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, a ciência e a tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva”.

As ideias postas pela nova LDB, Nº 9.394/96 inaugura no espaço da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira um debate em torno de como pensar a formação dos estudantes da área técnica profissionalizante das habilitações em Assistente de Administração e Contabilidade.

O cenário político e ideológico do final da década de 1990 é marcado pelo domínio do presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso (1995-2003) e do governador do Rio Grande do Norte, Garibaldi Alves Filho, que em 2000, extingue os cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau nessa escola objeto de investigação, substituindo pelo ensino médio regular ou propedêutico.

Essa extinção do ensino técnico profissionalizante de 2º grau das instituições escolares da rede pública estadual é outorgada pelo Decreto Nº 2.208 de 17 de abril de 1997, além dessa ação, a legislação educacional desvincula o ensino médio do técnico profissionalizante e, mais, excluiu a responsabilidade da rede estadual de ensino de ofertar e financiar o técnico profissionalizante, que ficaria somente destinado às instituições da rede federal de educação tecnológica em razão de disporem de recursos próprios para o cumprimento de suas finalidades como afirma Ramos (2010).

As realidades expostas nos parágrafos anteriores demonstram que a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, teve a opção de inaugurar o declínio da cultura escolar tecnicista, porém a cultura escolar enquanto comportamentos incorporados que podem variar conforme a época histórica, demandam tempo para serem

introduzidas no contexto do dia-a-dia da vida da instituição escolar. Diante dessa justificativa pressupõe a princípio como tese dessa investigação, que a cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, mesmo após a publicação da Lei Nº 7.044/82, ainda resistiu durante 20 anos (1982-2002), com evidencia de flexibilização mais intensa, somente a partir dos anos de 1990.

Nos anos de 1971 a 1985, o ensino técnico profissionalizante, no Brasil, tinha pretensão de formar uma mão-de-obra técnica especializada para atuação no mercado de trabalho. A demanda por uma mão-de-obra qualificada e especializada para os campos de trabalho era fruto de uma política desenvolvimentista, que invadia o mercado brasileiro, com isso, são criados cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau na esfera do ensino público estadual, como, no caso, da cidade de Natal, na qual existiam três escolas técnicas de comércio, mantidas pelo Governo do Rio Grande do Norte (COSTA, 2017).

As escolas técnicas profissionalizantes de 2º grau, que formavam para a área do comércio, assim conhecidas, naquela época, eram bastante disputadas, como por exemplo, o Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira (Foto 1), localizada à Rua Trairi, 480, Bairro Petrópolis, foi e ainda é uma instituição mantida pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, gerenciada pela Secretaria de Estado, da Educação e Cultura/SEEC/RN¹, tendo sido criada pelo Decreto – Lei Nº. 6.480, no dia 18 de setembro de 1974 - Portaria de funcionamento Nº 282/76, de 16/12/1976 - Diário Oficial Nº 3.907.

¹ Atualmente a instituição escolar Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira, é oficialmente chamada de Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, e oferta Ensino Médio Inovador, nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Foto 1 - Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira (1970/80)



Fonte: Arquivo da Escola Estadual Anísio Teixeira.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2015) da escola amparado sob a égide da Lei Nº 5.692/71, sua história teve início com a missão de formar alunos para o mercado de trabalho através do ensino profissionalizante de qualidade, sintonizada com a demanda empresarial e em consonância com os conhecimentos já adquiridos pelos estudantes, desenvolvendo competências e habilidades para o exercício da cidadania, prestando os cursos de Assistente em Administração e Técnico em Contabilidade.

Conforme Costa (2017), a Instituição foi fundada com o nome de Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira em 1973, tendo como preocupação exclusiva a formação técnico-profissional e ênfase nas técnicas básicas; o saber-fazer suficiente para uma determinada profissão, sem maiores aprofundamentos no conhecimento teórico. O seu primeiro ano de funcionamento foi no prédio do Colégio Atheneu Norteriograndense, a edificação em forma de “x” situada na Rua Campos Sales, 393, bairro de Petrópolis, porém, no ano seguinte, passou a funcionar à Rua Trairi.

Antes da sua criação, na estrutura espacial do Anísio Teixeira funcionou o Jardim de Infância Modelo de Natal, construído em 1953, a Escola de Aplicação, extensão da Escola Normal de Natal datada de 1956, cuja função era exercer a prática pedagógica; também serviu para abrigar uma Residência Universitária e a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

A localização do prédio do Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira, atualmente, Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, à época, era estratégica, uma vez que ficava próximo das áreas empresariais e comerciais da capital, no bairro de Petrópolis, defronte à Praça Pedro Velho². As outras duas instituições escolares, com cursos técnicos profissionalizantes para o comércio, ficavam localizadas em outros pontos da cidade potiguar, como por exemplo, a Escola Técnica do Comércio (instituição educacional particular que formava profissionais contabilistas), situada na Cidade Alta, próxima à casa do historiador Luiz da Câmara Cascudo, prédio que depois abrigou o Instituto de Teologia Pastoral de Natal. A segunda escola técnica profissionalizante, que ofertava habilitação comercial para o trabalho, era a Escola Estadual Professor Francisco Ivo, no bairro das Quintas, circunvizinha do centro comercial popular do Alecrim.

Para a construção dessa tese, utiliza-se como metodologia a pesquisa qualitativa de natureza histórica, realizando, inicialmente, um levantamento bibliográfico e documental da produção do conhecimento no portal de periódicos e banco de teses e dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no dia 08 de outubro de 2015 não sendo encontrado nenhum trabalho acadêmico específico que tratasse da Instituição Escolar Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira ou Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, nos anos de 1974 a 1985 e 1982 a 2002.

O que se localizou de produção acadêmica na base de dados da CAPES na época da feitura da minha dissertação foram pesquisas relacionadas à Lei Nº 5.692/71, as práticas pedagógicas na abordagem histórica, a cultura escolar, e a memória dos tempos já anunciados, mas não na cidade de Natal, e nem, desta escola, objeto de investigação na abordagem proposta.

Em agosto de 2018 e setembro de 2019, revisitou-se o banco de dados da CAPES encontrando a dissertação intitulada: Ensino Técnico Profissionalizante no Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira: uma análise histórica das práticas pedagógicas (1974-1985) na cidade de Natal-RN, tendo como autor o pesquisador que vos escreve. Em 2020, tentou-se realizar um novo mapeamento do

² Essa praça é também conhecida pelos populares como Praça Cívica, nome dado ao espaço, a partir do golpe militar, quando os militares reformaram o lugar e passaram a fazer os desfiles de 7 de setembro, na avenida Prudente de Moraes. Informação disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/da-praa-a-pedro-velho-a-ribeira/434434>. Acesso em: 01 de set. 2021.

que já havia sido produzido sobre a história, cultura e memória do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, mas não obteve-se êxito, pois a biblioteca digital de teses e dissertações da CAPES, apresenta-se com sistema em manutenção³.

Ainda visando o ineditismo desse objeto de investigação recorreu-se a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁴ do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)⁵ no dia 22 de novembro de 2020. Durante o mapeando das produções usou-se nas buscas avançadas os termos Cultura escolar e Ensino técnico profissionalizante de 2º grau, obtendo 10 resultados, conforme exposto no quadro 1.

Depois, aplicou-se os descritores Historiografia e Ensino técnico profissionalizante comercial como demonstrado no quadro 2, retornado apenas 1 dissertação. Nas pesquisas continuaram sendo utilizadas as expressões Historiografia e Ensino técnico profissionalizante, captando 4 trabalhos acadêmicos, espelhados no quadro 3.

Quadro 1 – Síntese das dissertações e teses

Nº	Referências	Metodologias	Objetivos
01	NICOLODI, Elaine. Políticas públicas de reestruturação do ensino médio : as reformas implantadas pela Secretaria de Estado da Educação de Goiás no período 2000-2010. 2013. 283 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3203 .	Pesquisa de abordagem qualitativa, bibliográfica, documental e empírica.	Analisar as principais diretrizes, bases e ações da política educacional da SEDUC/GO (2000-2010)

³ Ao acessar o site da CAPES para realizar novo mapeamento da produção sobre o objeto de pesquisa dessa tese, o mesmo se apresentou em manutenção. As tentativas de buscas se deram no dia 07 de novembro de 2020, às 11 horas e 30 minutos.

⁴ A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) integra e dissemina, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. O acesso a essa produção científica é livre de quaisquer custos. A BDTD contribui para o aumento de conteúdos de teses e dissertações brasileiras na internet, o que significa a maior visibilidade da produção científica nacional e a difusão de informações de interesse científico e tecnológico para a sociedade em geral. Além disso, a BDTD também proporciona maior visibilidade e governança do investimento realizado em programas de pós-graduação. Caracterização disponível em: <https://bdttd.ibict.br/vufind/Content/whatIs>. Acesso em: 02 dez. 2020.

⁵ O IBICT é um órgão que desenvolveu e coordena a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico. Sua missão é promover a competência, o desenvolvimento de recursos e a infraestrutura de informação em ciência e tecnologia para a produção, socialização e integração do conhecimento científico e tecnológico, conforme consta disponível em: <https://www.ibict.br/>. Acesso em: 02 dez. 2020.

02	VIROLI, Sérgio Luis Melo. A construção do conhecimento através da qualidade do mel comercializado no vale do Médio Araguaia. 2011. [60 f.]. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica - RJ]. Disponível em: https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/3774 .	Pesquisa experimental realizada com alunos do curso técnico profissionalizante de Agroindústria e Meio Ambiente do IF Tocantins em (2010)	Verificar como o aluno percebe a autoconstrução do conhecimento usando o processamento do mel como proposta pedagógica para estimular a aprendizagem.
03	SECKLER, Daiana Moraes. O ensino de função polinomial do 1º grau na oitava série do ensino fundamental: um trabalho com situações do cotidiano. 2010. 81 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Universidade Franciscana, Santa Maria, 2010. Disponível em: http://www.tede.universidadefranciscana.edu.br:8080/handle/UFN-BDTD/441 .	Pesquisa qualitativa, na qual utilizou-se a metodologia de ensino-aprendizagem-avaliação para resolução de problemas dos alunos de uma escola rural em Candelária-RS.	Analisar as possibilidades de trabalhar o conceito de função com alunos da 8ª série do ensino fundamental, a partir da resolução de problemas relacionados ao cultivo de produtos agrícolas
04	FAUSTINO, Sandra Regina de Oliveira. A criação do curso de agropecuária orgânica do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/RJ – CTUR. 2012. [104 f.]. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica - RJ]. Disponível em: https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/3714 .	Pesquisa qualitativa, bibliográfica, documental e empírica.	Analisar a criação do curso de agropecuária orgânica do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio (1998-2001).
05	MINUSSI, Ruben Carlos Benvegnú. Prática de extensão e agricultura familiar: a experiência da semana da família rural do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberlândia. 2013. [94 f.]. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica - RJ]. Disponível em: https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/3577 .	Pesquisa bibliográfica e de campo (estudo de caso) referendado por meio de reflexões de um estágio.	Discutir sobre uma metodologia/prática extensionista capaz de mobilizar sujeitos do campo em prol de preservação e transformação de valores culturais das famílias e das comunidades rurais dos municípios de Uberlândia e demais cidades da microrregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.
06	SILVA SOBRINHO, Josias Limeira da. Evasão no grupo discente do curso técnico em agropecuária do colégio Dom Agostinho Ikas - Codai/UFPE. 2015. [82 f.]. Tese (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica-RJ]. Disponível em: https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1314 .	Pesquisa bibliográfica, documental e de campo envolvendo	Verificar a evasão escolar como um dos grandes desafios posto ao Codai, em

		gestor, professores e ex-alunos (evadidos).	respeito ao acesso e permanência de alunos do curso de Técnico em Agropecuária.
07	TEIXEIRA, Petterson Gonçalves. A contribuição do laboratório de solos e plantas do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina na formação acadêmica dos alunos do curso superior de agronomia. 2015. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2015. Disponível em: https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1351 .	Pesquisa aplicada de caráter exploratória, seguidas por procedimentos bibliográficos, documental e observação participante.	Analisar o nível de contribuição que o Laboratório de Solos e Plantas do IFES – Campus Itapina exerce para a formação acadêmica dos discentes do curso superior de Agronomia.
08	ALMEIDA, Mariana de Moura Nunes. Formação docente: um estudo sobre a percepção dos docentes da área técnica no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amapá- Campus Santana sobre a formação pedagógica. 2016. [59 f.]. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica-RJ]. Disponível em: https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/2466 .	Pesquisa qualitativa/ quantitativa, documental e de campo (estudo de caso).	Analisar o impacto da formação pedagógica (ou falta dela) no desempenho dos professores da área técnica do Instituto Federal do Amapá (IFAP) –Campus Santana.
09	VIEIRA, Onilda Maria Reis. Formação e trajetória de egressos: o caso do curso de licenciatura em ciências agrícolas da Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2015. [85 f.]. Dissertação (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica-RJ]. Disponível em: https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1573 .	pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso.	Analisar o curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE enfocando a contribuição da formação segundo a trajetória de seus egressos, na avaliação deles próprios.
10	BERTAN, Tereza Canhadas. A educação confessional protestante: Instituto Filadelfia de Londrina - 1944 a 1972. 1990. 217f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: https://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/250750 .	O resumo só dá indícios de que se trata de uma pesquisa de abordagem histórica, bibliográfica e documental.	Estudar o Instituto Filadélfia de Londrina, Sociedade Civil, criada em 1945, pelo reverendo e professor Zaquie de Melo, constituída por cotas de participação adquiridas pelos membros das Igrejas Evangélicas Presbiteriana, Presbiteriana Independente e

			Metodista, residentes em várias cidades do Paraná, São Paulo e Minas Gerais.
--	--	--	--

Fonte: Autoria própria.

O quadro síntese 1 das dissertações e teses revelam a diversidade de estudos científicos quanto aos aspectos: abordagem, objetivos e procedimentos. As produções de Nicolodi (2013), Seckler (2010), Faustino (2012), Vieira (2015) se inserem na abordagem qualitativa, destacando a dissertação de Almeida (2016) que usa esta abordagem, adicionando a quantitativa. No item tipos de pesquisas, quanto aos objetivos, localiza-se o texto de Teixeira (2015) fazendo menção à prática investigativa exploratória.

Em relação aos procedimentos científicos, visualiza-se que Nicolodi (2013), Faustino (2012), Silva Sobrinho (2015) e Bertan (1990) possui pontos em comum, uma vez que percorrem os caminhos procedimentais bibliográficos, documentais e de campo. Já Almeida (2016) e Vieira (2015) desenvolvem suas pesquisas com foco nos aportes procedimentais do estudo de caso.

Analisando a tese de Nicolodi (2013) identifica-se a ausência de um conceito de cultura escolar, uma vez que a proposta do pesquisador foi discutir as políticas e reformas do ensino médio no Brasil dos anos de 1990 a 2000. Nicolodi (2003) traz a definição do que é educação profissional sob a égide da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.396, de 20 de dezembro de 1996.

Quanto ao estudo de Viroli (2011), percebe-se a inexistência de uma definição/conceito de cultura escolar, ele apenas tece um pequeno histórico da educação brasileira desde o período jesuítico até o período da abertura política (1986-2003). Viroli (2011) ainda faz uma pequena citação da Lei Nº 5.692/71, no item que trata do ensino técnico no Brasil, advertindo que na década de 1970, a educação era dual, sendo o ensino técnico destinado aos filhos dos pobres e o propedêutico aos filhos da elite.

Já a dissertação de Seckler (2010) reflete sobre as culturas do fumo, do milho e do feijão, como conhecimentos pertencentes ao universo vocabular dos alunos da 8ª série do ensino fundamental, na disciplina de matemática em uma escola rural no Rio Grande do Sul. Nota-se que mesmo não sendo um escrito específico de cultura escolar na abordagem histórica, referendada nas ideias de Julia (2001), concebe-se

que é possível pensar esse conhecimento agrícola trazido do cotidiano dos estudantes, para dialogar com o conceito de cultura desenvolvido por Julia (2001) conceituado no desenvolvimento desse trabalho de tese.

Faustino (2012), no que diz respeito, ao ensino técnico profissionalizante de 2º grau, descreve historicamente que

O enfoque tecnicista de perspectiva mercantil da década de 1960 vai influenciar a Reforma educacional promovida pela Lei 5.692/71, na década de seguinte, na tentativa de subordinar a educação ao trabalho. Assim, na década de 70, a Lei 5.692/71 instituiu uma nova nomenclatura em substituição ao ensino primário e ensino médio (de 1º e 2º ciclos), reagrupados e designados agora como ensino de 1º e de 2º graus, estabelecendo a profissionalização universal e compulsória para o ensino secundário, formalmente equiparado, neste aspecto, aos cursos técnicos. Portanto, a qualificação para o trabalho deveria ser feita em todos os estabelecimentos de ensino, indiscriminadamente, isto é, de forma independente da clientela (e também da infra-estrutura das unidades escolares). (FAUSTINO, 2012, p.12).

Além dessa descrição da caracterização da Lei Nº 5.692/71, para justificar o ensino técnico profissionalizante de 2º grau, Faustino (2012) reflete em sua pesquisa sobre a educação profissional, desde a flexibilização desse ensino com a Lei Nº 7.044/82, até as redações da LDB Nº 9.394/96, capítulo III, artigos 39-42, que tratam da educação profissional. Ao se debruçar sobre o texto de Faustino (2012) visualiza-se a falta do conceito de cultura escolar e de autores da abordagem histórica, que tratam dessa categoria, diz-se isso, pois o capítulo 3, dessa dissertação tem um escrito sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no colégio técnico da universidade rural.

A dissertação de Minussi (2013) apresenta uma conceituação/definição de educação profissional amparada na legislação educacional Nº 9.394/96, na qual se utiliza como fundamentação o argumento de que a educação profissional se destina a formação para o trabalho. Nessa linha de pensamento, o autor vai expondo a experiência da prática de extensão dos sujeitos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), no *lócus* da agricultura familiar, mas não convoca nenhum teórico da cultura escolar para discutir as práticas do ensino agrícola no Brasil e nem em Minas Gerais.

Silva Sobrinho (2015) em sua tese constrói uma pesquisa sobre o ensino técnico agrícola no âmbito de uma instituição escolar de Pernambuco. O

pesquisador escreve um histórico do ensino técnico no Brasil desde a colonização até a LDB Nº 9.394/96 e demonstra por meio de uma tabela, os números da evasão (1920-1970) nessa etapa de ensino, destacando que na década de 1970, do total de 4.989.776, 90% dos estudantes eram evadidos e desistentes.

Na parte que trata do ensino técnico profissionalizante, Silva Sobrinho (2015) aponta a existência do dualismo educacional e mobiliza informações da Lei Nº 5.692/71 e da Lei Nº 7.044/82. Do mesmo modo dos trabalhos anteriormente analisados, Silva Sobrinho (2015) no tópico 3 produz uma narrativa sobre a vida da escola, no entanto, não empreendeu o conceito/definição de cultura escolar, filiada à nova história.

Investigando a pesquisa de Teixeira (2015) encontra-se apenas fragmentos do que significa o ensino técnico profissionalizante de 2º grau, quando ele argumenta:

A década de 1970 marca um período conturbado na história do Ginásio Agrícola de Colatina, pois grandes alterações surgiram no cenário político educacional em 1971, com a sanção da Lei da Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus, definida como nova política para o ensino técnico agrícola, que transformou o ensino de 2º grau em ensino profissional. O objetivo geral da Lei n.º 5.692/71 é de “proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades para o trabalho e preparo para o exercício da cidadania”. (TEIXEIRA, 2015, p.19).

Logo após desenvolver uma escrita sobre a Lei Nº 5.692/71, Teixeira (2015, p.20) cita a Lei Nº 7.044/82, que alterou a obrigatoriedade da profissionalização da educação e tornou-a facultativa. Assim, constatou que o pesquisador não mencionou o quesito cultura escolar e nem utilizou autores que teorizavam sobre esse campo da história.

O estudo de Almeida (2016) versa sobre a formação de professores da área técnica que atuam no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP). No capítulo 2, quando o estudioso ressalta ser “[...] o principal objetivo da chamada educação profissional é justamente o de formar o estudante para o exercício da profissão, com vários saberes profissionais [...]” (ALMEIDA, 2016, p.18). Na página 23, o pesquisador ampara-se na Lei Nº 5.692/71 estabelecendo para o ensino médio a caracterização do 2º grau para uma dupla função: preparar para o prosseguimento dos estudos e habilitar para o exercício de uma profissão técnica.

Vieira (2015) na sua dissertação demonstra por meio de um panorama histórico, o percurso do ensino profissionalizante no Brasil desde o século XIX até a primeira década do século XXI, citando a Lei Nº 5.692/71 atrelada ao campo do ensino agrícola, com foco no currículo.

Considera-se relevante nesse trabalho a discussão proposta por Vieira (2015, p.37-40), quando ele trata da trajetória da relação trabalho e educação. Nessa parte, o pesquisador usa teóricos da educação profissional de referência, tais como Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005).

Nas análises dos estudos de Almeida (2016) e de Vieira (2015) não se encontrou nenhum dado conceitual ou de definição relacionado à categoria cultura escolar. Percebeu-se, nas entrelinhas dessas dissertações, eixos da cultura escolar, como por exemplo, os agentes, as normas e as práticas.

Ainda não satisfeito com os resultados da produção do conhecimento, fez-se outra busca utilizando as palavras Historiografia e Ensino técnico profissionalizante comercial, resultando na dissertação abaixo:

Quadro 2 – Síntese da dissertação (BDTD/IBICT)

Nº	Referências	Metodologias	Objetivos
01	ANDRADE, José Paulo de. Escola Técnica de Comércio de Itabaiana : a formação de profissionais contabilistas (1967-1978). 2014. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/4666 .	Pesquisa de abordagem histórica, bibliográfica, documental e empírica com coleta de depoimentos orais (diretores, professores e estudantes).	Investigar a criação e o processo de implementação da Escola Técnica de Comércio de Itabaiana, seu funcionamento e os impactos na formação dos contabilistas.

Fonte: Autoria própria.

O quadro síntese 2 exposto, demonstra que o trabalho de Andrade (2014), trata-se de uma dissertação, desenvolvida em um programa de pós-graduação em educação, defendido em 2014, cujos procedimentos, definem-se como sendo uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

O texto de Andrade (2014) é uma produção acadêmica de abordagem histórica, e investiga o ensino técnico profissionalizante de 2º grau, na área comercial. O pesquisador usa como referencial teórico metodológico alguns teóricos da nova história, dentre eles: Chartier (1990), De Certeau (1998) e Julia (2001).

Na introdução do trabalho, Andrade (2014, p.17) cita o conceito de cultura escolar desenvolvido por Julia (2001), como já citado. A cultura escolar para Julia

(2001), segundo Andrade (2014), permite pensar os problemas das trocas e transferências culturais da escola e da sociedade (civildade), de modo, à (re) definir essas transferências culturais da escola para a sociedade e desta para a escola.

Essa inter-relação, sociedade e escola e vice-versa, demonstra o tipo de escola ofertado ao estudante, e considerando essa perspectiva, Andrade (2014) tece um histórico do ensino comercial de 2º grau, engendrado no Brasil, sob o ideário da Lei Nº 5.692/71, sinalizando a reforma desse modelo de educação, na qual aponta a:

[...] possibilidade de correção da dualidade no sistema escolar brasileiro, não correspondeu ao que se esperava para a educação, obrigando o Ministério da Educação, em 1982, a propor alterações na Lei, com a extinção da obrigatoriedade da profissionalização do ensino de 2º grau. (ANDRADE, 2014, p.19).

Andrade (2014) continua falando sobre o ensino técnico profissionalizante de 2º grau, na área comercial, no período da segunda metade do século XX, e expõe uma informação relevante ao afirmar

[...] depois de 11 anos, com a reforma da Lei 5.692/71, pela Lei nº 7.044 de 18 de outubro de 1982, a profissionalização no ensino de 2º grau deixou de ser obrigatória. Porém, com a promulgação da LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, esta modalidade de ensino da educação escolar brasileira passou a designar-se como Educação Profissional. (ANDRADE, 2014, p.30).

Outro aspecto importante utilizado por Andrade (2014), na feitura da sua pesquisa foi a ida a vários arquivos, garimpando por fontes que falavam sobre a história da Escola Técnica Comercial de Itabaiana, no período de 1967 a 1978. Além dessas fontes escritas e iconográficas, Andrade (2014) (re) afirma as informações com a escuta das vozes de alguns agentes/sujeitos que fizeram parte da gênese dessa instituição escolar, que formava técnico em contabilidade no estado de Sergipe.

Ao finalizar a análise da produção de Andrade (2014), continuou-se as buscas, digitando os marcadores Historiografia e Ensino técnico profissionalizante, recebendo, as informações transpostas no quadro 3.

Quadro 3 – Síntese de dissertações e teses (BDTD/IBICT)

Nº	Referências	Metodologias	Objetivos
01	FIORETTI, Karina Ap. A formação no ensino profissionalizante no segmento do agronegócio: um estudo de caso na Etec agrícola de	Pesquisa de abordagem	Analisar as

	<p>Santa Rita do Passo Quatro. 2019. 91 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Inovação na Indústria Animal) - Universidade de São Paulo, Pirassununga, 2019. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/74/74134/tde-20082019-095820/pt-br.php.</p>	<p>historiográfica, bibliográfica, tipo estudo de caso, pautada em análises de dados qualitativos/quantitativos com os documentos oferecidos por alguns órgãos institucionais de SP e entrevistas com estudantes, professores e agricultores.</p>	<p>experiências vividas pela escola agrícola, do Centro Paula Souza, a ETEC Manoel dos Reis Araújo, Santa Rita do Passa Quatro, Estado de São Paulo, e suas contribuições para com a formação de mão de obra especializada</p>
02	<p>ANDRADE, José Paulo de. Escola Técnica de Comércio de Itabaiana: a formação de profissionais contabilistas (1967-1978). 2014. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.</p>	<p>Idem quadro 2</p>	<p>Idem quadro 2</p>
03	<p>CARVALHO, Jeferson Luís Marinho. Instituto Federal do Piauí-Câmpus Parnaíba: trajetória de hoje, memória do amanhã (2007-2012). 2013. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo-RS, 2013. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4630.</p>	<p>Pesquisa historiográfica de caráter exploratório qualitativo, assentada na análise documental e em entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos que implantaram esse Campus.</p>	<p>Coletar, organizar e analisar os fatos e documentos no sentido de construir subsídios históricos no tempo presente e imediato do Campus Parnaíba e utilizar tais registros para analisar o processo de implantação deste Câmpus inserido na política de expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica.</p>
04	<p>NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. Modernização e educação escolar no Nordeste Brasileiro: as escolas da companhia hidro elétrica do São Francisco: Chesf (1949-2000). 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/35897.</p>	<p>Pesquisa histórica, bibliografia, documental e empírica.</p>	<p>Investigar o processo de escolarização de populações sertanejas em Forquilha atual município de Paulo Afonso (BA) no Sertão do São Francisco.</p>

Fonte: Autoria própria.

O quadro síntese 3 das dissertações e teses mostram que Fioretti (2019), Carvalho (2013) e Nascimento (2019) produziram pesquisas acadêmicas centradas na abordagem histórica⁶, seguidas de procedimentos metodológicos de ordem bibliográfica, documental e de campo.

Ao realizar exames no texto de Fioretti (2019), percebe-se desde as páginas 22 até a 31, uma descrição histórica da educação profissional agrícola, incluindo a cultura do café, como ponto forte para a formação de trabalhadores, demandando mão-de-obra qualificada para abastecer o mercado de trabalho, em especial no cenário da Lei Nº 5.692/71, vindo esse ensino técnico de 2º grau ao fracasso, não só pela flexibilização (1982), mas também

[...] devido ao processo de mudanças no cenário da cadeia produtiva, impulsionado pela robotização e o alto índice inflacionário causado por planos econômicos fracassados, o Brasil se mobilizou a dirigir e alinhar suas perspectivas estruturais para novas transformações inteiramente condicionadas as exigências dos órgãos financeiros mundiais. (FIORETTI, 2019, p.29).

Fioretti (2019) elucida em sua escrita os acordos que o Brasil fez durante a ditadura militar e em plena expansão dos mercados, e, sendo assim, muitos tratados foram assinados com países hegemônicos, como por exemplo, os Estados Unidos da América. Semelhante a dissertação de Andrade (2014), a pesquisadora Feretti (2019) faz uso de fontes históricas para apoiar seu escrito sobre a Escola Técnica Agrícola de Santa Rita do Passa Quatro (SP) e entrevista os alunos, professores e agricultores por meio de questionários. Ressalta-se, que a produção acadêmica dessa autora, mesmo sendo de abordagem historiográfica, em nenhuma parte, menciona conceitos e nem definições sobre cultura escolar.

As produções de Carvalho (2013) e Nascimento (2019) tem algumas similaridades: são estudos historiográficos e documentais, inseridos na história das instituições, como coaduna as contribuições de Magalhães (2004), e incluindo todos eles no campo da educação profissional. Lendo e examinando a dissertação de Carvalho (2013) rememora-se os estudos de Costa (2017), pois este discute o arcabouço teórico-metodológico da história das instituições escolares de Magalhães

⁶ A pesquisas de abordagem histórica segundo Filho AJA (2016) são aquelas que permitem conhecer e refletir acerca de um fenômeno, considerando basilar o domínio de conceitos e hipóteses, da compreensão das relações da História com o Tempo, com a Memória ou com o Espaço.

(2004, 2005) e cultura escolar de Julia (2001), no cerne de uma escola de ensino técnico profissionalizante de 2º grau (1974-1985), na cidade de Natal-RN.

Carvalho (2013), na seção 3, intitulada “O ensino profissionalizante: trajetórias no Brasil, no Piauí e em Parnaíba, tece uma reflexão sobre o termo ensino profissionalizante ou técnico, embasada em Cunha (2005), sendo que Carvalho avança ao sustentar:

Quando atribui-se definição ao ensino profissionalizante ou técnico deve se lembrar que existiu e existe uma variedade muito grande de formas de profissionalização que vão desde o ensino passado de pais para filhos, que darão continuidade ao trabalho da família, como na formação de uma casta de artesãos, até o ensino superior que forma os diversos profissionais, bacharéis, licenciados e tecnólogos, que atuarão no mercado ocupando os cargos mais elevados, passando pelo ensino das Escolas Normais, as Agrotécnicas e as Comerciais. (CARVALHO, 2013, p.42).

Pensar, se o termo correto é profissionalizante ou técnico é um detalhe significativo, todavia o mais importante é entender que esse modelo de ensino foi estruturado para atender ao capital e o ensino técnico de nível médio. Esse modelo de ensino destinou-se apenas aos filhos dos trabalhadores, no entanto, será que o sonho de continuidade no ensino superior, finalizava-se no ensino secundário?

Na história da tese de Nascimento (2019) visualiza-se na seção 3, um histórico da educação na república, passando pelo regime militar na Lei Nº 5.692/71 até a redemocratização do Brasil, com a LDB Nº 9.394/96. No ponto que trata da descrição dessa legislação, Nascimento (2019, p.140) reforça a ideia defendida no parágrafo anterior ao dizer: “No tocante à política educacional para o ensino de 1º e 2º graus após a aprovação da Lei 5.692/71, as medidas visavam diminuir a demanda crescente ao ensino superior”.

Nesse movimento engendrado sobre a concepção de ensino técnico profissionalizante de 2º grau, Nascimento (2019, p.141) cita Palma Filho (2005) para justificar, que esse modelo de ensino imposto nas décadas de 1970 e 1980 nem formavam o estudante para o vestibular e nem preparavam para o mercado de trabalho, sendo assim, o único prejudicado era o filho da classe trabalhadora.

O trabalho de Nascimento (2019), mesmo abordando categorias do campo da história, especificamente da história da educação, não apresenta nenhuma discussão sobre a cultura escolar na ótica de Julia (2001), ciente que o pesquisador imprime no seu escrito um *corpus* documental de fontes, tais como: fotografias, leis,

decretos, plantas arquitetônicas das escolas, certificados e ainda destina seções específicas para a reflexão de práticas culturais (festas e eventos cívicos-religiosos).

Considerando o espaço de discussão, registra-se as pesquisas de Sousa (2015) e Bandeira (2020) que mesmo não aparecendo como resultados nas buscas dos descritores já citados, elas inserem-se como escritos relevantes para a história da educação profissional, visto que tecem uma densa reflexão sobre o ensino profissionalizante, na interface com o referencial teórico-metodológico de Magalhães (2004) e Julia (2001).

O primeiro trabalho, analisa a formação profissional, no recorte temporal (1909-1971) com empiria centrada na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN). A segunda produção acadêmica faz uma análise da formação profissionalizante, ofertada pelo Centro de Educação Integrada Professor Eliseu Viana, sob as diretrizes Lei Nº 5.692/71, na cidade de Mossoró-RN.

Outro texto acadêmico que não retornou nas buscas, mas que possui relevância no campo da história da educação profissional é o de Carlos (2018), cujo objeto de pesquisa, é focado na análise da organização do ensino de 2º grau, no estado do Rio Grande do Norte (1971-1996), centrado na Lei Nº 5.692/71. Para desenvolver o estudo, Carlos (2018) utiliza como metodologia o levantamento de dados por meio da pesquisa bibliográfica, seguida do exame documental, contido no arquivo da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do estado do Rio Grande do Norte (SEEC-RN).

Mencionou-se, anteriormente, que esta tese se trata de uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental, mas como se compreende o fazer desses dois tipos de pesquisas abordados? Neste trabalho, define-se que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

E a pesquisa documental é aquela que:

[...] trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Esses dois tipos de pesquisas são passos fundamentais para o pesquisador que deseja realizar uma investigação com enfoque empírico, como é o caso desse estudo, que ainda utiliza como categoria de análise, a abordagem histórica, por meio de fontes escritas e audiovisuais, pois segundo Silva (2012, p. 21), as fontes documentais garantem novas possibilidades de investigações, sobretudo, para o campo da pesquisa histórica; por outro, colocou-se em destaque a importância do exercício da crítica do documento-monumento de que trata Le Goff (2003), visto que o documento não seria qualquer coisa que fica por conta do passado, mas um produto da sociedade que o fabricou, segundo as relações de forças que detinham o poder. Assim, o documento, para esse autor, seria:

[...] antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente da história da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção. (LE GOFF, 2003, p. 547-548).

Nesse sentido, o trabalho de organização das fontes documentais é uma tarefa que exige muito esforço por parte do pesquisador em história da educação. Não cabe a ele apenas a seleção das fontes de pesquisa, mas também, a base teórica que fundamentará o trabalho. Essas escolhas definem os caminhos que o pesquisador dará à sua investigação, não se esquecendo de realizar a escolha das categorias de análises, que mais se aproxima do objeto de estudo, que, nesse caso, são a história das instituições e a cultura escolar.

A cultura escolar, como categoria de análise, e como campo de investigação na história da educação brasileira, é ponto de destaque nesse trabalho, uma vez que se elegeu como referência para pensar uma possível instauração de uma cultura do ensino técnico profissionalizante na instituição escolar Professor Anísio Teixeira (1982-2002). Mas, o que significa cultura escolar e história das instituições?

Parafraseando Julia (2001), a cultura escolar é concebida, como sendo, um complexo de condicionantes normativos, cujos elementos estão vinculados aos agentes/sujeitos, que orientam as diretrizes regimentais, utilizando-se de artefatos pedagógicos, que se modalizam ao longo dos tempos e dos espaços.

Compreende-se que a cultura escolar, enquanto categoria de análise histórica, possibilita ao pesquisador, o envolvimento com toda a vida da instituição escolar, desde a (re) construção das práticas educativas, até a forma de pensar, dizer e fazer, considerando, assim, os objetos e as condutas. A cultura escolar permite ao historiador um olhar mais profundo do funcionamento e da dinâmica de uma escola.

Em relação à história das instituições, esta tem como cerne

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico. (MAGALHÃES, 1996, p. 2).

Percebe-se, que a história das instituições, em especial as escolares, traduz-se na reinterpretação dos dados historiográficos anteriores, das memórias e do arquivo⁷, tecendo as ideias de presente-passado como estabelece Magalhães (2004).

Evidencia-se também, como instrumento de pesquisa, a construção de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas, gravadas em vídeo e depois analisadas, conforme os rigores da investigação historiográfica, empreendida por Magalhães (2004), quando propõe a feitura de uma hermenêutica (interpretação das narrativas) e uma heurística (construção de um *corpus* documental tratando as narrativas e cruzando com outras fontes), ou seja, tentou-se manter uma tessitura interdisciplinar para o delineamento do objeto historiográfico, incluindo nesse exercício metodológico de interpretação das memórias, a Análise Textual Discursiva (ATD), teorizada por Moraes (2003; 2006).

⁷ De acordo com a Lei Nº 8.159, de 18 de janeiro de 1991, regulamentada pelo Decreto Nº 4.073, de 09 de janeiro de 2002, define arquivo como sendo um conjunto de documentos produzidos ou recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidade privada, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como pessoa física, qualquer que seja o suporte de informação ou natureza dos documentos.

Retomando a explicação, sobre as entrevistas, como procedimento de pesquisa de informações, concebe-se:

As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas [...], onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume de informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI; QUARESMA, 2005, p.75).

A técnica da entrevista, como defendem, os autores citados, é uma forma de coleta de dados, em que é possível ouvir as vozes dos participantes da pesquisa, e inserir ainda, o procedimento de gravação em vídeo dessas falas, produzindo assim, uma fonte historiográfica, conhecida no mundo da mídia, como, audiovisual.

Mager (2013), em seu escrito, “Entre o olhar e a escuta: documentário e vídeo-história”, discute a introdução da técnica de produção de vídeos pelos historiadores no contexto da sistematização das entrevistas. Para essa autora, o filme não é o único objetivo, mas todo o processo de construção dos vídeos são fontes relevantes de pesquisa acadêmica.

A produção de vídeo-história ou videografia, denominação dada por Mauad (2011), configura-se uma prática ou procedimento metodológico para busca de informações de narrativas memorialistas, na interface entre as polifonias e as efígies, compondo um *corpus* documental historiográfico inovador, pois não se trata apenas de uma produção cinematográfica, mas de um texto historiográfico com viés histórico e pedagógico.

Para o desenvolvimento da pesquisa, entrevistou-se três agentes/sujeitos de cada segmento da escola: estudantes e professores, e mais duas diretoras, considerando a atuação destes na instituição escolar Professor Anísio Teixeira nos anos de 1982 a 2002, tendo como base as categorias de análise da história das instituições escolares e a cultura escolar com referência em Magalhães (1996, 2004) e Julia (2001).

O desejo de pesquisar sobre esse objeto de estudo teve seu começo em 2013, quando fui aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UFRN), cursando as disciplinas Seminário: Cultura, História e Memória I e III, sob a docência da Professora Dra. Marlúcia Menezes de Paiva.

No espaço acadêmico da Pós-Graduação em Educação da (UFRN), foi possível rememorar o passado para reconstruí-lo no presente. As discussões nas aulas dessas disciplinas e também do curso de Pedagogia (concluído em 2016.1, na UFRN), fez-me aproximar ainda mais de um passado adormecido, ou seja, reviver o tempo em que fui aluno do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, especificamente, do curso de Assistente em Administração, da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira ou “Escola da Praça” (conforme ilustra a figura 1), nos anos de 1990, época em que esse tipo de ensino vinha sofrendo sua extinção, mas mesmo assim, ainda havia a esperança de conquistar um lugar no mercado de trabalho.

Figura 1 – Mapa da Praça Pedro Velho - Escola Est. Prof. Anísio Teixeira



Fonte: <https://www.google.com/maps/@-5.784495,35.2011014,195m/data=!3m1!1e3> (2022).

A expectativa de uma colocação no mercado de trabalho foi tanta, que estagiei, durante todo o tempo de estudo do ensino técnico profissionalizante, como

assistente em administração, na Cooperativa Cultural Universitária da (UFRN), e não me dando por satisfeito, em ocupar apenas um cargo de técnico assalariado, imbricado numa relação de submissão, na qual imperava a lei (patrão e empregado), já sentia que o 2º grau técnico profissionalizante não tinha sentido de terminalidade, foi quando resolvi dar o próximo passo.

A vontade de aspirar um curso superior fez-me buscar um cursinho preparatório, uma vez que o curso técnico profissionalizante de 2º grau, que eu havia feito, não visava preparar o estudante para o ensino superior. Então, tive que lutar bastante e, venci, quando fui aprovado no curso de Ciências da Religião, Licenciatura, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em 2001. A partir desse momento, já me imaginava sendo um educador, assim, venceria o estigma de que filho da classe trabalhadora brasileira não teria diploma de nível superior.

O ensejo de vencer era tão grande, que fiz concurso para professor da rede pública estadual do RN e do Município de Natal. Obtive sucesso e ingressei nas redes de ensino, onde exerço atividade de docência, há mais de dez anos. Lecionei a partir de 2009, do sexto a nono ano, na rede básica de ensino do Estado do RN, a disciplina de Ensino Religioso. No início de 2019, fui convidado para assumir a sala de recursos multifuncionais (SRM), e assim realizar atendimento educacional especializado (AEE) a adolescentes do Ensino Médio, na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti. Já na rede de ensino do município de Natal, continuo lecionando a disciplina de Ensino Religioso, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano).

Por já exercer atividades pedagógicas e por ter sido aluno da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (antigo Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira), no projeto de mestrado, a minha motivação inicial era investigar a história das práticas pedagógicas dos docentes dessa instituição, nos anos de 1990 a 2001. Período esse, em que fui aluno da instituição. No entanto, percebeu-se que seria mais viável realizar pesquisas sobre o ensino técnico no RN, durante os anos de 1974 a 1985, pois o campo da Educação Profissional, área do conhecimento ainda nova, demandava investigações históricas, abordando o recorte temporal anunciado.

Esse fato da escassez ou de lacunas nas pesquisas sobre as práticas pedagógicas na abordagem histórica, dos anos de 1974 a 1985, no campo da Educação Profissional, foi confirmado através dos diálogos proporcionados durante

as disciplinas cursadas no ano de 2015, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e do mapeamento feito no portal de periódicos, banco de teses e dissertações da CAPES.

Desse modo, foi construída a pesquisa de mestrado “Ensino técnico profissionalizante no Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira: uma análise histórica das práticas pedagógicas (1974-1985)”, defendida em 2017, no PPGEP-IFRN. Dando continuidade aos estudos, em 2019, submeti um projeto de tese⁸, cujo objeto de investigação é novamente a instituição de ensino escolar Professor Anísio Teixeira, com recorte temporal (1982-2002) inserindo-se na Linha de Pesquisa História, Historiografia e Memória da Educação profissional.

O objeto de estudo se justificava, porque, tradicionalmente, o Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira foi uma instituição de ensino técnico profissionalizante, muito disputada pela classe-que-vive-do-trabalho⁹ e que, por isso, carece de ser pesquisada, lembrada e (re) escrita.

Para a escrita dessa tese, fez-se a escolha teórico-metodológica pela história das instituições escolares, como na época da dissertação, incluindo agora, a cultura escolar e os estudos historiográficos sobre a memória, bem como, teóricos que se debruçam nas investigações da área da educação e da história da educação profissional.

Essa tese é organizada em seis seções, considerando a introdução como sendo a primeira seção. Nessa parte introdutória, apresenta-se uma síntese das ideias principais desse trabalho, destacando o objeto de investigação, os objetivos, a justificativa, a problemática, a proposição argumentativa da tese, o método e os procedimentos metodológicos da pesquisa, bem como, as seções.

Na segunda seção, aborda-se a História das Instituições Escolares e a Cultura Escolar, refletindo a gênese, a definição, os conceitos e o delineamento metodológico dessas categorias teóricas e de análises.

Na terceira seção, faz-se uma tessitura do percurso metodológico da pesquisa, refletindo sobre a construção da vídeo-história ou videografia com o propósito de (re) construção da história e da cultura da escola *locus* de investigação.

⁸ Aprovado em 2021 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN, sob o parecer N° 4.700.812.

⁹ Termo utilizado por Antunes (2009).

Na quarta seção, discute-se a Cultura Escolar do Ensino Técnico Profissionalizante de 2º grau, refletindo sobre a cultura escolar ou as culturas escolares, adentrando no espaço da Escola Estadual Professores Anísio Teixeira, afim de pensar uma cultura escolar específica protagonizada nessa instituição, analisando os documentos do arquivo da escola, percebendo as permanências e mudanças da cultura escolar engendradas nessa instituição objeto de análise.

Na quinta seção, investiga-se os elementos da cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, tecendo um escrito teórico-empírico com os registros coletados por meio das vozes e imagens dos agentes/sujeitos, empreendidos no momento da feitura da vídeo-história ou videografia, sendo os fragmentos das memórias analisados por meio da metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD).

Por fim, têm-se as considerações finais e as referências com as bibliografias utilizadas e como fonte de consulta para os leitores que desejarem aprofundar as discussões nesse campo epistêmico e empírico.

Foto 2 – Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (2022)



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2022).

“Cada instituição escolar possui em sua essência uma história, e essa história se entrelaça com a cultura”. (COSTA, 2022).

2 A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES E DA CULTURA ESCOLAR

A história de uma instituição e sua cultura escolar é como dois caminhos que se entrecruzam, permitindo aos que tentam fazer esse caminho (re) escrever o percurso da tessitura da vida daqueles que ajudaram a (re) construir os itinerários, dando-lhes uma simetria ou conformidade histórica. (COSTA, 2022)¹⁰.

A história das instituições escolares e a cultura escolar são categorias analisadas nessa seção, fundamentando-se nas teorias de Justino Magalhães (2004), Dominique Julia (2001) e Viñao Frago (2001), seguidos por alguns referenciais bibliográficos, como por exemplo, Paolo Nosella (2010), Ester Buffa (2010), Peter Burke (1992), Gatti Júnior (2007), Faria Filho (2004) e Diana Vidal (2005).

É com base nesses estudiosos que se tecem as definições e conceitos de cada categoria, bem como suas características, seus objetivos e seus delineamentos metodológicos, tentando articular esse referencial teórico-metodológico a história de uma instituição de ensino técnico profissionalizante da rede estadual do Rio Grande do Norte, conhecida pelo nome de Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, antigo Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira.

2.1 A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: gênese, definição, conceitos e delineamento metodológico.

O campo da história das instituições escolares fundamenta-se nas contribuições teorizadas por Magalhães (2004), percebendo que a história de uma instituição escolar deve explicar os fins públicos, as normas e os compromissos sociais com a realidade a qual essa instituição se destina. Essa teoria tecida se expressa nas teias do relacional e do multidimensional.

Mas o que significa de fato a história das instituições escolares?

Compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição, [...] é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus

¹⁰ Pensamento construído ao longo da produção deste trabalho.

públicos e zonas de influência. A sistematização e a (re) escrita do itinerário histórico de uma instituição educativa na multidimensionalidade e na construção de um sentido encontram-se nessa relação a sua principal base de informação e orientação. (MAGALHÃES, 2004, p. 133-134).

Percebe-se nas palavras de Magalhães (2004), que a história das instituições trata-se de uma espécie de epistemologia interdisciplinar, cuja gênese se escreve a história de uma instituição escolar, não se confinando a uma abordagem descritiva ou justificada, pela implantação de uma doutrina política nem a compatibilidade das instituições com o seu meio circundante.

Ainda de acordo com Magalhães (2004, p.124), “A história da escola não é necessariamente a história do melhor dos mundos, nem de uma instituição uniforme no tempo e no espaço”. Nessa lógica, entende-se que a história de uma instituição educacional se desenvolve a partir dos aspectos morfológicos, funcionais, administrativos, inclusive, dos aspectos didático-pedagógicos e vivenciais, numa complexidade interna e externa, no qual o desenvolvimento acontece nas conjunturas históricas locais.

Assim, idealiza-se, a cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, que mesmo após a publicação da Lei Nº 7.044/82, ainda resistiu durante 20 anos (1982 até 2002), com evidencia de flexibilização mais intensa somente a partir dos anos de 1990. Para alimentar ainda mais essa tessitura, propositiva de tese, concebe-se:

A ideia de instituição consagra uma combinatória de finalidades, regras e normas, estruturas sociais organizadas, realidade sociológica envolvente e fundadora, relação intra e extra-sistêmica; é, por consequência, uma idéia mais ampla e mais flexível do que a de sistema. (MAGALHÃES, 2004, p.58).

Observa-se a partir dessa ideia o conceito de instituição: apresenta-se como sendo mais amplo e flexível do que a de sistema, na qual se coloca a instituição dentro da norma e da normatividade, simplesmente institucionalizando-a. “Assim, entre as diferentes instituições existentes na sociedade, encontram-se aquelas de natureza educativa, como por exemplo, o Estado, a família, a Igreja e a corporação” (SOUSA, 2015, p.44). Ainda nessa perspectiva da instituição, como algo amplo, forma-se “[...] uma memória, um historicismo, um processo histórico, uma tradição,

em permanente atualização – totalidades em organização” (MAGALHÃES, 2004, p.62).

Segundo Magalhães (2004), conhecer um processo histórico de uma instituição escolar, é de fato, analisar ou investigar a origem da sua materialidade, organização, funcionamento, quadros imagéticos e projetivos, representações, tradições, memórias, práticas, envolvimento e apropriação.

As abordagens historiográficas, incluindo a história das instituições escolares, representada por Magalhães (2004), coadunam-se com as vias epistemológicas da Nova História ou da Nova História Cultural, abertas à interdisciplinaridade, às complexidades, às totalidades, às atualidades e às novas temáticas, metodologias e fontes, assim como, o novo modo de pensar a história. Uma história problematizadora dos contextos históricos e não apenas uma descrição da história objetiva e factual, como faziam os historiadores da abordagem positivista¹¹.

A escola ou a corrente do positivismo compreende que o conhecimento histórico é possível de ser apreendido, visto que os fatos podem ser oficialmente registrados, e isso aconteceria por meio da observação fiel das fontes documentais que fossem passíveis de serem comprovadas. Tal afirmação, pressupõe que a tarefa do historiador seria narrar cronológica e fidedignamente os fatos do passado, com teor de imparcialidade, quanto mais longe estiver do período analisado ou pesquisado, mais objetividade daria aos fatos.

A história é entendida, então, como um resgate, e ela existe objetivamente, pois a sociedade evoluiu, e os homens que tinham escrita, de uma forma ou de outra, registraram seus costumes, suas leis, suas crenças, etc. (TOLEDO, 2006, p.3).

A Nova História tem sua gênese em 1929, quando alguns historiadores franceses como Marc Bloch e Lucien Febvre (representantes da primeira geração

¹¹ De acordo com Toledo (2006) A abordagem positivista tem sua origem no século XIX com Augusto Comte, essa corrente baseia-se na hipótese fundamental de que a organização social é regulada por leis naturais, ou seja, invariáveis e independentes da vontade e da ação humana. Desse modo sua proposição fundamental é de que essas leis que regulam o funcionamento dos vários setores da vida social, como, por exemplo, a econômica e a política, são como as leis naturais, reinando, assim, na sociedade uma harmonia igual à da natureza. Desses princípios fundamentais teóricos decorre uma conclusão de cunho epistemológico. A conclusão de que os métodos para compreender a sociedade ou os objetos são exatamente os mesmos que são utilizados para entender a natureza. Portanto, a sociedade só pode ser verdadeiramente compreendida quando estudada sob a ótica da objetividade tal qual a matemática, a biologia, etc. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab054.rtf. Acesso em: 08 set. 2019.

dos *Annales*) lançam a célebre revista dos *Annales*. Essa revista é o marco inicial (1929-1948) de um movimento historiográfico responsável pela ampliação dos documentos, não só apenas a fonte escrita outorgada pela história tradicional, impulsionada pela revolução industrial instaurada no século XVIII, e alicerçada nas ideias positivista, mas também de outras fontes, por exemplo, fotografias, plantas arquitetônicas, obras de artes, entre outros.

A escola dos *Annales*, assim como a Nova História rompem com o paradigma da corrente do positivismo, apresentando aos historiadores o uso de novas fontes, tais como: orais, iconográficas, digitais, materiais/imateriais, musicográficas, visuais e logicamente as escritas impressas nos documentos oficiais, aquelas produzidas pelo Estado, e também aqueles registros fabricados no cotidiano pelos atores ordinários, os que vivem às margens e os excluídos da historiografia oficial.

Com essa abordagem da Nova História, nota-se que ocorre a inclusão das pessoas comuns e suas narrativas ganham evidência, pois antes a história era feita apenas por grandes nomes heroicos (políticos, reis e príncipes) do passado. Essa nova forma de fazer história dá possibilidade de diálogo com outras áreas do conhecimento (Sociologia, Filosofia, Pedagogia, Artes, Religião e outros), ou seja, promove-se uma interdisciplinaridade.

Além dessa permissão de união de outros saberes, para compreender a história, produz-se inclusive uma nova concepção de fonte histórica, bem como o estabelecimento de novos objetos de estudos, expandindo-se a pesquisa historiográfica à temáticas não abordadas, como por exemplo, a história do cotidiano, a história da vida privada, dos sentimentos, da sexualidade, da religiosidade e dos alimentos, contribuindo cada vez mais para ampliação dos estudos históricos.

A segunda geração da Nova História transita entre 1949 a 1970, quando Fernando Braudel assume a direção da revista dos *Annales*. Nesse momento, Braudel começa a tratar do tempo da história como algo amplo e complexo, e não reduzido a uma cronologia ou até mesmo uma periodização esquemática de historiadores metódicos, afirma Santos (2011). Além disso, Braudel impulsiona o movimento em que os historiadores produzam seus escritos nos espaços editoriais e assim ganhem visibilidade no campo historiográfico mundial.

A terceira geração historiográfica da Nova História se dá a partir dos anos de 1970, sendo ela herdeira da escola dos *Annales*. O representante maior dessa

geração de teóricos é o historiador Peter Burk, conforme afirma Barros (2011). De acordo com essa abordagem historiográfica passa-se a ter uma compreensão da realidade sob os fatos pesquisados, das representações produzidas pelos sujeitos, e das fontes, gerando um olhar de quem o produziu, pessoas diferentes tecem relatos diferentes, isso permite pensar que o ofício do historiador é recolher as diferentes visões, cruzá-las e compreender os acontecimentos. Com esses novos herdeiros de Braudel, os estudos no campo historiográfico passam a serem trabalhados com temas e fontes diferenciadas, bem como a inserção de novos objetos de pesquisa, novas fontes documentais e novas abordagens.

Entende-se que esse movimento da Nova História Cultural inaugura a ideia de que não há grupos sociais superiores ou inferiores, existem os diferentes, mas não um pior, ou melhor, que o outro. Na realidade, o que se tem é a inserção da história das minorias, dos exaltados, dos contra hegemônicos, dos oprimidos e dos trabalhadores. Esse fato é interessante, pois nos permite reconhecer a pluralidade cultural, étnica e de gênero, permitindo ações pautadas na ética da solidariedade e respeitadora do ser humano, impulsionada pela escola dos *Annales* e da Nova História Cultural.

O campo da história das instituições escolares foi fortalecido pelos estudos de Justino Magalhães (1998), quando elencou categorias de análise para o desenvolvimento de pesquisas sobre instituições escolares, como mostra o quadro 4, a seguir.

Quadro 4 - As categorias de análise para pesquisa em instituições escolares

Espaço (local, lugar, edifício e topografia);

Tempo (calendário, horário, agenda antropológica);

Currículo (conjunto das matérias lecionadas, métodos, tempos ou racionalidade prática);

Modelo pedagógico (construção de uma racionalidade complexa que articula a lógica estruturante interna com as categorias externas que a constituem – tempo, lugar e ação);

Professores (recrutamento, profissionalização; formação, organização, mobilização, história de vida, itinerários, expectativas, decisões, compensações);

Manuais escolares;

Públicos (cultura, forma de estimulação e resistências);

Dimensões (níveis de apropriação, transferências da cultura escolar, escolarização, alfabetização, destinos de vida).

Fonte: Autoria própria com base em Magalhães (1998).

As dimensões expostas no quadro 4, são compreendidas como sendo um roteiro a ser seguido pelos pesquisadores que fazem a escolha por desenvolver investigações na abordagem da história das instituições escolares. É por meio dos itens em destaque no quadro, que se (re) constrói a história de uma escola, percorrendo desde o local, tempo, documentos e a própria cultura do ensino e das pessoas que viveram e ou vivem na instituição.

Observa-se no quadro 5, o estabelecimento das categorias de pesquisa/exame dos elementos que compõem as instituições educativas, abordadas por Gatti Júnior (2007).

Quadro 5 - As categorias de pesquisa/exame dos aspectos das instituições educativas

1. **Origem** (criação, construção e instalação);
2. **Prédio** (projeto, implantação, estilo e organização do espaço);
3. **Mestres e funcionários** (perfil);
4. **Clientela** (alunos e ex-alunos);
5. **Saber** (conteúdos escolares);
6. **Evolução;**
7. **Vida** (cultura escolar: prédio, alunos, professores e administradores, normas).

Fonte: Autoria própria com base em Gatti Júnior (2007).

Nesse quadro 5, Gatti Júnior (2007) demonstra que as dimensões para a escrita ou (re) escrita da história de uma instituição, se faz com o planejamento dos

itens que tratam desde a fundação da escola, o perfil dos professores, diretores, estudantes, até a vida da escola, delineada por via da cultura escolar, que traz os costumes, os valores e os comportamentos.

No quadro 6, exposto logo abaixo, apresenta-se as categorias de análise para o desenvolvimento de uma pesquisa histórica em instituições escolares, conforme propõem Nosella e Buffa (2016).

Quadro 6 - As categorias de pesquisa das instituições escolares

<ol style="list-style-type: none"> 1. Tempo; 2. Espaço; 3. Saberes escolares; 4. Estrutura de poder; 5. Professores; 6. Alunos; 7. Clima cultural.
--

Fonte: Autoria própria com base em Nosella e Buffa (2016).

Visualiza-se nos quadros 4, 5 e 6 das categorias de análise, que “A história das instituições educativas é um campo de investigação em que a instituição e a educação se articulam por ação dos sujeitos” (MAGALHÃES, 2004, p.67). Se há uma relação subjetiva dos que fazem a história das instituições escolares, é salutar dizer que o historiador da Nova História articula “[...] presente, passado e futuro, pela (re) construção de presente-passado” (MAGALHÃES, 2004, p.71).

As categorizações sistematizadas nos quadros, demonstram que os teóricos utilizados se alinham nessa tessitura de uma história da educação aberta à interdisciplinaridade, mesmo sendo Nosella e Buffa (2016) filiados a corrente marxista. Isso, porém, não impede que se faça uso de suas concepções, uma vez que, os autores amparam seus roteiros de categorias alinhados à construção de uma história da educação, tendo como fio condutor, os conhecimentos da instituição escolar e da cultura escolar como complementares.

Dentre as três matrizes produzidas, fez-se a escolha pela a de Magalhães (2004), uma vez que se compreende como sendo, mais completa e corresponde a (re) construção do objeto de análise empreendido nessa tese, inclusive, dá a possibilidade de realizar inferências e problematizar as discussões levantadas sobre a história de uma instituição escolar.

Se a história de uma instituição escolar, como coloca Magalhães (2004), é problematizadora e instigadora, ela pode muito bem se desenvolver por aproximações e distanciamentos do objeto de conhecimento, numa sistematização epistêmica, que culmina com uma reflexão crítica, cujas bases fundantes é o conhecimento.

Desse modo, a realidade do objeto “história das instituições escolares” é reafirmada na constituição do edifício, movimento dos alunos, dos programas curriculares, dos manuais, dos instrumentos de avaliação do ensino e da aprendizagem, dos documentos de matrículas, dos relatórios administrativo-financeiros, enfim, a história das instituições escolares, enquanto referencial teórico-metodológico possibilita ao historiador (re) construir ou (re) escrever a história de uma escola com currículo, movimento e vida, reativada constantemente no contexto dinâmico de permanências e mudanças de uma dada cultura escolar, categoria analisada neste próximo item.

2.2 A CULTURA ESCOLAR: gênese, definição, conceitos e delineamento metodológico.

A categoria “cultura” no contexto das instituições escolares é apresentada como elemento de pesquisa por Magalhães (1998; 2004), Julia (2001), Gatti Júnior (2007) e Nosella; Buffa (2016), então, pode-se afirmar que a cultura escolar é item preponderante para a escrita ou (re) construção da história das instituições escolares.

Se a cultura escolar é essencial para escrever a história de uma instituição escolar, pergunta-se: O que é cultura escolar?

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que

podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. (JULIA, 2001, p.10-11).

Além de Dominique Julia (2001), Jean-Claude Forquin (1992) em seu artigo intitulado “Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais”, elege-se a cultura escolar como sendo uma segunda cultura, definindo-a:

A cultura escolar apresenta-se assim como uma cultura segunda com relação à cultura de criação ou de invenção, uma cultura derivada e transposta, subordinada inteiramente a uma função de mediação didática e determinada pelos imperativos que decorrem desta função, como se vê através destes produtos e destes instrumentos característicos constituídos pelos programas e instruções oficiais, manuais e materiais didáticos, temas de deveres e exercícios, controles, notas, classificações e outras formas propriamente escolares de recompensas e de sanções. (FORQUIN, 1992, p.33-34).

Lendo as palavras de Forquin (1992), elucida-se a defesa de que existe uma cultura escolar e, dentro dessa, existe uma outra cultura escolar mais particular, que ousaria chamá-la de cultura escolar do ensino tecnicista ou técnico profissionalizante, imersa no alicerce da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, podendo ser validada por meio do *corpus* documental disponível na escola, assim como das narrativas impressas nas vozes.

Já, para Viñao Frago (1995), o significado de cultura escolar é construído da seguinte forma:

Alguien dirá: todo. Y sí, es cierto, la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer. Lo que sucede es que en este conjunto hay algunos aspectos que son más relevantes que otros, en el sentido que son elementos organizadores que la conforman y definen. Dentre ellos elijo dos a lo que he dedicado alguna atención en los últimos años: el espacio y el tempo escolares. Otros no menos importantes, como las prácticas discursivas y lingüísticas o las tecnologías y modos de comunicación empleados, son ahora dejados a un lado. (VIÑAO FRAGO, 1995, p.69).

A concepção de Viñao Frago (1995) sobre a cultura escolar, como tudo aquilo que faz parte da vida da escola, ou seja, um complexo conjunto de normas, ideias,

comportamentos, tempos, espaços, acontecimentos e as práticas, enfim a cultura escolar é a própria vida da escola.

As definições citadas permitem-nos compreender que a cultura escolar, enquanto categoria de análise historiográfica, propicia ao pesquisador, o envolvimento com toda a vida da instituição escolar, indo desde a (re) construção do ensino, das práticas educativas, até os objetos, as condutas, as formas de pensar, de dizer e de fazer. A cultura escolar permite ao historiador tecer um olhar mais profundo do funcionamento e também da gênese de uma instituição educativa.

A cultura escolar é uma espécie de interiorização de costumes, ideias, hábitos e comportamentos assimilados por um indivíduo ou pelo grupo imerso na instituição escolar, tal qual, enfatiza Faria Filho et al. (2004):

[...] cultura escolar recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas e teorias. Na sua interpretação, englobava tudo o que acontecia no interior da escola. (FARIA FILHO et al., 2004, p.147).

Realizadas as definições e reflexões sobre a cultura escolar, concebe-se que essa categoria historiográfica é classificada por Julia (2001) em duas culturas escolares, sendo a primeira de ordem primária e a segunda de ordem secundária, como afirma, Faria Filho et al. (2004). Cimenta-se nesse argumento exposto, que não existe apenas uma cultura escolar, mas culturas escolares, sendo a primeira a cultura escolar geral e a segunda à cultura escolar particular, como por exemplo, a cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, especificamente, do Anísio Teixeira.

Diante dessa discussão, questiona-se: Existe uma cultura escolar no singular ou ocorre o estabelecimento de culturas escolares no plural? Na concepção de Viñao Frago (2001), a resposta para tal questionamento é:

Puede ser que exista una única cultura escolar, referible a todas las instituciones educativas de um determinado lugar y período, y que, incluso, lográramos aislar sus características y elementos básicos. Sin embargo, desde una perspectiva histórica parece más fructífero e interesante hablar, en plural, de culturas escolares. (...) No hay dos escuelas, colegios, institutos de enseñanza secundaria, universidades o facultades exactamente iguales, aunque puedan establecerse similitudes entre ellas. Las diferencias crecen cuando comparamos las culturas de instituciones que pertenecen a distintos niveles educativos. (VIÑAO FRAGO, 2001, p.33).

O pensamento de Viñao Frago (2001) faz-nos interpretar, que exista uma cultura escolar singular, referente a todas as instituições educativas de um determinado local e período, podendo até isolar suas características e elementos básicos. No entanto, partindo de uma perspectiva histórica, parece mais proveitoso e interessante falar, no plural, de culturas escolares.

Nesse movimento interpretativo, acredita-se, contudo que não existem duas escolas, universidades ou faculdades exatamente iguais, embora possam ser estabelecidas equivalências entre elas. As diferenças crescem quando se comparam as culturas de instituições que pertencem a diferentes níveis educacionais.

Um exemplo prático do argumento apresentado no parágrafo anterior, é que tanto a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira construiu historicamente uma cultura escolar específica do ensino técnico profissionalizante, alicerçada no ideário da reforma educacional de 2º grau, referenciada pela Lei Nº. 5.692/71, quanto outras instituições educacionais espalhadas pelo estado do Rio Grande do Norte, como por exemplo, o Centro de Educação Integrado Professor Eliseu Viana, localizado em Mossoró, instituição pesquisada por Bandeira (2020), estabeleceu essa mesma concepção de cultura escolar.

Nesse sentido, a empiria apresentada nos escritos de Costa (2017) já trazia as falas dos agentes da pesquisa (diretores, vice-diretores e professores), apresentando indícios de que foi instituída uma cultura escolar do ensino técnico profissionalizante no 2º grau, a considerar o perfil dos professores que eram profissionais técnicos, inclusive admitidos sem concurso público, pois o que contava no momento da contratação desses profissionais era a capacidade técnica das atividades exercidas por eles na área da contabilidade e da administração, principais cursos ofertados pela escola.

Tinha-se no âmbito da Escola Estadual Anísio Teixeira, a cultura escolar de que o estudante do ensino técnico profissionalizante de 2º grau deveria ser formado para atender as demandas imediatas do mercado de trabalho, para tanto, treinava-se para as atividades do campo empresarial e comercial, sob os fundamentos da pedagogia tecnicista ou do tecnicismo predominantes durante as décadas de 1970 e 1980 no Brasil.

Todavia, a instituição escolar Professor Anísio Teixeira continua cultivando esse ideário formativo até o início dos anos 2000, conforme aponta os documentos

do arquivo da escola e da Secretaria de Educação do Rio Grande do Norte. Com essa constatação, problematiza-se: O que fez essa cultura escolar resistir até os primeiros anos de século XXI? Que zonas de influência foram estabelecidas externa e internamente à instituição?

Outra indagação na construção dessa tessitura sobre a cultura escolar está em saber se ela é apenas uma categoria de análise ou um campo de investigação, ou se estão nas duas condições?

As investigações desenvolvidas por estudiosos brasileiros, que tomam como referência a noção de cultura escolar, sejam como categoria de análise ou como campo de investigação, têm (re) significado o desejo por realizar investigações históricas nas instituições escolares, reconhecidamente pelos pares, pelas instituições de fomento, estado e de ensino superior, promovendo, desse modo, a renovação das pesquisas ou estudos em história da educação no Brasil.

Segundo Faria Filho et al. (2004) os estudos desenvolvidos no Brasil sobre a história da educação não indicam somente uma aplicação das teorias ou definições produzidas por teóricos estrangeiros. Ainda na perspectiva desse teórico diz-se que:

Uma das áreas da história da educação que mais direta e fortemente tem se utilizado dos diversos arcabouços teóricos subjacentes às diversas acepções de cultura escolar e, portanto, das tradições historiográficas que lhes dão suporte, é aquele que se volta para a investigação acerca dos saberes e conhecimentos escolares. Aqui, de forma interessante e criativa, as pesquisas se debruçam pelos menos sobre três grandes focos interdependentes. De um lado, há aqueles que se dedicam a investigar principalmente os impressos pedagógicos e sua importância como estratégia de difusão de modelos e idéias pedagógicas, analisando também as práticas de apropriação a que tais objetos culturais estão sujeitos. (FARIA FILHO et al., 2004, p.150).

Faria Filho et al (2004) observa, que ocorre uma articulação entre história das instituições escolares e da cultura escolar, enquanto categorias de análise e campo de investigação teórico-metodológico para se pensar os saberes, os conhecimentos, os currículos, os espaços, os tempos, as organizações, a materialidade escolar, bem como, os métodos de ensino.

Esses conceitos tecidos no limiar da cultura escolar faz lembrar de Vidal (2005), quando ela trata das abordagens em torno da cultura escolar, como sendo, objeto historiográfico de pesquisas realizadas no Brasil, tendo dado valor a temas

ligados aos saberes escolares e pedagógicos, colocando no cerne a história das disciplinas escolares e do currículo.

Por anunciar as pesquisas desenvolvidas no Brasil, no campo da historiografia da educação, com destaque para a cultura escolar ou as culturas escolares, considera-se interessante apresentar um panorama da história da(s) cultura(s) escolar(es). Dando início a essa história, tem-se ciência que os estudos nessa abordagem tiveram sua gênese na Europa, especialmente na França e segundo Gonçalves e Faria Filho (2005), as investigações sobre os objetos nessa temática eram cada vez mais específicas, ou seja, os pesquisadores se debruçavam, por exemplo, na construção do objeto na área da história do livro, da leitura e da escola. Essas investigações específicas desenvolvidas na França permitiram também o investimento na editoração, o que gerou conseqüentemente a circulação de obras e a organização das fontes, fortalecendo e consolidando a área da cultura historiográfica.

No nosso país, a construção do campo de estudos e pesquisas em história da educação, ocorre de modo diferente da França, como se pode verificar a partir dos pesquisadores pioneiros da área:

Já no Brasil, essas mesmas condições não se verificam no momento em que, no fecundo e criativo diálogo com a historiografia e com a produção de outras ciências, em âmbito nacional e internacional, os historiadores propuseram-se a recortar objetos específicos e investiram em estudos cada vez mais verticalizados. Se a esse elemento adicionarmos a diminuição dos prazos de formação dos novos pesquisadores, a pressão por publicação advinda dos órgãos financiadores e avaliadores e a precarização de nossas condições de trabalho, temos ingredientes mais que suficientes para grandes discussões sobre a dinâmica da pesquisa em nossa área. (GONÇALVES; FARIA FILHO, 2005, p. 51).

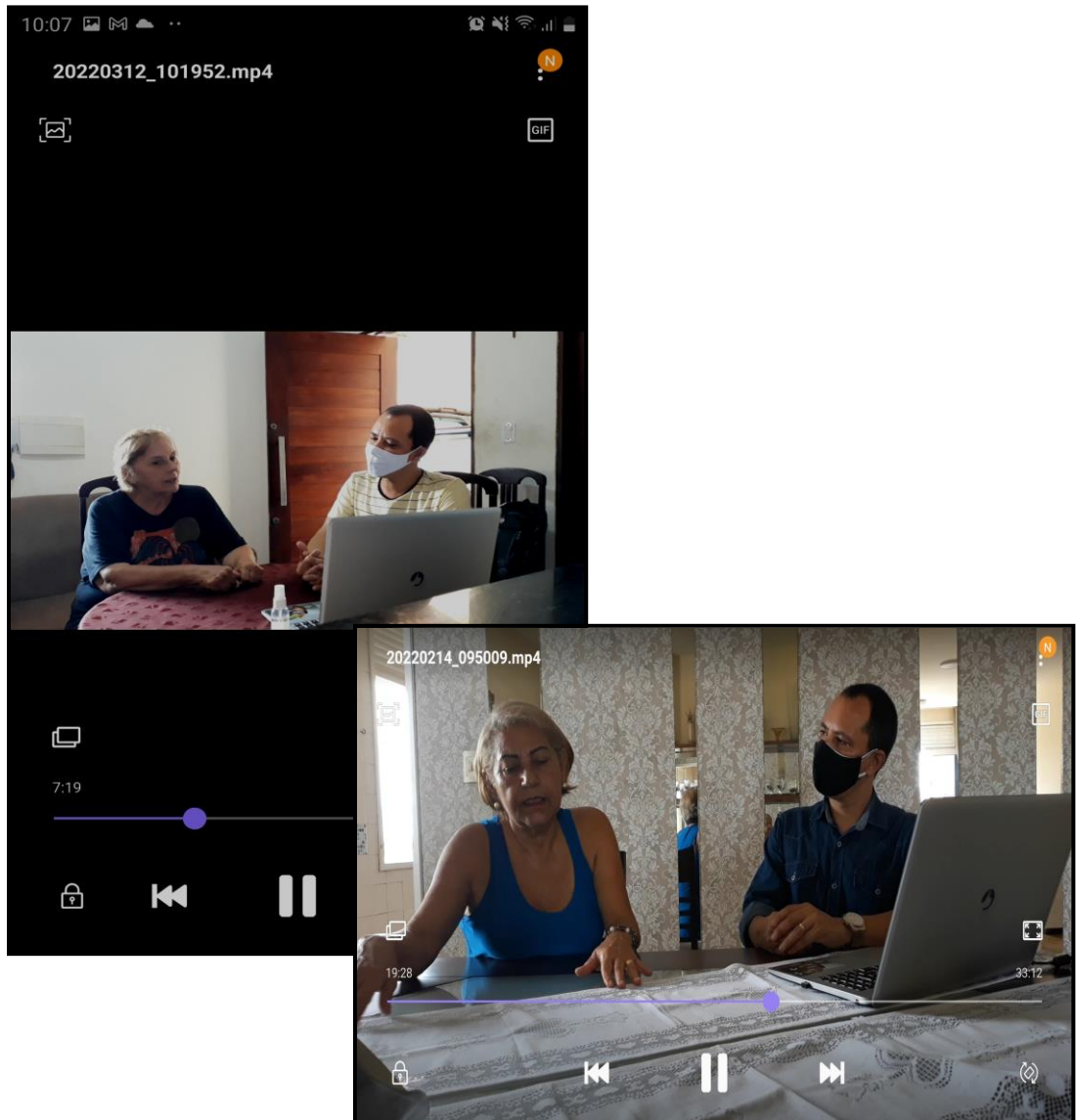
Nota-se com os argumentos de Gonçalves e Faria Filho (2005), que o desenho da consolidação do campo historiográfico da cultura escolar ou das culturas escolares se constrói nas singularidades, uma vez que se entende que são contextos diferentes, enfim, nessa mesma perspectiva de pensamento, afirma-se ainda, que as investigações na abordagem da cultura escolar têm permitido a desnaturalização da escola, e mais que isso, o empreendimento de pesquisas sobre a sistematização urgente da instituição escolar na contemporaneidade, enquanto organização socializadora.

Falar de desnaturalização e socialização da escola parece um chamamento para uma cultura escolar voltada ao campo da Sociologia, porém é notório que os estudos da cultura escolar caminham na interface entre a ciência da sociedade e a história, ampliando-se para a abordagem mais histórica,

Não por acaso a emergência e consolidação do tema cultura escolar nas pesquisas em história da educação se dá ao mesmo tempo em que se amplia o diálogo com a chamada história cultural francesa. Uma das explicações para isso é que tanto a temática – cultura escolar – quanto a abordagem – história cultural – contribuem para a criação de um lugar confortável para a educação no terreno da cultura, só que agora não mais ancorado nos estudos sociológicos, mas, historiográficos. (GONÇALVES; FARIA FILHO, 2005, p.53).

Refletindo sobre a fala de Gonçalves e Faria Filho (2005), posiciono-me aqui na filiação do campo da história, mas da nova história, tentando discutir a instituição escolar na interdisciplinaridade, uma vez que, existe certa carência de estudos historiográficos sobre temas como: família, igreja e o mundo do trabalho que ofereça ao pesquisador substratos para reflexão e relação desses com a(s) cultura(s) escolar(es). É com esse argumento que se tentará nas próximas seções, especificamente, na seção 4, refletir sobre a relação do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, como sendo, uma cultura escolar específica e que por isso, defende-se existir no contexto das instituições escolares, culturas escolares, e dentro dessas culturas, uma dada cultura singular, única.

Foto 3 – Produção da pesquisa videográfica (Diretoras Salete e Evânia)



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2022).

“Ao realizar o percurso metodológico da tessitura de uma pesquisa histórica com fontes orais, não se busca apenas informações, mas os sentidos e as experiências implicadas nas memórias”. (COSTA, 2022).

3 TESSITURA DO PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O que fabrica o historiador quando "faz história"? Para quem trabalha? Que produz? Interrompendo sua deambulação erudita pelas salas dos arquivos, por um instante ele se desprende do estudo monumental que o classificará entre seus pares, e, saindo para a rua, ele se pergunta: O que é esta profissão? Eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas. (CERTEAU, 1982, p. 55).

A primeira etapa de nosso percurso metodológico constitui-se na pesquisa bibliográfica, percorrendo as tessituras e caminhos dos teóricos que sustentam essa investigação histórica, cuja (re) construção ocorreu no cerne da cultura tecnicista, presente na instituição Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002). Essa ação nos possibilitou tecer uma trama de definições, conceitos, características, objetivos e delineamentos metodológicos alicerçados na história das instituições escolares e da cultura escolar.

Com esse tecer construído, mas com sentimento de inconcluso, delineou-se o percurso metodológico e os procedimentos para a (re) construção da memória da instituição escolar em análise, na proposição de que as vozes, as expressões corporais e as imagens nos permitissem nessa polifonia anunciar que no universo de uma cultura escolar maior, existia uma cultura escolar no singular, aquela que vive a se metamorfosear pela dinâmica das permanências e mudanças.

Ao passar por essas metamorfoses, engendradas pelas resistências no tocante as legislações educacionais, as tendências pedagógicas e os ideários políticos, é que se percorreu os caminhos de um *corpus* documental disponível no arquivo da escola, assim como ouviu, viu, sentiu e registrou por meio da vídeo-história ou videografia a (re) escrita da vida dessa instituição escolar.

3.1 TESSITURA DE UM PRIMEIRO CONTATO

O primeiro contato desse pesquisador da história da educação, filiado ao campo epistêmico e empírico da educação profissional, com o procedimento metodológico de pesquisa vídeo-histórica ou videográfica, como uma fonte documental, capaz de juntar dois campos sensoriais, o olhar e a escuta do investigador, acontece em 2018 quando fui aluno especial do doutorado em educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na disciplina “Educação, História e Memória II”, regida pela Professora Doutora Maria Inês S. Stamatto.

Nesse espaço de diálogo sob a maestria da Professora Doutora Stamatto, operava no cognitivo deste que escreve uma projeção de um novo modo de registro historiográfico, à princípio semelhante ao método da história oral, porém com a leitura da bibliografia indicada do escrito “História oral e mídia”, de Ana Maria Mauad (2016), pode-se perceber que a história oral é semelhante ao procedimento de investigação da vídeo-história ou videografia.

As discussões nas aulas da pós-graduação em educação no (PPGED-UFRN), faz-nos advertir que a vídeo-história ou videografia, trata-se de uma fonte oral, pois Mauad (2011, p. 145), diz:

[...] fonte oral, ela é resultado de uma situação de entrevista onde pesquisador e entrevistado vivenciam um processo de construção de memórias mediante a uma negociação. Nessa negociação competem alguns aspectos que considero importante serem apontados: a competência do pesquisador que se apresenta como detentor de um saber consolidado e específico; a competência do entrevistado que detém o conhecimento da experiência vivida.

Nas palavras de Mauad (2011), nota-se que as fontes orais são conhecimentos provindos de uma escuta ou escrita oficializada por meio de entrevistas, para esse feito, faz-se necessário que o entrevistador conheça o objeto que ele investiga e mais que isso, saiba manejar os meios tecnológicos da informação e comunicação, tais como, gravador de voz, câmeras digitais, aparelhos de *smartfone*, HDs externos e *softwares* de edição de imagens e som. Quanto ao agente-sujeito entrevistado, este possui algo muito relevante para o investigador, que é o conhecimento empírico, conhecimento esse que após lido, relido, interpretado, cruzado com outras fontes pode compor um *corpus* documental historiográfico, validando a proposição dessa tese, anunciada ao longo desse trabalho.

Diante desse argumento referendado a partir de Mauad (2011), questiona-se: Como se define a história oral? Conforme Portelli (2001, p.13), a história oral traduz-se como um gênero do discurso no qual a palavra oral e a escrita se desenvolvem conjuntamente, de forma que cada uma fala para a outra sobre o passado. Mager (2013) coloca que a sistematização do método científico da história oral é datada de 1940 e 1950 e no pós-segunda guerra mundial, quando a voz do outro ganhava

sentido nas ciências sociais e em outros campos do conhecimento, constituindo-se metodologia de pesquisa interdisciplinar.

3.2 TESSITURA DE UMA EXTENSÃO DA HISTÓRIA ORAL

Na esfera acadêmica, a história oral passa a ser considerada como estatuto de fonte documental histórica, quando se inclui o uso do gravador para registrar os depoimentos sonoros, procedimento acatado pela comunidade científica como prova documental. Aos poucos, a história oral passa a ser uma metodologia, estabelecendo procedimentos de investigação e formas específicas de análises de documentos. Logo, é possível afirmar que a história oral conquistou seus procedimentos próprios, “assim, estabeleceu-se a gravação dos depoimentos e a transcrição, além da constituição de arquivos orais como formas de acesso, publicização e garantia de um padrão na produção dos trabalhos”. (MAGER, 2013, p. 2-3).

Dessa forma, se compreende que a história oral é um campo teórico-metodológico com seus próprios procedimentos, mas fica aparente que a proposta de procedimento da vídeo-história ou videografia configura-se como uma extensão dessa forma de registrar por meio de narrativas, as vozes, e mais que isso, registrar a voz e a imagem para (re) construir uma memória do passado no presente.

A esse respeito, Mauad (2011, p.145) nos fala que “[...] os princípios que orientam a prática metodológica desenvolvida pelo LABHOI¹² para a composição de um texto historiográfico, que inclua na sua fatura, a relação entre palavras e imagens”. Desse modo, reitera-se a relação falas e imagens na composição da videografia fundamentada na pesquisa histórica.

A confecção da vídeo-história enraíza-se nas fontes orais e visuais (fotográficas, fílmicas e pictóricas), tomadas como fontes de memória, ligando-se aos processos de rememoração que criam narrativas sobre determinados tempos e espaços do passado.

A fonte oral é de primordial importância, e esta provém da escuta. Para fazer vídeo-história é essencial refletir antes sobre a fonte visual:

¹² Laboratório de História Oral e Imagens da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF) que vem desenvolvendo pesquisas desde 1982, sendo inaugurado pelas historiadoras Ismênia Lima Martins e Eulália Lobo.

[...] fonte produzida na pesquisa de campo, filmagens e fotografias que serão posteriormente relacionadas a situação dos entrevistados num texto próprio, ou quando a fonte visual é proveniente de um arquivo privado ou público, e passa a integrar a pesquisa como fonte para o estudo dos comportamentos e representações sociais relativas às memórias de grupos sociais. (MAUAD, 2011, p.146).

Mauad (2011) ao relacionar as fontes visuais com as orais e ter como resultado o texto videográfico, empreende:

Um termo em grande medida criado para sairmos dos debates sobre documentário cinematográfico, e valorizarmos a necessidade de divulgar o trabalho acadêmico num suporte alternativo ao papel e com uma linguagem atualizada, bem como termos um produto que possa ser retornado ao entrevistado como resultado de um trabalho de produção de sentido (dentro dos protocolos da produção das fontes orais está previsto oferecer ao entrevistado uma forma de objetivação do tempo cedido na entrevista). (MAUAD, 2011, p.146).

Por ser um procedimento metodológico de construção de memórias inovadoras e produzido com sentido, é que se fez essa escolha, pois na época da escrita da dissertação, defendida em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP-IFRN), a (re) construção das práticas pedagógicas se materializou a partir da produção de escriturários (cartas), onde os agentes (diretores e professores) imprimiram suas vozes na escrita, guiada por eixos amparados nas ideias teórico-metodológicas da Nova História e da Nova História Cultural.

Situado o porquê dessa escolha em tentar fazer vídeo-história ou videografia, apresenta-se os quatro tipos de produtos historiográficos classificados pelo LABHOI, a saber: 1) Escrita direta e interativa; 2) Escrita intertextual; 3) Escrita intertextual ampliada e 4) Escrita videoclipe. Dentre esses quatros, caminhou-se entre o tipo 1 e 2.

1) Escrita direta e interativa: a filmagem possui um roteiro estabelecido a partir de uma pesquisa acadêmica que não se baseou em fontes orais. O roteiro é feito com base na pesquisa histórica trazendo para a atualidade aspectos dessa pesquisa que ainda se encontram como vestígios do passado.

2) Escrita intertextual: nessa modalidade o roteiro se baseia na estrutura da entrevista, organizada segundo o problema levantado pela pesquisa. A narrativa é composta por falas coordenadas retiradas de várias entrevistas; e essa polifonia são associadas imagens fixas

operadas no programa de edição para ganharem movimento. Cada sequência fílmica é composta por um conjunto de falas associada a um conjunto de imagens que são apresentadas em movimento, garantindo o efeito fílmico.

3) Escrita intertextual ampliada: utiliza-se dos recursos do documentário cinematográfico interpelando imagens fixas filmadas. Compõe a narrativa videográfica a música incidental, a trilha sonora, a leitura de depoimentos e a fala dos entrevistados.

4) Escrita videoclipe: sob inspiração da cultura dos videoclipes. Nesse caso específico, uma música da época serve de base para a composição de um texto breve de cerca de nove minutos, no qual as imagens fotográficas, dinamizadas por efeitos visuais, são associações ao ritmo da música e intercaladas ou não com depoimentos sobre o acontecimento ou o tema em questão. (MAUAD, 2011, p.147).

O tipo 1 de produção videográfica foi adotado e utilizado neste trabalho, uma vez que o roteiro guia das sessões de memória não é gestado na oralidade, mas na própria pesquisa histórica da instituição escolar Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002). Buscou-se nos vestígios arqueológicos das falas dos agentes, os elementos promotores de permanências e mudanças da cultura escolar do Anísio Teixeira, na época que formava estudantes nos cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau, nas habilitações de Assistente em Administração e de Técnico em Contabilidade.

O tipo 2, complementa-se pelo tipo 1, pois os caminhos descritos nele possibilitaram-nos produzir o roteiro guia das entrevistas (ver apêndice A), alicerçado na problemática de pesquisa, cujos questionamentos recuperou-se das palavras iniciais da introdução desta investigação: A proposta de ensino técnico foi revogada pela Lei Nº. 7.044 em 1982, mas por que a cultura escolar do tecnicismo foi mantida pela instituição até 2002? Quando e como ocorreram mudanças na cultura escolar da instituição pesquisada? O que foi responsável para a promoção de mudanças e permanências? A legislação? O ideário? As práticas educativas? Os agentes educacionais? Questões que a pesquisa intencionou responder.

3.3 TESSITURA DO ENTRELACE: narrativa e imagem

O objetivo central dessa metodologia era juntar a narrativa e a imagem num registro histórico-visual, num verdadeiro entrelace das expressões sentimentais dos agentes-sujeitos entrevistados. No momento da sessão de videografia ou vídeo-história, projetou-se imagens (fotografias de situações da Escola Estadual Professor

Anísio Teixeira referente ao período 1982-2002). As imagens projetadas tinham relação com contexto histórico em estudo e os eixos dos roteiros guias pré-estabelecidos, os quais explicita-se como Apêndices (ver apêndice A) desse trabalho.

Os roteiros guias demonstravam que as entrevistas gravadas e transformadas em vídeo-história estavam formatadas, mas isso não quer dizer que eram estanques e inflexíveis, pelo contrário, podiam ser alteradas a qualquer momento, tendo em vista que foram apenas projeções de um roteiro, uma espécie de guia, um ponto de partida.

Para a seleção dos agentes que (re) construíram as narrativas, tomou-se como ponto de partida, os dados da dissertação de Costa (2017), reorganizando o tempo histórico pesquisado. A entrevistada, correspondente ao recorte temporal de 1982 a 1985, foi a diretora Evânia Maria Damásio de Souza e no período de 1995 a 2005, a diretora Maria da Salete Coelho Marinho¹³. Quanto aos professores, entrevistou-se Jarbas Gomes de Carvalho (1981-2009)¹⁴, Rozicleide Bezerra de Carvalho (1990-2009) e Ismênia Verônica Barboza (1995-2003).

Diferente do trabalho de dissertação defendido por Costa (2017), dessa vez, como diferencial, incluiu-se a voz e a imagem de três estudantes egressos dos cursos técnicos para compor o *corpus* documental. Para isso, convidou-se Isaura Lima Alves Galvão, egressa dos anos de 1982 a 1984, já trazendo às memórias do período de 1991 a 1994, teve-se as contribuições do egresso José Mateus do Nascimento e em 1998 a 2000 a egressa Andrina de França Silvestre de Souza.

Após manter contato com todos esses agentes-sujeitos, via contato telefônico, explicou-se a proposta de tese, a forma como seria pesquisada a memória, bem como, os documentos de autorização das falas e das imagens. Com esses tramites concluídos, marcou-se o melhor dia e a melhor hora com cada um desses agentes-sujeitos para o início das gravações da vídeo-história ou videografia.

¹³ A diretora Maria da Salete Coelho Marinho por ser maior de 60 anos de idade e pertencer ao grupo de risco nominados na prescrição da Covid-19 foi entrevistada presencialmente tão logo as autoridades epidemiológicas liberaram. A agente-sujeita relatou não dominar as tecnologias da informação e comunicação, exigindo realizar a gravação de forma presencial, acontecendo em março de 2022 em sua residência. Essa mesma situação ocorreu também com a diretora Evânia Maria Damásio de Souza, cuja pesquisa audiovisual se deu em fevereiro de 2022.

¹⁴ Por ser uma pessoa idosa e também não dominar os meios de tecnologia da informação e comunicação, o Professor Jarbas Gomes de Carvalho foi entrevistado em sua casa, no dia 25 de janeiro de 2022.

A princípio, a intenção era juntar os grupos (segmentos) e realizar as sessões de videografia num estúdio, mas devido a pandemia da Covid-19, a norma foi realizar as gravações de modo individual por meio da plataforma *Google Meet* ou em local aberto, respeitando o distanciamento social, para não colocar em risco a saúde dos agentes-sujeitos¹⁵.

Reitera-se aqui, que a pesquisa das fontes orais e visuais, só foram iniciadas no mês de julho de 2021, pois o projeto de tese passou quase um ano tramitando no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O processo foi iniciado em 11 de maio de 2020, sendo aprovado e autorizado a feitura das vídeo-histórias ou videografias em 11 de maio de 2021 com o parecer CEP/UFRN nº. 4.700.812.

Durante o período de aguardo, fez-se investigações no arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, buscando nos documentos (fichas individuais, atas, livros de ponto, PPP, certificados, históricos, diários de classe, planta arquitetônica do prédio etc.), ou seja, informações ligadas a história da instituição e da cultura escolar, como consta na foto 4.

¹⁵ Diante do prolongamento da pandemia da Covid-19 e a demora na vacinação contra o novo coronavírus, os estudantes e as duas professoras preferiram realizar as seções de vídeo-história ou videografia por meio da plataforma digital *google meet* já que o projeto de pesquisa de tese foi aprovado no comitê de ética em 2021 com essa ressalva, ficando de fora o professor da década de 1980 e as diretoras.

Foto 4 – Antonio Max Ferreira da Costa, no arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, em Natal-RN, ano de 2020.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2020).

Ressalta-se que de fevereiro até os primeiros dias de março de 2020, examinou-se alguns documentos do arquivo escolar do Anísio Teixeira, fazendo fotos para uma posterior análise documental, depois dessa data, as escolas foram fechadas devido a pandemia da Covid-19 no mundo¹⁶.

O trabalho de ida aos arquivos da escola, permitiu-nos selecionar e inventariar documentos, conforme consta em Apêndices (ver apêndice B), além de tatear fontes históricas imersas nos anos de 1982 até 2002. Por falar em fontes históricas, cabe-nos teorizar acerca do que se trata: fontes históricas, lembra-nos imediatamente de materiais onde estão contidas informações sobre uma época, tempo e local. Pinsk (2005) adverte-nos que, as fontes históricas são materiais utilizados pelos historiadores por meio de abordagens e métodos específicos, bem como, por técnicas variadas para produzirem seus discursos historiográficos.

Com base nessas ideias tecidas por Pinsk (2005), é concebível refletir que o conceito de fontes históricas tenha evoluído com as pesquisas, sendo assim, compreende-se como fontes, todos os vestígios de diversas naturezas deixados por

¹⁶ De acordo com Marques; Silveira e Pimenta (2020) após espalhar pelo mundo, o primeiro caso de Covid-19 confirmado no Brasil, se deu na quarta-feira de cinzas, dia 25 de fevereiro de 2020, sendo também o primeiro caso registrado na América do Sul.

uma dada sociedade, e para fazer uso de fontes, o historiador precisa conhecer, dominar os métodos de análise e interpretações das fontes pesquisadas, criticando-historicizando.

Diante dessa reflexão sobre as fontes históricas, cabe-nos indagar: Quando as fontes históricas deixam de ser tratadas como verdades irrefutáveis, numa conjugação entre o tempo presente e o passado? Essa indagação reporta historicamente à inauguração da escola dos *Analles*¹⁷, por volta da segunda década do século XX, quando um grupo de teóricos da Nova História Cultural desenvolve uma nova forma de fazer história, problematizando-a. Com a ampliação da ideia de fontes, proposta pelos teóricos progressistas da escola dos *Analles*, os historiadores dessa corrente começam a abarcar nos estudos históricos, as fontes provindas da literatura, das imagens e da cultura material.

Saviani (2006) considera as fontes como origem, base e ponto de apoio para a produção historiográfica, pois segundo ele, é por meio das fontes que o pesquisador poderá atingir o conhecimento da história da educação, portanto, deve-se conservar, organizar, preservar e disponibilizar as múltiplas formas de fontes históricas. Tratando das fontes históricas no campo do conhecimento da história da educação, como mencionou Saviani (2006), reafirma-se:

A questão das fontes de investigação na área de História da Educação e, obviamente, na pesquisa com instituições escolares é das mais importantes e está intimamente relacionada às teorias da História, vale dizer, teorias do conhecimento. Conforme o referencial teórico adotado, o pesquisador privilegia fontes diferentes e também as interpreta a partir de diferentes enfoques e interesses práticos. Pressupostos metodológicos e categorias de análise são imprescindíveis, porém insuficientes para a realização da pesquisa. É preciso ir a campo, coletar e selecionar as fontes primárias e secundárias. (NOSELLA; BUFFA, 2010, p. 25).

Em síntese, pergunta-se: Quais fontes ir buscar no campo da pesquisa histórica-documental? Ainda de acordo com Nosella e Buffa (2010) tem-se: bibliografia (livros, revistas, boletins, monografias, memórias, dissertações, teses, relatórios, folder, sites etc.); documentos do acervo da escola (atas, livros de matrícula, anuários, programas de disciplinas, fotografias etc.); os jornais da época

¹⁷ A escola dos *Analles* trata-se de um movimento historiográfico com ênfase na possibilidade de enxergar as diversas fazes do movimento, caracterizado na interdisciplinaridade, na problematização da história e nas novas proposições das formas de conceber o tempo, como estabelece Barros (2010).

que noticiam acontecimentos que compõem a memória; documentos de arquivos públicos (câmara municipal, museus); documentos de arquivos particulares; mapas, plantas e perspectivas; legislações; entrevistas e questionários (aplicados aos sujeitos que conhecem a história da instituição escolar e do local).

Assim, pode-se observar que existe uma infinidade de fontes, mas vale salientar que não é obrigado o historiador utilizar todas. Cabe a cada investigador fazer uso das fontes que ele julgar necessário, tendo em mente os fins e objetivos da sua pesquisa. Existem, por exemplo, pesquisadores que se interessam em escrever a história das leis em uma determinada instituição escolar e outros que fazem a escolha de estudar a classe social e o destino profissional dos estudantes. Ainda, há aqueles que acentuaram a investigação do currículo, dos conteúdos, da formação docente e dos aspectos arquitetônicos dos prédios, como fez Moreira (2018).

Moraes e Zaia (2013) estabeleceram em suas pesquisas que o processo de investigação que envolve as fontes documentais, no contexto da historiografia, necessita estabelecer um permanente diálogo do pesquisador (teorias) com as fontes, o que na visão delas, trazem para a pesquisa histórica, a possibilidade de ampliar o conhecimento das fontes do terreno da história da educação e de impulsionar o desenvolvimento da historiografia, uma vez, que os próprios documentos potencializam novas pesquisas. Nesse movimento de entender o documento, como fonte historiográfica, interessa a nós historiadores da educação, em que local encontrá-los?

Ora, as fontes, podem ser encontradas em inúmeros locais, espaços e documentos, mas como estamos tratando da Nova História e da Nova História Cultural, em suas variações da história das instituições, pode-se dizer que o lugar privilegiado para o pesquisador dessa história das instituições escolares e da cultura escolar, foram os arquivos escolares, comumente organizados na própria escola.

Para Moraes e Zaia (2013), o arquivo de uma escola é decorrente de suas tarefas administrativas e pedagógicas, sendo as atividades administrativas atribuições do setor de secretaria, do setor de pessoal, do setor financeiro e da direção. Quanto às atividades pedagógicas, estas se compõem pela sala de aula, oficinas, laboratórios, principais espaços de desenvolvimento, onde são produzidos materiais ligados às questões do ensino-aprendizagem, materiais de uso didático e

artefatos técnicos, além de escritos tratando das classes e de cada estudante individualmente.

As instituições escolares, classificam ou organizam seus documentos em [...] arquivos “ativos” e “inativos” ou “mortos”, [...]”. (MORAES; ZAIA, 2013, p.53). Esses termos que nominam os arquivos documentais, segundo Ribeiro (1992), mostram o predomínio de uma concepção limitada e, por vezes, equivocada de sua importância para a gestão administrativa e, principalmente, para o campo do saber científico.

Nos escritos apresentados por Moraes e Zaia (2013), as pesquisadoras revelam que em nenhuma das instituições, *lócus* de investigação delas, o arquivo histórico, como é conhecido pelos historiadores, constituiu-se em arquivo permanente, ou seja, um *corpus* documental selecionado por processos criteriosos de avaliação, de modo, a expressar as tarefas e funções da instituição. As autoras ainda falam que os acervos documentais do denominado “arquivo morto”, apresentam-se desorganizados, e seus documentos armazenados em diferentes locais, ou em depósitos externos, em outro prédio anexo à escola, como no caso da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas (ETE Getúlio Vargas), em São Paulo, na qual possui significativa massa documental.

A estruturação dos arquivos faz rememorar a seguinte situação:

Todos sabemos em que condições se encontram os documentos antigos da maioria das escolas: depositados numa saleta que não apresenta condições de uso, às vezes, num banheiro quebrado, disputando espaço com poeira, ácaros, restos de material inútil etc. (NOSELLA; BUFFA, 2010, p.25).

A reflexão que se faz dessa citação, é que os documentos da escola estão esquecidos em espaços impróprios. Para recuperá-los, na tentativa de estudá-los, resta aos pesquisadores da história higienizá-los, organizá-los, em uma tentativa de preservar a memória da instituição pesquisada.

Magalhães (1996, p. 15), discute:

Mas não apenas a documentação escrita e preservada com maior ou menor zelo pelas instituições, como também toda a documentação lateral e a memória oral. Sede privilegiada de uma multiplicidade de ações humanas, pedagógicas, culturais, sociais, afetivas, produto de um cotidiano sempre reinventado, da instituição educativa não resta por vezes mais que um resíduo documental, irregularmente repartido no tempo e pouco representativo, nomeadamente no que se refere à riqueza do cotidiano escolar.

Diante do exposto, do não cuidado com as fontes armazenadas nos arquivos das instituições, em destaque as escritas, uma proposição de que estaria ligada a ausência de uma política esclarecedora acerca da conservação, preservação e organização dos documentos, pelo que os fundos documentais das instituições escolares têm ficado dependente do arbítrio dos sujeitos responsáveis e dos imprevistos que o tempo e a administração dos locais/espacos, por vezes pequenos, permitem.

Toda essa reflexão tecida sobre as fontes até aqui, nos faz indagar: O que dizem as fontes do arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira sobre a Educação Profissional, especificamente sobre a cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, no recorte temporal referendado nessa tese?

Responder sobre o que dizem as fontes históricas-documentais encontradas no arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, no recorte temporal de 1982 a 2002, é uma atividade um tanto complexa, diz-se isso porque a história da escola começou a ser escrita pelo historiador da educação, autor deste trabalho, em 2015, quando se iniciou uma pesquisa de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP), no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), sendo concluída em 2017, com fins a analisar por meio da abordagem histórica, as práticas pedagógicas do ensino técnico profissionalizante do Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira (1974-1985).

Ao chegar à instituição escolar, *locus* dessa pesquisa no ano de 2015, visualizou-se que havia fontes documentais em seu “arquivo morto”, carente de organização, mas isso foi motivante para dar início a organização e busca de documentos que tratassem da história da escola e em especial da história da educação profissional do Rio Grande do Norte, com destaque para a memória oral (narrativa), como destaca Magalhães (1996).

Uma das primeiras fontes encontradas na escola Anísio Teixeira foram os históricos escolares dos estudantes. Ao examiná-los, visualizou aspectos da implementação da legislação que regia o ensino técnico profissionalizante na época (1974-1985), a Lei Nº 5.692/71, que em sua redação obrigava todos os estabelecimentos de ensino de 2º grau, fossem eles privados ou públicos, a formar o estudante em cursos profissionalizantes. No caso da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, eram ofertados os cursos técnicos profissionalizantes de 2º, nas

habilitações de Assistente em Administração e de Técnico em Contabilidade, sendo o estudante formado em 3 anos.

Os diplomas e os históricos escolares individuais apontaram o tipo de currículo (pragmático e utilitarista) empreendido na escola, e mais que isso, o tipo de indivíduo que se desejava formar. O currículo da escola, desde 1974 até o ano de 2002, se organizava em duas partes, as chamadas disciplinas gerais que o estudante tinha contato no 1º ano, tais como: Língua portuguesa e literatura brasileira, Inglês, História, Geografia, Física, Química, Biologia, Matemática, Desenho, O.S.P.B (Organização Social e Política Brasileira), E.M.C (Educação Moral e Cívica)¹⁸, Orientação vocacional, Programa de saúde, Educação artística e Educação física.

Na segunda parte, que correspondia os dois últimos anos do técnico profissionalizante, tinha-se no curso de Assistente em Administração, as disciplinas de: Matemática financeira, Redação e expressão, Administração e controle, Contabilidade e custos, Direito e legislação, Estatística, Economia e mercado, O.T.C (Organizações e técnicas comerciais), P.R.H (Processos de recursos humanos), Processamento de dados, Mecanografia, além de Língua portuguesa e Matemática que permeavam todos os anos.

Já no Técnico em Contabilidade havia: Matemática financeira, Mecanografia, Processamento de dados, Técnicas orçamentarias de contabilidade pública, Contabilidade e custos, O.T.C (Organizações e técnicas comerciais), Direito e legislação, Contabilidade industrial e agrícola, Redação e expressão, Análise e balanço, Estatística, Economia e mercado.

Além das informações sobre a composição das disciplinas do currículo de cada curso, observou-se ainda as habilitações formativas para o trabalho, bem como, dados dispostos nos diplomas e nos históricos, identificando os diretores e vice-diretores da época, aspecto preponderante, para a reconstrução histórica da escola, vindo a ser confirmado por meio das falas, como apontou Costa (2017). Essa fonte foi o passo inicial para se comunicar com os diretores de (1974 a 1985), que deram as pistas para reencontrar os diretores que atuaram no período de (1985 a 2002).

¹⁸ Essas duas disciplinas saem do currículo a partir de 1985, pois se encerra no Brasil o período da ditadura civil militar, afirma Melo e Toledo (2005).

Outra fonte de pesquisa histórica encontrada, usada e analisada foi o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2015) da escola, o qual se encontrava em uma pasta do arquivo permanente da escola. Nesse documento, pode-se ler uma história sumária da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, desde a sua fundação, em 1974, até o ano de 2015.

Observaram-se por meios dessas fontes escritas, encontradas nos arquivos da escola, fotografias dos anos de 1990 até os dias atuais, porém não foram achadas fotografias do período de 1974 a 1985. Os sujeitos responsáveis pelo arquivo da instituição afirmaram não ter na escola essas fotografias, mas possivelmente deva existir em outras instituições ou em acervos pessoais.

Nos arquivos da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira também não havia imagens do prédio correspondente aos anos 1970, apenas uma foto da reforma da escola nos anos de 1990, além disso, recebi em 2020, a planta baixa da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, enviada por e-mail pela Professora Doutora Ana Zélia Maria Moreira, afim de compor o *corpus* documental dessa investigação.

Afirma-se que a fonte chave da (re) construção da história da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira foram às vozes dos sujeitos (diretores e professores) que atuaram na escola, coletadas na época da dissertação de mestrado, por meio da escrita de cartas, na qual havia um roteiro e o sujeito ia escrevendo a próprio punho as categorias elencadas. Esse roteiro guia de escriturários traz as representações de uma memória, sinalizadas por Chartier (1988).

Na época da construção da dissertação de Costa (2017), as vozes e as fontes históricas foram analisadas a partir das representações de Chartier (1988), possibilitando compreender que as fontes documentais deveriam ser articuladas com a teoria, nesse movimento de análise das fontes orais, porém escritas por meio de cartas de memória.

Em relação ao documento, traz-se Le Goff (2003), quando se refere a esse tipo de fonte histórica, afirmando ser um produto da sociedade que o fabricou, conforme as relações de força que aí se detinham o poder. Essa ideia tecida por Le Goff (2003), na construção analítica do documento, enquanto monumento, permite à memória coletiva recuperá-lo e ao pesquisador da história usá-lo sistematicamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

3.4 TESSITURA DE ANÁLISE DO *CORPUS* DOCUMENTAL HISTORIOGRÁFICO

O conhecimento sistemático do fazer historiográfico, demanda por parte do investigador, a realização do cruzamento das fontes históricas-documentais com as vozes e imagens materializadas por meio das vídeo-história ou videografia, sendo elas lidas, relidas, interpretadas por meio de um exercício hermenêutico¹⁹ e heurístico²⁰ (interdisciplinar). Investimento nas (re) escritas, como se fosse uma teia de saberes, na qual o artesão ou o construtor vai imprimindo suas projeções e no fazer e (re) fazer (re) constrói uma obra, uma obra inacabada, mas com marcas de uma polifonia imbricada em uma história memorialista que não pode deixar de ser protagonizada.

Para alargar ainda mais as análises das falas e imagens dos agentes-sujeitos tecidos nas narrativas de memória, com centralidade nas categorias da cultura escolar, incluiu-se na composição desse *corpus* documental historiográfico, a Análise Textual Discursiva (ATD), que se concebe como sendo

[...] mais do que um conjunto de procedimentos definidos, constitui metodologia aberta, caminho para um pensamento investigativo, processo de colocar-se no movimento das verdades, participando de sua reconstrução. (MORAES; GALIAZZI, 2006, p.119).

Além de ser uma metodologia e um procedimento, a (ATD) é também uma abordagem de análise de informações que transita nos caminhos da pesquisa qualitativa, usando a análise de conteúdo e a análise do discurso. Essa articulação de ligação desses dois pólos, “[...] se apoiam de um lado na interpretação do significado atribuído ao autor e de outro nas condições de produção de um determinado texto”. (MORAES; GALIAZZI, 2006, p.118).

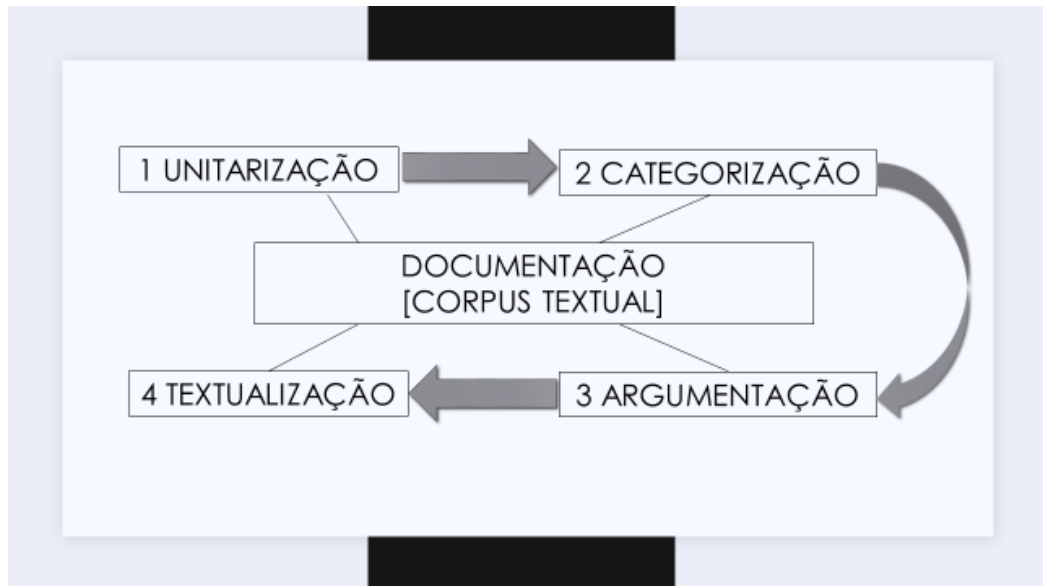
Com essas definições sobre a (ATD), é possível estabelecer a possibilidade de utilização dessa metodologia de análise, uma vez que se trata de um procedimento auto-organizado, do qual emergem novas compreensões e mais que

¹⁹ O exercício ou a interpretação hermenêutica [...] organiza o contexto histórico dos fatos compreensíveis pelo fio condutor da importância que os torna compreensíveis. Ela historiciza essa compreensão ao interpretar as mudanças temporais como transformações das intenções e interpretações do agir que causa a mudança. Ela interliga os fatos compreensíveis do passado no plano de seu significado para os interessados. Os fatos são interligados pela interpretação, em sua sequência temporal, como contextos de sentido afirma (RÜSEN, 2007, p.142).

²⁰ Quanto ao exercício heurístico esse pode ser definido como “[...] a operação metódica da pesquisa, que relaciona questões históricas, intersubjetivas controláveis, a testemunhos empíricos do passado, que reúne, examina e classifica as informações das fontes relevantes para responder às questões, e que avalia o conteúdo informativo das fontes. Com essa operação são reguladas metodicamente as hipóteses de sentido (teoricamente explicáveis) do pensamento histórico, que abrem o acesso às informações das fontes” adverte (RÜSEN, 2007, p.118).

isso, as conclusões ou resultados finais, originais e criativos, são imprevisíveis. Considerando a (ATD) um procedimento flexível, complexo e sistemático, é que se apresenta a sequência da figura 2, a seguir:

Figura 2 – Passo a passo da ATD



Fonte: Construído com base em Moraes e Galiazzi (2006; 2016).

A unitarização acontece quando o pesquisador adentra no universo do texto, realizando um exercício de fragmentação e de desmontagem. Feito isso, segue-se para a desconstrução e unitarização do *corpus*, ou seja, é necessário um envolvimento, uma impregnação densa com as fontes analisadas, percebendo as possibilidades de interpretações dos fenômenos investigados.

Quanto a categorização, ela acontece, tomando como referência, as unidades construídas no processo de unitarização. O processo de categorização se estabelece a partir da fusão de elementos similares entre as unidades de sentido, implicando também em renomear e definir as categorias. As categorias se organizam em: *a priori* e emergentes. A primeira categoria é assumida antes da análise do *corpus* documental, embasada em teorias escolhidas com antecedência. Já o processo das categorias emergentes é fomentado no momento em que se faz a análise do *corpus* documental.

Com a aglutinação dos elementos semelhantes das categorias prontas, em suas unidades de sentidos, empreende-se o movimento de argumentação da narrativa interpretativa, tecido no conjunto do descrever, do analisar e do teorizar

sobre o fenômeno histórico pesquisado, caminhando para a textualização, na qual se tece um metatexto, traduzido como uma composição resultante do empenho do pesquisador no cruzamento das informações e o diálogo reflexivo para validação de uma proposição.

A fase de textualização, segundo a (ATD), exige um tipo de escrita interpretativa: intenciona refletir de forma crítica sobre o fenômeno histórico pesquisado. Nessa pesquisa, o foco esteve em compreender o estabelecimento e a transitoriedade de uma dada cultura escolar, assim como, identificar que elementos contribuíram para resistência (permanência) e para flexibilização (mudança) da lógica de organização e funcionamento do tecnicismo em cursos profissionalizantes de 2º grau, nas habilitações de Assistente em Administração e de Técnico em Contabilidade, ofertados pela Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

Figura 3 – Mercado de trabalho (Técnicos em Adm. e Contabilidade)



Fonte: <https://www.vivafavela.com.br/calculo-de-rescisa/o> (2022).

“A cultura escolar da instituição escolar Professor Anísio Teixeira em Natal desde a sua fundação até 2002, era destinada a formação de estudantes técnicos para abastecer o mercado de trabalho”. (COSTA, 2022).

4 A CULTURA ESCOLAR DO ENSINO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE DE 2º GRAU

As instituições educativas, transmitem uma cultura (a cultura escolar), não deixam de produzir culturas, cuja especificidade lhe confere uma identidade histórica. (MAGALHÃES, 2004, p. 124-125).

Partindo do pressuposto tecido por Julia (2001), idealiza-se que existe uma cultura escolar e dela ramifica-se outras culturas escolares. Essas culturas escolares se estabelecem em tipos de escolas, finalidades, modalidades e níveis, sendo assim, neste trabalho, defende-se que, historicamente, foi estabelecida uma cultura escolar própria do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, e por essa razão, questiona-se: Como se constituiu esse tipo de cultura escolar no campo epistêmico da história da educação profissional, tendo como ambiência concreta de ações pedagógicas específicas a rotina da instituição Escola Estadual Professor Anísio Teixeira?

A Escola Estadual Professor Anísio Teixeira apresenta-se na condição de *lócus* da pesquisa e a cultura escolar que instituiu e constitui-se objeto de análise dessa tese. A pesquisa de dissertação de Costa (2017) evidenciou que a mesma era uma instituição escolar tida como referência no ensino técnico profissionalizante de 2º grau nos cursos de Assistente em Administração e de Técnico em Contabilidade, durante o período de 1974 a 1985, considerado fase áurea da formação técnica na cidade de Natal e no RN.

E o que nos indica os documentos escolares²¹? Há indícios de uma cultura escolar específica, uma cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, apoiadas no tecnicismo, na Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, na Teoria do Capital Humano e no Behaviorismo, ficando evidente o estabelecimento ou a efetivação de permanência e mudança da cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau engendrada ainda durante o período de 1982 até 2002.

Esse período das décadas de 1980/90 foi marcado pela flexibilização da oferta compulsória da profissionalização no Ensino Médio, a princípio por meio da Lei Nº 7.044, de 18 de outubro de 1982 e depois pela Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que trouxe novas prerrogativas para a organização pedagógica

²¹ Os documentos escolares indicados são: O Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP, 2015); Certificados; Históricos; e Diários de classe.

das escolas de Ensino Médio e para a oferta do Ensino Técnico na forma subsequente ou concomitante em instituições especializadas.

Mesmo diante dessas mudanças, no campo das políticas educacionais no país, a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira tendeu a preservar, por quase três décadas (1973 a 2002), o que se identifica aqui como cultura do tecnicismo²² e do ensino técnico profissionalizante²³.

4.1 CULTURA ESCOLAR OU CULTURAS ESCOLARES?

A cultura escolar, as culturas escolares ou as culturas da escola possibilitam pensar no primeiro termo como sendo uma categoria singular, única, e assentada numa institucionalização, referendada num determinado local e época. Nesse sentido, convencionou-se a partir de Viñao Frago (2006) falar de culturas escolares no plural, como citado:

Cada establecimiento docente tiene, más o menos acentuada, su propia cultura, unas características peculiares. No hay dos escuelas, colegios, institutos, universidades o facultades exactamente iguales, aunque puedan establecerse similitudes entre ellas. Las diferencias crecen cuando comparamos las culturas de instituciones que pertenecen a distintos niveles educativos. Al igual que cada centro docente tiene su propia cultura, también existen rasgos culturales, estables y persistentes, que caracterizan y distinguen, por ejemplo, los centros de enseñanza primaria de los de secundaria y, al mismo tiempo, la cultura – mentalidad, prácticas, etc.- de los maestros de primaria de la cultura – mentalidad, prácticas, etc.- de los profesores de secundaria. (VIÑAO FRAGO, 2006, p.64-65).

Traduz-se com Viñao Frago (2006), que cada instituição escolar tem mais ou menos acentuada uma cultura própria, algumas características peculiares. Não existem duas escolas, duas faculdades, dois institutos, duas universidades exatamente idênticas, embora possam ser estabelecidas semelhanças entre essas instituições.

²² O tecnicismo trata-se de uma tendência pedagógica, cujo marco temporal tem sua gênese no Brasil no final dos anos de 1960, amparando-se nas legislações educacionais Nº 5.540/68 e Nº 5.692/71, tendo como princípios pedagógicos a influência das pedagogias tradicional e renovada, segundo referenda Luckesi (1994); Azevedo e Stamatto (2010).

²³ O ensino técnico profissionalizante é uma forma de ensino, inserida no nível médio (antigo 2º grau) visando proporcionar ao estudante uma formação necessária ao desenvolvimento de suas habilidades mesmo que restrita e específica, com fins a qualificação do estudante para uma profissão (trabalho), afirma Costa (2017).

Sabe-se que as diferenças aumentam quando se compara as culturas de instituições que pertencem a diferentes níveis de ensino. Assim como, cada escola tem sua própria cultura, também existem traços culturais estáveis e persistentes, que caracterizam e distinguem, por exemplo, escolas primárias de escolas secundárias e, ao mesmo tempo, cultura-mentalidade, práticas dos professores primários da cultura-mentalidade, práticas dos professores secundários.

Nesse movimento de defesa, de que existe uma cultura escolar específica enraizada no interior de uma dada escola, é que se diz:

Hay, pues, culturas específicas de cada centro docente, de cada nivel educativo y de cada uno de los grupos de actores que intervienen en la vida cotidiana de las instituciones de enseñanza, así como subculturas más específicas. Pero dichas instituciones no operan en el vacío. Actúan dentro de un marco legal y de una política determinada que tiene su propia cultura. Una cultura producida y gestionada por reformadores, gestores y supervisores con su propia y específica concepción o forma de ver la escuela, y en interacción con una ciencia o ciencias de la educación—pedagogía, psicopedagogía y sociología de la educación fundamentalmente—que influye en las reformas educativas, que condiciona la cultura escolar y cuyos protagonistas —pedagogos, psicólogos, sociólogos—* se erigen en detentadores del saber experto y científico en el ámbito de la educación. (VIÑAO FRAGO, 2006, p.65-66).

Interpretando as ideias de Viñao Frago (2006), apesar das instituições serem únicas, num universo plural, elas não funcionam num vácuo, pelo contrário, atuam dentro de um marco legal e de uma política especial, que possui cultura própria, cultura essa produzida e gestada por reformadores, gestores e supervisores com sua própria e específica concepção ou modo de ver a escola, e em interação com uma ciência ou com os conhecimentos do campo da educação.

Sobre a permanência ou mudança de uma cultura escolar, indaga-se: Que elementos podem influenciar no processo de manutenção ou metamorfose de uma dada cultura escolar? Ora, segundo Magalhães (2010), a historiografia vem se debruçando sobre a investigação escolar mais do que nunca nesses últimos anos, bem como, multiplicando os olhares sobre as especificidades desse campo. Para esse teórico:

A teoria da escola como objecto historiográfico estrutura-se em duas constelações factoriais: a da cultura escrita e a das práticas pedagógico-didáticas. Estas constelações desenvolveram-se

agregadas e contextualizadas na instituição educativa, sendo actualizadas pela cultura escolar. (MAGALHÃES, 2010, p.33).

O estabelecimento de que a instituição escolar vem sendo atualizada pela cultura escolar, convence-nos a pensar a cultura escolar como o campo mais vasto da cultura, cultura essa, cujo produto fundante é provindo de toda a interação dos elementos imersos nas práticas pedagógicas, nos documentos, na materialidade, enfim, em tudo que está disposto na instituição escolar, e que possa revelar aos olhos do pesquisador a vida da escola.

Raciocina-se, portanto, que é possível a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, durante o recorte temporal (1982-2002), ter construído, ou até mesmo resistido na manutenção de uma cultura escolar voltada para a formação técnica de 2º grau, destinada a abastecer o mercado de trabalho no estado do Rio Grande do Norte, especialmente na capital potiguar, estabelecendo-se como referência de educação profissional na rede estadual de ensino.

Sendo assim, analisa-se a seguir algumas fontes documentais escritas, encontradas no arquivo da escola, verificando nelas os elementos promotores para afirmação, de que, essa instituição *lócus* de pesquisa possuía uma cultura escolar própria ou específica, e que passou por fases de resistência, de enfraquecimento até chegar ao ponto da extinção da oferta de cursos técnicos profissionalizantes.

4.2 CULTURA ESCOLAR DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA

Os indícios expostos por Costa (2017) expressaram que existiu elementos específicos, historicamente construídos, que permitem sinalizar que a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002) empreendia uma cultura escolar própria, alicerçadas na pedagogia tecnicista, na abordagem psicológica do behaviorismo, do capital humano e da preconização da Lei Nº 5.692/71, elementos estruturantes que se especificam a seguir:

4.2.1 O Tecnicismo e o Behaviorismo

As ideias da corrente tecnicista de educação devotam-se de uma tendência pedagógica que emerge “[...] a partir da tentativa de inserir a escola no modelo de

racionalização e produtividade típicas do sistema de produção capitalista. Utiliza procedimentos do taylorismo²⁴ e do behaviorismo”. (ARANHA, 1989, p. 206).

O mecanicismo e a racionalização, características da corrente pedagógica do tecnicismo, têm suas influências na Teoria Comportamental do psicólogo Skinner²⁵ (1972). Na Teoria Skinneriana, as práticas pedagógicas do tecnicismo são fortalecidas, pois os currículos, os materiais e as técnicas didáticas são aprimoradas, a fim de garantir uma aprendizagem eficiente, como adverte Skinner (1972).

Skinner (1972), ao teorizar sobre a forma eficaz de ensino, argumenta que as práticas educativas necessitam ser revisadas e melhoradas. Para tanto, ele sugeriu o uso da tecnologia, como por exemplo, as “máquinas de ensinar”, que, nesse caso, condicionaria o aluno a testar sua cognição (inteligência) e os dados (informações) recebidos pelo professor no espaço da sala de aula, bem como, ensiná-los. A máquina de ensinar apresenta-se como exemplo prático dessa concepção.

Para a teoria do condicionamento de Skinner (1972), o ensino era visto como um processo de condicionamento, feito por meio de reforço dos estímulos e das respostas que se desejava obter. Dessa maneira, compreende-se que os sistemas de instrução visavam o pleno controle do comportamento individual, face aos objetivos preestabelecidos.

Esse processo de condicionamento do comportamento do indivíduo, durante o ensino, trata-se de um enfoque diretivo, sobre tudo, aquilo que se quer ensinar, inclusive, existe um enfoque diretivo do ensino, centrado no controle das condições que cercam o organismo que se comporta.

A teoria do condicionamento, também conhecida, pelo nome de behaviorismo skinneriano, estuda o comportamento de forma científica, tratando este

²⁴ Método científico de racionalização da produção, desenvolvido por Frederick Taylor, visando aumentar a produtividade, economizando tempo, suprimindo gestos desnecessários e comportamentos supérfluos no interior do processo produtivo. O processo de trabalho parcelado acentua a dicotomia entre concepção e a execução do trabalho como afirma Aranha (1989, p.206).

²⁵ Segundo Borges et al (2020) Burrhus Frederic Skinner nasceu em 20 de março de 1904, em Susquehana na Pensilvânia. Formou-se em língua inglesa na Universidade de Nova York, desenvolveu atividades como escritor, não obtendo êxito. Fez algumas leituras das pesquisas de Watson e Pavlov, interessando-se pelos estudos científicos desses intelectuais. Em 1928 ingressou no mestrado de Psicologia em Harvard e concluiu o doutorado em 1931. Skinner ainda realizou vários pós-doutorado e trabalhou como docente nas Universidades de Minnesota (1936-1945) e Indiana (1945-1947), foi casado com Yvonne Blue com quem teve dois filhos. Em 1948 foi convidado para lecionar em Harvard, onde ficou até o fim da vida, nessa universidade ele desenvolveu uma vasta produção científica, inclusive nos seus últimos anos de vida, Skinner construiu no porão de sua casa a “Caixa de Skinner” espécie de ambiente controlado que propiciava o reforço positivo. No ano de 1990, Skinner morre vítima leucemia em Massachusetts.

comportamento aprendido como uma resposta a estímulos externos, controlados por meio de reforços, que ocorrem com a resposta ou após a mesma: "se a ocorrência de um comportamento operante é seguida pela apresentação de um estímulo (reforçador), a probabilidade de reforçamento é aumentada", como adverte o próprio Skinner (1972).

Segundo Osterman e Cavalcanti (2010, p.13), na teoria do behaviorismo skinneriano, o método de ensino agregava:

[...] procedimentos e técnicas necessários ao arranjo e controle das condições ambientais que asseguram a transmissão/recepção de informações. O professor deve, primeiramente, modelar respostas apropriadas aos objetivos instrucionais e, acima de tudo, conseguir o comportamento adequado pelo controle do ensino (através da tecnologia educacional). As etapas básicas de um processo de ensino aprendizagem na perspectiva skinneriana são:

- a) Estabelecimento de comportamentos terminais, através de objetivos instrucionais;
- b) Análise da tarefa de aprendizagem, a fim de ordenar sequencialmente os passos da instrução;
- c) Executar o programa, reforçando gradualmente as respostas corretas correspondentes aos objetivos.

A citação de Osterman e Cavalcanti (2010) permite refletir que a teoria comportamental de Skinner (1972) influenciou bastante o tecnicismo brasileiro, pois essa teoria, dita, inclusive, boa parte do manejo pedagógico empreendidos na cultura de algumas escolas técnicas profissionalizantes de 2º grau, não se preocupando com a pessoa (o estudante), nem com a qualidade da aprendizagem do mesmo.

Na tendência de ensino tecnicista:

Não havia, portanto, uma preocupação com os diferentes ritmos de aprendizagens dos alunos. A ênfase estava na variação do tempo que cada um passava para adquirir o conhecimento, o que correspondia, por conseguinte, a uma preocupação com a variação comportamental do aluno (FAHEINA, 2011, p.95).

Compreende-se que, na tendência tecnicista ou no tecnicismo, a ordem era a instrução programada, tendo o professor uma posição secundária. Este é reduzido a um mero instrutor, cabendo a ele executar o plano de instrução, surgido a partir de situações problemas e objetivos mensuráveis. Nessa perspectiva, cabe ainda ao professor/instrutor treinar o estudante para observar, ouvir, ler, redigir, raciocinar e

memorizar, mas, na verdade, “[...] o que importa é aprender a fazer” (SAVIANI, 2013, p. 383).

Será que esse aprender a fazer, apontado por Saviani (2013), quando discorre sobre o tecnicismo, faz com que o filho da classe-que-vive-do-trabalho pense sobre a sua condição de cidadão social, inserido no espaço escolar e ainda seja capaz de transformar esse espaço? Parece-nos que esse “fazer” é apenas uma forma de “treinamento” com fins a execução de uma profissão técnica, cuja intenção era produzir trabalhadores para atender as demandas do mercado em pleno desenvolvimento econômico, fruto da repercussão da Lei Nº. 5.692/71, e das políticas militares, que mesmo sendo gestadas até 1982, germinaram-se até 2002, influenciando a perpetuação da cultura escolar do tecnicismo nas práticas organizadas no interior da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

4.2.2 A Teoria do Capital Humano, a Lei nº. 5.692/1971 e o Ensino Técnico Profissionalizante de 2º grau

Mesmo sendo obrigatória a aplicação da Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, a mesma sofreu resistência por parte de alguns estabelecimentos de ensino de 2º Grau, principalmente, das escolas privadas²⁶. As pesquisas teorizadas por Germano (2011) apontaram a dificuldade de implantação por completo, dessa normativa nas escolas públicas, como por exemplo, a falta de infraestrutura e orientação pedagógica sobre a proposta. Essa ação das escolas públicas de 2º Grau deu-se em:

Primeiro lugar, porque a concepção curricular que emanava da Lei empobrecia a formação geral do estudante em favor de uma profissionalização instrumental para o “mercado de trabalho”, sob a alegação da importância da relação entre teoria e prática para a formação integral do cidadão. (BRASIL, 2007, p.15).

O discurso destacado na citação demonstra que, a Lei nº. 5.692/71 apresentava, em seu texto, a intenção de integrar teoria e prática com o objetivo de

²⁶ Para essa afirmação ampara-se nas ideias de Germano (2011, p. 190) quando diz que a reforma educacional do regime militar foi perversa com o ensino de 2º grau público, pois destruiu o seu caráter propedêutico destinado a preparar para o ensino superior, tornando ainda mais elitizado o acesso às universidades públicas, e ao mesmo tempo fracassando no ensino profissionalizante.

formar o cidadão de maneira integral. O que diz essa legislação sobre esse tipo de formação educacional? A Lei Nº 5.692/71 adverte em seu artigo 1º, que:

O ensino de 1º e 2º Graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania. (BRASIL, 1971, p.1).

Percebe-se que o texto da Lei Nº 5.692/71 propõe a prescrição, a superação da dualidade entre duas escolas: a que preparava para a vida e a que treinava para o campo do trabalho. Conforme essa legislação, havia condições concretas para ocorrer a união do trabalho intelectual (ciência, tecnologia e humanidades) com o trabalho manual, atendendo ao que indicou Gramsci, quando falava da escola única? É possível responder a esse questionamento dizendo que não havendo mais uma escola de habilitação comercial, agrícola ou normal, a escola de 2º grau alargou as possibilidades de habilitação de técnicos, sob a crença do “milagre brasileiro”²⁷, sob o cerne das políticas desenvolvimentistas do governo civil-militar. (GERMANO, 2011).

Estamos diante de uma contradição. Bremer e Kuenzer (2012) advertem sobre o perigo da escola unidirecional, que prepara apenas para o mercado de trabalho e, especificamente, para o operariado nas indústrias:

Não queremos preparar mão-de-obra para a indústria. Queremos preparar o homem. O homem é mente e mãos: portanto se não educo com as mãos ele fica aleijado. É nesse sentido que nossas gerações estão saindo da escola todas intelectualistas. Vários fatores da inteligência não se desenvolvem se estiolam porque não (são) cultivados em idade própria, de 14 a 18 anos. Era este o sentido da educação para o trabalho. (BREMER; KUENZER, 2012, p.5).

²⁷ O milagre brasileiro ocorreu durante os anos de 1967 a 1973. Nesse período o Brasil alcançou taxas médias de crescimento muito elevadas e sem precedentes, que decorreram em parte da política econômica então implementada principalmente sob a direção do Ministro da Fazenda Antônio Delfim Neto, mas também de uma conjuntura econômica internacional muito favorável. Esse período (e por vezes de forma mais restrita os anos 1968-1973) passou a ser conhecido como o do “milagre econômico brasileiro”, uma terminologia anteriormente aplicada a fases de rápido crescimento econômico no Japão e em outros países. Esse “milagre econômico” foi também, em certa medida, o desdobramento de diagnósticos e políticas adotados entre 1964 e 1966 por Otávio Gouveia de Bulhões e Roberto de Oliveira Campos, respectivamente ministros da Fazenda e do Planejamento do governo Castelo Branco, e consubstanciados no Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG). Texto disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/milagre-economico-brasileiro>. Acesso em: 31 de out. 2022.

Lendo as ideias de Bremer e Kuenzer (2012), fica evidente, que a Lei Nº. 5.692/71 confirma uma certa contradição, pois o ensino técnico profissionalizante de 2º grau intencionava formar o cidadão para o trabalho e para exercer sua cidadania, mas, na prática, motivou o “treinamento de estudantes”, com vistas ao mercado de trabalho (FRIGOTTO, 2010, p. 38).

Nesse sentido, reitera-se que os alunos do ensino técnico profissionalizante provinham, em sua maioria, das classes populares e eram vistos como operários em formação para acrescer um exército de reserva, sendo estes caracterizados por Marx (1868), como um grupo de trabalhadores que vende sua força de trabalho aos donos dos meios de produção, transformando-as em mercadorias e, conseqüentemente, gerando a mais-valia.

Nas palavras de Faria Filho (2001):

A teoria da mais-valia é um dos aspectos mais importantes da teoria marxista do valor. É consensual que a mais-valia é aquela parte do valor adicionado no período que é apropriada pela classe capitalista; em outras palavras, ela é a diferença entre o valor produzido pelos trabalhadores e o valor da força de trabalho. (FARIA FILHO, 2001, p. 27).

Observando a teoria de Marx (1868), percebe-se que o capital não se limita apenas a ser reproduzido, pelo contrário, ele está continuamente se multiplicando e se ampliando. O capital possui um poder sobre a classe trabalhadora (proletariado), ou seja, aqueles privados de propriedade. E, enquanto se germina em proporções cada vez maiores, o modo de produção capitalista moderno reproduz assim mesmo, em grande escala, um número sempre crescente, de operários privados de propriedade e violentamente explorados na venda-compra da força de trabalho.

A esse respeito, Marx (1868, p.1) esclarece-nos que:

A acumulação do capital não faz mais que reproduzir as relações do capital numa escala mais alargada, com mais capitalistas ou mais grandes capitalistas por um lado, mais assalariados por outro... A acumulação do capital é, então, ao mesmo tempo, aumento do proletariado.

Sobre tal lógica, Marx (1868) explicou, que para se produzir uma mesma quantia de produtos, serão necessários cada vez menos operários, isso, graças ao desenvolvimento da máquina e a modernização no campo da agricultura. A questão é que houve um aperfeiçoamento nas indústrias, com a chegada das máquinas, e

com o processo de produção de mercadorias, pois se produzia cada vez mais e em menos tempo. Sendo assim, o desenvolvimento da indústria impulsionou e ocasionou um excedente de trabalhadores. Logo, se questiona: O que se fará com o excedente de operários? Cria-se um exército de reserva?

Formar um exército de reserva para a indústria traduz-se para os donos do capital como uma garantia, de que, durante os momentos de fragilidade da produção de mercadorias, podem-se pagar baixos valores pelo trabalho e negar os direitos da classe trabalhadora. Para tanto, se confirma em Marx (1868, p.1) que:

Quanto mais a riqueza social crescer... mais numerosa é a sobrepopulação comparativamente ao exército de reserva industrial. Quanto mais este exército de reserva aumenta comparativamente ao exército ativo do trabalho e mais massiva é a sobrepopulação permanente, mais estas camadas compartilham a sorte de Lázaro e quanto o exército de reserva é mais crescente, mais grande é a pauperização oficial. Esta é a lei geral, absoluta da acumulação capitalista.

Desse modo, a qualificação do filho da classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2009), no contexto da Lei Nº 5.692/71, conforme o ideal do ensino técnico profissionalizante de 2º Grau, com intenção de acrescer um exército de reserva para o mercado brasileiro, reforça ainda mais, a máxima de que o governo, nesse período histórico, não estava preocupado com a formação sólida do cidadão, até porque, o trabalho era destinado para os filhos dos trabalhadores e o ensino técnico profissionalizante tinha uma intenção de terminalidade, ou seja, não queria formar a classe trabalhadora para a continuidade dos estudos no nível superior, a intenção, na verdade, era contribuir cada vez mais para a manutenção da dualidade da escola.

Os argumentos trazidos até o momento nesse escrito demonstram que a cultura do ensino técnico profissionalizante no Brasil, em especial, na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, desde 1982 até 2002, é de uma cultura escolar para o trabalho, com foco na técnica, influenciada pelas ideias da pedagogia tecnicista.

Nesse sentido, pode-se dizer que o:

[...] tecnicismo, reduzia a ação educativa a uma questão técnica, vislumbrando o pleno ajustamento dos propósitos educativos aos pré-requisitos de uma atividade ou ocupação para o mercado de trabalho,

reduzindo a educação a um mero instrumento de treinamento. (COSTA, 2017, p.42).

Com as ideias de Costa (2017) entende-se que no tecnicismo, o fazer pedagógico aglutinaram conhecimentos vinculados ao mercado de trabalho e negavam os fundamentos da vida cidadã, ou seja, não potencializaram os sujeitos para emancipação das classes populares, tornando-os autores da sua própria história, uma história de lutas e conquistas sociais, dando continuidade a uma cultura escolar do ensino técnico profissionalizante, cuja gênese ocorreu durante os anos 1960 e se consolidou durante a década de 1970 no cenário educacional brasileiro.

A cultura escolar do ensino técnico profissionalizante empreendido nos citados anos acima, foi fundamentada, também, na teoria do capital humano²⁸, cuja ideia principal, era de educação, como forma de investimento, sendo esse investimento realizado pelo próprio trabalhador.

Essa aquisição só depende do indivíduo, que, para tanto, é preciso investir em escolaridade, treinamento e produzir cada vez mais para que, em pouco tempo, reivindique por aumentos no salário e promoção na carreira. (COSTA, 2017, p.27).

Abordar sobre os planos de carreira profissional desses trabalhadores é também um ponto importante na cultura escolar desse tipo de ensino problematizado nessa pesquisa, pois somente o programa ou o currículo do ensino técnico profissionalizante não eram suficientes para o ingresso e permanência dos trabalhadores no mercado. Passou a ser exigido o desenvolvimento, cada vez mais, de um conjunto de competências e habilidades, para que, desse modo, fossem capazes de concorrerem aos novos postos de trabalho, possibilitando alguma promoção e conseqüentemente aumento de salários.

As exigências aos trabalhadores, advindas por parte do mercado de trabalho para conseguirem empregos, se recolocarem e se promoverem, estava enraizada na ideologia da meritocracia, cuja definição é entendida “[...] como um sistema social de recompensa, em que o sucesso de um indivíduo ou grupo depende de habilidade, talento e esforço. (RAMOS; FARIA, 2015, p.63). Observa-se nessa ideia de meritocracia que os fatores promotores de sucesso na busca do mérito são de

²⁸ A teoria do capital humano foi desenvolvida na década de 1960 e teve como principal formulador Theodore W. Schultz, como afirma Santos (2008, p.20).

ordem interna (subjéitiva), ou seja, estão dentro do indivíduo, sendo assim, indaga-se: Onde estão os fatores externos que também impactam no sucesso ou insucesso do trabalhador?

Para conversar acerca da meritocracia, em uma perspectiva contra hegemônica, apresenta-se os argumentos de Marx (2013), Mézсарos (2004) e Braverman (1987), que discutiam a meritocracia sob o prisma da divisão social do trabalho. Essa divisão do trabalho também pode ser vista na divisão hierárquica do trabalho nas empresas, que estruturam suas relações de poder e de processos de dominação, como afirmam os dois últimos teóricos citados.

Seguindo a lógica de Braverman (1987), a divisão social do trabalho é um processo que acontece em todas as organizações sociais, sendo esta um elemento instaurador desse processo. Logo, Braverman (1987) coloca a necessidade da divisão social do trabalho como condição a providência das condições materiais de existência da sociedade. Por outro lado, a divisão manufatureira do trabalho, representa a fragmentação e descaracterização do trabalho, ou melhor, a desqualificação do trabalho, como adverte Penteado (2020).

Conforme Penteado (2020), esses pontos negativos da divisão social do trabalho deixa o trabalhador refém, alienado e sujeito apenas a venda de sua força de trabalho, uma vez que, o trabalhador não detém mais a totalidade do conhecimento. Nas ideias de Penteado (2020, p.52), “a divisão manufatureira do trabalho opera através de um ideário que pode ter relação com a meritocracia, e que fazem parte de um ideário mais amplo, correspondente ao que Ramos e Faria (2015) chamaram de ideologia do individualismo”.

A ideologia do individualismo “ao se definir como meritocracia, a organização moderna deseja mostrar uma igualdade de oportunidades, e enfatizar uma ideologia – a meritocracia – que privilegia o esforço individual”. (HELAL, 2007, p.404). Assim, compreende-se que:

[...] a diferenciação da meritocracia como simples ideário ou como ideologia não é coerente, pois as ideologias operam através de racionalizações que quando analisadas em sua superficialidade imediata, apresentam coerência e possibilidade de aplicabilidade, assim como um sistema coerente de ideias, mas que não consegue ocultar suas contradições frente a uma análise crítica aprofundada. (PENTEADO, 2020, p.53).

Assimila-se que a ideologia da meritocracia caminha pelo curso da contradição, causando no sujeito uma sensação de que o único culpado pelo sucesso ou insucesso profissional é motivado por ele, sendo que historicamente, a educação brasileira tem sua gênese na dualidade, oferecendo aos filhos dos trabalhadores oportunidades limitadas, argumento justificado por Giddens (1979). Esse mesmo autor indica a possibilidade de a meritocracia compor uma ideologia, quando esta serve como harmonizadora das contradições, confirmando, assim, a estratificação social e beneficiando os privilégios de uma pequena parcela da sociedade em detrimento de uma grande parte.

Um exemplo clássico de ensino referendado historicamente na dualidade, cujo currículo tecia culturalmente um lugar no mercado de trabalho, baseado na lógica das “grades curriculares” das disciplinas ofertadas pelas habilitações do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, dos cursos de Assistente em Administração e Contabilidade, da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, espelhados no conjunto de disciplinas, é melhor explicitado nas imagens da parte dos versos²⁹ dos históricos escolares (figuras 4 a 9), a seguir:

²⁹ Decidiu-se utilizar apenas os versos dos históricos escolares, visto que a parte da frente continha informações pessoais dos agentes-sujeitos, e este pesquisador não detinha a autorização em documento para expor, no entanto, destaca-se que a parte dos versos cumpri os objetivos da análise.

Figura 4 – Histórico Escolar do Técnico em Contabilidade (1980)

DISCIPLINAS		EDUCAÇÃO GERAL																							FORMAÇÃO ESPECIAL												RESULTADO FINAL
SÉRIE	CH	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	SUBTOTAL	TOTAL GERAL	ESTAGIO	RESULTADO FINAL								
1ª		77			77																					78				78							
2ª			72		72																																
3ª				72	72																																
CH TOTAL		77	72	72	221																					221	690										

Art. 7º Lei nº 5692/71

Localidade e data de Expedição: Natal, 27-01-03

Secretária(a): Francineide Fernandes de Queiroz

Secretaria de Ensino: Leticia Maria Abilio Oliveira

Dirigente(a): [assinatura], Aut. 025193

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

Figura 5 – Histórico Escolar do Técnico em Contabilidade (1980)

DISCIPLINAS		EDUCAÇÃO GERAL																							FORMAÇÃO ESPECIAL												RESULTADO FINAL
SÉRIE	CH	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	1ª	2ª	3ª	CH TOTAL	SUBTOTAL	TOTAL GERAL	ESTAGIO	RESULTADO FINAL								
1ª		66	33	48	147																																
2ª			46		46																																
3ª				54	54																																
CH TOTAL		66	46	54	166																					166	695										

Art. 7º Lei nº 5692/71

Localidade e data de Expedição: Natal, 30 de outubro de 1980

Secretária(a): ERENICE MARIA DE SOUZA

Dirigente(a): Evânio Mano Domício de Souza

Observações: DISPENSADO DE EDUC. FISICA, DE ACORDO COM A ALÍNEA 'A' DO ART. 1º DA LEI 6.503 DE 13.12.77. O REFERIDO ALUNO NÃO OPTOU PELO ENSINO RELIGIOSO.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

Figura 6 – Histórico Escolar do Técnico em Contabilidade (1990)

DISCIPLINAS		EDUCAÇÃO GERAL										FORMAÇÃO ESPECIAL										RESULTADO FINAL			
SÉRIE	TURMA	EDUCAÇÃO GERAL										FORMAÇÃO ESPECIAL										SUBTOTAL	TOTAL GERAL	ESTAGIO	RESULTADO FINAL
		EDUCAÇÃO GERAL										FORMAÇÃO ESPECIAL													
1ª																									
2ª																									
3ª																									
CH TOTAL		325										543										1476	2.799		APROVADA

ANO	SÉRIE	TURMA	ESTABELECIMENTO DE ENSINO E LOCALIDADE
95	1ª	0	E.E. Profº Anísio Teixeira - Natal - RN
96	2ª	11	E.E. Profº Anísio Teixeira - Natal - RN
97	3ª	01	E.E. Profº Anísio Teixeira - Natal - RN

Observações: Dispensado de Ed. Física de acordo com o alínea D do art. 1º da Lei nº. 7011 de 20 de Dezembro de 1988.

Natal, 07-02-03
Localidade e data de Expedição

Françoise de Queiroz
Secretária Adj. 025/98
M. Maria Santos Oliveira
Secretária Escolar
R. 122 - 44-550

M. M. M. M.
Diretora
Reg. MEC - LP 497/84

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

Figura 7 – Histórico Escolar do Técnico em Contabilidade (2000)

DISCIPLINAS		EDUCAÇÃO GERAL										FORMAÇÃO ESPECIAL										RESULTADO FINAL			
SÉRIE	TURMA	EDUCAÇÃO GERAL										FORMAÇÃO ESPECIAL										SUBTOTAL	TOTAL GERAL	ESTAGIO	RESULTADO FINAL
		EDUCAÇÃO GERAL										FORMAÇÃO ESPECIAL													
1ª																									
2ª																									
3ª																									
CH TOTAL		481										1.676										3.160	3.160		APROVADA

ANO	SÉRIE	TURMA	ESTABELECIMENTO DE ENSINO E LOCALIDADE
98	1ª	1	E.E. Profº Anísio Teixeira - Natal - RN
99	2ª	1	E.E. Profº Anísio Teixeira - Natal - RN
00	3ª	1	E.E. Profº Anísio Teixeira - Natal - RN

Observações:

Natal - RN, 11 de setembro de 2003
Localidade e data de Expedição

Demonísia Maria Fontes de Souza
Secretária Adj. 103.760-8

Diretora

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

Nos históricos, pode-se observar a divisão entre as áreas da Formação Geral, que elencava as disciplinas propedêuticas e o quadro de Formação Especial, com o conjunto das disciplinas técnicas. Percebe-se na figura 4, do histórico do curso técnico em contabilidade, o registro da disciplina de O.S.P.B (Organização Social e Política Brasileira), já na figura 6, do histórico dessa mesma habilitação, correspondente aos anos de 1995, 1996 e 1997, desaparece a disciplina de O.S.P.B, E.M.C (Educação Moral e Cívica)³⁰ e Programa de Saúde.

Outro dado relevante na análise desses documentos, foram as disciplinas de Mecanografia e Processamento de Dados, dispostas na grade curricular do curso técnico em Assistente de Administração, como uma só disciplina, e na habilitação do técnico em Contabilidade estavam separadas, ou seja, trata-se de duas disciplinas distintas e com cargas horárias diferentes.

Percebe-se ainda, conforme os documentos em análise, que as disciplinas da formação especial com maiores cargas horárias no curso de técnico em Contabilidade era a Mecanografia, e Contabilidade e Custos. Quanto ao curso de técnico de Assistente em Administração, eram as disciplinas de Administração e Controle, e Contabilidade e Custos, seguida da Economia e Mercado.

Examinando os históricos escolares espelhados, observa-se que o núcleo de disciplinas de formação específica é menor em relação ao núcleo de formação geral, no entanto, a carga horária final do curso técnico em Contabilidade, referente aos anos de 1980, totalizava 2.514 horas, diferindo da totalização das horas finais do histórico da mesma habilitação profissionalizante do período de 1995 a 1997, correspondente a 2.799 horas, mesmo com ausência das disciplinas O.S.P.B e E.M.C, pois a primeira somava 36 horas e a segunda 72 horas.

Já no curso técnico de Assistente em Administração, a carga horária especial dos anos de 1982 a 1984, correspondia 1.367 horas, vindo a aumentar nos anos de 1991 a 1993 para 1.584 horas, depois desse acréscimo, no período de 1995 a 1997, diminuiu para 1.505 horas, chegando ao total de 1.478 horas na grade referente aos anos 2000. Divergindo do curso técnico em Contabilidade, as disciplinas de O.S.P.B possuía 37 horas e E.M.C apenas 41 horas. Já nos anos de 1995 a 2000, essas

³⁰ As disciplinas de O.S.P.B e E.M.C são excluídas das grades curriculares por força da Lei Nº 8.663, de 14 de junho de 1993, revogando o Decreto Lei Nº 869, de 12 de dezembro de 1969. Dados disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1989_1994/L8663.htm#art1. Acesso em: 02 de nov. 2022.

disciplinas são extintas do currículo, conforme consta nos históricos escolares das figuras 8 e 9.

Além do histórico escolar, o certificado de conclusão de curso (figuras 10, 11 e 12)³¹ era outro documento de extrema significação para o estudante, assumindo a representação de capital cultural. Os diplomas de um curso técnico representavam a esperança de uma colocação no mercado de trabalho, e no caso da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, era o segundo passo³² para ser contratado por um banco privado e grandes redes de lojas comerciais e escritórios da cidade do Natal, como relataram os agentes (Diretores e Professores), entrevistados por Costa (2017), e narrados nas vídeos histórias analisadas na seção 5.

Figura 10 – Certificado Escolar do Assistente em Administração (1982)

DISCIPLINA E CARGA HORÁRIA		TOTAL DE HORAS	CURSO ANTERIOR E ANO DE CONCLUSÃO	REGISTRO
CURSO <u>ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO</u>			<u>4º GRAU - 1981</u>	
BASE NACIONAL COMUM	<u>PORTUGUESA</u>		ESTABELECIMENTO	
	<u>INGLÊS</u>		<u>INSTITUTO SAGRAM FAMILIA</u>	
	<u>HISTÓRIA</u>		LOCALIDADE E UNIDADE DE FEDERAÇÃO	
	<u>GEOMETRIA</u>		<u>NATAL - RN</u>	
	<u>FÍSICA</u>		OUTRAS HABILITAÇÕES:	
	<u>QUÍMICA</u>			
	<u>BIOLOGIA</u>			
	<u>DESenho</u>			
	<u>MATEMÁTICA</u>			
	<u>EDUCACIONAL</u>			
TOTAL DA BASE NACIONAL COMUM		<u>1.486</u>		
PROFISSIONALIZANTE	<u>MATEMÁTICA FINANCEIRA</u>		OBSERVAÇÕES:	ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE Secretaria de Ensino, da Educação e da Cultura Coordenadoria de Gerenciamento Escolar Subcoordenadoria de Organização e Inovação Escolar Nº Registro de Matrícula do Curso: <u>22</u> Natal, RN, de <u>1982</u> de <u>1982</u> Responsável pelo Curso de Registro Escolar: <u>Maria Antônia de Sá</u> Subcoordenadora Maria Antônia de Sá Subcoordenadora - SOROP SEC - EN
	<u>ORG. TEC. COMERCIAL</u>			
	<u>COST. E CUSTOS</u>			
	<u>ADM. E CONTÁBIL.</u>			
	<u>ADM. PESSOAL</u>			
	<u>DIR. E LEGISLAÇÃO</u>			
	<u>PROCESSAMENTO DE DADOS</u>			
	<u>ECONOMIA E MERCADO</u>			
	<u>ESTATÍSTICA</u>			
	<u>REDAÇÃO E EXPRESSÃO</u>			
TOTAL DO PROFISSIONALIZANTE		<u>3.367</u>		
ESTÁGIO SUPERVISIONADO				
TOTAL GERAL		<u>2.883</u>		

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

³¹ A escolha em usar apenas os versos dos certificados escolares foi aplicada também no espelhamento desses documentos, uma vez que a parte da frente continha informações pessoais dos agentes-sujeitos, e este pesquisador não detinha a autorização em documento para expor, no entanto, destaca-se que a parte dos versos cumpriu os objetivos da análise.

³² Segundo escriturários das vozes escritas por Costa (2017), o primeiro passo do estudante que se formava nos cursos técnicos nas habilitações de Assistente em Administração e Técnico em Contabilidade eram os estágios, provindos de convênios entre a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira com as empresas, lojas, escritórios e bancos.

Figura 11 – Certificado Escolar do Assistente em Administração (1990)

DISCIPLINAS E CARGA HORÁRIA	TOTAL DE HORAS	1º Grau - 1990	REGISTRO
CURSO <i>Assist. em Administração</i>		CURSO ANTERIOR E ANO DE CONCLUSÃO <i>Esc. Est. Padre Monte</i>	
		ESTABELECIMENTO <i>Natal - RN</i>	
		LOCALIDADES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	
<i>L. Portuguesa</i>	<i>363</i>	OUTRAS HABILITAÇÕES:	
<i>Inglês</i>	<i>78</i>		
<i>Geografia</i>	<i>78</i>		
<i>Mat. O.P.B.</i>	<i>135</i>		
<i>Matemática</i>	<i>242</i>		
<i>Física</i>	<i>78</i>		
<i>Química</i>	<i>80</i>		
<i>Biologia - P. Saúde</i>	<i>120</i>		
<i>Literatura</i>	<i>79</i>		
<i>Os. P.B.</i>	<i>37</i>		
<i>Educ. M. Cívica</i>	<i>41</i>		
<i>Educ. Física</i>	<i>134</i>		
<i>Educ. Artística</i>	<i>38</i>		
TOTAL DE EDUCAÇÃO GERAL	1523	OBSERVAÇÕES:	
<i>Ativ. e Expressões</i>	<i>84</i>		
<i>Administ. Control.</i>	<i>427</i>		
<i>Mat. Financeira</i>	<i>41</i>		
<i>Psicologia</i>	<i>78</i>		
<i>McC. P. Dados</i>	<i>241</i>		
<i>Contab. e Custos</i>	<i>268</i>		
<i>Economia e Mercad.</i>	<i>189</i>		
<i>D. Estatísticas</i>	<i>152</i>		
<i>Estatística</i>	<i>108</i>		
TOTAL DE FORMAÇÃO ESPECIAL	1584		
ESTÁGIO SUPERVISIONADO			
TOTAL GERAL	3107		

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

Figura 12 – Certificado Escolar do Assistente em Administração (2000)

DISCIPLINAS E CARGA HORÁRIA	TOTAL DE HORAS	1º Grau - 1994	REGISTRO
CURSO <i>Assistente em Administração</i>		CURSO ANTERIOR E ANO DE CONCLUSÃO <i>Esc. Est. Padre Monte</i>	SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA Coordenadoria de Apoio ao Ensino Subcoordenadoria de Inspeção Escolar Nº 46.265 / RN Registrado às fls. 141 do Livro 79 Natal/RN, 11 de Fevereiro de 2002 Souto Gomes Bezerra Coordenador do Curso de Registro Escolar Mame Teresinha da Silva Subcoordenadora
		ESTABELECIMENTO <i>Natal - RN</i>	
		LOCALIDADES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	
<i>Língua Portuguesa</i>	<i>406</i>	OUTRAS HABILITAÇÕES:	
<i>Inglês</i>	<i>84</i>		
<i>Geografia</i>	<i>86</i>		
<i>Matemática</i>	<i>305</i>		
<i>Física</i>	<i>80</i>		
<i>Química</i>	<i>80</i>		
<i>Biologia e Programa de Saúde</i>	<i>89</i>		
<i>Desenho</i>	<i>44</i>		
<i>História</i>	<i>82</i>		
<i>Literatura</i>	<i>84</i>		
<i>Educação Física</i>	<i>D</i>		
<i>Educação Artística</i>	<i>123</i>		
TOTAL DE EDUCAÇÃO GERAL	1541	OBSERVAÇÕES:	
<i>Administração e Controle</i>	<i>397</i>	<i>Reserva:</i>	
<i>Mecanografia e Processamentos de dados</i>	<i>246</i>	<i>Documento expedido conforme Portaria nº 259/84 da C.E. de 1º e 2º Graus de 19.12.84 da C.E.E.</i>	
<i>Contabilidade e Custos</i>	<i>282</i>	<i>Dispensado de Educação Física de acordo com alínea "A" do art. 1º da Lei nº 7.692 de 20.12.88.</i>	
<i>Direito e Legislação</i>	<i>160</i>	<i>Não optou pelo ensino Religioso.</i>	
<i>Psicologia</i>	<i>46</i>		
<i>Economia e Mercado</i>	<i>196</i>		
<i>Estatística</i>	<i>121</i>		
TOTAL DE FORMAÇÃO ESPECIAL	1478		
ESTÁGIO SUPERVISIONADO			
TOTAL GERAL	3019		

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

No espaço das observações do certificado dos anos 2000, aponta-se como referência o Parecer nº. 259/84 da Conselho Estadual de Educação (C.E.E). O que ele diz, visto que, o “documento foi expedido conforme” o referido parecer? Em busca dessa resposta, manteve-se contato pessoal com a Subcoordenadoria de Organização e Inspeção Escolar (SOINSPE), na SEEC-RN, mas segundo a chefe do órgão Vanda Maria Pereira da Silva não constava esse parecer nos arquivos.

Não dado por satisfeito, consegui o contato do Professor Levi Correia de Lima, atual Secretário Geral do (C.E.E) do Rio Grande do Norte. Em conversas com ele, via telefone celular, em 19 de abril de 2022, com nova ligação em 22 do mesmo mês e ano, o mesmo alegava a ausência desse parecer nos documentos do (C.E.E), advertindo hipoteticamente ter sido uma anotação equivocada durante a realização da emissão do certificado.

Ainda incomodado com esse dado exposto na escrituração do certificado, e sem respostas, seguiu-se para visitar o arquivo da instituição Professor Anísio Teixeira, no dia 18 de maio de 2022, e em interlocução com o Diretor Professor Francisco Neres Viana e com a Secretária Geral Albertina Monteiro, ambos não souberam explicar o parecer, afirmando não constar nenhum documento tratando desse dado, sendo assim, permanece essa lacuna no documento.

Em suma, as seis figuras dos documentos demonstram que o currículo da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira era organizado em três anos de curso, sendo o primeiro ano ofertados as disciplinas da base geral, comum a todas as habilitações técnicas, nos outros dois anos, os estudantes cursavam, as disciplinas da base especial (técnicas), voltadas a atender ao mercado de trabalho, limitando o filho do trabalhador a seguir nos estudos do nível superior.

Nota-se nesses documentos, desde os anos de 1980 até os anos 2000, a ausência do estágio profissional, enquadrado no espaço destinado as disciplinas da base especial, ainda que fosse considerado prática profissional essencial. Na pesquisa de Costa (2017), a prática de estágio é evidenciada nas falas rememoradas dos professores e diretores dos anos de 1970 e início de 1980, porém nesses históricos e certificados escolares dos anos de 1980 a 2000, não constavam registros sobre o estágio. Qual o motivo dessa ausência? Teria sido reflexo da Lei Nº 7.044, de 18 de outubro de 1982? Teria sido o fracasso desse modelo de ensino e a fragmentação do currículo do ensino técnico profissionalizante de 2º grau? Os registros de estágios desse período estariam em quais documentos comprobatórios?

Essas provocações possibilitaram pensar que a Lei Nº 7.044/82 propunha, em sua essência, a eliminação da profissionalização obrigatória e da predominância da formação especial em prejuízo da educação geral, a nível de 2º grau. Em seu artigo 1º, substitui em relação aos objetivos da Lei anterior, Nº 5.692/71, a expressão “qualificação para o trabalho” por “preparação para o trabalho”, ocasionando, como consequência: os currículos não estariam mais obrigados a reservar a maior parte da carga horária para a profissionalização.

Ainda segundo o Parecer Nº. 618/82, do Conselho Federal de Educação, a Lei Nº 7.044/82, em sua essência, pretendia corrigir o excesso experimentado e denunciado pelos professores, que atuavam no ensino técnico profissionalizante, particularmente em seu artigo 5º e parágrafos, quando tratavam da universalidade da profissionalização obrigatória e a predominância da formação especial em prejuízo da educação geral, a nível de 2º grau.

Nota-se ainda nessa lei, a exclusão dos conceitos de educação geral e formação especial. Já o novo conceito de “preparação para o trabalho” – no Parecer 170/83 do Conselho Federal de Educação, significa um enfoque mais cultural e social a respeito do mundo do trabalho. Em resumo, torna a formação profissional optativa e o ensino de 2º grau volta a ter o seu caráter acadêmico. Contudo, a própria lei insiste que a escola deve preparar o jovem para o mundo do trabalho.

Retomando o raciocínio da ausência do estágio, como prática profissional, a partir dos anos 1980, aponta-se para uma flexibilização da cultura escolar do ensino técnico de 2º grau vivenciada com grande intensidade na instituição investigada, durante a década de 1970. A perpetuação da dimensão apenas conceitual do currículo, de alguma forma, comprometeu a formação dos sujeitos-estudantes nessa época, agregando, cada vez mais, um número maior de disciplinas da formação geral.

Fica claro nos documentos analisados (históricos escolares e certificados escolares), que nesse tipo de ensino, durante as primeiras décadas (1970/80), as disciplinas com maior ênfase são as de ordem técnica e instrumental, a base geral é menos valorizada, o que importava era a formação fragmentada, limitada, aligeirada e descontextualizada. Críticas foram realizadas a esse modelo de ensino, ressaltando-se que o mesmo não foi implementado na sua integralidade na rede pública de ensino e nem alcançou seu real objetivo, que era formar o homem para o trabalho e para a ciência, como regia a Lei Nº 5.692/71, que não concebia “pensar

num técnico que não tenha sólida formação científica é muito precário para o nível de desenvolvimento das forças produtivas que se avizinham”. (GERMANO, 2011, p.172).

Contraditoriamente, esse era o discurso propagado pelo modelo pedagógico tecnicista ou do tecnicismo alinhado a lógica do desenvolvimentismo apregoado pelos governos da ditadura militar brasileira. Diante desse contexto histórico, na qual se desenvolveu o ensino técnico profissionalizante de 2º grau, na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, postula-se a partir de Silva (2007), a visão de que, o conhecimento corporificado no currículo é um saber particular, sendo a seleção desses conhecimentos ou saberes contidos no currículo, um processo, em que se reflete os interesses particulares de quem comanda a sociedade, ou seja, das classes dominantes.

Se os conhecimentos são selecionados, logo é possível dizer que o currículo não é neutro, pelo contrário é comprometido por fatores sociais, econômicos e políticos, é tanto que na Lei Nº 7.044/82, em seu artigo 6º, consta:

Art. 6º - As habilitações profissionais poderão ser realizadas em regime de cooperação com empresas e outras entidades públicas ou privadas.

Parágrafo único - A cooperação quando feita sob a forma de estágio, mesmo remunerado, não acarretar para as empresas ou outras entidades vínculo, algum de emprego com os estagiários, e suas obrigações serão apenas as especificadas no instrumento firmado com o estabelecimento de ensino. (BRASIL, 1982, p.1).

Essa redação da Lei Nº 7.044/82 parece desobrigar a instituição escolar de ofertar estágio profissional para os estudantes, logo após a revogação da Lei Nº 5.692/71. Nesse movimento de mudanças na política educacional brasileira, entende-se que o único prejudicado nesse processo educacional foi o filho do trabalhador, isso significa dizer que há mais uma lacuna na sua formação escolar, cuja extensão se engendra na cultura da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira até o ano de 2002, quando a instituição realiza a formatura das últimas turmas dos cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau, nas habilitações de Assistente em Administração e de Técnico em Contabilidade.

Foto 5 – Agentes-sujeitos da Escola Est. Prof. Anísio Teixeira³³



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2022).

“As memórias são os objetos mais preciosos encontrados num baú de tesouros”. (COSTA, 2022).

³³ Na foto tem-se: Izaura Lima, José Mateus, Andrina de França, Jarbas Gomes, Rozicleide Bezerra, Ismênia Verônica, Evânia Damásio e Maria da Salette.

5 ELEMENTOS DA CULTURA ESCOLAR DO ENSINO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE DE 2º GRAU DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA: ENTRE A MEMÓRIA E O ARQUIVO

A cultura escolar é uma especialização da cultura escrita, nas dimensões de materialidade; representação e simulação; modo de (in) formação e intelecção; configuração do cultural e do educacional; pragmática, disciplina; conhecimento; prática. (MAGALHÃES, 2010, p.417).

A busca da defesa em refletir e investigar o estabelecimento ou a efetivação de permanência, e mudança da cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, que se engendrou no âmbito da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, no recorte temporal entre os anos de 1982-2002 é o ponto de partida, bem como de motivação para a construção da seção desse trabalho.

Diante desse motivo de análise, indaga-se: O que diz a memória dos agentes-sujeitos (estudantes, professores e diretores) sobre a cultura escolar desta instituição, que formava profissionais técnicos de 2º grau nas habilitações de Assistente em Administração e Contabilidade? Será que houve resistência e/ou flexibilização? Porque essa escola continuou ofertando esse tipo de ensino até o ano de 2002, já que a legislação educacional Nº 7.044/82 os desobrigava?

Todas essas indagações foram pesquisadas por meio da videografia ou vídeo-história de Mauad (2011), alicerçadas nas dimensões construídas no quadro 4, exposto na seção 2 desta tese, especificamente nas páginas 45 e 46, tecidas a partir das ideias de Magalhães (1998), que propõe um roteiro-guia a ser seguido pelo pesquisador ao escolher adentrar no universo da história das instituições escolares e da cultura escolar assentadas em Julia (2001) e Viñao Frago (2006), como aporte teórico-metodológico fundante.

As categorias de análise apontadas por Magalhães (1998), são: o espaço, o tempo, o currículo, o modelo pedagógico, os professores, os manuais escolares, os públicos e as dimensões. Ciente dessas categorias e filiado à teoria de Magalhães (1998), organizou-se essa seção de (re) construção da cultura escolar da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, centrada nos elementos a seguir: os agentes-sujeitos; as normas; as práticas; a materialidade escolar; e os tempos.

Essa proposição de (re) construção da vida da instituição escolar Anísio Teixeira, tendo como fio condutor os elementos já citados, e na interface entre a

memória e o arquivo, dá-se continuidade as tramas entre as falas, os gestos, as expressões e as imagens, sendo essas memórias historiográficas, materializadas por meio da técnica de pesquisa da videografia ou vídeo-história, ocorrendo em um momento posterior, a sua transcrição na íntegra (ver apêndice C), categorizadas em quadros de análise, a partir de unitarizações: unidades de sentidos (ver apêndice D).

Também há proposta de utilização da metodologia de Análise Textual Discursiva (ATD)³⁴, que ancora-se no processo metodológico desenvolvido por Moraes (2003; 2006), ligando-se ao exercício hermenêutico e heurístico, na qual por meio do cruzamento das vozes, das imagens e do *corpus* documental arremata-se uma teia de saberes, com fins a responder a proposição desta tese e, desse modo, tecer a historiografia da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002).

5.1 OS AGENTES E OS SUJEITOS: estudantes, professores, diretores e vice-diretores

Ao traçar o perfil dos entrevistados pelo viés das videografias ou vídeo-histórias foi possível investigar e analisar quem eram os estudantes, os professores e os diretores (vice-diretores) da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002), projetados na visualização dos quadros 7, 8 e 9, a seguir:

Quadro 7 – Identificação dos agentes-sujeitos (Estudantes)

Identificação		
<ul style="list-style-type: none"> - Isaura Lima Alves Galvão. - 56 anos de idade. - Estudante entre os anos de 1982 a 1984. - Curso Técnico em Administração de Empresas. - Não atuou na área da habilitação - Atuou como técnica de informática. - Fez concurso para 	<ul style="list-style-type: none"> - José Mateus do Nascimento. - 46 anos de idade. - Estudante entre os anos de 1991 a 1993. - Curso Técnico em Administração. - Não atuou na área da habilitação. - Mudou para área da educação, curso de pedagogia devido teste vocacional durante cursinho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Andrina de França S. de Souza. - 40 anos de idade. - Estudante entre os anos de 1998 a 2000. - Curso Técnico em Administração. - Atuou na área, trabalhando como secretária escolar. - Ensino superior em Administração incompleto, mudou e concluiu o curso tecnólogo em Recursos Humanos.

³⁴ O processo metodológico da ATD, com as informações pesquisadas nas videografias ou vídeo-histórias foram transcritos na íntegra (ver apêndice C), e depois organizados em quadros sinóticos conforme a estrutura da ATD (ver apêndice D).

o IBGE. - Ensino Superior incompleto [parou para casar, ter filhos].	- Ensino Superior completo, Curso Pedagogia.	
---	--	--

Fonte: Autoria própria.

Quadro 8 – Identificação dos agentes-sujeitos (Professores)

Identificação		
<ul style="list-style-type: none"> - Jarbas Gomes de Carvalho. - 70 anos de idade. - Bacharel em Administração de Empresas. - Lecionou as disciplinas de Técnicas Bancárias, Administração e Controle e Sociologia (após a extinção do ensino técnico profissionalizante de 2º grau em 2002). - Entre os anos de 1981 a 2009. - Atuou no curso Técnico Profissionalizante de Assistente em Administração. 	<ul style="list-style-type: none"> - Rozicleide Bezerra de Carvalho. - 56 anos de idade. - Licenciatura em Ciências Biológicas e bacharelado em Zoologia, especialização em Psicopedagogia, mestrado em Ciências Naturais e Matemática, doutorado em Educação e Pós-doutorado em linguagem. - Lecionou a disciplina de Biologia. - Entre os anos de 1990 a 2009. - Atuou nos Cursos Técnicos em Assistente de Administração e Contabilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ismênia Verônica Barboza. - 57 anos de idade. - Licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas, mestrado em Ciências Naturais e Matemática, - Lecionou as disciplinas de Biologia, Física, Química e Informática. - Entre os anos de 1995 a 2003. - Atuou nos Cursos Técnicos em Assistente de Administração e Contabilidade.

Fonte: Autoria própria.

Quadro 9 – Identificação dos agentes-sujeitos (Diretores e Vice-Diretores)

Identificação	
<ul style="list-style-type: none"> - Evânia Maria Damásio de Souza. - 67 anos de idade. - Graduada em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar. - Especialista em Recursos Humanos. - Exerceu o cargo de Diretora 1982 a 1985. - Chegou ao cargo através de um convite da SEEC-RN. 	<ul style="list-style-type: none"> - Maria da Salete Marinho Coelho. - 73 anos de idade. - Graduada em Pedagogia. - Exerceu o cargo de Diretora de 1995 até 2005. - Chegou ao cargo através de uma indicação política.

Fonte: Autoria própria.

Observando os perfis dos estudantes, pode-se perceber que a faixa etária de idade está entre 40 e 60 anos. Eles foram alunos da escola em tempos diferentes, trazendo representações da cultura escolar tecnicista, que resistiu durante as

décadas de 1980, 1990 e 2000. Dos três estudantes do curso técnico em Assistente em Administração, apenas Andrina de França Silvestre de Souza, depois da conclusão do curso técnico profissionalizante de 2º grau, continuou atuando profissionalmente e ampliando a formação, em nível superior, na área: “fiz o curso, é... Assistente em Administração, é técnico administrativo, e hoje eu trabalho, exerço a função, sou secretária escolar, comecei a graduação em administração, mas não conclui, e fui pra o tecnólogo, fiz RH”³⁵.

Os dados dos estudantes revelados pela memória demonstram que uma pequena parcela deles atuava na área profissional de formação. Considerando as décadas em análise, essa informação leva-nos a acreditar, que em meados dos anos de 1980, o mercado de trabalho passava a cobrar outro perfil de formação, aquele baseado na filosofia da qualidade total, na polivalência e na flexibilidade.

Registramos, finalmente, as principais mudanças curriculares promovidas pela reforma dos anos 90: no lugar de habilitações, as áreas profissionais; no lugar de matérias e disciplinas científicas, bases científicas, tecnológicas e instrumentais desagregadas e isoladas de seus campos originais da ciência; no lugar de conteúdos de ensino, competências gerais para a vida e competências específicas para o trabalho. A perda de importância das habilitações baseadas no corpo de conhecimentos que as definem, aliada à ênfase no trabalho polivalente e na competência dos sujeitos, tornou a regulamentação do exercício profissional sob o princípio das corporações um preceito em superação. (RAMOS, 2014, p.48).

O modo de produção flexível capitalista, engendrado na sociedade brasileira a partir de meados da década de 1980, traz para o centro do debate a institucionalização das novas formas de educar a classe-que-vive-do-trabalho no contexto político econômico neoliberal, fortalecido nos anos de 1990. Esse modelo de educar com foco nas competências, ultrapassa as barreiras das escolas, inaugurando “[...] diversas práticas sociais pelas quais as pessoas se educam”, afirma Ramos (2009)³⁶. Como a sociedade passa a demandar um novo perfil de trabalhador, que possua qualificação, que entenda todos os processos da empresa, e ainda seja capaz de circular em todos os departamentos da organização, essa é a configuração do novo trabalhador exigida pelo mercado de trabalho privado.

³⁵ Fragmento da transcrição da videografia de Andrina de França Silvestre de Souza (2021).

³⁶ Citação extraída do dicionário da educação profissional em saúde. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/pedcom.html>. Acesso em: 17 de set. 2021.

Quanto aos perfis dos professores, nota-se que os agentes-sujeitos entrevistados possuem idades correspondentes as faixas etárias dos 57 a 70 anos. Destaca-se que as professoras exerceram suas tarefas de ensino em tempos simultâneos na instituição, trazendo representações da cultura escolar tecnicista resistente e/ou flexibilizada durante as décadas de 1990 e 2000. As duas professoras entrevistadas são licenciadas nas disciplinas de biologia e possuem pós-graduação *stricto-sensu*.

A entrevistada dos anos 2000, além da sua área de formação inicial, complementou sua carga horária com outras disciplinas, tais como: física, química e informática. Ambas professoras entrevistadas atuaram nos dois cursos técnicos profissionalizantes de Assistente em Administração e Contabilidade.

Diante dessa projeção do perfil dos professores investigados, conclui-se que diferentemente dos professores da parte técnica profissionalizante, as professoras da base geral possuíam formação inicial em cursos de graduação, habilitação em licenciatura, não necessitando serem também profissionais técnicos nas habilitações de Assistente em Administração e Contabilidade, como no caso do professor Jarbas Gomes de Carvalho que além da atividade de ensino, exercia o cargo de bancário.

Em relação ao perfil das diretoras, estas possuem idades correspondentes as faixas etárias dos 73 a 67 anos, exercendo a função de administradoras escolares em tempos cronologicamente diferentes, trazendo representações da cultura escolar tecnicista resistente e flexibilizada durante as décadas de 1980, 1990 e 2000. As diretoras, Evânia Maria Damásio de Souza e Maria da Salete Marinho Coelho são graduadas em Pedagogia, sendo a primeira pós-graduada em Recursos Humanos.

As características traçadas, denotam que a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, desde a sua gênese, em 1973, vem sendo dirigida por mulheres, e elas possuíam preparação acadêmica e técnica para reger os processos da administração escolar da instituição de ensino técnico profissionalizante de 2º grau, tida como referência no tempo em destaque, na cidade de Natal. No ano 2000, recebeu o prêmio de honra ao mérito, como, sendo, a melhor escola estadual do Rio Grande do Norte, conforme segue o registro fotográfico a seguir:

Foto 6 – Diretora Fátima Macêdo, recebendo o título de honra ao mérito de melhor escola estadual do RN, no ano 2000.



Fonte: Arquivo da Escola.

Ainda dentro dessa categoria, perguntou-se aos estudantes sobre as causas que os levaram a buscar um curso técnico profissionalizante de 2º grau. A partir desse questionamento, declara-se que havia a influência dos pais/família na decisão de escolha pelo curso técnico, uma vez que essas famílias apostavam na realização de cursos profissionalizantes, como, perspectiva de formação para os filhos, bem como, havia necessidade de inserção imediata no mercado de trabalho por uma necessidade social de sobrevivência, como fala a estudante dos anos de 1980:

[...] na época...na década de 80, é... os pais incentivavam muito os filhos fazerem o curso profissionalizante e técnico também pra que você ingressasse no mercado de trabalho, a oportunidade era bastante ampla, né...e realmente foi comigo, com minha irmã, com meus irmãos, então, ele abria um leque na verdade, né...e me deu realmente muitas oportunidades³⁷.

Além dessas aspirações depositadas no ensino e na formação ofertada pela Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, tinha-se também a representação materializada no reconhecimento social, como lugar de excelência na formação técnica em nível de 2º grau, prova disso, é que não havia vagas para todos, por isso familiares e estudantes “peregrinavam” à porta da instituição.

³⁷ Fragmento da transcrição da videografia de Isaura Lima Alves Galvão (2021).

[...] havia realmente uma peregrinação não é...da gente ter dormido, eu lembro, da gente ter dormido algumas noites pra conseguir vagas tanto pra mim como pros meus irmãos, que também seguiram a mesma trajetória né, e aí essa inserção no Anísio Teixeira realmente trazer essa perspectiva de uma esperança de estar é...alcançando uma melhor qualificação e um melhor posicionamento no mercado de trabalho, então fomos atraídos por isso...Sim...Outra coisa que eu ia acrescentar...eu lembrei agora, é a questão também do status né, ou seja, você estar estudando nessa escola na praça, em Petrópolis também dava, assim em quem ia pra essa escola, esse orgulho né...de estar num espaço nobre da cidade...tinha-se também essa questão do status também era muito importante né...³⁸

Esses argumentos, narrados pelos estudantes, permitem-nos dizer que durante as três décadas a instituição escolar Anísio Teixeira continuou como espaço de referência na formação profissionalizante e da cultura tecnicista. Para maioria das famílias pobres, a esperança de mais uma fonte de renda na casa era possibilidade de melhoria de vida. A expectativa estava na realização de um curso técnico, cuja vaga era bastante concorrida, é tanto que muitos pais dormiam à porta da escola para conseguirem matricular seus filhos.

Realizando uma leitura interpretativa das narrativas dos estudantes, verifica-se que há uma contradição, quando se compara com a realidade de inserção desses alunos no mercado de trabalho, tudo porque para essas famílias que viviam do trabalho, ter apenas o ensino de 2º grau, não bastava, pois muitos deles não tinham a perspectiva de prosseguirem para o ensino superior e o sentido da sobrevivência falava mais alto, confirmando o ideário da terminalidade, tão bem evidenciado durante a gênese dos cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau no Brasil desde os anos de 1970, como escreve Cunha (2005) e Germano (2001).

Estes pesquisadores citados ajudam-nos a compreender que a dualidade do ensino, como uma maneira da escola estar em consonância com os processos produtivos, pois existia uma série de formas paralelas de ensino, tais como: educação geral, ensino técnico profissionalizante, ensino comercial, ensino industrial e outros. Essa estruturação dual, demonstra que havia uma formação profissionalizante para os filhos da classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2009) e outra para os filhos da elite que desejassem ingressar no ensino superior.

Do mesmo modo dos estudantes, solicitou-se aos professores que contassem as causas da escolha para atuar no curso técnico profissionalizante de 2º grau: os agentes-sujeitos dos anos de 1990 e 2000 expuseram não ter tido uma causa

³⁸ Fragmento da transcrição da videografia de José Mateus do Nascimento (2021).

aparente para atuarem no ensino técnico profissionalizante de 2º grau. Eles, simplesmente, foram encaminhados pelas técnicas da Secretaria Estadual da Educação, da Cultura e dos Desportos, do Rio Grande do Norte (SEECD-RN) para ocuparem vagas e cargas horárias disponíveis, portanto, não houve um desejo inicial aparente para atuarem no ensino técnico profissionalizante, inclusive “[...] eu não sabia que lá era técnico profissionalizante, eu só vim saber quando eu cheguei na escola e fui recebida pelo diretor atual que era professor Roberto [...]”³⁹.

Nas vozes evidenciadas em cartas de memórias da pesquisa de Costa (2017) e agora com o uso da videografia, o professor da década de 1981 diz ter sido convidado e contratado para atuar nos cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau, na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, pois o mesmo tinha o notório saber e dominava os conhecimentos do campo de formação profissional, conforme narra:

[...] eu cheguei lá...no núcleo do Nure⁴⁰ que ficava na minha rua, eu entrei pra perguntar se eu podia ensinar no curso de administração, e no momento tinha a professora, que eu não me recordo o nome que era diretora da Escola Estadual Soldado Luiz Gonzaga, que fica lá na avenida 9, aí coincidiu dela estar procurando um professor pra técnicas bancárias, e como eu trabalhava em banco, ela me absorveu num dia, no outro eu tava dando aula, [pausa] aí no outro ano eu pedi transferência para o Anísio Teixeira, por que ficava perto de casa. Minha finalidade maior era...que até hoje ainda tenho vontade, é de transmitir meus conhecimentos pros outros e não guardar para mim⁴¹.

Por outro lado, as professoras que lecionavam as disciplinas da base geral, das décadas de 1990 e dos anos 2000 foram admitidas por meio de concurso público de provas e títulos, sendo aprovadas, nomeadas e encaminhadas pelo órgão central (SEECD-RN) para as escolas disponíveis e cargas horárias estabelecidas no edital. Comentou a professora dos anos 2000: “[...] eu não tive uma causa, eu fiz um concurso, fui chamada, tinha uma vaga no Anísio, e eu entrei...pra dar aula”⁴².

³⁹ Fragmento da transcrição da videografia de Rozicleide Bezerra de Carvalho (2021).

⁴⁰ Nure foi a sigla usada para designar o antigo Núcleo Regional de Educação, atualmente chamado de Direcs.

⁴¹ Fragmento da transcrição da videografia de Jarbas Gomes de Carvalho (2022).

⁴² Fragmento da transcrição da videografia de Ismênia Verônica Barboza (2021).

Ao serem perguntadas sobre as causas que as levaram a atuar na administração da instituição escolar Professor Anísio Teixeira, as agentes-sujeitas verbalizaram que foram indicadas ao cargo, segundo expõe: “É um convite, né, e eu acho que também pela própria vocação [risos] né, que a gente tem esse..., todos nós, né”⁴³.

“Eu entrei no Anísio como supervisora escolar, depois eu passei para vice direção...primeiro com Fátima Macêdo, e depois com Hildegundes. Já tinha sido diretora no Augusto Severo por 9 meses no Governo de Geraldo Melo”⁴⁴. Concebe-se que esse tipo de chegada ao cargo de direção escolar, era uma prática comum, diz-se isso, porque na época, não havia a lei da gestão democrática nas escolas de educação básica⁴⁵ no Rio Grande do Norte.

Ressalta-se que em 1996, já era lei, a gestão democrática nas escolas públicas de ensino básico, mas no campo da educação, os processos levam muito tempo para serem implantados, mesmo sendo provindos das legislações, sendo estes atribuídos a cultura escolar, da instituição, causando resistência e flexibilizações por parte dos agentes-sujeitos.

Outros elementos elencados ainda nessa categoria, sobre os agentes-sujeitos, são as memórias que os entrevistados tecem a respeito dos estudantes, professores e funcionários, que atuaram, e hoje ajudam a (re) escrever a história da instituição escolar Anísio Teixeira. Até a década de 1980, os estudantes eram advindos das classes médias, porém nos anos de 1990 até 2002, a predominância é de estudantes das classes populares, filhos da “classe-que-vive-do-trabalho”, termo emprestado de Antunes (2009). Estes egressos eram moradores de bairros circunvizinhos e até do interior da capital potiguar. Essas lembranças a respeito dos estudantes da época, se constituiu unidade semelhante, presente no registro da memória dos professores.

A partir desses dados analisados, afirmar-se que ao longo das três décadas, o perfil socioeconômico dos estudantes dessa escola, tida como de referência no ensino profissionalizante de 2º grau, foi mudando, tanto a nível de classe social, quanto ao local de moradia dos estudantes. Nesse sentido, indaga-se: Será que o

⁴³ Fragmento da transcrição da videografia de Evânia Maria Damásio de Souza (2022).

⁴⁴ Fragmento da transcrição da videografia de Maria da Salete Marinho Coelho (2022).

⁴⁵ A gestão democrática nas escolas públicas de educação básica é referendada no título IV, do artigo 14, da LDB N° 9.394/96.

currículo também havia mudado? Já que algumas condições mudaram e se flexibilizaram?

Em relação aos perfis dos professores, estes foram descritos pelos estudantes, pelos próprios professores e pelos diretores, como professores técnicos qualificados nas habilitações e campos de trabalho das áreas administrativa, contábil, econômica, estatística e do direito, ou seja, eram professores que exerciam suas atividades de ensino no campo técnico, com muita experiência no mercado de trabalho, tal qual, revela-nos a fala da professora dos anos 2000, quando diz:

[...] era um quadro de professores muito bons, muito bons, não eram professores...assim, eram um pessoal bem selecionado, principalmente à noite, no ensino técnico, eram pessoas que...por exemplo, nós tínhamos o William que ele era auditor fiscal do estado, era advogado do estado e dava aula no Anísio Teixeira, a esposa dele Elizabeth dava aula no Anísio Teixeira, então, assim eram pessoas bem diferenciadas, é...tinha...ele hoje na Polícia Federal, Roberto Cabral, que era professor de contabilidade também⁴⁶.

O corpo de professores dessa instituição possuía uma formação específica e prática profissional na área, o que implicava numa prática formativa qualificada no ensino profissionalizante, propiciando-nos argumentar, que os agentes-sujeitos professores foram determinantes no movimento de resistência da cultura escolar tecnicista, assim como, na manutenção desse tipo de ensino, ofertado pela Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

No quesito funcionários, os agentes-sujeitos ouvidos, disseram não recordar muito desse grupo, somente as narrativas dos egressos de 1990 e dos anos 2000 citam os diretores e a pessoa responsável pela biblioteca, colocando-as dentro do rol dos funcionários. O professor, Jarbas Gomes de Carvalho, fez questão de lembrar a funcionária do arquivo, mas não teceu detalhes. Já as professoras das décadas de 1990 e dos anos 2000, acrescentam à narrativa, a lembrança do pessoal da limpeza, da coordenação pedagógica e da figura do orientador educacional, rememora a agente-sujeita dos anos de 1990:

[...] tínhamos a equipe de coordenadores pedagógicos, porque naquela época a gente não tinha somente coordenação, nós também tínhamos orientadores, isso facilitava muito para os estudantes

⁴⁶ Fragmento da transcrição da videografia de Ismênia Verônica Barboza (2021).

quando eles apresentavam alguma situação que precisava de ajuda, [...]”⁴⁷.

Destaca-se, que o orientador educacional, segundo a Lei Nº 5.692/71, artigo 10, foi “[...] instituída obrigatoriamente a Orientação Educacional, incluindo aconselhamento vocacional, em cooperação com os professores, a família e a comunidade”, então, esse profissional da pedagogia, com foco nas ideias disciplinadoras e racionais, com objetivo de ‘treinar’ as aptidões e acompanhar a atuação dos estudantes no mercado de trabalho, foi de suma importância para a materialização do tecnicismo no âmbito das escolas técnicas profissionalizantes.

Odilius e Siqueira Jr. (2007) utilizando-se dos pensamentos de Bastos (1991), Borges-Andrade (2002) e de Goldstein (1991), nos ensina que, ‘treinar’ as pessoas para o mercado de trabalho, traduz-se como um processo de aquisição sistemático de atitudes, conceitos, conhecimentos, regras e habilidades que resultam numa melhoria do desempenho no trabalho. Em tese, o objetivo do treinamento é ‘treinar’ para as tarefas produtivas nas interfaces da produtividade e da efetividade, cumprindo a finalidade primordial do tecnicismo e dos cursos profissionalizantes.

A presença do profissional da pedagogia, exercendo a função de orientação educacional é uma herança gestada no Brasil, especificamente em São Paulo, no ano de 1924, pelo engenheiro-educador suíço Roberto Mange, quando propôs um serviço de seleção e orientação profissional para os estudantes do Curso de Mecânica. No ano de 1931, Lourenço Filho, no comando do Departamento de Educação de São Paulo oficializa esse serviço gestado por Roberto Mange, disserta Alves (2018). O marco inauguração do serviço de orientação educacional, se dá no espaço da educação profissional desde a década de 1920, porém

[...] ganha maior visibilidade e funcionalidade com a Lei de Diretrizes e Bases 5.692/71, que regulamenta não somente a sua formação como também delinea a sua atuação em um sistema escolar claramente organizado com bases capitalistas e organização dualista (ALVES, 2018, p.65).

O raciocínio desenvolvido por Alves (2018) reforça cada vez mais que a figura do orientador educacional materializava o ideário de que o ensino técnico profissionalizante de 2º grau, engendrado no âmbito da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, se assemelham aos modelos de uma escola-empresa.

⁴⁷ Fragmento da transcrição da videografia de Rozicleide Bezerra de Carvalho (2021).

Todos esses agentes/sujeitos, rememorados pelos entrevistados, podem ser incluídos no grupo dos pertencentes e submetidos ao comando da administração escolar, nos fazendo refletir se foram contribuintes para a resistência/flexibilização da cultura escolar tecnicista, até porque a figura do diretor estava como indicação política, à época, em contraponto aos anseios democráticos à realização de eleições diretas para escolha da administração escolar. O que essa condição de subordinação significava? O coordenador pedagógico e o orientador educacional eram indicados pela direção da escola? Como se davam os processos pedagógicos enquadrados por esses dois agentes-sujeitos, subordinados a direção da instituição escolar Anísio Teixeira?

Conforme, a diretora, Maria da Salete Marinho Coelho (1995-2005), o supervisor e o coordenador pedagógico eram encaminhados pela SEEC-RN. Ela mesma veio trabalhar no Anísio Teixeira na função de supervisora, vindo logo em seguida a indicação política para assumir a direção. Com esses dados, acredita-se que o fato de estar ocupando um cargo no rol da administração escolar nessa época, a própria ação significava servir ao poder, ou seja, ao Governo do Estado do Rio Grande do Norte, e por consequência a SEEC-RN, afinal era um cargo de confiança.

5.2 AS NORMAS: conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar

As falas e as imagens impressas nas memórias dos estudantes e professores entrevistados, demonstraram, que as normas constituintes da 'transmissão' de conhecimentos se davam pela via do currículo, esse com uma intencionalidade ideológica e apoiada nas redações preconizadas pelas Leis Nº 5.692/71, Nº 7.044/82 e pela LDB Nº 9.394/96, cuja máxima era formar o estudante para o mercado de trabalho, configurando a hipótese de que a instituição de ensino Anísio Teixeira possuía uma cultura escolar tecnicista, prescritas nos conteúdos ensinados.

Para confirmar esses indícios, de uma cultura escolar voltada para a qualificação e preparação do estudante para o mercado de trabalho, os agentes-sujeitos concebem o currículo como sendo um documento aglutinador de disciplinas e conteúdos, ministrados no ensino técnico profissionalizante de 2º grau. A condensação de disciplinas em uma 'grade' curricular, permite-nos pensar numa

ideia de documento fragmentado, parcelarizado, reduzido, essencialmente pragmático e técnico.

Essas características do currículo descritas acima, se materializam nas vozes dos estudantes entrevistados, quando tecem comentários sobre as disciplinas de mecanografia-processamento de dados e matemática financeira:

[...] era uma disciplina que trabalha com a questão é...das máquinas, principalmente das máquinas de cópia né...e datilografia, na época havia ainda, tava surgindo ainda o computador, aquele computador de vídeo né..., aquele que tem o cubo bem grande branco né...era uma inovação assim, e a disciplina não falava de computação, falava dessas máquinas de escrever, falava da escrita, da história da escrita e da tipografia, e depois trabalhava com a questão das máquinas de calcular, as máquinas de reproduzir não é...de fazer foto registro...isso, as registradoras...isso mesmo, então, era essa a disciplina, agora era uma disciplina muito teórica e a gente sempre cobrava do professor quando é que a gente ia operar as máquinas, porque a nossa ânsia era essa, de ir pra algum lugar para operar essas máquinas, só que esse dia nunca chegou, a gente ficou...terminou a disciplina e a gente realmente aprendia muita mais é...a partir dos livros e daquilo que o professor dizia e falava, e projetava no retroprojetor...⁴⁸.

Eles traziam, assim essas questões de empresas, né...cálculos trabalhistas pra gente fazer, é... demissão, rescisão de funcionários, a gente fazia esse cálculo, lembro até hoje [risos]⁴⁹.

Os discursos pronunciados nas videografias dos agentes-sujeitos trazem em suas entrelinhas um ponto de divergência quando trata da disciplina de Português e Matemática, pois o estudante do período de 1991 a 1993, disse que essas disciplinas não continuavam no 2º e 3º ano da base técnica, sendo que as memórias de todos os outros entrevistados e os documentos, como por exemplo, os históricos e os certificados (projeção sintética do currículo) comprovam que essas disciplinas tinham um lugar de destaque na formação dos técnicos de 2º grau, especificamente na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

Analisando ainda os discursos tecidos pelas professoras sobre o currículo como instrumento de controle de um dado “conhecimento a ensinar e de condutas a inculcar” Julia (2001), evidencia-se, que o currículo se materializava nas mentes dos professores, tal qual, uma prescrição técnica, burocrática e voltada a formação de

⁴⁸ Fragmento da transcrição da videografia de José Mateus do Nascimento (2021).

⁴⁹ Fragmento da transcrição da videografia de Andrina de França Silvestre de Souza (2021).

profissionais nas habilitações de técnico em Assistente de Administração e de Contabilidade:

O currículo era o seguinte: Nós tínhamos...nós embasávamos, né...nos documentos oficiais, as diretrizes curriculares, a LDB 9.394 de 96 justamente para orientar esse currículo, então era um currículo que deveria ser flexível e que tivesse como principal pilar a contextualização, que é justamente respeitar a história de vida daqueles estudantes, [...] ⁵⁰.

Essa reflexão alicerçada na fala da professora dos anos de 1990, permite-nos continuar problematizando o currículo dessa instituição, e inclusive questionando se esse documento “currículo” foi capaz de gerar mudanças ou mesmo preservação nos comportamentos dos agentes-sujeitos inseridos nesse *lócus*? Ora, a professora dos anos de 1990, ressalta que houve uma flexibilização na grade curricular do ensino técnico profissionalizante de 2º grau a partir dessa mesma década, mas, por outro lado, nota-se que permaneceu o ideário da cultura escolar tecnicista de formação do estudante para o mercado de trabalho, registrado nos discursos dos estudantes e da professora dos anos 2000.

Seguindo o argumento de que nenhuma prática pedagógica é estática em sua totalidade, adverte-se que a grade curricular da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira sofreu flexibilização, uma vez que nos anos de 1996, saem as disciplinas que representavam os governos ditatoriais e alarga-se o pensamento da formação do estudante para o mercado de trabalho com fins a atender à polivalência e à qualidade total, mesmo com essas mudanças, ainda engendra-se na cultura dessa instituição, práticas pedagógicas utilitaristas e pragmáticas, materializadas e herdadas do tecnicismo.

Problematizar o elemento “normas” sob a ótica do currículo empreendido pela Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, rememorado nas vozes e imagens dos agentes-sujeitos, configura-se em uma dimensão social, essencialmente impregnada por uma cultura escolar tecnicista, diz-se isso, porque, depois de 1982, a instituição Anísio Teixeira não era obrigada a ofertar o ensino técnico profissionalizante, no entanto, resiste a preconização da legislação Nº 7.044/82, e insiste/resiste em continuar transmitindo os conhecimentos e as condutas do ensino tecnicista.

Compreende-se que as normas, é um dos elementos da cultura escolar, e que são impulsionadas a transmitir conhecimentos e condutas a inculcar. Essa

⁵⁰ Fragmento da transcrição da videografia de Rozicleide Bezerra de Carvalho (2021).

afirmação leva-nos a advogar que o currículo do Anísio Teixeira, a partir da década de 1990, inaugurava uma flexibilização do tecnicismo gestado desde a data da fundação dessa escola, como estabelece, a professora Rozicleide Bezerra de Carvalho, destacado na lauda anterior.

Para aprofundar a discussão sobre as normas da escola em análise, buscou-se no arquivo da instituição e na memória dos agentes-sujeitos, se havia um regimento escolar interno, mas a pesquisa foi sem êxito. No entanto, vale registrar, que tanto os estudantes, como os professores fizeram referências às atitudes e aos comportamentos ligados à disciplina e à ordem.

Nas vozes e imagens expostas na construção das videografias, foram evidenciadas situações que denotam a ‘transmissão’ de uma moral, moral essa tida como hábito disciplinar e de ordem, na qual não estão registradas ou escritas em um documento formal, mas estão marcados na memória, como currículo oculto, presente no dia-a-dia dos agentes-sujeitos da escola, fabricando desse modo, corpos submissos.

Em relação ao currículo, as falas memorialísticas dos entrevistados estabelecem que os conteúdos ministrados no ensino técnico profissionalizante de 2º grau, no âmbito da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, nas habilitações de Assistente em Administração e Contabilidade tinham a intenção de formar o estudante para o mercado de trabalho, materializando a cultura escolar tecnicista.

A fala enunciada pelo professor entrevistado dos anos de 1980, reforça essa materialização da “grade curricular”, como elemento da cultura do tecnicismo,

Tinha um currículo que era pro curso profissionalizante todo, só que tinha um problema, que eu professor de administração da noite, achava umas coisas dentro do currículo mais importante do que outras, e o professor de administração da manhã e da tarde, quer dizer, cada professor específico escolhia o seu conteúdo. Na administração e controle, na administração de pessoal, então, eu trabalhava muito em cima da legislação trabalhista, até para dá uma luz em direito melhor a eles, aí outro professor achava melhor cálculos de folha de pagamento, décimo terceiro, essa parte mais técnica, como a parte de cálculo⁵¹

Nota-se, que a narrativa exposta pelo Professor Jarbas Gomes de Carvalho, sobre a “grade curricular”, não possuía uma unidade quanto a aplicação dos conteúdos contidos na grade, pois cada professor fazia suas escolhas, usando

⁵¹ Fragmento da transcrição da videografia de Jarbas Gomes de Carvalho (2022).

critérios que julgavam importantes. Essa seleção revela mais um ponto do tecnicismo, tornando o ensino técnico profissionalizante de 2º grau cada vez mais pragmático, utilitarista e fragmentado.

Ao longo das análises das vozes, pronunciadas pelos estudantes das três décadas investigadas neste trabalho, visualiza-se que os conteúdos, mesmo tendo uma intenção de formação para o trabalho, ficavam apenas na seara do teórico, sendo assim, instiga-se: Será que preparar técnicos para o mercado de trabalho com a abordagem de conteúdos de forma imagética, era suficiente para a instituição escolar Anísio Teixeira ter permanecido formando profissionais até os anos de 2002?

Outro aspecto importante revelado na voz da professora dos anos 2000, é o destaque aos conteúdos ministrados na disciplina de informática, implantada na “grade curricular” das habilitações profissionalizantes em meados de 1990. Sem haver nenhuma preparação para a implantação da disciplina, essa professora é convidada a lecionar os conteúdos de informática, salientando que a mesma não possuía formação acadêmica e nem profissional para dar aulas da referida disciplina. Diante dessa problemática, infere-se: Como lecionar um conteúdo de uma disciplina sem a formação acadêmica na área? Quem disponibilizou os conteúdos para a disciplina de informática? Essa nova disciplina havia sido incluída na grade curricular? Os conteúdos de informática mantinham a relação teoria-prática?

A problematização em torno da disciplina de informática, ajuda-nos a sustentar o argumento, de que, na década de 1990, acontecia uma flexibilização do currículo do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, no âmbito do Anísio Teixeira, configurando indícios de que a formação do estudante, realizada até aquele momento, precisava avançar para uma outra configuração de formação educacional, como por exemplo, a formação do estudante para o mundo do trabalho, num movimento capaz de juntar conhecimentos humanísticos, científicos, culturais e tecnológicos.

O currículo ou a grade curricular, assim como os conteúdos contidos nestes documentos, demonstraram evidências de que houve flexibilização das práticas pedagógicas, uma vez que os agentes-sujeitos professores, estudantes e diretores foram sendo renovados, no entanto, as narrativas revelaram que havia uma resistência no quesito da finalização desse tipo de ensino tecnicista, com ênfase nas habilitações profissionalizantes, deixando transparecer, que mesmo sem

investimentos na formação de professores e em recursos didáticos-pedagógicos, a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira resistiu em continuar mantendo a cultura escolar tecnicista.

5.3 AS PRÁTICAS: transmissão de conhecimentos e comportamentos

Os elementos norteadores para pensar as práticas que compõem a memória dos estudantes, professores e das diretoras da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, no recorte temporal (1982-2002) se constitui nas dimensões da (s) metodologia (s), da (s) avaliação (ões), dos estágios e das festas e eventos.

As projeções realizadas, tanto pelos estudantes, como pelos professores, e pelas diretoras da instituição em estudo, sobre a metodologia se aproximam, pois esses agentes-sujeitos foram unânimes em afirmar que predominavam nas práticas pedagógicas, desde as décadas de 1980 até os anos 2000, a permanência do método de exposição de conteúdos, seguida da seguinte sequência: realização de cópias no quadro negro de giz, explicação das informações e o momento das perguntas/repostas, informações asseguradas na locução do egresso dos anos de 1990

As metodologias eram centradas na exposição, todas elas na exposição, efetivamente exposição, é... como não tinha os laboratórios de prática né... muitos professores se detinham realmente a mostrar no retroprojetor, fotografias né... situações assim, não é... mais imagéticas é... do que a prática... eu não lembro de aula de campo, não lembro⁵².

Verifica-se nas vozes expressas, que a cadeia ou a ordem dessa metodologia da aula expositiva, se aproxima do desenho da metodologia do ensino tradicional apresentado por Chervel (1990). Pensa-se também, que esse procedimento de ensino de disciplina com rigor técnico e racional, seria uma forte marca da teoria behaviorista, empreendida, no contexto da cultura escolar do tecnicismo, tanto que, a professora Rozicleide Bezerra de Carvalho fala:

[...] a metodologia ainda era behaviorista, por mais que a gente trouxesse abordagens, né...nas minhas aulas, por exemplo, eu sempre buscava abordagens para não ser somente behaviorista, não

⁵² Fragmento da transcrição da videografia de José Mateus do Nascimento (2021).

é...então, até porque nós ainda não tínhamos uma formação consolidada para trazer as demais tendências do ensino, então, é... fazendo uma invariante, eu posso dizer: tanto os professores da parte básica, tanto os professores constitutivos dos componentes que são técnicos, nós trabalhávamos muito com o ensino expositivo, mas em biologia, por exemplo, nós trabalhamos muito com aulas práticas, né...então, a metodologia variava, [...] ⁵³.

A revelação da agente-sujeita, interrogada nesse fragmento, deixa transparecer que o behaviorismo, teorizado por Skinner (1974) era uma abordagem forte que fundamentava a metodologia usada nas práticas pedagógicas, mesmo havendo nas aulas de biologia, a introdução de aulas práticas, no entanto, a maioria dos professores seguia expondo seus conteúdos, esperando do estudante reações dos 'estímulos' que eles utilizavam, ou seja, dava-se total ênfase aos fatos objetivos.

Observa-se que a ênfase dada ao método de exposição de conteúdos, esperava dos estudantes resultados previamente estabelecidos e racionalmente exposto na sequência mecânica: ação-estímulo-respostas. O mecanicismo da tendência tecnicista, enquadra o estudante numa espécie de caixa quadrada, impossibilitando-os de refletir sobre o que está sendo ensinado. Sem falar, que o método de ensino alicerçado no behaviorismo, exclui os estudantes que não respondem positivamente aos estímulos externos acionados. Caso, o estudante, responda bem ao binômio ação-reação, ele recebe uma recompensa positiva, se for o contrário, a premiação se materializa em forma de castigos, afirma Luckesi (1994).

O modelo mecanizado de exposição dos conteúdos imbricado na abordagem do behaviorismo, aproxima-se da lógica de ensino bancário, teorizado por Freire (1996), cuja denominação se estabelece como o ato de depositar, transferir e transmitir conhecimentos, sem ao menos permitir que o sujeito reflita sobre as contradições existente no seu entorno. O método de ensino seguido pela maior porcentagem dos professores da instituição escolar Anísio Teixeira, se estende aos outros elementos da cultura escolar destacado neste trabalho, exemplificado, na categoria avaliação.

A avaliação, enquanto, categoria ou elemento fundante da cultura escolar pesquisada, imersa nas vozes e imagens dos estudantes, dos professores e das diretoras entrevistadas, se ligam em pontos comuns: os primeiros externam que havia aplicação de provas escritas e teóricas, com finalidade somativa e

⁵³ Fragmento da transcrição da videografia de Rozicleide Bezerra de Carvalho (2021).

classificatória, verificando se os conteúdos transmitidos eram memorizados com sucesso.

Para fortalecer essa argumentação, segue-se com as verbalizações dos sujeitos-agentes: “[...] essas avaliações, na verdade não existia, eu até comentava sobre isso, essas avaliações eram provas normais sem a parte prática, não existia essa parte prática”⁵⁴. “[...] a avaliação era aquela avaliação tradicional, era prova, eu acho que poucos professores é... faziam trabalho em grupo né...[...]⁵⁵”.

Compreende-se por meio desses fragmentos da memória dos agentes-sujeitos que a concepção de avaliação se estabelece como uma ferramenta quantitativa, compartimentada, estática e excludente, ou seja, era uma avaliação nos moldes da cultura escolar tecnicista que hipoteticamente parece resistir no contexto das práticas dessa escola tradicional, no entanto, como adverte Diniz (1982), a prática avaliativa do Anísio Teixeira, fundamentava-se primeiramente em classificar o aluno, seguindo o nível de aprovação expresso em notas e no produto final.

Adentrando na redação da Lei Nº 5.692/71, artigo 14, § 1º, a prática avaliativa se define:

- A verificação do rendimento escolar ficará, na forma regimental, a cargo dos estabelecimentos, compreendendo a avaliação do aproveitamento e a apuração da assiduidade.
- Na avaliação do aproveitamento, a ser expressa em notas ou menções, preponderarão os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e os resultados obtidos durante o período letivo sobre os da prova final, caso esta seja exigida.

Compreende-se que a prática avaliativa definida pela Lei Nº 5.692/71, permite ao professor usar, duas formas de mensuração, a quantitativa e a qualitativa, mas não excluir o instrumento prova final, inclusive após os anos de 1982, a prática de estágio nos cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau, é isenta de avaliação para conclusão da habilitação profissionalizante.

Em relação aos estágios, as análises realizadas em documentos e nos discursos, apontam, que os estágios, como prática profissionalizante, no contexto da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, após meados da década de 1980, deixa de ser um componente ofertado pela instituição escolar, desse modo, a aplicação

⁵⁴ Fragmento da transcrição da videografia de Isaura Lima Alves Galvão (2021).

⁵⁵ Fragmento da transcrição da videografia de José Mateus do Nascimento (2021).

dos conteúdos das habilitações profissionalizantes nos postos do mercado de trabalho ficou a cargo dos próprios estudantes,

[...] inclusive o estágio né...foi uma decepção assim pra a gente né...porque a gente pensava realmente que iria atuar numa empresa, a escola iria encaminhar a gente para uma empresa, para a gente fazer o estágio, só que quando foi no momento de estágio, disseram: olhe você vai ter que procurar...mandaram a gente pra o IEL, o SINE essas empresas, é... procurar um...pra ver se conseguia um estágio, né...⁵⁶.

Diante desse pronunciamento, pode-se pensar que a escola, nem formava para o mercado de trabalho, nem para a continuidade dos estudos no ensino superior, uma vez que nas décadas de 1980 e nos anos 2000 não havia a exigibilidade dos estágios como prática formativa obrigatória para conclusão das habilitações, conforme preconizava o artigo 6, da Lei Nº 5.692/71. Os estágios eram ofertados no sistema de cooperação entre as empresas e entidades, não acarretando ônus para as instituições escolares.

Especificamente, ao procurar sentido nas vozes e imagens lembradas, pelas professoras entrevistadas, confirma-se que nas décadas de 1990, até os anos 2000, a instituição não ofertava estágios profissionalizantes como prática formativa obrigatória nas habilitações da grade curricular. Valida-se essa informação com os discursos pronunciados a seguir: “Existiam estágios, não era para todos, mas tinha um número considerável de vagas. Não era obrigatório na grade curricular, era uma formação complementar”⁵⁷.

Assim, igual, a diretora Evânia Maria Damásio de Souza, a administradora escolar dos anos de 1990 e 2000, admite que a prática de estágio não era parte da grade curricular,

Os estudantes que iam atrás, mas as vezes os órgãos mandavam algumas ofertas: [...] e a gente sempre procurava mandar aqueles alunos que precisavam mais, os alunos mais carentes, essas coisas. Sempre a gente fazia uma seleção pra os estágios que vinham, ou eles mesmos iam no IEL ali na Mossoró, depois da Mossoró e se inscreviam nos estágios, e os estágios vinham⁵⁸.

⁵⁶ Fragmento da transcrição da videografia de José Mateus do Nascimento (2021).

⁵⁷ Fragmento da transcrição da videografia de Evânia Maria Damásio de Souza (2022).

⁵⁸ Fragmento da transcrição da videografia de Maria da Salete Marinho Coelho (2022).

A diretora faz questão de citar o caso de estágio da estudante Diana:

O caso de Diana foi a Cosern. Diana começou o 1º ano, primeiro estágio na Cosern, no 2º ano fez o segundo estágio, 3º ano fez o terceiro, aí depois ela fez Administração, porque o colégio tinha Administração e Contabilidade, aí se matriculou em Administração, eu dei a declaração, ela fez o quarto estágio, aí no quinto ela foi efetivada na Cosern⁵⁹.

Perante essas informações, é possível indagar se houve mudanças na “grade curricular” dos cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau em Assistente de Administração e Contabilidade, ou se já havia uma baixa demanda do mercado para admissão de profissionais nessas habilitações? Ao ser questionada sobre a oferta de estágios, a egressa dos anos de 1998 até 2000, reforça “É... e a oferta não era tamanha, né... não tinha assim... uma quantidade de vagas específica para a quantidade de alunos que estariam se formando naquela época”⁶⁰.

Outro elemento, a ser destacado, e dado sentido, por intermédio das vozes e imagens, são as práticas educativas-culturais, vivenciadas pelos agentes-sujeitos da instituição escolar Anísio Teixeira, uma vez que se entende, as festas e eventos, como sinais de permanência e mudança de uma cultura escolar específica, que nessa tese, se desenvolve na proposição, de que, existia na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, até os anos de 2002, uma cultura escolar do tecnicismo.

Interpretando as vozes dos estudantes entrevistados, chegou-se à conclusão que as festas e os eventos mais lembrados foram as gincanas, “[...] lembro de algumas gincanas que a gente fazia em prol, pra ajudar...eu não lembro exatamente o que, mas lembro dessas gincanas que nós fazíamos, [...]”⁶¹. Mas, porque será que os estudantes não lembram das festas cívicas, já que o Anísio Teixeira foi fundado no contexto de uma cultura escolar tecnicista e de governos ditatoriais. Seria isso, uma forma de censura da memória ou essas práticas de moral e cívica foram extintas dessa escola?

⁵⁹ Fragmento da transcrição da videografia de Maria da Salete Marinho Coelho (2022).

⁶⁰ Fragmento da transcrição da videografia de Andrina de França Silvestre de Souza (2021).

⁶¹ Fragmento da transcrição da videografia de Isaura Lima Alves Galvão (2021).

Analisando os discursos das diretoras entrevistadas e as fotografias encontradas no arquivo da instituição, entende-se, que existia uma valorização aos eventos cívicos, conforme demonstram as narrativas:

Havia festas e eventos cívicos. [...] desfile de 7 de setembro. Teve, teve o desfile cívico, né...porque assim, antigamente tinha os desfiles das escolas e as escolas ia “tudim”, aí depois não, começou só uma escola representava, aí o Anísio Teixeira, penso por ser mais perto, já estar na Praça Cívica, aí ele sempre era o convidado, e aí era a banda, tinha a banda, instrumento de banda, o pessoal da polícia ia lá treinar os meninos, os alunos e tinha o desfile, todo mundo queria desfilar, né...tinha incentivo também dos professores, e isso não era só... interessante é que os eventos não era só do aluno, o evento era do professor, também⁶².

Todo feriado nacional, existia uma coisa que o Governador vinha pra Praça Cívica, o coreto era na frente do Anísio, o Anísio tinha que participar. O Atheneu, o Anísio e o Churchill eram os três que tinham que ter todo mundo fardado, bonitinho, arrumadinho e a gente em cima do coreto, direção, professores⁶³.

As falas demonstram, que as festas e os eventos comemorativos mais lembrados pelas diretoras ouvidas, foram os eventos cívicos, perdurando até os anos 2000. Interpreta-se nas narrativas das agentes-sujeitas, que, era um prestígio participar dessas solenidades cívicas, pois haviam muitas personalidades políticas, militares e da sociedade potiguar, presentes nesses momentos sociais, ilustradas nas fotos 7, 8 e 9.

⁶² Fragmento da transcrição da videografia de Evânia Maria Damásio de Souza (2022).

⁶³ Fragmento da transcrição da videografia de Maria da Salete Marinho Coelho (2022).

Foto 7 – Professora Zuleika Romano, regente do coral da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, durante a solenidade cívica de 7 de setembro de 1996.



Fonte: Arquivo da Escola.

Foto 8 – Professora Zuleika Romano e Vice-Diretora Maria da Salette Marinho Coelho na solenidade cívica de 7 de setembro de 1996.



Fonte: Arquivo da Escola.

Foto 9 – Estudantes da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira no desfile cívico de 7 de setembro da década de 1990.



Fonte: Arquivo da Escola.

Já as festas e os eventos comemorativos mais lembrados pelas professoras da década de 1990 até os anos 2000 foram as feiras de ciências, também apontado pelo professor dos anos de 1981. As atividades desenvolvidas nas feiras de ciências se davam de forma interdisciplinar, permitindo, assim, o estudante refletir sobre o que estavam fazendo. As feiras de ciências ou do conhecimento seriam elementos de flexibilização dessa cultura escolar tecnicista? Visto, que, a organização desses eventos baseava-se numa metodologia de pesquisa bibliográfica e compreensão dos temas, que eram verbalizados para os convidados, que prestigiavam esse tipo de evento escolar.

Seguindo essa lógica, acredita-se, que as feiras de ciências interdisciplinares, ocorridas na escola, indicava mais uma marca da flexibilização das práticas educativas-culturais, que antes amparava-se na ideia de formação para o mercado de trabalho, como treinamento teórico, ocorridas até meados da década de 1990. Depois desse marco, percebe-se nos discursos anunciados nas memórias dessas professoras, a inclusão e a possibilidade do estudante aprender fazendo, cuja compreensão se efetiva na ideia de preparação para o mundo do trabalho, conforme, ilustra a professora Rozicleide Bezerra de Carvalho: “A feira de ciências promoveu aulas diferenciadas porque nós podemos trabalhar todas as áreas de

conhecimento, aquelas que eram constitutivas do curso, como também outras áreas que estavam fora da escola”⁶⁴.

Foto 10 – Professora D.ra Rozicleide Bezerra de Carvalho, na feira de ciências da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, em Natal-RN.



Fonte: Arquivo da Escola.

As narrativas da professora Rozicleide Bezerra de Carvalho abre espaço para a reflexão sobre o diálogo interdisciplinar, difundido amplamente entre os pesquisadores brasileiros nos anos de 1990, e predominando como abordagem das práticas pedagógicas nos anos 2000. A interdisciplinaridade se consolida nessa sociedade contemporânea, com fins a romper com o modelo de educação fragmentada, dando lugar ao novo paradigma emergente, aquele que religa os saberes, mantendo uma harmoniosa relação das partes com o todo, ou seja, uma verdadeira teia, metaforicamente, simbolizada, nas reservas da complexidade humana, sabiamente, teorizada por Morin (1999; 2000).

As metodologias, as avaliações, os estágios, as festas e os eventos, tecidos neste conjunto da categoria práticas, elucidam-nos a refletir, que não existem práticas imutáveis, pelo contrário, elas se alteram ao longo dos anos, mesmo que haja resistência por parte daqueles que as executam. Vejam que a cultura do tecnicismo, mesmo sendo, muito forte, ainda no final dos anos 1990, na instituição Anísio

⁶⁴ Fragmento da transcrição da videografia de Rozicleide Bezerra de Carvalho (2021).

Teixeira, as professoras entrevistadas dessa época já tentavam implantar uma nova forma de ensinar e aprender, sendo assim, pode-se afirmar que houve mudanças, mas o ideário legal da escola era a formação de estudantes para atuar no mercado de trabalho.

5.4 A MATERIALIDADE ESCOLAR: arquitetura, mobiliário, utensílios e materiais pedagógicos.

A percepção sobre a categoria, materialidade escolar, nas dimensões da arquitetura do prédio da instituição Anísio Teixeira, o mobiliário, os utensílios e os materiais pedagógicos traduzem na memória dos agentes-sujeitos, como espaços ou lugares, capazes de aguçar sentimentos e lembranças, sendo esses bons ou ruins.

Os espaços físicos que compõe a materialidade arquitetônica da escola, tais como: os corredores, as salas de aulas e outras dependências (sala de professores e secretaria) foram destacados nas questões das sessões de videografia ou vídeo-história com a intenção fortalecer ainda mais esse *corpus* documental historiográfico que vem sendo (re) construído.

Nos relatos de memória dos estudantes, o corredor da instituição Escola Estadual Professor Anísio Teixeira se constituiu, na materialidade escolar, como um espaço, onde as pessoas transitavam e mantinham relações de sociabilidade, mas era também um espaço de controle e disciplina, deixando explícito que lugar de estudante é no espaço da sala de aula, estudando. Assegurando a máxima defendida, o estudante da década de 1990 testemunha:

[...] o corredor era um espaço de trânsito, mas também de muita sociabilidade né...assim, agora era proibido né...assim, quando estava tendo aula havia realmente uma proibição e como se diz uma vigilância né...da direção da escola de que no horário das aulas, após o toque como eles diziam, não podiam estar no corredor né...[...]⁶⁵.

Essa ideia pronunciada pelas vozes dos estudantes de que o corredor era um espaço de transição geográfica, é também narrado pelos professores e pelas

⁶⁵ Fragmento da transcrição da videografia de José Mateus do Nascimento (2021).

diretoras, acrescentando que apenas a professora dos anos 2000, relembra do corredor do Anísio Teixeira como um local de descuido, de aglomeração e de sujeira.

Foto 11 – Corredor da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, em Natal-RN, anos 2000.



Fonte: <http://anisioteixeiraescolarn.blogspot.com/>

Quando solicitados, a tecerem suas memórias sobre a sala de aula, averiguou-se, que os estudantes descreveram esse espaço, como um lugar de sociabilidade, aprendizagem, porém com grande número de estudantes, sendo estes vistos como um número no espaço, espaço esse permeado pelo controle e pela disciplina, aplicada pelo professor, que fazia questão de ter um espaço limpo, organizado e silencioso.

Foto 12 – Sala de aula do Anísio Teixeira, em Natal-RN, anos 2000.



Fonte: <http://anisioteixeiraescolarn.blogspot.com/>

A descrição tecida pelos estudantes é bastante similar a compreensão dos professores e das diretoras entrevistados nas décadas de 1980, 1990 e dos anos 2000, demonstrando-nos que a sala de aula era um espaço de aprendizagem, na qual deveria imperar a organização da mobília, limpeza da sala e dos móveis, o silêncio e o respeito entre os estudantes e os professores. Sobre este assunto nos fala a professora, e na sequência a diretora:

[...] nas minhas salas não podia ter papel no chão, eu não admitia, as cadeiras eram todas em filas, e os alunos não tinha esse negócio de botar os pés pra cima, ficar com o pé dobrado na carteira não, eram todos...não era regime militar, mas era uma questão de disciplina, né...eles tinham que entender que estavam numa sala de aula, né...a fardinha, bonitinha, né...pra você ver, uma vez eu peguei um aluno no Anísio novo já, riscando a parede do Anísio, ele em cima da mesa riscando, eu puxei ele pelo braço, tirei ele e levei ele pra secretaria, e exigi que ele fosse suspenso na minha aula, três aulas, e do colégio...2 dias, assim foi feito, [...] ...eu disse a ele, olha isso, a escola é nossa, o que você fez ali é um crime, porque você está sujando um patrimônio nosso, esse menino até hoje nós somos amigos, a gente conversa no face, ele disse professora foi a maior lição que eu tomei na minha vida em respeitar o que é do outro, [...]⁶⁶.

Existia respeito dos estudantes para com os professores [...]. Tinha, tinha que ter disciplina, né como hoje não, que é tudo muito moderno, aluno diz o que quer com o professor, porque é liberdade de expressão...não existia⁶⁷.

⁶⁶ Fragmento da transcrição da videografia de Ismênia Verônica Barboza (2021).

⁶⁷ Fragmento da transcrição da videografia de Evânia Maria Damásio de Souza (2022).

Havia respeito dos estudantes para com os professores. As salas de aula eram cheias! Eram cheias, era 50, 52 alunos, [...]. Não existia muita briga dentro da escola não, podia haver briga lá fora. Eu desapeitei muita briga lá fora, na praça, chamavam que tava havendo confusão na praça, mas dentro da escola não⁶⁸.

No espaço da sala de aula havia controle e disciplina, modelando o comportamento do estudante. Essas condutas de modelamento deixam transparecer, que a cultura tecnicista permanecia resistindo, e confirmando que os resquícios da pedagogia tradicional, eram bastante fortes, mesmo estando no novo prédio da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira. Esse episódio, lembrado pela entrevistada, a qual narra o caso do estudante destruindo o patrimônio público, e a exigência da aplicação de uma punição, sinalizava que o prédio foi alterado (conforme a figura 13), mas as ideias engendradas nas décadas de 1970 e 1980 ainda permaneciam nas mentalidades e nos comportamentos dos agentes-sujeitos, objeto dessa investigação, e que, de fato, não existe uma prática pedagógica pura, ao ser gestado uma nova tendência pedagógica e junto com ela vem alguns elementos da tendência anterior.

As ideias construídas até aqui, já demonstram evidências que os agentes-sujeitos foram elementos determinantes na resistência da cultura escolar tecnicista dessa instituição de ensino, objeto de investigação, representada nas plantas arquitetônicas das figuras 13 e 14.

⁶⁸ Fragmento da transcrição da videografia de Maria da Salete Marinho Coelho (2022).

Figura 13 – Planta baixa da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1973-1998)



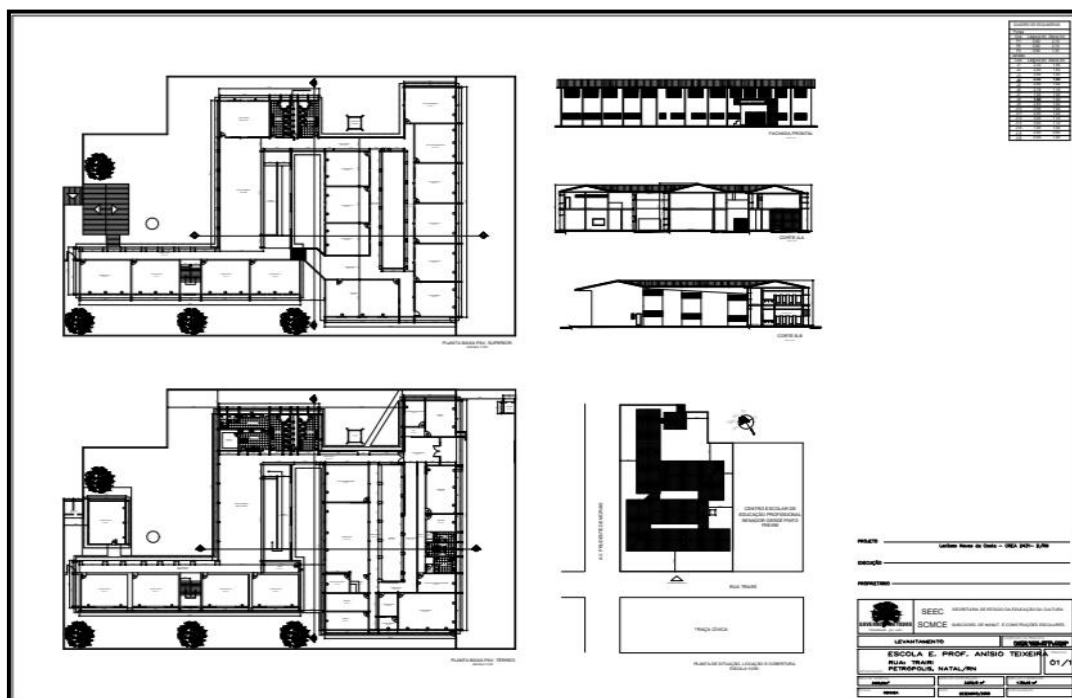
Fonte: Moreira (2018, p.119).

A planta baixa da escola, traz a projeção arquitetônica do primeiro prédio a abrigar a instituição escolar Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira, que alguns anos depois, precisamente, nos anos 1990 passa a ser chamada de Escola Estadual Professor Anísio Teixeira⁶⁹. Essa estruturação física projetada, se insere nos modelos de prédios escolares “[...] filiado ao estilo modernista, caracterizado pelo uso de janelas horizontais em vidro, presença do terraço-jardim, tratamento de fachadas com jogos de volumes e ausência de elementos arquitetônicos que não fazem alusão a estilos históricos”. (MOREIRA, 2018, p.118).

Já a edificação ilustrada na figura 14, materializa o projeto do novo Anísio Teixeira, inaugurado em 1999.

⁶⁹ Essa informação foi dada pela Secretaria Geral da escola, a servidora Albertina Monteiro, durante uma conversa em que se revisitava o arquivo da instituição, na data de 18 de maio de 2022.

Figura 14 – Planta baixa da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1999-2002)



Fonte: SEEC-RN (2020).

Diferentemente, da planta da edificação mostrada na figura 13, o novo projeto do prédio da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, imprime na imagem do espaço da Praça Cívica, um ar de modernidade e progresso à época, com salas no pavimento térreo e no superior, incluindo sala de informática com computadores e departamentos climatizados.

Esses projetos de reformas das edificações escolares nos anos de 1990 e 2000, segundo Fernandes (2015) fazem parte do cenário político e econômico do país, alavancado pela reforma do Estado e pela recessão econômica, resultando na ampliação da demanda das escolas públicas e na universalização do acesso ao ensino. Nessa época, eram construídos prédios escolares em série, com baixo custo financeiro e em um curto espaço de tempo, como no caso do Anísio Teixeira, que ficou pronto em 12 meses.

As mudanças arquitetônicas do prédio do Anísio Teixeira pareceram influenciar na flexibilização da cultura escolar tecnicista do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, pois essa renovação, teve um certo sentido de modernidade, de novo tempo, de novas práticas. Embora, o prédio tenha sido alterado, as mentalidades dos agentes-sujeitos, continuavam na resistência de se

transformarem em uma escola de ensino médio e não mais com habilitações profissionalizantes, como continuou fazendo até 2002.

Lendo e interpretando as memórias, enuncia-se que as outras dependências físicas e arquitetônicas da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, evidenciadas pela oralidade dos estudantes, elege a sala da secretaria atrelada a confecção das provas, o que permite-nos refletir, que os espaços da administração escolar não eram frequentados diariamente pelos estudantes, uma vez que esses espaços ficavam apartados/separados dos espaços destinados aos estudantes, “[..] eu estudava na parte de trás, acho que no último ano eu estudei lá atrás...”⁷⁰. Essa ilustração verbal, reafirma, ainda mais, a materialização de uma cultura escolar tecnicista engendrada nessa instituição desde a sua gênese, na década de 1970.

O espaço físico e arquitetônico que abrigava a sala de secretaria também é destacado pelas professoras da década de 1990 e dos anos 2000. Elas narram esse local como sendo um espaço operacional e burocrático. Todas essas vozes constituintes na (re) construção histórica da materialidade da escola, impulsiona-nos a pensar: Porque será que o espaço físico da secretaria da escola está associada as provas, como bem lembra os estudantes? Esse era o local na qual as provas eram datilografadas e depois “[...] era mimeografada, né...me lembro que tinha até aquele cheirinho, [...]”⁷¹.

Ao serem perguntadas sobre as dependências físicas e arquitetônicas, as diretoras pensam distintivamente, elas possuíam perfis administrativos opostos e atuaram em tempos dissemelhantes. A diretora dos anos de 1980, coloca a Praça Cívica, como extensão das instalações físicas do Anísio, uma espécie de local de convivência, deixando transparecer que a escola estava localizada num espaço de status da cidade de Natal.

⁷⁰ Fragmento da transcrição da videografia de Isaura Lima Alves Galvão (2021).

⁷¹ Fragmento da transcrição da videografia de Isaura Lima Alves Galvão (2021).

Foto 13 – Praça Cívica de Natal-RN, anos 2000.



Fonte: Arquivo da Escola.

Quanto a diretora das décadas de 1990 e 2000, percebeu-se em seu discurso o valor dado as boas relações humanas e a promoção do diálogo entre os seus professores,

Sala dos professores...Eu fiz muitos arranjos de flores, arrumava a sala dos professores no começo do ano, arrecadava dinheiro das camisas prá comprar uma toalha, prá comprar uma coisa, vendendo as camisas dentro do colégio prá poder fazer... as camisas dos alunos, não era as camisas do colégio não, era vendida nas lojas, mas as camisas dos 3º anos a gente vendia dentro da escola, prá botar um jarro na coisa, prá gente comprar...a gente comprou um gelágua, a gente comprou umas coisas que não vinham, no Anísio não vinha, no Anísio vinha 3.000 as vezes de três em três meses, prá comprar um material, vamos dizer, caneta...de expediente muito pouco, [...]72.

Como pensar sobre uma instituição que já incluía práticas educativas-culturais, idealizadas na formação do estudante para o mundo do trabalho, e ainda continuava percebendo a materialidade (arquitetura da escola) nos ditames do tecnicismo? A partir dessa inferência é possível refletir que os espaços físicos podem até ser alterados, mas os comportamentos podem resistir ao tempo, tanto que a memória material espelhada nas figuras 13 e 14 é alterada, porém as mentalidades fundadas na cultura escolar tecnicista não se metamorfoseiam no mesmo ritmo. Esse lento processo de transformação da materialidade escolar, se

⁷² Fragmento da transcrição da videografia de Maria da Salete Marinho Coelho (2022).

dará nas diferentes épocas estudadas, em consonância com os processos produtivos impulsionados pelas finalidades das políticas educacionais, pelo desenvolvimento científico, tecnológico e pelas novas formas de organização do trabalho, afirma Ciavatta (2009).

Ressalta-se, ainda, que mesmo havendo reformas nas edificações de ocupação da instituição escolar Anísio Teixeira, ocorridas na transição dos anos de 1990 para os anos 2000, destacadas nas ilustrações (fotos 14 e 15), pareceu-nos que houve pouca influência na flexibilização da cultura escolar tecnicista, mas óbvio, que, intencionalmente, o novo prédio (arquitetura da escola), inaugurado nos fins dos anos 1990, deixou transparecer que era hora de instalar um outro tipo de formação, a do ensino médio propedêutico, recomendado na legislações educacionais da SEEC-RN.

Foto 14 – Prédio do Anísio Teixeira em reforma, final dos anos 1990.



Fonte: Arquivo da Escola.

Foto 15 – Visita do Governador Garibaldi Alves Filho, Secretário de Educação Luiz Eduardo e do Dr. Kerginaldo as novas instalações do Anísio Teixeira, em 1998.



Fonte: Arquivo da Escola.

5.5 OS TEMPOS: anos de 1980, 1990, 2000

Os tempos, transmutados nas três décadas, 1980, 1990 e 2000, foi o último elemento a ser (re) memorado pelos agentes-sujeitos nas sessões de videografia ou vídeo-história. Nesse momento das entrevistas, pediu-se para os entrevistados narrarem algum (ns) fato (s) marcantes da sua época no ensino técnico profissionalizante de 2º grau, na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

Nas vozes dos estudantes, os fatos marcantes verbalizados se deram nas contingências da condição humana, que trouxeram à memória, sentimentos concorrentes e complementares, externados em amizade, carinho, desafio, empatia, motivação, tristeza, esperança, mudança, beleza e futuro.

Conforme anunciam-se:

[...] em termos assim de lembrança mesmo que eu quero colocar em evidência é a alegria e o tempo vivido do Anísio Teixeira, que pra mim é inesquecível, entendeu! Um tempo que infelizmente não volta mais, mas assim, o carinho dos professores com a gente, do pessoal da portaria, enfim! Um calor humano maior, entendeu! Assim, é...todo mundo junto ali, em cantina, dividindo lanche, se reunindo...eu

confesso a você Max, que eu sai do Anísio, chorando! Saí do Anísio Teixeira Chorando! Mas, foi um tempo muito, muito bom!⁷³.

[...] aquele evento da avaliação né...de geografia⁷⁴, que tá bem latente na minha memória, é...⁷⁵.

Um fato marcante foi a nossa mudança de prédio, né...nós estudávamos aí nesse prédio, e tivemos que mudar pra o Caic de Lagoa Nova pra uma reforma. Porque me marcou? Porque de fato a escola estava precisando de uma reforma, então assim, por mais que não pudesse usufruir das novas salas, da nova escola, mas aquilo me deixou feliz, porque quem iria chegar depois, além de ter aquele leque de professores excelentes que tivemos a oportunidade, também iria desfrutar de uma boa estrutura, que é de suma importância, pra aquele aluno que chegava cansado do trabalho ter uma boa estrutura pra li sentar, e poder ouvir as orientações do professor, né...e porque assim, a escola estava sucateada [risos] e precisava passar por isso, então assim, foi algo que me deixou muito feliz, [...]⁷⁶.

As citações memorialísticas, tecidas nas lembranças desses agentes-sujeitos, nos fazem mobilizar as ideias sobre memória, redigidas por Le Goff (2003) ao afirmar:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 423).

Le Goff (2003), nessas palavras, permite-nos dizer que as narrativas de memórias, são a (re) atualização das subjetividades humanas, podendo ser atualizadas de forma metafórica ou concreta, traços e problemas de uma memória histórica e de uma memória social.

Na memória dos professores e das diretoras, os fatos marcantes vividos no contexto da instituição escolar Anísio Teixeira são também as contingências da condição humana, diferenciando um pouco dos fatos dos estudantes, pois as professoras avançam e trazem a memória sentimentos paradoxais, concorrentes e

⁷³ Fragmento da transcrição da videografia de Isaura Lima Alves Galvão (2021).

⁷⁴ O fato marcante da memória do estudante foi porque o mesmo foi reprovado na disciplina de geografia no 1º ano, pois a prova foi realizada em uma outra data sem ele ter tido conhecimento, mas o professor repensou a situação e aplicou uma nova avaliação.

⁷⁵ Fragmento da transcrição da videografia de José Mateus do Nascimento (2021).

⁷⁶ Fragmento da transcrição da videografia de Andrina de França Silvestre de Souza (2021).

complementares, externados na felicidade/tristeza; vida/morte; riqueza/pobreza; fartura/fome; saúde/doença; paz/violência.

Assim, explicitaram as seguintes memórias:

O primeiro fato, é vocês estudantes participando da feira de ciências, com tanta desenvoltura e com tanta propriedade, ali vocês mostraram para todos os professores que vocês não podiam mais continuar com aquele ensino tecnicista, porque por meio da orientação vocês faziam, e quando eu me vi diante daquelas atividades, eu me emocionei muito, muito, né...até hoje eu lembro, até hoje...E o segundo fato que me marcou, é um fato triste, né...porque professor e professora de biologia na escola as pessoas acham que entende de medicina, [...] eu estava no primeiro horário ministrando aula, e de repente uma estudante chegou correndo para eu socorrer alguém, uma estudante tinha chegado atrasada, né...e ficava no corredor esperando a segunda aula para poder entrar, só que não era minha aula, ela ia assistir aula em outra turma, né...que não era a turma que eu estava, e aí quando eu corri, eu a vi debruçada, sangrando muito...[...] eu tive duas estudantes que desmaiaram na sala de aula, com fome!⁷⁷.

...a Praça Cívica não me traz lembranças, me traz assim...quando tinha a semana do 7 de setembro, que os soldados faziam as disposições, ...aeronáutica, exercito que a gente levava os alunos aí, é uma lembrança ruim e outra boa, né...a igreja, que a gente chamava a sala da igreja, que essa sala aí que ficou, que era pequenininha, a gente chamada de igreja, assim traz saudades do antigo Anísio, [...] a coisa que mais me marcou no Anísio mesmo, é...era aluno principalmente à noite, e pela manhã que desmaiavam, porque não tinham o que comer, [pausa] nós tivemos vários alunos que tiveram...alguns tinham ataque epilético, alguns desmaiavam de fome mesmo, né...e a gente podia conversar, saber o que era, e eles diziam que não tinham o que comer, e a gente dava um jeito de providenciar um lanche, uma coisa pra eles, e isso marca muito, [...] ⁷⁸.

O que me marcou mesmo, é que o colégio era muito mal tratado, era muito mal tratado mesmo, bem acabadozinho mesmo. [...] tinha o diretor, mas não tinha assim força junto aos órgãos da secretaria, de fazer a reforma, fazer tintura...falta de verba..., aí eu acho que de 2007, por aí 2005 foi que cada colégio ficou responsável pela sua verba, foi quando melhorou alguma coisa⁷⁹.

[...] teve um fato, de um rapaz, né, de um aluno, acho que já era do 3º ano, ele tinha uma tendência de homossexual, mas isso na época era tudo muito...a gente nem tocava nesse assunto, porque era...não é como hoje, aí esse menino, ele começou a perturbar, ele era sobrinho de um padre...morava com ele, enfim, esse menino era muito

⁷⁷ Fragmento da transcrição da videografia de Rozicleide Bezerra de Carvalho (2021).

⁷⁸ Fragmento da transcrição da videografia de Ismênia Verônica Barboza (2021).

⁷⁹ Fragmento da transcrição da videografia de Jarbas Gomes de Carvalho (2022).

perturbado, muito, muito, que ele precisava de um acompanhamento psicológico, mas a orientação da escola, conversava todo mundo, [...], e um dia ele chegou pra mim, a noite, foi uma coisa que me deixou muito apreensiva, dizendo que naquele dia, ele ia se suicidar, e ia se jogar no ônibus, ali na Praça Cívica, pra todo mundo ver, e aí eu comecei a conversar, né, escutar, e ele me tomou a noite todinha, então chegou a hora de tocar, e ele tava lá na minha sala, aí eu fui e disse a ele que eu tinha que vim embora, que respeitava, né, mas eu não podia fazer nada, e vim embora muito preocupada pra casa, mas depois eu vi que ele queria aparecer, tá entendendo, porque quando cheguei em casa tive a preocupação de ligar pra esse padre, né, que era tio dele, e conversamos, ele disse não se preocupe não [...]⁸⁰.

A morte de Fátima⁸¹, que prá mim foi um choque! E a inauguração do colégio novo, né? Do prédio novo! Foi muito significativo, inclusive tem meu nome ali na placa. Tem meu nome ali na placa, e foi o Governador era (pensando) Fernando...Eu tinha até a foto, [...]⁸².

Todos esses sentimentos e emoções, narrados nas vozes e imagens pesquisadas, por meio da videografia, exprimem, que mesmo estando numa cronologia de três décadas, com agentes-sujeitos correspondentes a esses decenários, e imersos no cerne do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, compreende-se que a apropriação do tempo pelos indivíduos é algo cultural, subjetivo e experiencial, abarcando as relações sociais complexas, apresentando inúmeras maneiras de lidar com os fatos e acontecimentos da vida humana.

O registro dessas imersões memorialísticas, seletiva e carregada de sentidos, se liga aos nexos entre a memória e o espaço, uma vez, que, a partir do momento em que um grupo social se encontra imerso em um espaço, ele passa, então, a moldá-lo à sua imagem, isto é, a suas concepções e os valores, ao passo, que também, se adequa a materialidade do lugar que resiste a sua influência, sintetiza Ferreira da Costa; Firmina Rodrigues e Do Nascimento (2020), amparados em Halbwachs (1990), quando evidencia a existência de uma memória coletiva.

Para Halbwachs (1990), cada aspecto e cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida em sua sociedade, enfim, “[...] cada sociedade recorta o espaço

⁸⁰ Fragmento da transcrição da videografia de Evânia Maria Damásio de Souza (2022).

⁸¹ Maria de Fátima Macedo e Silva (*In memoriam*), que foi diretora da escola de 1995 até 2002.

⁸² Fragmento da transcrição da videografia de Maria da Salete Marinho Coelho (2022).

a seu modo, mas de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças [...]”. (HALBWACHS, 1990, p.160).

Tratar dos fatos marcantes de uma época, numa dada instituição escolar, não quer dizer que se tem a intenção de colocar a história ou a memória dos agentes-sujeitos no mais alto patamar da historiografia da educação, ou até mesmo reduzi-la ou fragmentá-la a apenas uma ciência dos fatos. O fato, é aqui, compreendido, como indicações e vestígios: um fato lembrado é sempre um conteúdo revelador de que a história de uma instituição, se concebe na articulação entre o arquivo e a memória, e sendo assim, defende-se a tese de que as instituições escolares, são passíveis aos movimentos de resistências e de flexibilizações de uma dada cultura.

Magalhães (2021) comunica, que as mudanças socioculturais exigem que se alterem as regras internas de uma instituição, pois elas são dotadas de uma cultura escolar dinâmica e adaptável, mas cada instituição tem sua cultura escolar particular, podendo haver no interior dela, mudanças e permanências da cultura, tendo ciência que não se altera, e nem se deve alterá-la com tanta facilidade.

Envolvido com as reflexões de Magalhães (2021), cabe-nos defender, que quanto mais resistente as ideias, há menos ocorrências de mudanças e mais permanências; quanto mais flexibilizações, maior possibilidade de mudanças. Lógica, reforçada na defesa da presente tese, com pesquisa realizada em um contexto específico de uma instituição de ensino profissionalizante de referência para a formação profissionalizante durante as décadas (1980, 1990, 200), na capital do Rio Grande do Norte.

Observa-se, que os tempos delineados, nas várias dimensões expostas nesta sessão da tese, reflete a ideia de que a história faz parte da realidade da qual trata, e a assimilação dessa história, se dá pelo caminho da atividade humana, como prática, espacialmente, localizada e temporalmente, instituída ou delineada, como afirma Certeau (1982).

Alargando a reflexão, recorda-se do pensamento de Prost (2008), quando conceitua o tempo da história como tempo social, coletivo e dos grupos sociais, e ainda classifica essa história em três tempos, a saber: o tempo cíclico, o tempo cristão e o tempo moderno. O tempo moderno, desenvolvido por Prost (2008), traduz-se como produto da burguesia, progressista e escasso, o tempo do relógio mecânico e fracionado, conforme o tempo que visualizamos atualmente e pensado

nesse contexto de (re) construção da historiografia da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.

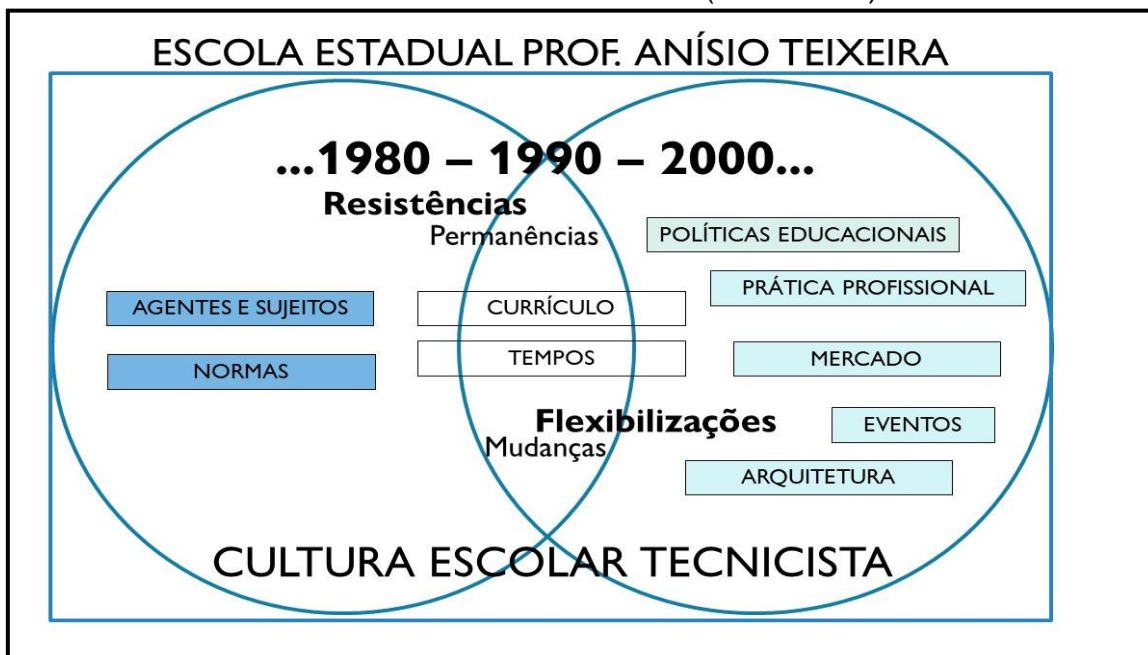
Com essas argumentações de Prost (2008) tenta-se aproximar os tempos rememorados na instituição escolar Anísio Teixeira. O tempo da história, não é, uma unidade de medida, em que os agentes-sujeitos propagam suas resistências e flexibilizações, pelo contrário, “o tempo da história está incorporado, de alguma forma, às questões, aos documentos e aos fatos”, este é o tempo histórico que possui uma dinâmica própria de ser (PROST, 2008, p. 96).

Assegurando-se na afirmação de Prost (2008), sobre os tempos, insere-se os anos de 1980, 1990 e 2000, lembrados como marcos de que a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, mesmo não sendo obrigada a ofertar ensino técnico profissionalizante de 2º grau, logo após a aprovação da Lei Nº 7.044/82, continuou formando estudantes nas habilitações de Assistente em Administração e Contabilidade, demarcando e elucidando que o tempo engendrado nessa escola, é o tempo das metamorfoses da cultura escolar tecnicista, paradoxalmente envolto no estabelecimento de mudanças e permanências dessa cultura escolar, enraizada na vida dessa instituição de ensino.

Nota-se, a partir dos fatos marcantes, trazidos pelas memórias dos agentes-sujeitos, que as contingências humanas, a vida em si, é um entrelace entre o presente e o passado: vive-se um vai e vem constante, inclusive dentro do próprio passado, vasculhando as marcas e os vestígios de um dado objeto do conhecimento, exaustivamente pesquisado. Essa operação histórica, potencializa uma modulação temporal peculiar e familiar, como se o investigador tivesse percorrendo rotas sinalizadas com pistas, e no meio do caminho se deparasse com obstáculos, mas mesmo assim, persiste na busca da ressignificação de um fazer historiográfico, imerso num tempo, traduzido num fazer esperançoso e essencialmente humano.

Na conclusão do inconcluso, apresenta-se uma projeção mental da proposição de tese, razão da feitura deste trabalho, conforme exposto na figura 15, como imagem síntese das análises efetivadas.

Figura 15 – Esquema dos elementos da cultura escolar da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002)



Fonte: Autoria própria.

Ao observar a figura 15, pode-se compreender que entre os elementos constituintes da cultura escolar tecnicista, a maior incidência de flexibilização foi provocada pelas mudanças nas políticas educacionais, da prática profissional, dos anseios do mercado, na realização de eventos e na arquitetura da instituição, com evidência de flexibilização mais intensa, somente a partir dos anos de 1990.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir esse trabalho, foi de fato percorrer novamente o interior da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, situada na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, no período de 1982 a 2002. Tinha-se como ponto de partida a cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, das habilitações de Assistente em Administração e técnico em Contabilidade, advertindo haver uma cultura escolar do tecnicismo na gênese dessa instituição, também conhecida, como a “Escola da Praça”.

Essa escola, considerada de prestígio pela sociedade natalense, cuja missão era formar estudantes para o mercado de trabalho, resistiu as marcas e as intemperanças do tempo, as inúmeras mudanças nas políticas educacionais engendradas no Brasil, e manteve-se ofertando ensino técnico profissionalizante de 2º grau por quatro décadas, finalizando seu ciclo em 2002.

Fazer esse caminho da análise da história, da cultura escolar e da memória do ensino técnico profissionalizante da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira no recorte temporal (1982-2002), moveu-nos a pensar sobre a questão de tese: A cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, mesmo após a publicação da Lei Nº 7.044/82, ainda resistiu durante 20 anos (1982-2002), com evidencia de flexibilização mais intensa, somente a partir dos anos de 1990.

A teoria delineada e analisada, os documentos examinados, as falas e as expressões pesquisadas por meio das videografias ou vídeo-histórias nos conduziu a confirmar que existiu ao longo dessas quatro décadas, dentro da instituição escolar Professor Anísio Teixeira, uma cultura do tecnicismo, enraizada na vida da escola.

Em relação à pesquisa audiovisual das memórias ensaiadas, pelo fazer das videografias ou vídeo-histórias, reafirma-se que estes não se deram em sua plenitude, como teoriza, Mauad (2011), mas tentou-se seguir o passo a passo desse método, no entanto foi fugaz, porém cumpriu-se o objetivo principal: (re) construir, por meio das falas, dos gestos e dos sentimentos dos agentes-sujeitos, a história da instituição escolar Professor Anísio Teixeira, no recorte temporal já citado nos parágrafos anteriores.

O perdurar da oferta desse tipo de ensino, parece-nos não ter uma causa, mas várias. Acredita-se haver uma confluência multifatorial. Visualiza-se com as análises tecidas, que os agentes-sujeitos: estudantes, professores e diretores, corroboraram para a manutenção da cultura do ensino de 2º grau, pois tanto os estudantes ouvidos, como seus familiares, desejavam serem preparados para adquirir uma profissão e adentrar no mercado de trabalho.

Além desse desejo dos estudantes e dos seus familiares, outro ponto relevante para a manutenção do ensino técnico profissionalizante de 2º grau, na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, foi o grupo de professores da área técnica. Constatou-se que seria interessante manter seu fazer docente, uma vez que ao ser extinto a oferta das habilitações de Assistente em Administração e Contabilidade, uma parcela dos professores seria devolvida a SEEC-RN, sendo que os professores da área técnica, eram também, profissionais liberais, atuando no mercado de trabalho.

Os agentes-sujeitos, as legislações educacionais impulsionaram a flexibilização das práticas pedagógicas, práticas essas, ancoradas nas ideias do tecnicismo, do behaviorismo e das exigências do capital humano. Na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, portanto, materializou o que se poderia conceituar de “a instituição portadora de uma cultura escolar específica, a cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau”.

Como esse trabalho de (re) construção da historiografia da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira ou usando a licença poética, nomeio, de “Escola da Praça”⁸³. Além disso, informa-se que as pesquisas não se concluem com essa tese de doutoramento, pois ainda se buscará respostas para algumas lacunas, como por exemplo, investigar a inserção dos egressos de Assistente em Administração e Contabilidade no mercado de trabalho nos anos de 1970 e 1980, utilizando, como abordagem, dados estatísticos.

Outras possibilidades de continuidade para pesquisas futuras, quem sabe um estágio de pós-doutoramento, é a possibilidade de realizar um estudo historiográfico sobre as similaridades e dissemelhanças entre a Escola Estadual Professor Anísio

⁸³ Esse termo “Escola da Praça” dado a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira por esse pesquisador é parte do título de seu livro: “Eu quero estudar na escola da praça! ”: a história do centro de ensino técnico profissionalizante de 2º grau professor Anísio Teixeira em Natal (1974 a 1985), publicado pelas edições UERN, em 2022. Disponível em: <https://www.uern.br/biblioteca/edicoesuern/default.asp?item=edicoes-uern-ebooks-2022>. Acesso em: 02 de nov. 2022.

Teixeira (Natal-RN) e a Escola Secundária Avelar Brotero (Coimbra-Portugal) ou desenvolver uma investigação sobre as práticas pedagógicas dos estudantes com deficiência no ensino médio profissional em Natal-Brasil e Lisboa-Portugal.

Por fim, conclui-se essa tese, dizendo que nenhum objeto científico é dado, mas construído, e essa construção é como um caminho, que só pode ser feito, caminhando, mesmo que o corpo e os pés estejam cansados. É na perseverança do caminhar que se chegará a algum lugar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ALVES, Tamara de Souza Santana Batista. **Trabalho do orientador educacional na rede municipal de Duque de Caxias**: limites e possibilidades de atuação na equipe diretiva para uma gestão democrática. 2018. 219f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2018.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Historiografia, processo ensino-aprendizagem e ensino de história. In: **Revista metáfora educacional**, n. 9, dez. 2010, p.70-89. Disponível em: <http://www.valdeci.bio.br/revista.html>. Acesso em: 22 de out. 2022.

BANDEIRA, Tainá da Silva. **A formação profissionalizante no Centro de Educação Integrada Professor Eliseu Viana sob as diretrizes da Lei Nº 5.692/1971, Mossoró/RN**. 2020. 212f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

BARROS, José D'Assunção. Peter Burk: trajetória de um historiador. **História Unisinos**, v. 15, n. 1, p.31-39, jan./abr. 2011.

BARROS, José Costa D'Assunção. A escola dos Annales: considerações sobre a história do movimento. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v.4, n.8, jul/dez. 2010. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/953/588>. Acesso em 03 de jun. 2019.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC**, n.1, v. 2, p.68-80, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 16 de set. 2019.

BORGES, Juliana Rosa Alves et al. O pensamento de Skinner e processo de ensino-aprendizagem da matemática. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo - MG, v.19, n.39, p.130-148, 2020. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2173/1345>. Acesso em 28 de jun. 2021.

BRASIL. **Lei n. 5.692, de 11 de Agosto de 1971**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm. Acesso em: 24 de mai. 2015.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 24 de mai. 2015.

BRASIL. **Lei N. 7.044, de 18 de outubro de 1982.** Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%207.044-1982?OpenDocument. Acesso em: 01 de jun. 2019.

BRASIL. **Decreto n. 2.208, de 17 de abril de 1997.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec2208.pdf>. Acesso em: 07 de nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio:** Documento Base. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em: 09 de jun. 2016.

BRASIL. **Parecer Nº 618, de 02 de dezembro de 1982.** Câmara de ensino de 1º e 2º graus do Conselho Federal de Educação.

BRASIL. **Parecer Nº 170, de 07 de março de 1983.** Câmara de ensino de 1º e 2º graus do Conselho Federal de Educação.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BURKE, Petter. **A escrita da história. Novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992.

CARLOS, Nara Lidiana Silva Dias. **O ensino de 2º grau no estado do Rio Grande do Norte:** uma história da implantação da lei nº 5.692/1971 (1971-1996). 2018. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional, Natal, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** Tradução por Enid Abreu Dobranszky. Campinas-SP: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Tradução por Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CIAVATTA, Maria. A cultura material escolar em trabalho e educação. A memória fotográfica de sua transformação. **Revista Educ. e Filos.**, v.23, n.46, p.37-72, jul./dez. 2009.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre as práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão editora, 1988.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre o campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n.1, p.177-2229, 1990.

CONZATTI, Fernanda de Brito Kulmann; DAVOGLIO, Tércia Rita. Análise textual discursiva e as trajetórias educativas de adultos na educação de jovens e adultos (EJA): um exercício metodológico. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e**

Adultos, v.5, n.10, p.180-194, 2017. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/4415>.
 Acesso em: 26 de mai. 2021.

COSTA, Antonio Max Ferreira da. **Ensino técnico profissionalizante no Centro de Ensino de 2º Grau Professor Anísio Teixeira**: uma análise histórica das práticas pedagógicas (1974-1985). 2017. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional, Natal, 2017.

COSTA, Antonio Max Ferreira da. **“Eu Quero Estudar na Escola da Praça!”**: a história do centro de ensino técnico profissionalizante de 2º grau professor Anísio Teixeira em Natal-RN (1974 A 1985). Mossoró: Edições UERN, 2022. Disponível em:
<https://www.uern.br/biblioteca/edicoesuern/default.asp?item=edicoes-uern-ebooks-2022>. Acesso em: 02 de nov. 2022.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 1, p.139-159, jan./abr. 2004.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de.; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n.14, p.19-34, mai./jun./jul./ago. 2000. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/rjhxvFpJQ97LDYVJxkXybbD/?lang=pt&format=pdf>.
 Acesso em: 28 de ago. 2021.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar: a importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Revista Pro-Posições**. Campinas, v.16, n.1, p.87-102, jan./abr. 2005. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643756/11271>.
 Acesso em: 31 de ago. 2021.

FERNANDES, Fabrícia Dias da Cunha de Moraes. **Expansão do ensino fundamental brasileiro e suas implicações na produção arquitetônica escolar paulista nas décadas finais do século XX**. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2015.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História da educação e história cultural. In: FONSECA, Thais Nivia de Lima e; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n.5, p.28-49, 1992.

FUNARI, Pedro Paulo; ZARANKIN, Andrés. Cultura material escolar: o papel da arquitetura. **Revista Pro-Prosições**. Campinas, v.16, n.1, p.135-144, jan./abr. 2005. Disponível em: https://fe-old.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2296/46-dossie-funaripp_et al.pdf. Acesso em: 31 de ago. 2021.

GATTI JÚNIOR, Décio. História e historiografia das instituições escolares: percursos de pesquisa e questões teórico-metodológicas. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 28, n. 14, p.172-191, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4469/3660>. Acesso em: 01 de set. 2019.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no brasil (1964-1985)**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIDDENS, Anthony. **Central problems in social theory: Action, structure, and contradiction in social analysis**. Univ of California Press, 1979.

GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História das culturas e das práticas escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. (Orgs.). **A cultura escolar em debate: questões conceituais metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas-SP: Autores Associados, 2005, p.31-57.

FERREIRA DA COSTA, Antonio Max; FIRMINA RODRIGUES, Joventina; DO NASCIMENTO, José Mateus. As categorias “memória” e “memória da educação profissional” nas concepções de Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 29, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/51643>. Acesso em: 19 set. 2021.

HELAL, Diogo Henrique. O papel da educação na sociedade e organizações modernas: criticando a meritocracia. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, RS, v. 13, n. 2, p. 386-408, maio 2013. ISSN 1413-2311. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/read/article/view/39926>. Acesso em: 04 mar. 2021.

HISTÓRIA das instituições educativas: retomando tecendo nexos. Palestra ministrada pelo Prof. Dr. Justino Magalhães (Universidade de Lisboa - Portugal). [Natal: PPGEPI/IFRN]. 2021. 1 vídeo (1h59 min). Publicado pelo canal do PPGEPI do IFRN. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QH9FtDtJyzY>. Acesso em: 19 set. 2021. Evento integrado ao Seminário de Pesquisa II e IV – Linha 3: História, Historiografia e Memória da Educação Profissional do PPGEPI/IFRN.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n.1, p.09-43, jan./jun. 2001.

KNOBLAUCH, Adriane et al . Levantamento de pesquisas sobre cultura escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 38, n. 3, p. 557-574, set. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022012000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 jul. 2020. Epub 26-Jun-2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022012005000015>.

LE GOFF, Jaques. Documento/monumento. In: _____. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 5. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACIEL, Claudia Monteiro. **O lugar da escola técnica frente às aspirações do mercado de trabalho**. 2005. 116f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da UFRJ. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://bdae.org.br/bitstream/123456789/1994/1/tese.pdf>. Acesso em: 20 de jul. 2021.

MAGALHÃES, Justino. A cultura escolar como representação: a escola e a construção de uma tradição e de uma simbologia pátrias. In: Justino Magalhães. **História da educação** (brochura). Lisboa, 2001, p.116-128.

MAGALHÃES, Justino. **Contributo para a história das instituições educativas: entre a memória e o arquivo**. Braga: Universidade do Minho. 1996.

MAGALHÃES, Justino. **Da cadeira ao banco: escola e modernização** (Séculos XVIII – XX). Lisboa: Educa-Unidade de I&D de Ciências da Educação, 2010.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista-SP: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cunthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara. (Org.). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras editora, 1998.

MAGALHÃES, Justino. **O estudo das organizações educativas: novas perspectivas**. Porto: CITCEM-HISTEDUP-UIDEF, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27505/1/EstudoOrgPDF.pdf>. Acesso em: 01 de set. 2019.

MAGER, Juliana Muylaert. Entre o olhar e a escuta: documentário e vídeo-história. In: **Anais: XXVII Simpósio Nacional de História (ANPUH-BRASIL): Conhecimento histórico e diálogo social: Natal, 2013**. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371069921_ARQUIVO_Texto_A_npuh2013JulianaMuylaert.pdf. Acesso em: 16 de set. 2019.

MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; PIMENTA, Denise Nacif. A pandemia de Covid-19: intersecções e desafios para a História da Saúde e do Tempo Presente. In: REIS, Tiago Siqueira et al (Orgs.). **Coleção História do Tempo Presente, Volume 3**. 3ed. Roraima: Editora UFRR, 2020, v. 3, p. 1-314. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/redecovid19humanidades/index.php/br/colecao-historia-do-tempo-presente-volume-3>. Acesso em: 27 de fev. 2022.

MARX, Karl. **O capital**. v. 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAUAD, Ana Maria. Fontes de memória e o conceito de escrita videográfica: a propósito da fatura do texto videográfico Milton Guran em três tempos (LABHOI, 2010). **História oral**. Niterói-RJ, v.13, n.1, p.141-151, jan.-jun. 2011.

MAUAD, Ana Maria; KNAUSS, Paulo. Memória em movimento: a experiência videográfica do LABHOI/UFF. **História oral**. Niterói-RJ, v.9, n.1, p.143-158, jan.-jun. 2006.

MEDEIROS NETA, Olívia.; PEREIRA, M.; ROCHA, S.; & NASCIMENTO, F. A educação profissional nas leis de diretrizes e bases da educação: pontos e contrapontos. **HOLOS**, 4, 172-189, 2018. doi: <https://doi.org/10.15628/holos.2018.6982>

MELO, Francisco Egberto de; TOLEDO, Edilene Terezinha. **O ensino de estudos sociais, ECM e OSPB e a ressignificação da cultura cívica nacional nas práticas escolares em escolas de Fortaleza durante o regime militar**. ANPUH-XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0393.pdf>. Acesso em: 25 de mar. 2016.

MÉSZAROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ZAIA, Iomar. Arquivos escolares e pesquisa histórica: novas fontes para o estudo do ensino técnico no Estado de São Paulo. In: Nascimento, Adalson; Chamon, Carla Simone. **Arquivos e História do Ensino Técnico no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza edições, p.47-74, 2013.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, v.9, n.2, p.191-211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 de mai. 2021.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3. ed. Ijuí (RS): Editora Unijuí, 2016.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: Processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência e Educação**, v.12, n.1, p.117-128, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wvLhSxkz3JRgv3mcXHBWSXB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 de ago. 2021.

MOREIRA, Ana Zélia Maria. **Centro Educacional de Formação do Magistério Primário de Caicó**: as ideias anisianas nos sertões do Seridó. 2018. 304f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MORIN, Edgar. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: Edufrn, 1999.

MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.

NADAL, Beatriz Gomes. **Cultura escolar: um olhar sobre a vida na escola**. 2008. 307 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10060>. Acesso em: 14 de fev. 2021.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. Campinas-SP: Alínea, 2010.

ODELIUS, Catarina Cecília; SIQUEIRA Jr., Fernando Antonio Braga. Treinamento, desenvolvimento e educação em organizações: aspectos que influenciam a efetividade de seus resultados. **Anais do XXXI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2007.

PEÇANHA, Valéria Lopes; SOUZA, Luiz Eduardo Espindola de. O espaço-tempo escolar como elemento curricular. **Em aberto**, Brasília, n.101, v.31, p.173-176, jan./abr. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324431088_O_espaco-tempo_escolar_como_elemento_curricular. Acesso em: 28 de ago. 2021.

PENTEADO, Raphael Camargo. **Ideologia e meritocracia nas organizações: uma análise de conteúdo dos manuais didáticos dos principais cursos de graduação em administração do Brasil**. 2020. 139f. Tese (Doutorado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

PEREIRA, Anna Luiz Verdi. **Democracia x meritocracia: influências e impactos no conhecimento escolar**. 2017. 85f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação), Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim-RS, 2017.

PINSK, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. **Projeto História**. São Paulo, n.22, p. 9-36, jun. 2001.

PROJETO Político Pedagógico da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira. Natal: SEECD, 2015. (Digitado).

PROST, Antoine. **Doze lições sobre história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAMOS, Marise. Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: MOLL, Jaqueline. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

RAMOS, Marise. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. (Coleção formação pedagógica; v.5).

RAMOS; FARIA, J. H. A meritocracia nas organizações contemporâneas: gestão de competência, avaliação de desempenho e mobilidade funcional. In: Valquíria Padilha. (Org.). **Antimanual de Gestão - Desconstruindo os discursos do marketing**. 1. ed. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2015, v. 1, p. 59-90.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado – Teoria da História II**: os princípios da pesquisa histórica. Tradução por Asta-Rose Alcaide e Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UNB, 2007.

SANTOS, Alessandra Soares. O tempo e a história em torno de Fernando Braudel. **História da historiografia**, Ouro Preto, n.7, p.305-311, nov./dez. 2011.

SANTOS, Rudney Aminadab. Teoria do capital humano: uma análise do caso brasileiro. **Análise**, Porto Alegre, n.2, v.19, p.18-30, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://studylibpt.com/doc/4691302/rev-an%C3%A1lise-2008-2---revistas-da-pucrs>. Acesso em: 20 de set. 2019.

SAVIANI, Demerval. Breves considerações sobre fontes para história da educação. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.28-35, ago. 2006, ISSN 1676-2584. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5_22e.pdf. Acesso em 01 de jun. 2019.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar em Revista**, Curitiba, n.28, p.201-2016, dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/w6kJ5hdSGVRnhRWTVP68D3P/?lang=pt#>. Acesso em: 28 de ago. 2021.

SILVA, Maria da Guia de Sousa. **Escola para os filhos dos outros**: trajetória histórica da Escola Industrial de Natal (1942-1968). 2012. 225f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, Natal, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre o behaviorismo**. Tradução de M. P. Villalobos. São Paulo: Cultrix, 2006. (Trabalho original publicado em 1974).

SOUSA, Francisco Carlos Oliveira de. **Em nome da ordem e do progresso**: a formação profissional no percurso da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (1909-1971). 2015. 275f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, Natal, 2015.

SOUZA, Benedita Severina de. **Algumas reflexões sobre o currículo adotado pelos programas de expansão e melhoria do ensino-PREMENS de Teresina**. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/641.pdf>. Acesso em: 15 de jul. 2020.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldina Tursi. In: **Anais: IV Seminário Nacional (HISTEDBR) - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"**, 2006. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab054.rtf. Acesso em: 08 de set. 2019.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. (Orgs.). **A cultura escolar em debate: questões conceituais metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas-SP: Autores Associados, 2005, p.03-30.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.0, p.63-82, set./dez. 1995.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas: continuidades y cambios**. Madri-Espanha: Ediciones Morata, 2006.

VIÑAO FRAGO, Antonio. El espacio y el tiempo escolares como objecto histórico. **Contemporaneidade e Educação** (Temas de História da Educação), Rio de Janeiro, Instituto de Estudos da Cultura Escolar, ano 5, n. 7, 2000 a.

APÊNDICE A – Quadros de roteiros das sessões de vídeo-histórias ou videografias (Diretores, Vice-diretores, Professores e Estudantes).

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Esse instrumento de pesquisa tem como objetivo a (re) construção da memória histórica e da cultura escolar dos agentes (diretores, professores e estudantes) da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002), para compor a tese do doutorando Antonio Max Ferreira da Costa, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP-IFRN), sob a orientação do Professor D.r José Mateus do Nascimento.

Roteiro (Diretor e ou Vice-diretor)⁸⁴

_____, _____ de _____.

Local data ano

1. Slide com o Título: **ELEMENTOS DA CULTURA ESCOLAR DO ENSINO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE DE 2º GRAU DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA: ENTRE A MEMÓRIA E O ARQUIVO (1982-2002).**
2. Identificação: nome, idade, ano que exerceu a função de diretor e ou vice-diretor, graduação (ões), pós-graduação e como chegou à direção.
3. Fale sobre as causas que levou você a atuar no Ensino Técnico Profissionalizante de 2º Grau, bem como o envolvimento com a administração escolar.
4. Relate o que lembra sobre os elementos:
 - Perfil dos estudantes, professores e funcionários [Agentes e Sujeitos],
 - O Currículo (s) e os Conteúdos [Normas e conhecimentos a ensinar],
 - A Metodologia (s), a (s) Avaliação (ões) e o (s) Estágio (s) [Práticas],
 - Os Eventos e as Festas [Práticas],

⁸⁴ Devido a pandemia do novo coronavírus ou Covid-19 instalada no mundo desde o ano de 2020, as seções videográficas foram desenvolvidas em grande medida por meio da ferramenta de webconfência *google meet*, respeitando o desejo do agente-sujeito, pois alguns não dominavam as ferramentas dessa nova tecnologia. Depois de gravadas as vídeo-histórias serão disponibilizadas aos agentes da pesquisa.

- A arquitetura, o mobiliário, os utensílios e os materiais pedagógicos [Materialidade Escolar],

5. Na época em que atuou, fale do que foi marcante no Ensino Técnico Profissionalizante [Tempos]

Grato pela colaboração!

Fonte: Autoria própria (2020).

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Esse instrumento de pesquisa tem como objetivo a (re) construção da memória histórica e da cultura escolar dos agentes (diretores, professores e estudantes) da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002), para compor a tese do doutorando Antonio Max Ferreira da Costa, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP-IFRN), sob a orientação do Professor D.r José Mateus do Nascimento.

Roteiro (Professores)

_____, _____ de _____.

Local data ano

1. Slide com o Título: **ELEMENTOS DA CULTURA ESCOLAR DO ENSINO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE DE 2º GRAU DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA: ENTRE A MEMÓRIA E O ARQUIVO (1982-2002).**

2. Identificação: Nome, idade, ano em que lecionou, função, graduação (ões), pós-graduação (ões) e curso (s) que lecionou.

3. Fale sobre as causas que levou você a atuar no Ensino Técnico Profissionalizante de 2º Grau.

4. Relate o que lembra sobre os elementos:

- Perfil dos estudantes, professores e funcionários [Agentes e Sujeitos],
- O Currículo (s) e os Conteúdos [Normas e conhecimentos a ensinar],

- A Metodologia (s), a (s) Avaliação (ões) e o (s) Estágio (s) [Práticas],
 - Os Eventos e as Festas [Práticas],
 - A arquitetura, o mobiliário, os utensílios e os materiais pedagógicos [Materialidade Escolar],
5. Na época em que atuou, fale do que foi marcante no Ensino Técnico Profissionalizante [Tempos]

Grato pela colaboração!

Fonte: Autoria própria (2020).

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Esse instrumento de pesquisa tem como objetivo a (re) construção da memória histórica e da cultura escolar dos agentes (diretores, professores e estudantes) da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002), para compor a tese do doutorando Antonio Max Ferreira da Costa, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP-IFRN), sob a orientação do Professor D.r José Mateus do Nascimento.

Roteiro (Estudantes)

_____, _____ de _____.

Local data ano

1. Slide com o Título: **ELEMENTOS DA CULTURA ESCOLAR DO ENSINO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE DE 2º GRAU DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA: ENTRE A MEMÓRIA E O ARQUIVO (1982-2002).**
2. Identificação: Nome, idade, ano em que estudou na escola, curso escolhido, trabalhou ou trabalha na habilitação técnica profissionalizante de 2º grau? Seguiu para o ensino superior?
3. Fale sobre as causas que levou você a buscar um curso técnico profissionalizante de 2º grau nessa escola.

4. Relate sobre o que lembra dos elementos:

- Perfil dos estudantes, professores e funcionários [Agentes e Sujeitos],
- O Currículo (s) e os Conteúdos [Normas e conhecimentos a ensinar],
- A Metodologia (s), a (s) Avaliação (ões) e o (s) Estágio (s) [Práticas],
- Os Eventos e as Festas [Práticas],
- A arquitetura, o mobiliário, os utensílios e os materiais pedagógicos [Materialidade Escolar],

5. Na época em que foi estudante, fale do que foi marcante no Ensino Técnico Profissionalizante [Tempos]

Grato pela colaboração!

Fonte: Autoria própria (2020).

APÊNDICE B – Quadro de inventário das fontes do arquivo da escola

Documentos	Fontes	Informações
Históricos e Certificados 1980-2002	Arquivo: Escola Estadual Professor Anísio Teixeira	Nesse documento contém dados pessoais do estudante, curso, ano, estágio, grade curricular: disciplinas, carga horária, nome do diretor ou vice diretor, secretário de educação da época e governo.
Decretos do Governo 1982	Arquivo: Secretaria de Educação do RN	Expõe os atos administrativos realizados pelo chefe do executivo do Rio Grande do Norte para nomear ou regular as leis. [Dados não disponibilizados pela escola].
Diários de classe 1980-2002	Arquivo: Escola Estadual Professor Anísio Teixeira	Registro da frequência dos estudantes, carga horária das disciplinas, conteúdos ministrados, dias letivos, notas, atividades propostas, objetivos, metodologia e avaliação.
Livro de registro de reuniões escolares 1982	Arquivo: Escola Estadual Professor Anísio Teixeira	Contém os testemunhos escritos do que aconteceu na reunião, bem como dados referentes as normativas administrativas da SEEC-RN, demais informações sobre a dinâmica da escola e assinatura dos agentes participantes.
Fotografias 1990-2000	Arquivo: Escola Estadual Professor Anísio Teixeira	Registro da vida da escola nos anos de 1990, 2000.

APÊNDICE C – Transcrições das sessões das videografias ou vídeo histórias

Sessão de videografia ou vídeo história, realizada no dia 16 de julho de 2021 as 19h e 30m pelo *google meet*, com duração de 21:53.

Identificação [Estudantes]

Isaura Lima Alves Galvão: Eu sou Isaura, me chamo Isaura Lima Alves Galvão, minha idade é 56 anos, estudei na escola no período de 82 a 84, fiz o técnico profissionalizante de é...técnico de administração de empresa, e...infelizmente não, não, você me pergunta se trabalhou ou trabalha na habilitação escolhida, não eu fiquei como técnica de informática, passei no concurso do IBGE, e...o nível superior infelizmente não conclui.

Antonio Max Ferreira da Costa: Não seguiu para o nível superior né?

Isaura Lima Alves Galvão: Não!

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, você tinha intenção Isaura na época?

Isaura Lima Alves Galvão: Muita, mas foram vários acontecimentos, eu parei, casei, filhos, entendeu...infelizmente, não conclui.

Antonio Max Ferreira da Costa:E aí você passou num concurso logo assim que concluiu o curso?

Isaura Lima Alves Galvão: Então, é...a escola ela nos dava a chance assim de estágio, né...fiz estágio na Petrobrás, e depois teve um concurso do IBGE, e aí passou, já vai fazer 34 anos.

Quais as causas que levou você a buscar um ensino técnico profissionalizante de 2º grau nessa escola?

Isaura Lima Alves Galvão: Então, na época...na década de 80, é...os pais incentivavam muito os filhos fazerem o curso profissionalizante e técnico também pra que você ingressasse no mercado de trabalho, a oportunidade era bastante ampla, né...e realmente foi comigo, com minha irmã, com meus irmãos, então, ele abria um leque na verdade, né...e me deu realmente muitas oportunidades.

Antonio Max Ferreira da Costa: Isaura, é...naquela época do ensino técnico profissionalizante você chegou a ficar na fila pra pegar vaga? A escola tinha prestígio? Como era que funcionava?

Isaura Lima Alves Galvão: Tinha muito prestígio sim! Sim, peguei fila pra vaga, foi difícil, é...estudei pela manhã, mas quase que não conseguia, eram três turnos na época, né...inclusive a noite, mas eu consegui pela manhã.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, era uma escola tida mesmo de prestígio? Concorrida?

Isaura Lima Alves Galvão: Sim, sim...concorrida! Bastante concorrida!

Quem eram os estudantes, professores e funcionários?

Isaura Lima Alves Galvão: Então, pois é...classe...classe média também, porque eu estudei em escola particular, minha irmã, as pessoas também que tinham lá, e que hoje estão inclusive comigo no IBGE, mas tinha a classe menos favorecida, entendeu, mas a escola, ela dava assim um apoio, entendeu, como te falei pra esse mercado de trabalho e tinha incentivo de abrir esse leque pra gente, então assim, era uma coisa muito...eu era apaixonada, e tinha os três cursos né...na época, que era técnico de administração, técnico de contabilidade, e eu acho que técnicas bancárias, se eu não me engano.

Antonio Max Ferreira da Costa: E aí Isaura, quem era esses professores de vocês?

Isaura Lima Alves Galvão: Então, os professores é...maravilhosos, ainda tenho lembranças boas, todas assim, as matérias eram correlacionadas para o curso, né...administração, matemática econômico financeira, administração, direito...eram pessoas, professores formados nessa profissão...para nos passar, então era uma coisa muito inovadora, assim tudo muito...a gente vinha do ensino, é...do 1º grau, né...como chamava na década de 80, e aí totalmente diferenciado, assim as matérias, entendeu, como eu tô te falando, era tudo muito inovador, mas bastante interessante.

Antonio Max Ferreira da Costa: E você lembra dos funcionários?

Isaura Lima Alves Galvão: Lembro, alguns, é...Wladimir que era o professor de de...você fala os professores, ou todo mundo, diretores?

Antonio Max Ferreira da Costa: Não, funcionários mesmo? Professores não! Secretaria?

Isaura Lima Alves Galvão: Lembro, mas não lembro dos nomes, lembro sim do nome dos professores...

Antonio Max Ferreira da Costa: Sei, eles eram burocratas, é...Isaura, os funcionários?

Isaura Lima Alves Galvão: Não, não lembro, não lembro, meu querido!

O currículo e os conteúdos eram como?

Isaura Lima Alves Galvão: Então, como eu te falei, era assim, as matérias em si a maioria eram todas técnicas, né...tinham a base geral, que era matemática, português, né...mas a maior parte delas era realmente toda para a parte técnica do seu curso, especificamente do seu curso. Tinha a parte de laboratório, tinha parte de...acho que a gente teve uma saída pra alguma empresa, então, assim era tudo voltado pra o curso, um preparatório pra você já ir pro campo de trabalho.

Antonio Max Ferreira da Costa: Isaura, na época ainda tinha escritório modelo, alguma coisa assim?

Isaura Lima Alves Galvão: Lá não, na minha época não...não tinha, eu só me lembro somente do laboratório.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, Isaura o currículo ele era...então o currículo onde você tinha a parte técnica e a geral, né isso?

Isaura Lima Alves Galvão: E a parte geral!

Antonio Max Ferreira da Costa: Era um currículo dividido?

Isaura Lima Alves Galvão: Isso!

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, a maior carga horaria era de disciplinas tidas técnicas, para o mercado de trabalho?

Isaura Lima Alves Galvão: Exatamente!

Antonio Max Ferreira da Costa: Os conteúdos eram simples?

Isaura Lima Alves Galvão: Mais ou menos, algumas coisas eu realmente tinha dificuldade, principalmente em direito, eu confesso que eu confundia bastante [risos], tinha que estudar muito, mas era muito bom.

O que dizer sobre a (s) metodologia (s), a (s) avaliação (ões) e o (s) estágio (s)?

Isaura Lima Alves Galvão: Certo, essa parte dessa metodologia, é...Max, é...tinha tanto a parte teórica, assim como a prática, mas não era uma coisa assim muito aprofundada, entendeu. E quanto a essas avaliações, na verdade não existia, eu até comentava sobre isso, essas avaliações eram provas normais sem a parte prática, não existia essa parte prática. E estágio, eu me lembro que eles nos encaminhavam,

eu não peguei estágio no Anísio Teixeira, mas havia sim portas abertas pra nós, entendeu, e eram estágios, eu me lembro que muitos colegas meus faziam estágios, inclusive em bancos bons, na época acho que era Banco do Nordeste, eu ainda batalhei para entrar nesse banco, mas eles escolhiam mais o pessoal que fazia contabilidade e técnicas bancárias, inclusive pessoas amigas minhas se aposentaram pelo Banco do Nordeste.

Antonio Max Ferreira da Costa: Olha aí!

Isaura Lima Alves Galvão: Entendeu, é...é verdade! Mas o meu era administração então era mais difícil, mas muitas pessoas com estágio eram aproveitadas, inclusive acho que Banco do Brasil se não me engano, eram aproveitadas para o banco.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, você era quem iam atrás? Não era um critério da escola? Mas tinham portas abertas como você coloca, né?

Isaura Lima Alves Galvão: Era bastante portas abertas!

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, é como você coloca, era uma escola que trabalhava essa metodologia mais teórica do que prática, mas havia esse espaço, né...pra o estágio?

Isaura Lima Alves Galvão: Sim, sim, muito espaço e na época muito bancos bons, né!

Que festas e eventos comemorativos participou?

Isaura Lima Alves Galvão: Eu lembro de algumas festas juninas e lembro de algumas gincanas que a gente fazia em prol, pra ajudar...eu não lembro exatamente o que, mas lembro dessas gincanas que nós fazíamos, mas o que fica na minha cabeça era realmente as festas juninas.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, e elas valorizavam a cultura local?

Isaura Lima Alves Galvão: Bastante a cultura local, inclusive naquele pátio ali... principal perto da cantina.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, onde tinha ali, tipo uma casinha, né...um negócio que tinha?

Isaura Lima Alves Galvão: Era, exatamente!

Antonio Max Ferreira da Costa: Um banquinho, né que tinha, um negócio mais ou menos assim?

Isaura Lima Alves Galvão: É, era...muito bom, voltando ao tempo!

O que esses lugares lembram?

Isaura Lima Alves Galvão: É...era mimeografada...na época era mimeografada, né...me lembro que tinha até aquele cheirinho, realmente esse corredor era totalmente diferente, é...na minha época acho que não tinha esses azulejos, eu estudava na parte de trás, acho que no último ano eu estudei lá atrás...

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, é...o que esses lugares lhe lembram, né?

Isaura Lima Alves Galvão: Lembram demais a minha adolescência, amizade, tempo bom, perspectiva de futuro, na minha época a gente queria trabalhar, e...ajudar os pais, né...na época de 80 a maioria tinha mais de dois, três filhos, então, os filhos ajudavam os pais, né...então, assim é...lembra um tempo muito bom...

Antonio Max Ferreira da Costa: Espaço de amizade também, né...os corredores?

Isaura Lima Alves Galvão: Nossa! Eu tenho amizade até hoje! Até hoje! Muito bom!

Antonio Max Ferreira da Costa: Isaura, esses corredores, eles eram...quando tava havendo aula, eles eram esvaziados? Havia um controle? Ou vocês podiam circular a qualquer momento, qualquer horário?

Isaura Lima Alves Galvão: Só em prova, quando não, principalmente na época que foi Margarida, né...a diretora, era bastante...não sei se você pegou a época dela? Era bastante rigorosa!

Antonio Max Ferreira da Costa: Não, peguei não!

Isaura Lima Alves Galvão: As pessoas realmente a temiam [risos] então, assim quando tinha prova, ou então professor faltava, que infelizmente naquela época já começava com essa parte de greve, entendeu! Então, faltava, alguma coisa assim, não como hoje logicamente, mas, aí sim você via esse pessoal no corredor, entendeu!

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, havia um certo controle, né? Uma certa disciplina, né?

Isaura Lima Alves Galvão: Sim! Sim, sim...as pessoas respeitavam a coordenação, professores...diferente!

Antonio Max Ferreira da Costa: A sala de aula lhe lembra o que?

Isaura Lima Alves Galvão: Há, tudo de bom! De aprendizado, de amizade, amizades raras, professores excepcionais, entendeu...que marcam até hoje!

Antonio Max Ferreira da Costa: Vocês sentavam assim enfileirados?

Isaura Lima Alves Galvão: Sim, enfileirados e a gente era identificado na hora da chamada, não sei se foi na sua época também, por número.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, havia um número.

Isaura Lima Alves Galvão: É a gente era colocado em sequência por letra, né...A, B enfim...e aí depois por número.

Antonio Max Ferreira da Costa: Eram poucos estudantes ou muitos em sala?

Isaura Lima Alves Galvão: Eram bastante, eu acho que na minha sala eram 43, 45, a gente só mudava de lugar em prova, né...era sempre aquela sequência numérica, né!

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, havia também um controle no dia da prova?

Isaura Lima Alves Galvão: Há, sim, sim, sim! A gente normalmente trocava de lugar, era...esvaziavam a carteira, não, não, sentava todo mundo como normalmente, entendeu!

Antonio Max Ferreira da Costa: Vocês batiam papo entre si, assim na hora da aula?

Isaura Lima Alves Galvão: Sim, sim, sim! Bastante!

Antonio Max Ferreira da Costa: Vocês faziam grupos em sala de aula?

Isaura Lima Alves Galvão: Muito, muito, muito!

Antonio Max Ferreira da Costa: Havia trabalho em grupo já?

Isaura Lima Alves Galvão: Bastante, inclusive com extensão pra casa, era uma época muito boa, inclusive a gente se reunia em casa, essas amizade até hoje, como eu te falei, muito bom!

Antonio Max Ferreira da Costa: E esse espaço aqui, onde tem essas provas aqui?

Isaura Lima Alves Galvão: Esse aí lembra a secretaria, né...eu vendo aí, tô até sentindo o cheirinho de álcool das provas, marca! Lembra a secretaria, entendeu! Todo mundo tenso na época das provas, né...totalmente diferente, mas muito bom, tudo muito bom!

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo, Isaura! A gente tá quase concluindo!

Isaura Lima Alves Galvão: Há...!

**Um fato que marcou minha época de estudante no ensino técnico
profissionalizante de 2º grau foi...**

Isaura Lima Alves Galvão: Um fato...foi um fato triste, mas que marcou assim, eu ia até falar com minha cunhada sobre isso, que estudou comigo. Foi a perda de um professor muito querido, eu acho que foi um acidente na Petrobrás, e assim, me deixou muito sentida. Mas, em termos assim de lembrança mesmo que eu quero colocar em evidência é a alegria e o tempo vivido do Anísio Teixeira, que pra mim é inesquecível, entendeu! Um tempo que infelizmente não volta mais, mas assim, o carinho dos professores com a gente, do pessoal da portaria, enfim! Um calor humano maior, entendeu! Assim, é...todo mundo junto ali, em cantina, dividindo lanche, se reunindo...eu confesso a você Max, que eu sai do Anísio, chorando! Saí do Anísio Teixeira Chorando! Mas, foi um tempo muito, muito bom!

Antonio Max Ferreira da Costa: E você lembra a causa morte dele?

Isaura Lima Alves Galvão: Foi um acidente, ele era funcionário, é...na verdade não era professor não. Ele era aluno, muito querido! Mas, eu vou conseguir o nome dele, talvez até a foto para você, e ele trabalhava embarcado, e...foi na época da direção de Margarida também, e ele sofreu um acidente, abalou todo mundo! Ele era muito, muito carinhoso, muito humano, ajudava muita gente no Anísio, o pessoal da cantina conhecia ele, eu vou ver se eu consigo pra te passar, foi um momento muito triste!

Antonio Max Ferreira da Costa: Nossa, que bom, né! É..mas, assim é uma memória, né...que ficou, né...um fato que marcou! De certo modo, a gente tem que significar, dá sentido a isso, até porque ele era uma pessoa boa, como você coloca!

Isaura Lima Alves Galvão: Muito querida! Muito querida! Mas, eu vou ficar devendo essa...o nome e talvez a foto dele pra você, pra ficar registrado.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, nesse momento a gente agradece! Muito obrigado por ter participado da nossa sessão de memória...

Isaura Lima Alves Galvão: Que isso, foi uma alegria imensa!

Antonio Max Ferreira da Costa: É um prazer imenso, né...ressignificar, (re) escrever essa história da escola e contar com sua participação, que foi nossa egressa, né...da década de 80!

Isaura Lima Alves Galvão: Há...e eu fico muito feliz por existir pessoas assim como você, meu querido, [pensando]...que resgata a memória e o tempo de uma época, que eu acho que ela tem que se eternizar!

Sessão de videografia ou vídeo história, realizada no dia 07 de julho de 2021 as 20h e 30m pelo *google meet*, com duração de 57:56.

Antonio Max Ferreira da Costa: vamos lá...eu estou aqui com o estudante professor Mateus...então vamos iniciar as sessões né?...as sessões de videografia ou vídeo história né...é um projeto de pesquisa de tese do orientando Antonio Max Ferreira da Costa, é...juntamente com o professor José Mateus do Nascimento e faz parte de uma tese de doutorado, do programa de pós-graduação em educação profissional PPGEF do IFRN, na linha de história, historiografia e memória da educação profissional. Então, o nosso estudo é os elementos da cultura escolar do ensino técnico profissionalizante de 2º grau da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira: entre a memória e o arquivo 1982 a 2002. Aqui nós temos a identificação dos estudantes que fizeram parte dessa escola, e aí professor Mateus, eu gostaria que você me disse quem você é, a sua idade [pausa].

Sessão de videografia ou vídeo história, realizada no dia 07 de julho de 2021 as 20h pelo *google meet*, com duração de 57:56.

Identificação [Estudantes]

José Mateus do Nascimento: ok, eu sou José Mateus do Nascimento, hoje eu tenho 46 anos né...e estudei na escola Anísio Teixeira, né do período de 91 a 93.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, fez que curso técnico profissionalizante na época, professor Mateus?

José Mateus do Nascimento: Eu fiz o técnico em administração.

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo, trabalhou ou trabalha na habilitação escolhida? Na administração?

José Mateus do Nascimento: Não, não, pretendia trabalhar não é, eu fui realmente depois fazer [ruídos na conexão...] em 94 com essa intenção de fazer administração, mas devido a uma conversa com uma psicóloga, lá mesmo no cursinho né, no que eles chamavam de teste vocacional, eu mudei de ideia né, eu não sei se eu posso contar agora? Ou se eu conto depois?

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim você pode contar agora.

José Mateus do Nascimento: Posso contar agora?

Antonio Max Ferreira da Costa: Até porque né, a próxima... a pergunta seguinte é se você seguiu para o ensino superior ou não, então eu acho que a gente consegue fazer esse link.

José Mateus do Nascimento: Sim, então eu nesse teste vocacional né, lá no cursinho, eu disse a pessoa que estava me fazendo a entrevista, que eu estava com a intenção de fazer o curso superior em administração devido a essa minha formação na área técnica né, no técnico em administração, e a pessoa falou se eu tinha assim essa tradição, é de empresas, se eu era filho de empresário, se eu tinha alguma empresa para assumir, eu disse que não, que eu não tinha, meu pai era comerciante, vendia frutas na feira, aí ela disse, mas você pretende atuar na área? Eu digo é, estando formado, eu quero atuar na área, ela disse assim, na perspectiva de você atuar na área da administração empresas aqui em Natal, ela é muito pequena, porque normalmente as famílias, elas habilitam, é é alguém da família pra estar assumindo as empresas, os negócios e você vai ter que ir pras grandes cidades, grandes capitais, sul e sudeste do país, eu disse não, mas eu não tenho intenção de sair daqui, então ela disse, então você vai ter que realmente repensar essa sua opção, é eu vejo que você quer trabalhar, eu disse é, eu quero trabalhar, fazer o curso superior e mesmo antes de terminar o curso superior já quero estar trabalhando para ter minha independência financeira...

Antonio Max Ferreira da Costa: Porque você é filho de trabalhador né?

José Mateus do Nascimento: Isso, aí ela disse: olha tem dois campos que não falta trabalho, não é bem remunerado, não é bem pago, mas até antes de você terminar o curso, você já campo de trabalho, que é a área de educação e saúde, são essas duas áreas que você pode estar tendendo, eu disse: olha, saúde eu não tenho nenhuma tendência assim para essa área, eu posso estar realmente, é indo para o campo da educação, porque na área religiosa, na igreja, eu já transito sobre nessa área, e eu realmente posso tá me aventurando por aí, ela disse é, então é a área da educação, eu disse em que área é isso? Ela disse é área de humanas, na época era vestibular e era classificada em humanas um, humanas dois né, aí eu saí daquela conversa muito perturbado, desequilibrado porque realmente não tinha mais o referencial da administração e já estava com outra perspectiva, e aí fui procurar dentro das áreas, qual seria na área da educação o curso né, que me daria possibilidade, aí lá na lista, eu vi o nome pedagogia, não sabia o que era pedagogia, fui pesquisar o sentido da pedagogia, e lá no dicionário falava assim um conceito muito específico de cuidar de crianças, educar crianças, e aí eu disse: será que isso é formar para atuar na educação infantil? E fui conversar também com outras pessoas, o campo do pedagogo né, em que atuava, aí eu soube que não atuava

apenas com crianças pequenas, atuava também na coordenação pedagógica, na gestão da escola né, e aí foi quando eu tomei a decisão realmente de colocar pedagogia como primeira opção no vestibular, na segunda opção vinha música, não a segunda artes e a terceira música, mas como eu vinha da escola pública...a minha autoestima era baixa, eu sempre pensei né, que estaria na segunda ou terceira opção e pedagogia não seria né, não passaria em pedagogia, mas para minha surpresa eu fui o segundo da turma...[risos]

Antonio Max Ferreira da Costa: Que bom né? Mas precisou fazer cursinho?

José Mateus do Nascimento: Sim, eu fiz o cursinho em 94 e...fiz o vestibular entre 94 e 95, ingressei no ensino superior em 1995, no curso de pedagogia da UFRN.

Quais as causas que levou você a buscar um ensino técnico profissionalizante de 2º grau nessa escola?

José Mateus do Nascimento: Realmente o que atraiu a ida a Escola Anísio Teixeira não foi nem o curso, mas a questão da fama que a escola tinha né, é foi uma decisão assim em conjunto é, na época eu, é...jovem né, bem jovem é...e meus pais ouviram falar né, de que quem estudasse, ainda pairava essa ideia de que quem estudasse nessa escola da praça, o Anísio Teixeira, é...sairia com uma profissão né, sairia com uma habilitação e teria melhor inserção no mercado de trabalho, seria o que a minha mãe chamava de melhores estudos, melhor formação, não é, então a gente não tinha nem ideia que cursos a escola tinha, mas aquela coisa de propaganda de boca a boca né, porque nas escolas do bairro, entre os pais, as mães...aí, é...antes de estudar no Anísio Teixeira eu estudava na Escola Padre Monte aqui nas Rocas...e lá no Padre Monte era como se fosse o itinerário né, aquela coisa do itinerário dos alunos e alguns ou iam estudar no Anísio Teixeira ou no Atheneu Norteriograndense, havia esse itinerário, essa bifurcação, essa tradição, então quem queria realmente assim trabalhar nas áreas técnicas né, é...ter uma inserção no mercado de trabalho ia pro Anísio Teixeira e quem queria ser professor né...é...ou mesmo o caminho da universidade no caso, porque aí no Atheneu tinha o científico na época né, é...iria pra o Anísio Teixeira, como eu tinha essa ânsia né, de estar ajudando a minha família né...com relação a parte financeira, eu ansiava nisso né...de estar contribuindo financeiramente em casa, então eu nem pensava de ir pra a universidade, essa decisão foi bem depois do Anísio, né...então nessa época a minha intensão era realmente...é...entrar no mercado de trabalho, ter

essa inserção, essa ânsia da inserção do mercado de trabalho para tá ajudando meus pais, é...na renda familiar...

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, era uma escola que formava para o trabalho né?

José Mateus do Nascimento: Isso, era isso que corria na mentalidade é...da época, da população né..., principalmente entre as mães, os familiares né...então, e havia uma concorrência muito grande, assim era muito difícil, havia realmente uma peregrinação não é...da gente ter dormido, eu lembro, da gente ter dormido algumas noites pra conseguir vagas tanto pra mim como pros meus irmãos, que também seguiram a mesma trajetória né, e aí essa inserção no Anísio Teixeira realmente trazer essa perspectiva de uma esperança de estar é...alcançando uma melhor qualificação e um melhor posicionamento no mercado de trabalho, então fomos atraídos por isso...Sim...Outra coisa que eu ia acrescentar...eu lembrei agora, é a questão também do status né, ou seja, você estar estudando nessa escola na praça, em Petrópolis também dava, assim em quem ia pra essa escola, esse orgulho né...de estar num espaço nobre da cidade...tinha-se também essa questão do status também era muito importante né...

Quem eram os estudantes, professores e funcionários?

José Mateus do Nascimento: Bem...os estudantes todos eles, eles assim advinham de vários os bairros né, da cidade é..., principalmente é...dos bairros adjacentes, não tinha estudante ali do bairro de Petrópolis, não me recorda de estudantes ali do próprio bairro, mas estudantes que vinham de diversas partes da cidade, a maioria realmente com essa mesma perspectiva de formação profissional e inserção no mercado de trabalho de forma bem precoce né...essa esperança que se tinha, fosse fazer um curso profissionalizante, e...é...estudantes que traziam é...bastantes conflitos assim...é...principalmente com relação, é...a estar envolvido né com algumas práticas não, é...que tentavam trazer para dentro da escola e a escola coibia né, na época eu lembro que foi o surgimento do carnatal, logo em frente à escola, e...a escola tentou proibir né...mas não conseguiu, e...assim a escola sofreu muito eu lembro que na época, é...era logo no início de dezembro né...começa o carnatal né, então...é havia a abreviação do currículo para que as provas terminasse no final de novembro, porque na primeira experiência foi muito assim desgastante pra escola né...todo o contexto da festa que durava alguns dias

né...então havia muitos conflitos sociais também dentro da escola, pelo fato de alguns alunos, não na mesma intensidade que se tem hoje né...mas de vez por outra a gente via aquele assim burburinho né...que tinha aluno né...portando algum...é...bebidas ou drogas né...aí a direção ia logo em cima, e eu lembro que a gente participou de algumas palestras sobre a questão de uso de álcool, de drogas né...também de Dsts né...doenças sexualmente transmissíveis...e...a direção ela estava sempre assim atenta a esses problemas que ocorriam na escola que era uma coisa muito localizada assim né..., muito localizada, é...era o início dos anos 90. Os professores eu lembro que realmente...é haviam professores que a gente via que eles estavam dentro mais da área da formação é...específica do nosso curso que é administração não é...pareciam que aqueles professores fazia muito tempo que estavam na escola né...porque assim, as práticas, os textos que eram utilizados muitos deles é...traziam assim, referência à anos bem anteriores...e alguns até faziam referência né...a esse tempo, em que a escola, assim de uma forma até saudosista de que a escola anteriormente tinha...é escritórios né...escritórios montados é..., tinha uma sala de mecanografia, tinha uma tipografia, tinha ambientes né, formados dentro da escola, né...como ambientes para simulação, tanto de escritório como também da contabilidade, escritórios de contabilidade e escritórios de escrituração, como secretarias e outras coisas mais, montagem de escolas e que na época que eu estava estudando não existia mais né...então, esses professores tinham esse discurso muito saudosismo e que a escola tinha esses ambientes em que otimizam aquilo que eles estavam falando apenas do campo teórico, e se esses ambientes existissem, eles poderiam levar a turma para uma aula prática, uma aula em que estivéssemos lá com os livros administrativos né...tem todo aqueles artefatos que era próprio da administração, os livros de controle, porque a gente também via um pouco de matemática financeira...os livros caixas, balancetes...e a gente via isso muito por mais de fotos né...alguns alunos conseguiam alguns usados pra trazer pra sala de aula, mas o professor ele sempre lamentava que todo esse material e ambiente vivo existiu na escola né...nos anos 70 até os anos 80...70 e 80 existia esses ambientes e que nos anos 90 é...eles não explicavam porque esses ambientes tinham sido extintos, transformado em sala de aula né..., transformado em outros ambientes dentro da escola né...agora dos funcionários eu lembro pouco, dos funcionários é...eu lembro dos diretores né..., alguns diretores é...é...agora funcionários é pouco lembrança assim, não sei se é

porque eu tinha pouco contato com funcionários né...eu lembro da funcionária da biblioteca não é...e da direção...todos eram técnicos mesmos, a gente via assim na aquele que mantinha a ordem, o limite né...é...passavam nas salas dando avisos sobre o que ia ocorrer né...eu até fazia uma confusão na época entre o diretor e a coordenação pedagógica eu acho que era a pessoa que ficava nos corredores é...provendo né...provendo professores pras turmas que estavam sem aula né...aí tinha assim muita cultura de juntar as turmas quando faltava um professor, eu particularmente não gostava não é...mas eles faziam sempre isso né...aí justificava, olhe se a gente juntar vocês vão mais cedo pra casa, né...então, sempre juntava, aí esse juntar turma tinham várias consequências, se fosse com uma turma é...assim, que estivesse cooperando né...mas se fosse uma turma que ao juntar alterava os ânimos, então assim, virava uma guerra né...porque havia também assim aquela cultura de que tinha sempre uma turma que não se dava com a outra não é...então quando juntava, as vezes isso era uma coisa assim muito secreta entre os alunos e a coordenação pedagógica e a direção não sabia que não podia juntar aquelas duas turmas, mas juntava entendeu...e dizia...professor não vai dá certo juntar nossa turma com a turma a ou b ou c, né...porque havia também essa divisão né...á turma a, primeiro ano a, b e c, segundo ano a, b e c, então as vezes eles juntavam a com o b e dava certo, mas com a com o c não dava certo...isso era uma coisa assim interna dos alunos e a gente dizia que não dava certo, mas mesmo assim eles ignoravam e juntavam as turmas e aí o professor muitas vezes não conseguia dá aula né...a gente não conseguia assistir, era uma complicação...a voz da gestão escolar é quem prevalecia, realmente não havia essa cultura de escutar o aluno, eu não me lembro dessa questão de ter plenário, grêmio, representação...é era aquela coisa, da ordem chegando de cima para baixo, chegava assim na turma e dizia hoje não vai ter aula, hoje vai juntar turma, hoje vai...as vezes a gente é...estrebuchava, mas não tinha jeito.

O currículo e os conteúdos eram como?

José Mateus do Nascimento: Bem, eu me lembro muito da disciplina de mecanografia que foi dado por um professor que ainda mora aqui no bairro...ele ainda mora até aqui, morava nas Rocas e muitas vezes eu descia junto com ele, e era assim, era uma disciplina que trabalha com a questão é...das máquinas, principalmente das máquinas de cópia né...e datilografia, na época havia ainda, tava

surgindo ainda o computador, aquele computador de vídeo né..., aquele que tem o cubo bem grande branco né...era uma inovação assim, e a disciplina não falava de computação, falava dessas máquinas de escrever, falava da escrita, da história da escrita e da tipografia, e depois trabalhava com a questão das máquinas de calcular, as máquinas de reproduzir não é...de fazer foto registro...isso, as registradoras...isso mesmo, então, era essa a disciplina, agora era uma disciplina muito teórica e a gente sempre cobrava do professor quando é que a gente ia operar as máquinas, porque a nossa ânsia era essa, de ir pra algum lugar para operar essas máquinas, só que esse dia nunca chegou, a gente ficou...terminou a disciplina e a gente realmente aprendia muita mais é...a partir dos livros e daquilo que o professor dizia e falava, e projetava no retroprojektor...que tinham as laminzinhas né...transparentes e ele já tinham o retroprojektor né...que tinha uma lâmpada que esquentava, aí o professor não podia ficar com aquilo aceso por muito tempo, ele acendia, aí fazia a exposição, quando ia explicar desligava, e a gente dizia professor porque desliga? Não porque esquenta, e a lâmpada é muito cara, e a escola não pode tá comprando lâmpada de retroprojektor [risos]...

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, o conteúdo...o currículo, ele era um currículo de 3 anos, né?

José Mateus do Nascimento: Era um currículo de 3 anos, só que existia aí uma organização assim, que o 1º ano a gente via as disciplinas gerais não é...aí a partir do 2º e do 3º, as disciplinas técnicas, então era distribuído assim, e aí...[pausa]...

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, a matemática e o português continuava nesses anos seguintes?

José Mateus do Nascimento: Não, não continuava, o que tinha de matemática nos anos, é...2º e 3º ano, era matemática financeira que a gente via, não tinha pura, ...não continua português não. Continuava as disciplinas técnicas, administração e controle, mecanografia, direito, escrituração, economia...é...dei-me lembrar [pausa]

Antonio Max Ferreira da Costa: Havia moral e cívica e O.S.P.B não né? Nessa época?

José Mateus do Nascimento: Tinha, ainda tinha O.S.P.B,...M...[pausa...pensando...] agora eu não lembro uma que começava com a letra m, uma disciplina...

Antonio Max Ferreira da Costa: Moral e cívica...

José Mateus do Nascimento: Moral e cívica né!

Antonio Max Ferreira da Costa: Educação moral e cívica.

José Mateus do Nascimento: Eu sei que tinha essas disciplinas O.S.P.B.

Antonio Max Ferreira da Costa: E...aí você coloca que os conteúdos, eles não tinham relação, eles até existiam né...tentava se fazer no conteúdo escrito, mas eles não tinham relação com a prática né, vocês não viam os conteúdos eram feitos, dado em sala, na prática?

José Mateus do Nascimento: Não, inclusive havia uma cobrança né...de nós alunos que houvesse a prática não é...,inclusive o estágio né...foi uma decepção assim pra a gente né...porque a gente pensava realmente que iria atuar numa empresa, a escola iria encaminhar a gente para uma empresa, para a gente fazer o estágio, só que quando foi no momento de estágio, disseram: olhe você vai ter que procurar...mandaram a gente pra o IEL, o SINE essas empresas, é...procurar um...pra ver se conseguia um estágio, né...

Antonio Max Ferreira da Costa: Isso, porque na década de 70 e 80 a escola ainda tinha estágio, ela oferecia estágio, eu lembro que no trabalho de dissertação que eu fiz também sobre o Anísio Teixeira né...é...apontavam né...os diretores apontavam que existiam esses estágios, eram ofertado né...pela própria escola, inclusive nos bancos né...as pessoas estagiavam nos bancos, nos melhores bancos da capital, então o ideário já vai mudando, percebe-se que já vai mudando...

José Mateus do Nascimento: Nós não tivemos estágio.

Antonio Max Ferreira da Costa: Isso, e aí...Mateus, isso já é um novo ponto da nossa...

José Mateus do Nascimento: Só um momento que vou responder...[pausa].
Desculpa aí, é o pessoal chamando...[risos].

Antonio Max Ferreira da Costa: Tranquilo!

O que dizer sobre a (s) metodologia (s), a (s) avaliação (ões) e o (s) estágio (s)?

José Mateus do Nascimento: É a avaliação era aquela avaliação tradicional, era prova, eu acho que poucos professores é...faziam trabalho em grupo né...eu fiz muito trabalho em grupo quando estava no ensino fundamental, anos finais, é...do 5º ao 8º ano, da 5ª a 8ª série, que hoje é do 5º ao 9º ano, né...então, é...lá a gente não tinha essa cultura na escola de fazer trabalho em grupo, eu não sei se era porque as turmas eram muito grandes, eu não...porque eu lembro que as turmas eram grandes, muito grandes mesmos, devido essa procura da escola, e não havia quase

que evasão, não é...é...e aí as avaliações a maioria eram provas, na época já tinha aquele mimeógrafo a óleo, eu lembro que não era mais aquele mimeógrafo, era uma máquina maior, porque a demanda das turmas da escola era bem maior, então eles utilizavam de um recurso é...que era de um mimeógrafo a óleo né...eu lembro de algumas idas a Biblioteca Pública Câmara Cascudo né...a gente saía com o professor, e ia para a Câmara Cascudo fazer algum trabalho, lá né...porque o nosso centro de pesquisa assim, mais avançado era Câmara Cascudo que era só atravessar a rua, né...naquela época...não tinha internet, a escola tinha uma biblioteca, mas não atendia assim em tudo que a gente queria, a coisa mais ampliada a gente só encontrava na Câmara Cascudo, né...aí eu lembro de um fato assim relacionado a avaliação né...que eu era aquele aluno assim, muito dedicado, assim muito atencioso aos prazos, as coisas e eu lembro que no 1º ano né...na disciplina de geografia né...porque no 1º ano eram todas as disciplinas, de formação geral, e...na geografia, eu esqueci é...no cronograma, não sei como foi aquilo que eu faltei né...a prova final de geografia né...um lapso, não sei se tinha anotado a data trocado, não sei, só sei que quando fui receber o resultado final, não é...eu estava lá como reprovado, reprovado é...e aí eu disse mais como assim? Eu fiz todas as avaliações? Não você faltou uma. Eu digo não, mais eu não faltei porque eu estava...eu fui relapso, é porque houve uma troca de datas, eu acho que anotei errado, eu tinha uma agenda lá, uma agendinha, botava as datas, e aí queria conversar com o professor, o professor já tinha ido embora, já tinha fechado as coisas, já tinha ido embora, e aí pronto, por causa daquela disciplina eu iria repetir o 1º ano né...e aí eu disse: mas, não tem como dá o telefone do professor, eu tenho que conversar com ele, porque eu acho que ele nem sabe né...porque que eu faltei, ele sabe que sou um aluno aplicado, não faltou aula, não faltou prova? Nós não temos autorização de dá o telefone pra ninguém. Então, eu fiquei realmente muito assim, preocupado né...é...aí eu não sei como eu consegui o telefone desse professor, ele morava até na zona norte, a gente ligou pra ele, conversou né...sobre a situação e ele reconheceu né...que realmente é...tinha anunciado uma data e eu não tinha anotado, não tinha comparecido, realmente a prova tinha sido feita num horário diferente né...daquele que a gente estava acostumado a fazer, e ele concedeu né...a oportunidade da gente, dele aplicar...ele foi bem claro novamente, ele disse: olhe essa prova não vai ser a mesma, eu vou fazer uma outra prova, a gente vai marcar na escola, você vai fazer a prova novamente, pra gente refazer né...então, assim eu

lembro desse fato, dessa postura né...de compreensão desse professor no processo de avaliação que ele não viu apenas aquele momento pontual do lapso da data, mas ele me avaliou como o aluno do processo, daquele que estava aprovado em todas as disciplinas e por um lapso de memória tinha faltado aquela última prova não é... aí ele repensou e refez isso aí né...assim uma lembrança que marcou mesmo essa trajetória é...das avaliações, né.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, as metodologias lá eram estanques ou vários professores utilizam algumas metodologias diferenciadas?

José Mateus do Nascimento: As metodologias eram centradas na exposição, todas elas na exposição, efetivamente exposição, é...como não tinha os laboratórios de prática né...muitos professores se detinham realmente a mostrar no retroprojeto, fotografias né...situações assim, não é...mais imagéticas é...do que a prática...eu não lembro de aula de campo, não lembro.

Antonio Max Ferreira da Costa: E vocês não discutiam os conteúdos? Ou era só a cópia, e em seguida a explicação e vocês fechavam o caderno e iam embora?

José Mateus do Nascimento: Isso, era cópia, era aquele ritmo tradicional de que o professor copiava, uma aula era cópia e a outra aula era explicação e no final desse processo, a prova.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, vocês não tinham questionamentos, questões para se pensar?

José Mateus do Nascimento: Não, não...não lembro desses, por exemplo, de trabalho em grupo ou dinâmicas né...que os professores poderiam está fazendo, não...não lembro, lembro dessas saídas da escola para a Biblioteca Câmara Cascudo, na minha memória eu lembro disso, porque a gente fazia o trajeto, e aquela algazarra, aquelas brincadeiras é...parece assim, que aquelas coisas mais assim triviais né..., elas ficam muito mais na memória da gente, eu lembro que havia um pátio interno né...que até hoje tem uma esfera grande, e havia também um espaço lá vazio como se fosse a casa, que a gente chamava: a igrejinha, né...e a gente nos momento entre uma aula e outra, aula vaga, a gente corria pra lá pra estar, é...eu corria pra ficar lendo um livro, mas o pessoal ia pra jogar, ia pra brincar, conversar né...era...tinha gente que levava violão, ficava tocando, era bem legal.

Que festas e eventos comemorativos participou?

José Mateus do Nascimento: Olha, não lembro viu! Inclusive essa foto aí do desfile, eu não lembro se nessa época o Anísio Teixeira desfilava, não tinha mais essa tradição do desfile, e festa, festa mesmo eu não lembro que tenha participado de nenhuma comemoração assim interna no Anísio Teixeira [pausa].

Antonio Max Ferreira da Costa: Não tinha gincana, festas, festas, como por exemplo, exposições...não tinha na época?

José Mateus do Nascimento: Não, exposições...não lembro, o que eu lembro internamente dentro da sala, é alguns seminários, alguns professores, não todos, alguns poucos faziam seminário, eu lembro da gente preparando, mas isso era tudo feita na casa dos alunos e a gente já levava as cartolinas, todo mundo já sabia que no dia do seminário, quando via um aluno com a cartolina enroladinha, era dia de seminário, preparava a cartolina daquela parte e a gente iria apresentar, porque era realmente, é...assim por mais pequena que fosse o conteúdo, se fosse três alunos, um parágrafo, dividia-se o parágrafo em três partes.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, não havia festa de folclore, é...junina nada disso?

José Mateus do Nascimento: Não, não, não lembro...pelo menos eu...de participar, não lembro!

O que esses lugares lembram?

José Mateus do Nascimento: É o corredor era um espaço de transito, mas também de muita sociabilidade né...assim, agora era proibido né...assim, quando estava tendo aula havia realmente uma proibição e como se diz uma vigilância né...da direção da escola de que no horário das aulas, após o toque como eles diziam, não podiam estar no corredor né...então, eu particularmente não gostava, porque estando no corredor no horário de aula, era pra na certa motivo para ser chamado a atenção, ou entrava na sala ou ia embora, era essas duas opções que se dava, você ou entra na sala ou vai embora, mas não pode ficar aqui no corredor né...

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, era um controle né? Tinha um certo controle de fato? Até porque as empresas talvez funcionassem assim né? Já seria uma preparação pra o mercado de trabalho né?

José Mateus do Nascimento: Isso, havia também esse controle do horário, era muito rígido o controle do horário, eu lembro que é...havia uma tolerância de 15

minutos, é...lá não tinha esse negócio de esperar pra segunda aula, se você não chegasse no horário, você voltava.

Antonio Max Ferreira da Costa: Não assistia mais nenhuma?

José Mateus do Nascimento: Não assistia.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, isso mostra uma certa disciplina né?

José Mateus do Nascimento: Sim, bastante rígida.

Antonio Max Ferreira da Costa: E esse outro espaço aí da sala de aula?

José Mateus do Nascimento: O espaço da sala de aula, era um espaço é...assim de sociabilidades né...mas, também um espaço assim...eram salas amplas, mas se tornavam pequenas por congregar muitos alunos né...

Antonio Max Ferreira da Costa: E as cadeiras eram assim enfileiras?

José Mateus do Nascimento: Enfileiradas assim, era cadeira e mesa né...

Antonio Max Ferreira da Costa: E o professor na frente de vocês ou ele circulava entre vocês?

José Mateus do Nascimento: Circulava no dia da prova.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, só na prova.

José Mateus do Nascimento: Sim, só no dia da prova.

Antonio Max Ferreira da Costa: Vocês podiam bater papo?

José Mateus do Nascimento: É...assim, havia essa liberdade de conversar um com o outro, mas era sempre chamado a atenção né...principalmente no momento em que o professor estava explicando né...o momento do explicar era sempre a fala do professor não é...ele não dava a oportunidade pra gente falar, era pra gente prestar atenção no que ele estava falando, não é.

Antonio Max Ferreira da Costa: Vocês questionavam?

José Mateus do Nascimento: Na aula de alguns professores que davam essa oportunidade, assim agora é hora de vocês perguntarem.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, é perguntar né?

José Mateus do Nascimento: Isso, isso, isso! É...e aí as salas de aula é...tinha o lado que tinham os janelões, as salas de aula que tinham os janelões, os arcos, aquelas salas ali eram mais concorridas, porque eram mais ventiladas, principalmente, os alunos gostavam muito de sentar ao lado dos janelões né...pra ficar vendo pelos janelões o movimento da avenida, também pela ventilação também e iluminação, eram as salas mais iluminadas e mais ventiladas né.

Antonio Max Ferreira da Costa: E esse espaço aí, onde tem essas xerox aí, essas cópias aí, todas marcadas numa grande mesa, o que lembra a você?

José Mateus do Nascimento: Lembra o dia de prova [risos]...é o dia de prova, eu não gostava quando vinha uma pessoa que não era o professor que vinha para aplicar a prova, e havia essa cultura interna na escola de que no dia da prova, que era a semana de prova, eles trocavam os professores, e as vezes vinham pessoas da área técnica da secretaria, é...ou então, um professor que não dava aula a turma, e ele vinha aplicar a prova.

Antonio Max Ferreira da Costa: Essas provas eram de múltipla escolha ou era discursiva, subjetiva? Vocês poderiam colocar a opinião de vocês nessa prova?

José Mateus do Nascimento: Eram mistas, eu considero mista né...no caso tinham questões com alternativas e tinham questões abertas pra a gente escrever, né.

Antonio Max Ferreira da Costa: Tinham estudos de caso nessas provas para vocês simularem uma condição numa empresa?

José Mateus do Nascimento: É não lembro viu, sobre condição de empresa não, mas eu lembro sobre o é...em matemática financeira, muita situação problema envolvendo o contexto é...contábil de uma empresa, não é..., inclusive, acho que uma disciplina de desenho que trabalhava com papel milimetrado, um papel quadradinho assim, que o professor pedia para a gente comprar, lembro também do compasso né...era utilizado em algumas disciplinas, compasso e esquadro que a gente utilizava em algumas disciplinas, eu gostava de fazer esse trabalho com o papel milimetrado.

Antonio Max Ferreira da Costa: A nossa próxima questão professor, é...nós iremos pensar um pouco, é...aí nós temos vários espaços da escolas, várias fotos da escola...

José Mateus do Nascimento: Antes da gente entrar nessa parte, com relação a última imagem, é...esse dia da avaliação era um dia muito tenso, assim desde a entrada, o pessoal chegava mais cedo e ficava lá nas calçadas estudando, e assim quando entrava na sala, a sala já estava toda arrumada, né...com os espaços entre carteiras, entrando na sala não podia mais sair, né...então parecia muito um ritual de concurso, era toda essa tensão e quando terminasse não podia ficar no espaço da escola, tinha que ir embora, e tinha gente nos corredores fiscalizando, então, era realmente um clima de concurso a semana de aula.

Antonio Max Ferreira da Costa: Era tenso né...e aí vocês faziam exercício de memorização? Era isso, dos conteúdos?

José Mateus do Nascimento: É, na época eu trabalhava com o mnemônico mesmo, eu só fui realmente trabalhar com o exercício de compreensão na universidade, sabia! Eu estudava, é...eu ficava depois das aulas e ia para uma sala vazia e ficava lá dando aula para mim mesmo, e aí eu trabalhava com esse exercício de compreensão, porque o estilo de avaliação da universidade era diferente, trabalhava muito mais com a dissertação, né...e aí no Anísio Teixeira ainda era aquela coisa de você trabalhar com as respostas que o professor tinha apresentado na revisão e tinha também aquela questão surpresa...Então, eu trabalhava realmente até esse período do ensino médio com a repetição mesmo, eu fazia listas de perguntas e respostas e ficava repetindo várias vezes, né...lendo, lendo e repetindo várias vezes, quando chegava na prova depositava tudo aquilo ali, quando eu passava pelo portão se você perguntasse eu não lembrava mais de nada [risos], aí a gente até brincava que estudava realmente pra, como é que se diz? Vomitar na prova, né...a gente vomitava na prova, e quando saía não lembrava mais de nada daquilo que tinha assim decorado, parecia assim como se fosse um negócio que tivesse passado e apagado e aí aquele alívio de ter depositado lá, e...entendeu, porque havia realmente uma cobrança de que a gente não podia sair, não é...não poderia colocar palavra diferente, mesmo que fosse no mesmo sentido, eram sinônimos as vezes, mas porque a gente trocou a palavra não era a resposta certa.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sei, teria que ser tal qual, igual foi dado na sala de aula e anotado no caderno, né?

José Mateus do Nascimento: Isso mesmo!

Um fato que marcou minha época de estudante no ensino técnico profissionalizante de 2º grau foi...

José Mateus do Nascimento: Certo, além daquele dia, aquele evento da avaliação né...de geografia, que tá bem latente na minha memória, é...[pensando] deixe eu voltar aqui no tempo, né...porque são alguns anos [risos]...91 são 30 anos é isso? É 2011, 2021, não 40 anos, viu! Não é 30 anos, são 30 anos...é uma vida! [pensando] deixe me ver aqui um fato que marcou minha época no ensino técnico de 2º grau [pensando]...é...[pensando]...poxa, além desse da avaliação de geografia, o quer que ficou de fato marcante, né? [pensando]...

Antonio Max Ferreira da Costa: Pode ser algo ali no entorno, na praça, no caminho de casa pra escola, algum amigo, alguma amiga, algum professor, funcionário...

José Mateus do Nascimento: É tá difícil agora, além desse fato do professor de geografia e da avaliação [pensando]...

Antonio Max Ferreira da Costa: É então, vamos encerrar né! Obrigado professor por colaborar nessa pesquisa, né...é um prazer ter o senhor aqui, ajudando a (re) escrever a história da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, do ano de 1982 até 2002 que é quando o ensino técnico profissionalizante na escola, ele é extinto, tá então, muito obrigado!

José Mateus do Nascimento: Ok, eu que agradeço, né...de estar aqui colaborando com a sua pesquisa, e também lembrando, né...desse período, né...assim significativo na minha trajetória escolar, porque a partir do Anísio Teixeira, é que realmente eu fui fazer o cursinho, né...alguns até diziam assim: não, mas você é...não fez o científico como é que você quer ir pra universidade, você não vai conseguir, porque ensino profissionalizante não tinham assim o preparo devido, ele realmente prepara para o mercado de trabalho, e quando eu terminei o curso, eu me vi assim muito sem direção no sentido de não ter aquela certeza que foi anunciada no início, né...assim, de que eu vou para aquela escola porque me garante uma inserção mais fácil no mercado de trabalho, quando terminou, terminei sem o estágio, porque nós não tivemos o estágio, não fomos encaminhados, eu tinha que lutar por este estágio, e eu não consegui, e também essa inserção no mercado de trabalho não aconteceu, então o caminho foi fazer um cursinho pra tentar um curso na universidade, então minha saga continuou, né...então, o ensino técnico, ele não foi na época, naquela época dos anos 90, ele não foi, é...ele não atendeu a minha expectativa final, que seria realmente estar inserido no mercado de trabalho, ele foi eficiente para me dá realmente o diploma do ensino médio, né...me possibilitando fazer o vestibular, né...me inscrever no vestibular, mas a inserção mesmo no mercado de trabalho, que eu queria realmente, é tanto que eu continuei com essa ânsia, né...até meados do curso de pedagogia, né...quando eu consegui o primeiro trabalho num projeto de alfabetização, de adultos.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, professor muito obrigado!

Sessão de videografia ou vídeo história, realizada no dia 19 de julho de 2021 as 19h e 30m pelo *google meet*, com duração de 23:26.

Identificação [Estudantes]

Andrina de França Silvestre de Souza: Eu sou Andrina de França Silvestre de Sousa, tenho 40 anos, né...hoje é dia 19 de julho de 2021, estudei na escola no período de 1998 ao ano de 2000, fiz o curso, é...assistente em administração, é técnico administrativo, e hoje eu trabalho, exerço a função, sou secretária escolar, comecei a graduação em administração, mas não conclui, e fui pra o tecnólogo, fiz RH.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, você praticamente seguiu o caminho da administração, né?

Andrina de França Silvestre de Souza: Exatamente, até porque eu me identifico muito com essa área, de fato, é o que eu queria!

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, isso é muito bom!

Quais as causas que levou você a buscar um ensino técnico profissionalizante de 2º grau nessa escola?

Andrina de França Silvestre de Souza: Naquela época, eram poucas escolas estaduais, escolas públicas que ofereciam o ensino profissionalizante, né...então, é...o meu pensamento naquela época era, se era de fazer somente o ensino médio, então, porque não, um que não tivesse um curso profissionalizante, e fui buscar a instituição, é...Anísio Teixeira, né...pra fazer esse curso, que na época eles ofereciam administração e a contabilidade, mas a minha preferência, era o ensino mesmo.

Antonio Max Ferreira da Costa: E era concorrido? Era fácil entrar na escola?

Andrina de França Silvestre de Souza: Não era muito fácil não, era bem concorrido...[risos]

Antonio Max Ferreira da Costa: Tinham filas, nera?

Andrina de França Silvestre de Souza: Tinham filas enorme, né...e ali na fé que iríamos conseguir, era muito concorrida, a vaga!

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, ainda era uma escola de prestígio né,...na década de 90?

Andrina de França Silvestre de Souza: Era, muito, muito mesmo, né!

Quem eram os estudantes, professores e funcionários?

Andrina de França Silvestre de Souza: É, os estudantes eu lembro de alguns que basicamente, posso dizer era o nosso grupo, era...Antonio Max, Karina, tinha Vitor Hugo, Gilberto, né...esses são os que eu lembro mais.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, professores você lembra de alguns?

Andrina de França Silvestre de Souza: Sim, é...lembro do professor Zuza que foi o professor de português, é...hoje eu tava tentando buscar na memória o professor de estatística, e eu gostava muito das aulas dele, mas, enfim eu não lembrei o nome dele [risos]...

Antonio Max Ferreira da Costa: Era Davan!...

Andrina de França Silvestre de Souza: É isso mesmo! [risos] o professor Jarbas que era professor de administração, as aulas do professor Jarbas era uma viagem histórica administrativa, né...assim ele trazia muitas referências de grandes administradores...

Antonio Max Ferreira da Costa: Isso, ele era bancário na época, né...lembra?

Andrina de França Silvestre de Souza: Lembro! Tinha Elizabeth professora de direito também assim, tivemos a honra de termos excelentes professores, né... nessa área, e tinha Socorro, é...Socorro Bezerra que era de matemática, e...eu só lembro desses [risos] porque viraram mesmo marcados, esses professores específicos.

Antonio Max Ferreira da Costa: Os funcionários você não lembra de nenhum?

Andrina de França Silvestre de Souza: Só Salete, a diretora.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, a diretora! Me diga uma coisa Andrina, você lembra como eram os estudantes? Eles vinham de onde? Eles faziam o que? Eles eram trabalhadores? Eles eram como?

Andrina de França Silvestre de Souza: Eram trabalhadores, né...na maioria trabalhavam durante o dia e estudavam a noite, tinha é...eu não me recordo do nome de um específico, mas que ele era do interior, passava a semana estudando e trabalhando aqui em Natal, e quando dava, no final de semana, é que era que ia visitar a família, né...mas tinha muito essa característica de estudantes que vinham das cidades vizinhas pra estudar aqui em Natal.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim!

O currículo e os conteúdos eram como?

Andrina de França Silvestre de Souza: Era...os conteúdos como falei, era bem rico pra a área administrativa, né...a gente tinha...a disciplina de controle de custo, direito e legislação, psicologia, economia, mercado de trabalho, estatística, é...bem voltado...era um currículo bem enriquecedor pra essa área administrativa.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, e esse currículo ele era um currículo como o clássico do ensino médio ou ele era um currículo que tinham...era dividido a parte geral da parte específica, técnica?

Andrina de França Silvestre de Souza: Era dividido, ele era dividido, tinha a parte...o núcleo comum, digamos assim, português, matemática, história, química, física. E tinha a parte específica da administração.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sei, aí me diga uma coisa, é...essa parte comum era todas aquelas matérias que nós estudamos no ensino médio normais, português, matemática, história, geografia, aí elas saíam nos dois anos seguintes, era isso?

Andrina de França Silvestre de Souza: Como?

Antonio Max Ferreira da Costa: Elas saíam nos dois anos seguintes? Essas disciplinas? Essas sumiam do currículo?

Andrina de França Silvestre de Souza: Era específico do 1º ano, né...nos outros, nos anos finais era bem direcionado pra o administrativo, pra o curso.

Antonio Max Ferreira da Costa: Nos outros dois anos né, no 1º ano você via tua, nos outros dois anos você via a parte específica, técnica né, isso?

Andrina de França Silvestre de Souza: É exatamente! É!

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí me diga uma coisa, ...e algumas disciplinas gerais, elas acompanham 1º, 2º e 3º ano?

Andrina de França Silvestre de Souza: Sim, sim!

Antonio Max Ferreira da Costa: Quais eram você lembra?

Andrina de França Silvestre de Souza: Português, matemática.

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo, obrigado!

O que dizer sobre a (s) metodologia (s), a (s) avaliação (ões) e o (s) estágio (s)?

Andrina de França Silvestre de Souza: É a metodologia, tinha aquela avaliação escrita, tínhamos trabalhos de pesquisas, trabalhos em grupos e individuais, e em sala [risos] quando vi essa foto aí, lembro que a gente trabalhava muito com a calculadora na parte da contabilidade, era bem direcionado, como já falei antes, era

direcionado mesmo, especifico para aquilo, é tanto que as vezes a gente ficava bem aperreado com tanto cálculo na contabilidade, mas os professores eram bem dedicados, e assim queriam o melhor, né...tanto eles davam o melhor, como queriam essa resposta do melhor também que o aluno tivesse aprendido o máximo possível, né...então, eles faziam a avaliação impressa, digamos assim, tinham os trabalhos em grupos, né...muitas vezes a gente ia se encontrar num determinado horário na Biblioteca Câmara Cascudo, né...concluía em sala de aula, porque a maioria trabalhava, não tinha esse tempo, mas era bem dessa forma assim que eu lembro.

Antonio Max Ferreira da Costa: Andrina, me diga uma coisa, e tinha assim, estudos de caso pra resolver, tipo coisa de empresa, situações, existia isso?

Andrina de França Silvestre de Souza: Como?

Antonio Max Ferreira da Costa: Existia estudos de casos pra vocês resolverem?

Andrina de França Silvestre de Souza: Sim, sim! Na contabilidade e na administração.

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo.

Andrina de França Silvestre de Souza: Eles traziam, assim essas questões de empresas, né...cálculos trabalhistas pra gente fazer, é...demissão, rescisão de funcionários, a gente fazia esse cálculo, lembro até hoje [risos].

Antonio Max Ferreira da Costa: E o estágio ou os estágios existia dado pela escola?

Andrina de França Silvestre de Souza: No meu tempo não tinham pela escola, né...a gente tinha que procurar o Ciee, IEL, mas direcionado pela escola não, tinha que partir da gente, né...os estágios.

Antonio Max Ferreira da Costa: E conseguia esses estágios? Era fácil?

Andrina de França Silvestre de Souza: Era muito fácil não viu, eu pelo menos na época que estava estudando não consegui não, eram bem concorrido.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, então já era um novo modelo de mercado que se tinha aí, um mercado mais competitivo, mais concorrido, né?

Andrina de França Silvestre de Souza: É...e a oferta não era tamanha, né...não tinha assim uma quantidade de vagas especifica para a quantidade de alunos que estariam se formando naquela época.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim!

Antonio Max Ferreira da Costa: Andrina, e os conteúdos como eles eram?

Andrina de França Silvestre de Souza: Como?

Antonio Max Ferreira da Costa: Os conteúdos da escola?

Andrina de França Silvestre de Souza: [Pensando] Conteúdo, como assim?

Antonio Max Ferreira da Costa: Conteúdos que eu digo é...eles eram aplicado de que forma? Como é que eles eram aplicados?

Andrina de França Silvestre de Souza: [Pensando] eu não me recordo assim...

Antonio Max Ferreira da Costa: O professor dava na sala de aula...vocês copiavam, aí depois discutia? Vocês tinham debate?

Andrina de França Silvestre de Souza: Ele copiava no quadro, né...depois abria um debate, né...a explicação dele, e abria-se um debate entre professor e aluno.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, certo.

Que festas e eventos comemorativos você participou?

Andrina de França Silvestre de Souza: Eu não participei. Eu não participava de festas, acho que porque estudava no turno da noite, e não existia eventos pra esse público, acredito que a maioria trabalhava, então não era apresentado essa questão de evento não.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, você não lembra, né...não recorda? Nenhuma feira de cultura, nenhuma festa junina, gincana?

Andrina de França Silvestre de Souza: Tinha a gincana, mas o público alvo, é...que eu me lembre não era os alunos do noturno, era mais do período diurno mesmo, assim eu ouvia comentar, né...vai ter uma gincana, uma festa tipo, mas que pra gente, a gente não participava.

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo.

O que esses lugares lembram?

Andrina de França Silvestre de Souza: É passou um filme, hoje vendo essas três fotos, né...esses corredores extenso pra gente chegar até a nossa sala lá no primeiro andar, a sala desse jeito...todo mundo de cabeça baixa, fazendo sua avaliação, era toda uma preparação, uma semana antes, uma semana de revisão para que pudéssemos fazer uma boa avaliação, né...e é isso assim, que me passa, aqueles momentos de conversa e descontração entre o intervalo o intervalo na chagada, e outra troca do professor, né...

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, era permitido vocês ficarem no corredor em alguns momentos?

Andrina de França Silvestre de Souza: Em alguns momentos sim, desde que não fizesse barulho pra não atrapalhar a sala vizinha.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, não era aquela ordem, né...aquela disciplina como se tinha...tem em algumas escolas, não existia isso, né?

Andrina de França Silvestre de Souza: Não!

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo! As salas, as carteiras eram enfileiradas assim?

Andrina de França Silvestre de Souza: Era.

Antonio Max Ferreira da Costa: Era, mas vocês faziam grupos né? Você me falou que em alguns momentos você faziam grupos?

Andrina de França Silvestre de Souza: Sim, em alguns momentos.

Antonio Max Ferreira da Costa: E o professor ficava na frente?

Andrina de França Silvestre de Souza: Ficava na frente, sentado lá no birô dele [risos]!

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo, e as provas era assim mesmo? Vocês faziam provas?

Andrina de França Silvestre de Souza: Fazíamos!

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo!

Andrina de França Silvestre de Souza: Era assim mesmo.

Um fato que marcou minha época de estudante no ensino técnico profissionalizante de 2º grau foi...

Andrina de França Silvestre de Souza: Um fato marcante foi a nossa mudança de prédio, né...nós estudávamos aí nesse prédio, e tivemos que mudar pra o Caic de Lagoa Nova pra uma reforma. Porque me marcou? Porque de fato a escola estava precisando de uma reforma, então assim, por mais que não pudesse usufruir das novas salas, da nova escola, mas aquilo me deixou feliz, porque quem iria chegar depois, além de ter aquele leque de professores excelentes que tivemos a oportunidade, também iria desfrutar de uma boa estrutura, que é de suma importância, pra aquele aluno que chegava cansado do trabalho ter uma boa estrutura pra li sentar, e poder ouvir as orientações do professor, né...e porque assim, a escola estava sucateada [risos] e precisava passar por isso, então assim,

foi algo que me deixou muito feliz, né...morávamos próximos, mas mesmo assim, tendo que se deslocar, sair cedo de casa, voltar tarde, mesmo assim, aquilo...hoje eu parando pra pensar me deixou feliz, porque era um investimento pra os futuros alunos, né...então assim, quando eu passo por lá e vejo, isso me traz uma grande felicidade, porque não era apresentável dessa forma a frente do Anísio Teixeira, e era uma escola de nome, mas ela não tinha esteticamente essa forma que hoje nós vemos, assim essa fachada bonita, né...e eu me alegro, quando eu passo com meus filhos, eu digo: olhe eu estudei aqui, não era assim, mas eu gostava muito dos professores, eu sempre relembro isso pra eles.

Antonio Max Ferreira da Costa: Isso, aí vocês passam um ano fora é isso, no Caic?

Andrina de França Silvestre de Souza: Um ano.

Antonio Max Ferreira da Costa: E depois retornam pra o prédio novo, arquitetonicamente reconstruído, né?

Andrina de França Silvestre de Souza: Exatamente.

Antonio Max Ferreira da Costa: Com salas novas, com mobiliário novo, com laboratórios, é isso também?

Andrina de França Silvestre de Souza: Laboratórios, foi...tudo bem arquitetado realmente, informatizado, né...tinha a sala de informática com computadores, foi muito bom mesmo!

Antonio Max Ferreira da Costa: Você lembra...que você é uma das últimas turmas, né...na escola?

Andrina de França Silvestre de Souza: Pra o curso...ensino técnico...

Antonio Max Ferreira da Costa: Técnico profissionalizante, né?

Andrina de França Silvestre de Souza: Exatamente!

Antonio Max Ferreira da Costa: Que aí depois a escola passa a oferecer apenas o ensino?

Andrina de França Silvestre de Souza: O ensino médio normal, né...regular!

Antonio Max Ferreira da Costa: O ensino médio normal, né...que prepara pro vestibular, né isso?

Andrina de França Silvestre de Souza: Exatamente!

Antonio Max Ferreira da Costa: Não pra o trabalho, né...não pra o mercado de trabalho?

Andrina de França Silvestre de Souza: É verdade!

Obrigado, Andrina! Foi um prazer ter você, né...contribuindo com a (re) construção dessa história, dessa escola!

Andrina de França Silvestre de Souza: Obrigada você por ter lembrado de mim, né...espero realmente assim ter ajudado de fato, apesar de não lembrar de muita coisa, mas eu espero ter contribuído pra o seu trabalho.

Sessão de videografia ou vídeo história, realizada no dia 26 de julho de 2021 as 10h e 30m pelo *google meet*, com duração de 26:53.

Identificação [Professores]

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Bom dia, eu sou Rozicleide Bezerra de Carvalho, tenho 56 anos, e hoje é dia 26 de julho de 2021. Me formei em ciências biológicas-licenciatura, depois eu fiz é...o bacharelado também em ciências biológicas, modalidade zoologia, depois me especializei em psicopedagogia, em seguida mestrado no ensino de ciências naturais e matemática, é...doutorado em educação e hoje eu conclui o pós-doutorado em linguagem, porém ainda não recebi o certificado. Eu na época, é...no Anísio Teixeira, eu lecionei é...biologia. Eu comecei no Anísio Teixeira em 1990, é...eu acredito, não tenho muita certeza, mas eu creio que eu fui até 2008, 2009 na escola, é...os cursos técnicos profissionalizantes que eu lecionei foi em contabilidade e administração.

Quais as causas que levou você a atuar no ensino técnico profissionalizante de 2º grau?

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Bem, eu sou pernambucana, né...e morrei na Paraíba, e...quando abriu o concurso aqui no Rio Grande do Norte eu vim fazer, e eu passei no concurso, né...para professor, e quando me enviaram pra secretaria de educação pra saber qual escola, é...estaria com as 40 horas pra eu lecionar, então, uma das técnicas da secretaria de educação me enviou para a Escola Professor Anísio Teixeira que lá tinha as 40 horas, no turno matutino, então foi o que me levou ir pra essa escola.

Antonio Max Ferreira da Costa: E a senhora já sabia que lá era técnico profissionalizante?

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Não, eu não sabia que lá era técnico profissionalizante, eu só vim saber quando eu cheguei na escola e fui recebida pelo diretor atual que era professor Roberto...Roberto Cabral, né...que depois ele foi exonerado e tudo mais, e ficou o professor é...Zé Fernandes, José Fernandes.

O perfil dos estudantes, professores e funcionários eram...

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Ok, vamos ver se eu me lembro, né...naquela época, né...quando eu entrei, né...eram 8 turmas, cada turma com 55 estudantes por

sala, as vezes passava, né...porque a procura era muito grande, porque o Anísio Teixeira era considerado, né...um dos melhores colégios, né...do 2º grau, e os estudantes eram estudantes que..é...da redondeza, muito deles vinham do morro de Mãe Luiza, alguns estudantes tinham condições financeiras boas, mas tinham outras que eram bastante carentes, mas eram meninos e meninas muito interessados em tá, né... na educação fazendo curso de boa qualidade. Os professores, nós tínhamos professores que eram licenciados nos componentes curriculares, como geografia, história, biologia, esses professores atuavam no 1º ano, né...hoje considerado 1ª série, e também tínhamos aqueles professores que eram formados na parte profissionalizante, e esses professores não tinham o curso de licenciatura, então eles atuavam como professor de administração, né...professor de direito e assim sucessivamente, então, eram professores que...esses professores já atuavam a partir do 2º ano, é quando as turmas começavam a se organizar realmente quem era contabilidade e quem era administração, e os funcionários também, os funcionários eram funcionários...nós tínhamos o pessoal que era responsável pela limpeza, era um grupo muito bom, bem articulado na época, e também tínhamos o pessoal da secretaria, né...o pessoal da secretaria muito coeso conosco, e também tínhamos a equipe de coordenadores pedagógicos, porque naquela época a gente não tinha somente coordenação, nós também tínhamos orientadores, isso facilitava muito para os estudantes quando eles apresentavam alguma situação que precisava de ajuda, então nós tínhamos uma equipe muito boa com relação a equipe gestora, envolvendo diretores, coordenadores e os funcionários, então naquela época nós tínhamos uma condição maior de todos estarem ali engajados para o mesmo objetivo.

O currículo e os conteúdos eram...

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Há, pois bem! O currículo era o seguinte: Nós tínhamos...nós embasávamos, né...nos documentos oficiais, as diretrizes curriculares, a LDB 9.394 de 96 justamente para orientar esse currículo, então era um currículo que deveria ser flexível e que tivesse como principal pilar a contextualização, que é justamente respeitar a história de vida daqueles estudantes, não é...e...com relação aos conteúdos, os conteúdos nós tínhamos uma organização em que na 1ª série ou 1º ano, é...eram os conteúdos voltados para os componentes curriculares básicos, né...como por exemplo, conteúdos pra biologia, química, física,

geografia, história, arte e assim sucessivamente, e nós tínhamos também um outro grupo de conteúdos que eram aqueles conteúdos profissionalizantes, aqueles que eram constitutivos tanto de administração como também de contabilidade.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, então o estudante, ele via no 1º ano toda a base geral, né...de conteúdos e aí nos outros 2 anos seguintes, que eram 3 anos de 2º grau, e aí nos outros 2 anos ele via as disciplinas técnicas, mas português e matemática continuava?

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Há continuava sim, língua portuguesa e matemática sempre acompanhavam, porque sempre foram consideradas, é...considerados componentes basilares pra qualquer curso, então continuava sim.

O que dizer sobre a (s) metodologia (s), a (s) avaliação (ões) e o (s) estágio (s)?

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Bem, vamos começar pela metodologia, a metodologia ainda era behaviorista, por mais que a gente trouxesse abordagens, né...nas minhas aulas, por exemplo, eu sempre buscava abordagens para não ser somente behaviorista, não é...então, até porque nós ainda não tínhamos uma formação consolidada para trazer as demais tendências do ensino, então, é...fazendo uma invariante, eu posso dizer: tanto os professores da parte básica, tanto os professores constitutivos dos componentes que são técnicos, nós trabalhávamos muito com o ensino expositivo, mas em biologia, por exemplo, nós trabalhamos muito com aulas práticas, né...então, a metodologia variava, mas em compensação a gente via, até pelas perguntas, né...das avaliações a gente via que eram ainda tecnicistas, poucas perguntas de aplicação, não é. Com relação a avaliação, a avaliação, é...no geral, é...se utilizava a prova, a aprova como instrumento avaliativo, mas alguns professores buscavam também trabalhar outros instrumentos de avaliação, por exemplo, quando nós fazíamos a feira de ciências, né...então, a feira de ciências...as...os conteúdos que você trabalhava na feira de ciências, os projetos, nós também avaliávamos pra também obter uma nota, então era uma avaliação quantitativa, nós não trabalhamos com avaliação qualitativa. É, com relação aos estágios, é...Max, com relação aos estágios eu não tenho conhecimento, porque eu não tenho conhecimento, porque eu era da área básica, né...então, eu não tenho conhecimento com relação aos estágios que os estudantes faziam, então, era a mais a cargo de que...ou seja, a mais não, era a cargo dos professores da base técnica.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, professora, é...existia trabalho em grupo, existia aulas de campo, mesmo que não fosse da área técnica, mas da biologia?

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Sim, sim! Nós tínhamos, é...aula prática, de laboratório, não é...e quando nós podíamos fazíamos poucas aulas de campo, até porque isso variava muito de turma pra turma, de ano pra ano, porque era necessário que nós tivéssemos, é...meios de transporte, e naquela época nós não tínhamos verbas, a secretaria de educação não disponibilizava verbas, então, hoje a gente tem muito mais condições dada pela secretaria de educação do que naquela época, então, no máximo nós restringíamos a que? Nos restringíamos a aula de laboratório e em biologia, por exemplo, eu já tive a oportunidade de levar os estudantes para, é...para a praia, né...pra fazer coleta, pra estudar, mas era somente um grupo muito pequeno, porque infelizmente a maioria dos estudantes não tinham condições financeiras para bancar.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, aí professora...como a senhora colocava, a aula era expositiva geralmente, né...circulava dentro da escola essa cultura de uma aula expositiva, aí era como, o professor copiava, e depois na aula seguinte explicava, era assim?

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Bem, assim...eu vou tomar, eu como referência, né...eu por exemplo, como os meninos não tinham livros, então, eu não sei se você lembra, né...que você foi estudante, e como os estudantes não tinham condições de comprar livros, então, eu resolvi fazer umas apostilhas de biologia, somente para tirar os custos, a minha intenção jamais era ter lucro com relação a isso, mas permitir que os estudantes tivessem acesso, e também orientava para buscar os livros da biblioteca, não é...então, é...nós explicávamos sim, por exemplo, biologia, eu desenhava muito no quadro, eu escrevia, eu perguntava se daquela maneira dava pra eles compreenderem, então, a medida que eu ia explicando, eu ia anotando, por que? Porque nós não tínhamos recursos suficientes, e também trabalhava com retroprojeter, que eu cheguei a comprar um pra mim, né...justamente pra que vocês tivessem acesso não somente a quadro e giz, mas tivesse também acesso aquelas transparências que nós utilizávamos como também nos movimentávamos para o laboratório, porque quando cheguei no Anísio tinha um laboratório, porém estava fechado, e aí o que foi que eu fiz? Eu juntamente com a professora Rosário, professora Ismêmia e com a professora Alzenir, o quer que nós fizemos? Nós reformamos todo o laboratório com nossos custos, justamente pra que

vocês tivessem acesso aquilo ali, então, eu sabia, que eu, professora Rosário, professora Alzenir e professora Ismênia, nós levávamos muito vocês para o laboratório, e vocês compartilhavam muito trazendo, os estudantes no caso, trazendo o que? Trazendo materiais reaproveitáveis pra que a gente não ficasse somente em sala de aula, como também eu elaborei em biologia a construção de um livro, né...esses livros que foram construídos pelos estudantes, terminou a mídia sabendo, foi pra escola ver os estudantes como escritores, até hoje eu tenho alguns livros doados, né...eu acredito que eu tenha guardado em algum lugar, então era assim que nós trabalhávamos.

Quais festas e eventos comemorativos você lembra?

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Bem, eu lembro...eu não lembro dessa festa cívica, não me recordo, mas me recordo da feira de ciências, né...foi a primeira feira de ciências que foi realizada no Anísio Teixeira, foi quando eu cheguei, e aí nós fizemos uma feira de ciências interdisciplinar mesmo, todos os professores participaram, todos! Então, foi uma semana de feira de ciências, então nesse momento nós já fizemos o diálogo entre a Escola Anísio Teixeira e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como também outras instituições, como a polícia federal, por exemplo, que pedimos pra que eles trouxessem o conteúdo sobre drogas, a parte de arte, trouxemos artistas da terra para poder apresentar-se, os estudantes também se apresentaram, é...por meio de teatro, por meio de música, ou seja, nós tivemos todas as áreas do conhecimento naquele momento, então, foi um momento que foi muito marcante, porque nós orientávamos e vocês faziam, não é...então, foi o que me marcou, foi a feira de ciências daquele ano de 1990, e a partir daí nós passamos a fazer todos os anos, mas nós não fazíamos mais a semana inteira, porque? Porque existia a preocupação, é natural...como se tivemos perdendo conteúdo, né...e na verdade não! A feira de ciências promoveu aulas diferenciadas, porque nós podemos trabalhar todas as áreas de conhecimento, aquelas que eram constitutivas do curso, como também outras áreas que estavam fora da escola.

Antonio Max Ferreira da Costa: Professora, o ideário da escola,...ainda se tinha um ideário dentro da escola, uma cultura dentro da escola de formar para o mercado de trabalho?

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Sim, sim, sim! Isso era muito forte, muito forte formar para o mercado de trabalho, é tanto que os comerciantes, por exemplo, a

gente teve a oportunidade de conhecer alguns, e para buscar saber, né...e eles sempre diziam que preferiam os estudantes do Anísio Teixeira, porque eles já chagavam, e era na parte profissionalizante mesmo de técnico, se utilizava muito do fordismo, né...então, assim a gente via que trazia pra dentro da escola o que a sociedade estava precisando, e esses meninos e meninas eram formados nessa direção, é tanto que depois nós começávamos a perceber, por exemplo, quando eu ia a supermercados, eu encontrava muito estudantes do Anísio Teixeira, quando eu ia pras lojas do centro da cidade eu encontrava muito, então, realmente sim, era uma escola que se preocupava com o mercado de trabalho.

Que lembranças esses lugares evocam?

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Há! Você assim, me fez me emocionar agora! É a escola na atual estrutura, eu tive a oportunidade de lecionar a noite, né...tive oportunidade, e quando eu cheguei lá, eu tomei um choque, né...porque o que era antes era bem diferente, permitia maior integração entre vocês, entre nós, então, eu me vejo aí, né...é...em frente aos estudantes, e...nossas aulas eram dinâmicas, né...eu sempre tinha a preocupação de respeitar vocês, e vocês também, principalmente vocês, então, me lembro lecionando com as turmas bem interessadas diferentemente hoje, né...que a gente vê algumas mudanças [risos], mas era um comportamento bem behaviorista, né...porque as cadeiras eram bem alinhadas, nós não percebíamos essa indisciplina, porque havia um maior respeito entre os estudantes e professores, e ao ver essa terceira imagem, eu me lembro, é...eu na sala dos professores arrumando as avaliações de vocês, né...organizava tudo, colocava esses cintos, grampeava e sempre na primeira página tinha a lista de frequência, então, é...pra ajudar a escola na época, como a escola não tinha tantas condições, eu comprei uma impressora, aquelas impressoras matriciais em que eu já levava tudo pronto, mas esse momento aí, eu lembro eu organizando as avaliações para os estudantes, né...e preocupada, e sempre me preocupava em não trabalhar apenas um tipo de avaliação, e muitas pessoas achavam que fazer tipos diferentes de avaliação era justamente pra os meninos não colarem, mas meu objetivo não era esse, é porque eu organizava as avaliações considerando o que? O desenvolvimento de cada um dos estudantes, é tanto que eu chamava: fulano isso? É a sua! Porque? Porque eu tava avaliando, mas isso não significava dizer que eu não podia avançar, então eu me vejo aí, ministrando aula, caminhando entre vocês,

né...e vocês participando, e aquele comportamento que hoje não existe mais! [Risos].

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, professora havia um certo controle, uma certa disciplina, né?

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Isso!

Antonio Max Ferreira da Costa: Ainda havia?

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Hurum...muito controle!

Na época que atuei no ensino técnico profissionalizante de 2º grau, um fato me marcou...

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Bem, um fato...é...Max, eu vou dizer dois fatos que eles estão bem presentes na minha vida. O primeiro fato, é vocês estudantes participando da feira de ciências, com tanta desenvoltura e com tanta propriedade, ali vocês mostraram para todos os professores que vocês não podiam mais continuar com aquele ensino tecnicista, porque por meio da orientação vocês faziam, e quando eu me vi diante daquelas atividades, eu me emocionei muito, muito, né...até hoje eu lembro, até hoje...eu acho que tenho fotos, né...então, eu me lembro muito, então, foi o que mais me marcou, foi justamente a feira de ciências. E o segundo fato que me marcou, é um fato triste, né...porque professor e professora de biologia na escola as pessoas acham que entende de medicina, né...e eu lecionei lá, tanto pela manhã, como a tarde, como a noite, e uma manhã eu estava no primeiro horário ministrando aula, e de repente uma estudante chegou correndo para eu socorrer alguém, uma estudante tinha chegado atrasada, né...e ficava no corredor esperando a segunda aula para poder entrar, só que não era minha aula, ela ia assistir aula em outra turma, né...que não era a turma que eu estava, e aí quando eu corri, eu a vi debruçada, sangrando muito...né...porque o Anísio Teixeira antigamente tinha aqueles parapeitos, né...nas janelas, e ela ficou ali sentada pra esperar, em tudo que ela caiu, foi muito grave, né...tivemos que correr com ela para o hospital, ela perdeu a consciência, e eu fui com ela pra o Walfredo Gurgel, eu e duas coordenadoras, e chegando lá, ela tornou, entrou em cadeira de rodas, não esqueço nunca disso, e aí eu entrei com ela, depois os pais chegaram, e eu tive que me retirar, depois eu soube que com meses depois, ela veio a falecer por conta dessa queda, né...que ela tinha tido uma aneurisma, uma menina muito bonita, inteligente, então, são duas coisas que me marcam muito! E outra coisa também

que me marcou...Max, que vou compartilhar com você, que foi também que eu chorei muito quando cheguei em casa, eu tive duas estudantes que desmaiaram na sala de aula, com fome! né...muitos estudantes chegavam ali sem comer, e era...naquela época, a merenda era dada as 9 horas, e quando tinha, hoje não, devido a essas situações, principalmente nas escolas de tempo integral, e depois vim a lecionar a pouco tempo em outras escolas, eles se preocupam agora em dá a merenda no início, porque a gente sabe como são esses meninos, né...então, foram três pontos que me marcaram muito, no Anísio Teixeira.

Antonio Max Ferreira da Costa: Bom, professora Rozicleide, nós concluímos! Muito obrigado pela sua cooperação, por contribuir, por (re) construir essa história...por resgatar essa história do Anísio Teixeira, né...da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira e do ensino técnico, né...do período de 1982 até 2002, que é quando a escola, ela encerra, né...esse tipo de formação, técnico profissionalizante, de formar para o trabalho, obrigado!

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Obrigada, Max! Pra mim foi um prazer, contribuir com você, com seu trabalho, até porque pra mim é um orgulho, você foi meu estudante, e eu ver você, onde você chegou, pra mim você é um orgulho, porque você sabe que pra nós professores, um estudante de escola pública na maioria das vezes, ele não tem toda condição, né...e de repente a gente vê chegar num curso superior...em doutorado, Max...é a glória! [Risos]

Antonio Max Ferreira da Costa: Obrigado!

Rozicleide Bezerra de Carvalho: Obrigada, também! Um abraço!

Sessão de videografia ou vídeo história, realizada no dia 29 de julho de 2021 as 20h pelo *google meet*, com duração de 50:33.

Identificação [Professores]

Ismênia Verônica Barboza: Boa noite, Max! É um prazer estar aqui! Eu sou Ismênia Verônica Barboza, minha idade é 57 anos, hoje é dia 29 de julho de 2021, me formei em ciências biológicas-bacharelado e licenciatura, sou mestra em ensino de ciências naturais e matemática, é...não tenho certeza, mas acho que entrei em 1995 e saí em 2003 do Anísio Teixeira...

Antonio Max Ferreira da Costa: Lecionou qual disciplina?

Ismênia Verônica Barboza: Lecionei, biologia, física, química e informática.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, então, deu aula também em informática?

Ismênia Verônica Barboza: Dei!

Antonio Max Ferreira da Costa: Quais foram os cursos que a senhora deu aula?

Ismênia Verônica Barboza: Administração e contabilidade.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, foi nas duas habilitações?

Ismênia Verônica Barboza: Isso!

Quais as causas que levou você a atuar no ensino técnico profissionalizante de 2º grau?

Ismênia Verônica Barboza: Na verdade Max, eu não tive uma causa, eu fiz um concurso, fui chamada, tinha uma vaga no Anísio, e eu entrei...pra dá aula. Dei aula de biologia, seis meses, depois ocupei a cadeira de química e física, e quando foi introduzida a parte de informática no Anísio, não tinham professores que dessem a aula, e...como eu tinha curso, já tinha...já sabia um pouco...vou dizer um pouco, porque eu não sabia muito, de informática, o diretor na época era José Fernandes me convidou, me pediu pra assumir essas turmas, e assim foi feito.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, quais eram os horários que você lecionava?

Ismênia Verônica Barboza: Ensinei a noite primeiramente, depois eu passei pra tarde, e terminei o meu...período do Anísio na parte da tarde, eu dando aula para o 2º e 3º anos.

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo!

O perfil dos estudantes, professores e funcionários eram...

Ismênia Verônica Barboza: Deixe eu...consigo resumir isso, bem, os alunos a maioria deles eram...vou começar pela noite, porque eu ensinei nos dois turnos, a noite a gente via uma diversidade muito grande, é...alunos, alguns interessados, alguns alunos, eles tinham interesse, mas porque trabalhavam o dia inteiro, estavam muito cansados, outros, é...estavam ali apenas infelizmente, como dizia a diretora por ter a carteira de estudante, a gente entende isso, né...E tínhamos também aqueles alunos que já passaram da idade, por exemplo, eu tinha um aluno que tinha a idade de ser quase meu avô, né...Seu João, tinham dois, Manuel e João, eles tinham o que? 61, 62 anos e estavam fazendo o ensino médio, terminando para poder se aposentar com um grau maior e receber um dinheiro melhor também,

né...então, assim eram os alunos muito diversificados, tinham alunos interessados como você, tinham alunos que eram meio termo, e tinham alunos que não queriam nada. Quanto aos professores, infelizmente, infelizmente, eu sou da classe, mas, eles...alguns eram bem dedicados, alguns começam as aulas de 7, e terminavam de 10 e 20, e davam tudo que podiam e até mais, tinham os professores que visitavam o colégio, infelizmente...colegas que visitavam o colégio, passavam alguns trabalhos pros alunos e só vinham no final do semestre, né...entregar a nota, entregar as cadernetas, e por incrível que pareça em algumas situações como greves, eles conseguiam terminar o período, o final do ano em dezembro, quando aqueles que não entravam em greve, conseguiam terminar o ano em fevereiro, março, mas esses eles conseguiam fazer, e tinham os professores que eram meio termo, eles se desenvolviam, depois desistiam no meio do caminho, assim infelizmente nós temos esse tipo de...até hoje, até hoje, nós temos esse tipo de profissional, né...os que se interessam, que veste a camisa, os que são meio termo que desiste no meio do caminho, e aqueles que não tão nem aí pra nada. Os funcionários, é...era mais ou menos como desse jeito, agora tinham alguns que faziam a diferença, como Têê, Seu João, que era o porteiro, né...o pessoal da secretaria, que estava lá todos os dias, nos ajudavam muito, nos davam apoio, e tinham funcionários que infelizmente eu nunca vi na minha vida, mas diziam que estava lá, né...tinha fulano, mas ele não veio hoje, e tinha fulano, mas cadê fulano? Não, ele não veio hoje, então...eu espero que tenha respondido sua pergunta!

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí esses estudantes, eles eram da classe popular ou eles eram da classe elite, eles eram como?

Ismênia Verônica Barboza: Não, no turno da noite...eu não falei do turno da tarde, né...no turno da noite, eram pessoas que trabalhavam muito, geralmente era de uma classe menos favorecida, e eram pessoas que a gente via na fisionomia, no estado da noite, muito cansaço, e desse ponto a gente tinha que entender, né...a maioria ali...para terminar o ensino médio, para ver se conseguia galgar algo melhor no trabalho ou até mesmo como estudante, né...ir pra universidade, mas eles eram realmente de classe menos favorecida, e eram esforçado, mesmo aqueles que eu dizia que não queriam nada...

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, a motivação era ir para o mercado de trabalho ou quem já trabalhava melhorar na sua função?

Ismênia Verônica Barboza: Melhorar um pouquinho...é a maioria deles estavam ali para terminar o 2º grau e conseguir algo melhor, com certeza! Já no turno da tarde a gente via uma diferença gritante, na noite a idade, né...acima de 18 anos prevalecia quase 90%, mas a tarde o número de adolescente era o contrário, né...era 90% menos de 18 anos, e alguns outros tinham a idade maior que 18, e no turno da tarde, a turma por incrível que pareça, eles brincavam mais que o pessoal da noite que tava cansado, eu tinha 12, 13 turmas que não queriam absolutamente nada, eles brincavam muito, brincadeiras sem gosto as vezes, né...de jogar bomba dentro do bojo, né...essas coisas assim, mas eram meninos que eles...a gente via que eles tinham potencial, entendeu...se eles quisessem, eles podiam fazer a diferença, nós tínhamos alguns que faziam essa diferença, como Francisco das Chagas que hoje é repórter da InterTv, né...tá fazendo mestrado, acho que até terminou, deve tá indo para o doutorado! Você, né...olhe aí um exemplo! Então, nós tínhamos alunos que a gente sabia que tinham um potencial enorme, e só bastava querer, né...esse potencial fosse revelado, mas infelizmente a tarde o pessoal era mais difícil do que o pessoal da noite, por ser adolescente, por gostar de brincar, né!

Antonio Max Ferreira da Costa: Francisco das Chagas, ele é repórter, ele aparece na Tv, não né?

Ismênia Verônica Barboza: Aparece na Tv, ele agora deve tá dentro do estúdio, né...porque nunca mais eu o vi, mas eu me encontro com ele as vezes na UFRN, a última vez que encontrei com ele, ele estava terminando o doutorando, tava começando outro curso, de rádio e tava no mestrado, eu fiquei muito orgulhosa!

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, ele fez ensino médio ou ele fez o técnico?

Ismênia Verônica Barboza: Ensino médio, ele era um dos nossos melhores alunos, na época ele era da tarde, ele e a irmã, eram excelentes alunos, e...mas foi ensino médio comum mesmo, não era profissionalizante não, da tarde, a noite era, mas a tarde não era não!

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, Ismênia e...é...os professores, eles eram de áreas específicas, como era? Existia os professores da área técnica, existia os professores da base geral, como é que funcionava?

Ismênia Verônica Barboza: Na parte da noite, existiam o pessoal das áreas técnicas, tinha professores que eram formado em direito, contabilidade, administração...tinha o pessoal da biologia, do português, da história que dava aula, se não me engano, acho que era no 1º ano, né...1º e 2º ano tinham algumas

disciplinas que a gente podia...principalmente 1º ano, mas era um quadro de professores muito bons, muito bons, não eram professores...assim, eram um pessoal bem selecionado, principalmente à noite, no ensino técnico, eram pessoas que...por exemplo, nós tínhamos o William que ele era auditor fiscal do estado, era advogado do estado e dava aula no Anísio Teixeira, a esposa dele Elizabeth dava aula no Anísio Teixeira, então, assim eram pessoas bem diferenciadas, é...tinha...ele hoje na Polícia Federal, Roberto Cabral, que era professor de contabilidade também.

Antonio Max Ferreira da Costa: Ele foi meu entrevistado no mestrado.

Ismênia Verônica Barboza: Pronto, Roberto Cabral ele foi excelente de contabilidade, então, assim a equipe profissional do Anísio na época que entrei, era uma equipe muito boa, muito boa mesmo! No período da tarde também eram professores formado da disciplina, agora existia uma defasagem muito grande de profissionais, pra você ver, eu sou bióloga e terminei ensinando física, química e informática, porque não tinham professores, né...então, assim tinha uma defasagem muito grande de professor, principalmente a tarde, a noite não, a noite até eu dá aula lá, que eu acho que eu dei aula até 2001 [pensando] ou foi 2002...2001 a noite! O quadro de professores...mas também foi o seguinte, porque que esvaziou o quadro de professores do Anísio? Porque acabaram o ensino técnico, né...então, eu acho que foi em 2000, alguma coisa assim, o pessoal a esvaziar, sair, procurar outro caminho, né...é...outras escolas que tivessem o ensino, e que eles pudessem ensinar, principalmente o pessoal de contabilidade, administração, direito, né...aí eu fui pra parte da tarde, e na tarde não...era o ensino médio mesmo, e os professores eram qualificados, eram poucos...os professores antigos que não eram da área e ensinavam outras disciplinas, mas a maioria era qualificados.

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo!

O currículo e os conteúdos eram...

Ismênia Verônica Barboza: Ora, na parte da noite, era direcionado totalmente para a parte de administração e contabilidade, né...as disciplinas como biologia, história, eles eram assim passadas muito rapidamente, inclusive eu lembro que eu tive uma briga muito feia com a direção, quando foi feito uma modificação da primeira vez do currículo com relação a carga horária, porque se eu não me engano, a direção era quem decidia a carga horária, eles tiraram na primeira vez, 4 aulas de biologia, química, física e deixaram 3, e na segunda reforma, eles deixaram 2, então, assim 2

aulas pra uma turma, pra um ano inteiro, não tinha condições, então, foi uma briga muito feia, entre a direção e os professores, e a gente conseguiu ainda colocar uma outra aula, né...ficou 3 aulas por semana, mas isso foi uma briga muito feia, porque...e assim, eles chegavam com uma ordem de cima pra baixo, né...descendo com tudo, quando nós íamos ter conhecimento já tava tudo resolvido, a gente não tinha muito posicionamento não! E na tarde, eu não lembro muito...porque infelizmente na tarde, eu não me envolvia tanto nessas questões como me envolvia a noite, porque a noite, eu tinha Rosário, tinha Socorro Brasil, Socorro de matemática, Davan, então, era uma turma...Cabral, Elizabeth, William, então era uma turma muito, muito unida, e a gente fazia barraco mesmo para defender nossa disciplina, pra poder ter as aulas, né...a tarde a turma de professores, assim como era chegando e dando sua aula e indo embora, e alguns nem se interessavam mesmo, eu não tinha muito contato não, porque eu também era um desses que chegava, dava minha aula e ia embora, porque eu tinha aula também mais tarde, né...então, assim não dava pra conversar muito, mas a noite a gente brigava muito, a noite a gente fazia questão, de lutar pelo pessoal da noite!

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, professora Ismênia era um currículo, que era embasado, né...nesse contexto da parte geral, né...que era o 1º ano?

Ismênia Verônica Barboza: Isso, o 1º ano...

Antonio Max Ferreira da Costa: E os outros dois anos a parte técnica, né?

Ismênia Verônica Barboza: Técnica mesmo, técnica mesmo...

Antonio Max Ferreira da Costa: E aí português e matemática continuava ao longo desses outros anos?

Ismênia Verônica Barboza: Continuava, continuava...português principalmente, né...português e matemática tinham os três anos que eram dados, os quatro anos que era dados, mas as outras disciplinas precisavam brigar muito para garantir as aulas, porque se não, mesmo no 1º ano, eles queriam diminuir o número de aulas, a gente brigava muito para poder segurar essas aulas.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, e aí esses conteúdos...é...eram conteúdos dados de forma separada, né...como você tá colocando aí! Eram conteúdos que vinham de onde, esses conteúdos?

Ismênia Verônica Barboza: Olha, na minha época eles davam livros, né...não sei se ainda estão oferecendo livros aos alunos, é...nós nunca tivemos, assim, eu pelo menos, nunca me chamaram e perguntaram, se eu era a favor daquele livro ou não,

quando chegava, chegava os livros pros alunos, então, nós professores da área do 1º ano, que era a área comum, né...que é a biologia, história, geografia, a gente procurava seguir o livro, porque o aluno já não tinha direito de ter muita coisa, se a gente não seguisse o livro ainda, ficaria muito complicado, então, a gente procurava seguir o livro, não a fogo e ferro como na escola privada, mas a gente seguia uma sequência de que o aluno pudesse também, conseguir entender, né...todo o conteúdo, e conseguir pelo menos assimilar alguma coisa que desse pra um vestibular, já que eles só tinham esse ano, né...a parte técnica, então, a gente seguia assim à risca o livro, vou repetir: não com a fogo e ferro como a escola privada, no sentido de fechar capa a capa, a gente sempre introduzia outros livros, fazia apostilha, sempre tava tentando, é...incentiva-los a procurar mais pesquisas, porque como eles só tinham esse ano e tinham muitos que queriam fazer vestibular, só aquele assunto com duas, três aulas não dava pra ajudar, então, a gente incentivava, eles procuravam outros livros, fazerem pesquisas, que não é fácil como hoje, né...na minha época era muito difícil você ter acesso a livro, não era assim, se você não tivesse dinheiro, você não conseguiria acesso a livro, né...e geralmente na biblioteca, principalmente do Anísio, os livros, eram livros de 10 anos atrás, então, assim infelizmente, hoje você pega um botão, senta e escolhe o que você quer, e você tem tudo atualizado, né...no hoje, no agora, mas mesmo assim, a gente conseguia fazer alguma diferença na vida do aluno.

Antonio Max Ferreira da Costa: E informática, era um conteúdo, era uma disciplina que estava em todos os anos ou era só no técnico?

Ismênia Verônica Barboza: Olha, a entrada da informática no Anísio, foi muito engraçado, porque eles fizeram o laboratório de informática, né...mandaram 20 computadores pro Anísio, só que eles mandaram os computadores sem sistema operacional [risos] é como se tivesse mandado um carro sem motor [risos]...só a máquina, quando José Fernandes me pediu pra que eu, a Rose déssemos aula, e Francisca Miranda, déssemos aula que nós chegamos na sala para ligar os computadores não tinham nada, né...não tinham nada, aí o que foi que eu fiz? Eu, Rose e Francisca nós sentamos, conseguimos com ajuda de amigos do estado que davam aula em outras escolas, nós conseguimos os conteúdos que eles faziam, eu por intermédio de amizade, consegue o sistema operacional, consegue alguns programas que pudessem ajudar os alunos e a gente foi dá aula de informática,

então, assim na verdade, a aula de informática quem criou a parte de currículo lá fomos nós, porque nós não recebemos nada.

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí Ismênia, essa informática, ela acontece após a reforma do prédio, é isso?

Ismênia Verônica Barboza: Não, antes da reforma do prédio, você lembra onde era a cantina?

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim.

Ismênia Verônica Barboza: Pronto, eles fizeram a reforma ali e fizeram a sala de informática, que era: “O laboratório”, e enchiam a boca, né...que o Anísio tinham computadores e que a turma usava, eles usavam sim, a gente conseguia trazer pra a sala de aula, mas foi uma luta muito grande, porque nós tivemos que conseguir tudo pirateado na verdade, pra poder dá aula aos alunos, não foi uma coisa assim tão fácil não, mas foram dadas, eles tiveram acesso, alguns quando chegavam no laboratório já conheciam muito sobre computador, por incrível que pareça alguns até nos ajudava a dá aula, então, assim foi uma experiência que valeu, mas que mais uma vez o estado, né...banca de paizão, de bonitão, e no fim ele é o bicho mal, porque ele só faz a boniteza, só faz a maquiagem, né!

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo.

O que dizer sobre a (s) metodologia (s), a (s) avaliação (ões) e o (s) estágio (s)?

Ismênia Verônica Barboza: Olha, sobre os estágios eu não tenho como opinar, porque nós não tínhamos acesso a essa parte, a gente só tinha acesso dentro da sala de aula, tá...como foi o estágio, como era, eu não sei te informar mesmo...

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, as pessoas faziam estágios?

Ismênia Verônica Barboza: Olha [pensando], alguns a maioria do pessoal da noite, por incrível que parece que estudavam em administração ou contabilidade já trabalhavam na área, por exemplo, tinham muitos alunos das minhas turmas que já trabalhavam com contabilidade, eles precisavam só do diploma, porque nessa época, o técnico de contabilidade e administração, eles tinham...acho que até hoje ainda é assim, eles tinham quase o mesmo poder que um técnico de nível superior, a diferença...na época, não sei se mudou a legislação, mas na época, é que eles não podiam fazer um balanço geral, eles só podiam fazer o balancete, e assinavam até esse ponto como um contador, né...o técnico de contabilidade, aí depois o contador é que pode fazer o balanço ou alguma outra coisa assim fora do normal,

mas a maioria já trabalhava em contabilidade, administração, já tinham algum conhecimento. A questão da metodologia de ensino quem fazia era a gente mesmo, inclusive as provas, todas as minhas provas eram feitas na minha casa, com meu material, com tudo, porque sempre que eu...eu só mandei fazer uma vez no Anísio Teixeira, e eu só não morri de raiva, porque gente ruim não morre, né...porque quando recebi as provas, é...datilografia péssima, português horrível, mudavam o que a gente queria, homi, então, eu só fiz uma vez e mais nunca na minha vida, então, as minhas provas eu fazia em casa. E a metodologia, a gente tinha na época, Cícera e Rose eram duas orientadoras, coordenadoras da...a gente sentava, nesse período tinha, mas não durou muito tempo não viu! Rose, ela foi convidada pra sair do Anísio, porque ela batia de frente com a direção, e a gente tinha a oportunidade de sentar e conversar com elas, e direcionar uma metodologia, e elas respeitavam a nossa opinião, então, fazíamos juntos, mas não durou muito tempo não, a duas saíram porque batiam de frente com a direção, e a partir daí nós...o professor era que fazia sua metodologia, eu pelo menos seguia assim o ritmo da turma, né...eu tentava acompanhar, não era eles que me acompanhava, era eu que acompanhava e tentava, é vamos dizer assim, acelerar um pouquinho quando eu podia, pra poder dá um pouquinho mais de... uma exigência, um incentivo e levar a turma, em algumas turmas a gente conseguia, né...eu cansei de ver alunos dizer que nunca ia tirar um 10, não sei o que, e na parte de biologia, na parte genética, tinham uns que...quase 90% tiravam 10 numa disciplina numa disciplina que é dada como genética, que é difícil, né...e eu quando terminava que ia dá a nota, sem passar a mão na cabeça de ninguém, eu dizia: eu não disse que você conseguia! Eu não disse que você era capaz! E nesse...você é capaz, você pode, fazia uma diferença enorme nesses alunos, né...então, assim a metodologia éramos nós que ditávamos, e procurava fazer da melhor forma possível, pra que o aluno aprendesse mesmo, e saísse dali sabendo que ele era capaz de entrar numa faculdade, capaz de ter um nível superior, ser um mestre, ser um doutor e o que ele quisesse na vida.

Antonio Max Ferreira da Costa: Ismênia, e essa metodologia que vocês utilizavam no Anísio, é aquela metodologia que você, por exemplo, é expositiva, e aí o aluno copiava, vocês explicavam, como era? Ou vocês faziam aula prática, como era que funcionava?

Ismênia Verônica Barboza: Bem, nós tínhamos uma equipe muito boa, assim Rosário, né...Roze, tudinho, nós sempre fazíamos, sempre procurávamos fazer a

famosa feira de ciências, né...a gente dava aula, e nossa feira de ciências, a gente procurava unir o útil ao agradável, tanto trazendo gente de fora, pra que eles vissem que eles não eram o bichinho, coitadinho, eles tinham condições, o colégio tinha condição de trazer gente de fora, palestrantes de renome, e durante o período a gente tinha aula prática sim, o laboratório lá do Anísio não era um dos melhores, mas por incrível que pareça quando nós chegamos lá, a gente conseguiu autorização do diretor pra trabalhar no laboratório, e lá tinham materiais que você, pra você ver que nem todo colégio particular tinha condição de ter, materiais de física, de química, de biologia, materiais caríssimos que nem toda escola privada poderia ter, e tinha materiais lá, que por incrível que pareça a maioria já fora de validade, mas muito caros, principalmente material de química, quando eu fui dá aula, é...substâncias que já tinham saído de validade há muitos anos, não eram messes não, era anos, então, a gente recuperou o laboratório com o dinheiro próprio, eu, Roze e Rosário, compramos algumas substâncias pra poder dá aula, porque tinha substância que a gente não tinha condições de comprar, o que era possível a gente fazia, e nós darmos sim, a aula prática, então nós tentávamos unir o conteúdo a prática pra ver se incentivava mais, agora não era assim, todos os dias, não era todos os meses, era quando a gente podia dá, porque tinha situações que a gente não tinha condições. A aula expositiva, é...a gente não tinha retroprojeto, a gente não tinha...você conhece retroprojeto, né?

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim.

Ismênia Verônica Barboza: De transparência, como era o nome meu Deus?

Antonio Max Ferreira da Costa: Retroprojeto, mesmo!

Ismênia Verônica Barboza: Era retroprojeto, né! Agora é Datashow?

Antonio Max Ferreira da Costa: Isso!

Ismênia Verônica Barboza: Pronto, a gente comprou retroprojeto, né...e ficava dividindo entre as três, mas assim a maioria era quadro e giz que era o que o Anísio tinha na época, né...mas a gente tentava incentivar sim, a gente passava seminário, né...Rosário...era uma pessoa que levava os alunos para fora da escola, porque Rosário, ela tinha uma energia enorme, então ela levava os alunos sim, eu tinha muito medo disso, né...porque assim, eu tentei levar uma vez, os alunos queriam levar bebida alcoólica e houve uma confusão e eu disse não levo, então ninguém vai sair daqui bebendo, porque eles achavam que tinham 18 anos, maior de 18 anos e podiam fazer o que queria, né...[risos] eu não, então ninguém vai, porque se for pra

beber, comigo não anda, então comigo não foi, mas Rosário levava o pessoal da tarde, né...pra museu...Roze levava pra aula na praia, então assim o que a gente podia fazer dentro do que tinha condições, é...aula prática, visitas fora da escola, era isso que a gente podia fazer, era isso que a gente tinha na época, né!

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, e Ismênia a avaliação, como é que vocês faziam? Era escrita? Só era prova?

Ismênia Verônica Barboza: Não, nós tínhamos...nós fazíamos seminário, passávamos trabalho pra casa, tinham os teste, que na maioria não dariam nota, esses testes, a gente só fazia só pra ter uma ideia do que eles tinham conseguido assimilar, mas a prova era obrigatório.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, e aí era valendo 10, e pronto?

Ismênia Verônica Barboza: Valia 10, a gente fazia...eu não vou chamar de avaliação continua, porque eu estaria totalmente errada, porque a gente não fazia, mas vamos botar aspas nisso aí, seria como se fosse uma avaliação continua, a gente fazia seminários, fazia testes, passava trabalhos, provas, e...o aluno assim, alguns...nós tínhamos até um êxito bem satisfatório em algumas turmas em outras não, principalmente na noite, né...a tarde a gente conseguia, tinha trabalho, testes...as provas alguns alunos se saiam bem, outros não, porque assim, eu tinha 12 turmas e fazia 12 tipos de provas, esses 12 tipos eram numa turma, eles tinham 12 tipos de provas numa turma, então...para que um aluno pudesse, digamos assim, colar entre eles era muito difícil, porque a possibilidade deles conseguirem uma prova igual junto um do outro, é difícil, então, mas a prova no mesmo nível, respeitando o nível das turmas, sem ser aquelas provas que a gente só quer alunos tirando zero, né...não eram provas pensadas, não seriam provas do Enem, mas são provas que tinham textos para eles pensarem, é...não eram provas que, por exemplo, eu nunca fiz prova de consulta, eu não acredito em prova de consulta, eu acho que atrapalha mais do que ajuda, então nós fazíamos prova que eu chamava de prova pensante, né...nós dávamos uma situação problema pra eles, isso não tinha nem aquela situação problema que se fala hoje, né...a gente fazia sem saber, a gente dava a situação problema atual pra eles, e dentro daquela situação a gente puxava pra que eles pudessem, é...dizer o que eles aprenderam no conteúdo, resolver, principalmente na parte de química, né...enchentes em Natal, né...aí Rosário puxava a questão de saneamento público, né...doenças causadas pelas

enchentes, Roze...então, a gente tentava dentro do que podia fazer, a gente puxar pra que eles tivessem um pouco...

Antonio Max Ferreira da Costa: Fazer interdisciplinaridade, né?

Ismênia Verônica Barboza: Exatamente, a gente fazia de tudo, fazia tudo, mas assim, e eles respondiam bem, outros infelizmente não entendiam a metodologia utilizada, diziam que as provas não tinham sentido, mas na verdade era aqueles alunos que frequentavam muito pouco as aulas, e se frequentavam o colégio, não frequentava a sala, entendeu, mas assim eu acredito que a gente fez a diferença um pouquinho pra ajudar eles.

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo!

Quais festas e eventos comemorativos você lembra?

Ismênia Verônica Barboza: Olha, é...na minha época, eu acho que as escolas já não saiam quando eu era adolescente, era criança, que as escolas...nós íamos para o 7 de setembro, pra ver os militares e as escolas, né...era até uma briga entre as escolas pra quem ganhava primeiro lugar, eu não me lembro de nessa época que eu ensinava no Anísio, se bem que eu ensina a noite, por isso também a gente não tinha contato com o pessoal da manhã e tarde, eu não me lembro de alguém ter me falado que o Anísio desfilou, na rua, 7 de setembro ou que fez algo parecido assim, mas nós tínhamos essas feiras de ciências que nós fazíamos, né...e assim, eu lembro das feiras com os alunos participando, as pessoas vindo de fora, os professores também...no início eles não participavam muito, depois eles se engajaram e vestiram a camisa, tinha professora Vilma, que fazia peça de teatro, né...fazia jogral, assim as feiras de ciências no Anísio pelo menos na minha época, chamava assim atenção e eram feiras que deixavam saudades, né...os alunos, até hoje eu encontro alunos daquela época, que diziam: professora e as feiras, né? Eu dizia: pois é, né, assim! O que eu lembro muito do Anísio era as feiras de ciências, porque assim, não é querendo me colocar acima de todos, mas eu, Rosário, Socorro Brasil, Socorro matemática, Davansarte, Vilma, né...a gente fazia a diferença...Elizabeth a gente fazia a diferença, por mais que a gente não quisesse aparecer, a gente aparecia, porque a gente vestia a camisa mesmo, e fazia, acontecia [pausa] na feira de ciências, a gente fazia sim!

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, a feira de ciências, ela tanto envolvia a ciência, né...como as artes em geral, né isso, a música, a dança, teatro?

Ismênia Verônica Barboza: Envolvia tudo, nós fazíamos...trazíamos pessoas do teatro, da UFRN com...a parte de geologia, meio ambiente, pessoal da química, é...trazia pessoal do...como era? Aqueles cantores de viola, né...repentistas, a gente trazia de tudo, cada professor que tinha sua área, a gente pegava um pouquinho, porque também era só três dias, dois dias, não era a semana toda, e a gente fazia essa revolução todinha na escola, mas a maioria dos professores se envolviam, eles tinham assim o maior prazer em...principalmente Vilma, de português, ela fazia coisas lindas, é...eu acho que era a árvore da literatura, o cantinho do livro, essas coisas que a gente não ver em escola pública, né...e Vilma trazia esse...Elizabeth com o pessoal de direito, a Roze conseguia muita gente de fora pra...o pessoal do teatro, que tinha um menino lá no colégio que era dançarino, eu não lembro o nome dele, mas ele conhecia muita gente, então, ele trazia o pessoal, amigos pra mostra o samba na escola, a parte do folclore, esse...a cultura nossa, nossa, do nosso estado, da nossa cidade, pra que eles entendam que nós não somos tão mortos assim, né...a gente tinha que valorizar o que a gente tinha, trazia aquele pessoal, de...como é? De mamolengo, né...aqueles bonequinhos, dos fantoches pra fazer aquelas peças, mesmo as vezes com termos pejorativos que eles usam, né...mas pra gente ver que aquilo a gente tinha como cultura, que é a cultura do estado, né...eles tinham que entender...as raízes que a gente trás, então, eu lembro com muito carinho as feiras de ciências, mas Max, eu lembro também que nós paramos de fazer essas feiras de ciências, eu acho que no ano 2000, alguma coisa, porque mudou a direção e nós não tínhamos o apoio que nós tínhamos com o antigo diretor, mas também houve o problema do Anísio que mudou, né...nós saímos do Anísio lá, e fomos lá pra Santo Antonio, onde era o antigo Ferro Cardoso eu acho, ou era Objetivo, uma coisa pequenininha, quente, depois nós saímos de lá, e fomos lá pra Judite Bezerra ali perto da Mor Gouveia...

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, na Jerônimo Câmara.

Ismênia Verônica Barboza: É, e isso prejudicou muito a gente, porque eram dois colégios juntos, né...e assim, pra você ter uma ideia a gente tava dando aula e não via o outro professor dando aula, né...e assim, atrapalhou muito essa reforma do Anísio, entendeu, acho que foram dois anos pra terminar, nos deu muito trabalho.

Antonio Max Ferreira da Costa: Teve um pessoal que ficou no Caic, né?

Ismênia Verônica Barboza: Ficamos no Caic, não era um ambiente legal, né...tinha muito envolvimento com droga, as meninas saiam pra namorar, e assim, foi muito

complicado lá, não foi uma coisa fácil de trabalhar não, mas depois a gente volta pro Anísio, o Anísio já reformado, e demos continuidade, o que a gente pode fazer [risos].

Que lembranças esses lugares evocam?

Ismênia Verônica Barboza: Bem, eu vou falar logo, o que me causa menos, a secretaria, né...porque eu só ia lá mesmo pra entregar o diário, né...falar com as meninas, todas as noites quando eu passava falava com elas, mas precisar da secretaria em termos de prova, como te disse, que nunca precisei, então, eu só ia lá pra entregar o diário. A sala de aula, não me deixa de dar saudade, muita saudade, porque, é...eu aprendi muito com esses alunos, né...a turma da noite, eles tinham muita experiência de vida, né...muitas vezes eles conversavam com a gente no intervaluzinho, e...não éramos nós que ensinávamos a eles, né...eram eles que nos davam o ensinamento com experiência, de pessoas as vezes tão jovens, como tinham um na turma da noite, que eu tinha uns meninos de 14, 15 anos que estudavam a noite porque trabalhavam, alguns não chegavam nem a 17, como uma aluna minha tinha 15 anos e já tinham 3 filhos, eu disse: criatura, tu começasse com quanto tempo? Com 5 anos? Porque pelo amor de Deus! Chega me assustava, né...muito sofridos! Eu tinha um aluno no Caic que ele era louco pra fazer medicina, e o pai dele dizia pra ele que pobre tinha que trabalhar no roçado, puxar enxada, não precisava de medicina não, e...eu lembro que nesse período ele não tinha dinheiro pra fazer vestibular, pra pagar, porque na época não era Enem ainda, era aquele vestibular tradicional, e eu, Rosário e Roze a gente se juntou e pagou a inscrição dele, e eu disse a ele..., por ser professora dele na área de física, eu não lembro o nome dele, mas tive o prazer de me encontrar com ele na universidade não era em medicina, mas ele estava fazendo a parte de tecnologia, na área tecnologia de informática, e eu me emocionei quando vi, né...infelizmente não era medicina, mas aí eu disse a ele: olha faça a inscrição, mas eu vou te dizer uma coisa, você infelizmente ainda não está preparado pra o vestibular, mas você vai fazer o vestibular, pra entender como é o vestibular, e o ano que vem você passa, porque aí você vai ter uma ideia do que é o vestibular, não vá...porque ele realmente não tinha condição de passar, mas ele fez o vestibular, não se saiu tão mal, se saiu até dentro da média, se saiu muito bem pra uma escola pública, né...de um menino que trabalhava o dia todo com o pai pra poder estudar a noite, e graças a Deus ele

conseguiu chegar na universidade, e eu fiquei muito feliz! E tinham nossos alunos que realmente não tinham condições de se quer estudar a noite, porque quando chegava a noite, chegavam tão cansados, alguns iam até fazer comida pro o dia seguinte, né...quando se deitavam tava na hora de acordar, então, essas imagens de sala de aula, me emocionam! Porque me dá saudade! [voz embargada].

Antonio Max Ferreira da Costa: Professora, e era arrumada assim a sala? Vocês ficavam assim?

Ismênia Verônica Barboza: Era, porque a gente exigia, que fosse arrumada [risos].

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, não era em grupo não? Não era em círculo, não?

Ismênia Verônica Barboza: Não, não, eu nunca fiz prova em grupo, trabalho eu fiz muito pouco em grupo, mas a minha sala eu arrumava, quando eu chegava, principalmente no Caic, nós chegávamos muito cedo, eu, Rosário, Cleide que é Roze, né...e tinha lá, era...Têê, que limpava o colégio todo, né...então, a gente chegava muito cedo, a gente pegava a vassoura e ia ajudar a ela a varrer as salas e arrumar as salas, então assim, nas minhas salas não podia ter papel no chão, eu não admitia, as cadeiras eram todas em filas, e os alunos não tinha esse negócio de botar os pés pra cima, ficar com o pé dobrado na carteira não, eram todos...não era regime militar, mas era uma questão de disciplina, né...eles tinham que entender que estavam numa sala de aula, né...a fardinha, bonitinha, né...pra você ver, uma vez eu peguei um aluno no Anísio novo já, riscando a parede do Anísio, ele em cima da mesa riscando, eu puxei ele pelo braço, tirei ele e levei ele pra secretaria, e exigi que ele fosse suspenso na minha aula, três aulas, e do colégio...2 dias, assim foi feito, porque isso é uma molecagem, né...eu disse a ele, olha isso, a escola é nossa, o que você fez ali é um crime, porque você está sujando um patrimônio nosso, esse menino até hoje nós somos amigos, a gente conversa no face, ele disse professora foi a maior lição que eu tomei na minha vida em respeitar o que é do outro, ...que bom, que você aprendeu, agora tenha juízo, né...então assim, me dá muita saudade! O corredor, infelizmente...os corredores, me dá tristeza, porque assim, apesar do Anísio ter sido reformado, acho que você não lembra, você não cursou aí, mas tinham alguns corredores que tinham bebedouros, e esses bebedouros eram quebrados, os alunos sujavam tudo, esses corredores eram sujos, as vezes a caixa de gordura, é...enchia e não tinha uma...como é? Uma fiscalização, uma limpeza,

né...e melava tudo, sujava...então, assim os corredores sujos a vezes com lápis, né...não me traz muita saudade não, me dá as vezes até tristeza...

Antonio Max Ferreira da Costa: Isso antes da reforma, né?

Ismênia Verônica Barboza: Não, na reforma mesmo, antes da reforma nem se fala, né...antes da reforma nem se fala, porque os banheiros ninguém entrava, porque eram tudo cheios, mas na reforma mesmo, tinha um corredor que era já...em baixo, que tinha um bebedouro que era uma coisa horrível, eu digo: gente, manda consertar esse bebedouro aqui, porque a escola na época já recebia algum dinheiro, né...pra fazer isso, então, assim, os corredores tinham muitos meninos namorando, né...e a gente passava, pra sala de aula, colocava tudo pra dentro, então assim, os corredores não me trazem saudades não, mas a sala de aula, a sala de aula me traz!

Na época que atuei no ensino técnico profissionalizante de 2º grau, um fato me marcou...

Ismênia Verônica Barboza: Bem, infelizmente a Praça Cívica pra gente que ensinava a noite, nesse período que trabalhei não é sinal de sociabilidade, infelizmente pra minha lembrança é alunos na Praça Cívica esperando infelizmente o traficante pra comprar...na época eu acho que era maconha ou cocaína, não lembro se tinha crack, né...então assim, era muito triste, porque a gente ficava pastorando, por incrível que pareça os professores, a gente aí pra ver se realmente tinha um traficante lá entregando drogas pros meninos, né...então,a Praça Cívica não me traz lembranças, me traz assim...quando tinha a semana do 7 de setembro, que os soldados faziam as disposições, ...aeronáutica, exercito que a gente levava os alunos aí, é uma lembrança ruim e outra boa, né...a foto da igrejinha, que a gente chamava a sala da igrejinha, que essa sala aí que ficou, que era pequenininha, a gente chamada de igrejinha, assim traz saudades do antigo Anísio, né...e o da frente infelizmente, assim coisas boas e coisas ruins, mas assim, a coisa que mais me marcou no Anísio mesmo, é...era aluno principalmente à noite, e pela manhã que desmaiavam, porque não tinham o que comer, [pausa] nós tivemos vários alunos que tiveram...alguns tinham ataque epilético, alguns desmaiavam de fome mesmo, né...e a gente podia conversar, saber o que era, e eles diziam que não tinham o que comer, e a gente dava um jeito de providenciar um lanche, uma coisa pra eles, e isso marca muito, porque, é...o Anísio Teixeira sempre perguntava, porque que ele

era todo ano escolhido, o melhor colégio de Natal, tinha lá os quadros, né...com os certificados, e eu digo: mas porque que ele é o melhor colégio de Natal? Eu nunca entendi, porque no Anísio antigo nós tínhamos banheiros entupidos, que os alunos não poderiam ir, nós tínhamos corredores com caixa de gorduras vazando, nós não tínhamos carteiras suficientes, não tinha ventiladores nas salas, as vezes não tinha se quer água para os meninos, a gente trabalhava só com quadro e giz, e tudo que a gente queria, a gente tinha que comprar, e eu nunca entendi porque ele era o melhor. Quando fez a reforma, melhorou um pouquinho, porque os ambientes melhoraram, as salas ficaram maiores, né...mas o que a escola poderia dar pro aluno, né...que seria uma condição, é...não é condição social em termo de dinheiro, mas um apoio social em relação a essas famílias, né...esse apoio a escola não tinha! Uma coisa me marcou muito, que me lembrei agora, eu tinha um aluno, que o nome dele era...e uma vez eu tava em sala de aula dando aula na turma dele, e a coordenação me chama, porque a mãe dele tinha ido lá, e tinha pedido pra coordenação conversar comigo professora, porque ele fazia parte de uma gang, escute bem essa, e estava pagando pra ele estudar e ele seria o futuro advogado da gang, e a mãe estava com receio que se por acaso ele fosse reprovado na minha disciplina era poderia me machucar, né...aprontar alguma coisa, eu disse a direção, ...olha fulaninha, é melhor você dizer pra mãe dele que infelizmente, ele já estar reprovado, ...ele já faltou o que tinha que faltar e ele já zerou o que tinha que zerar, não tem mais o que eu possa fazer por ele, porque eu acho muito difícil ele conseguir no final do ano reverter esse quadro...no finalzinho, e eu agradei muito a mãe dele, porque me avisaram, mas nós tínhamos alunos nesse nível no Anísio Teixeira, né...eu não sei também se é verdade, a mãe dele veio me dizer, porque ele contou pra mãe, mas uma coisa que fazia diferença nele, é que ele usava tênis realmente muito caro, calças zoomp...ele usava pra farda viu, tinha celular...potente...então, isso antes da mãe dele me avisar, isso me estranhou muito, então, os boatos corriam, né...aí realmente quando a mãe dele falou alguma coisa colou...mas assim, isso marca a gente, né...porque é um menino de 14, 15 anos, né...é bem complicado!

Antonio Max Ferreira da Costa: Ismênia, muito obrigado pela sua contribuição em nos ajudar a (re) escrever a história, né...da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, de 1985 a 2002. Gratidão por ter participado desse momento!

Ismênia Verônica Barboza: Ou Max, foi um prazer lhe revê-lo! Foi um prazer lembrar da Escola Anísio Teixeira! Infelizmente não tem só notícias boas, né...eu espero ter contribuído de alguma forma, tá certo. Te desejo uma boa defesa, por favor me avise que vou fazer o possível pra estar presente, tá! E olhe, foi uma honra ser sua professora, você fez a diferença, se não tivesse feito, você não estaria aí agora, tá certo! Um abraço enorme nesse coração e um cheiro também, e qualquer coisa que você precisar, eu, Roze e infelizmente minha irmã Rosário já não está mais conosco, mas tenho certeza que onde ela estiver, estará torcendo por você!

Antonio Max Ferreira da Costa: Obrigado!

Ismênia Verônica Barboza: Muito obrigado, digo eu!

Sessão de videografia ou vídeo história, realizada no dia 25 de janeiro de 2022 as 15h e 30m de modo presencial na residência do agente-sujeito da pesquisa, com duração de 15:46, gravada por meio de um *smartphone*.

Identificação [Professores]

Jarbas Gomes de Carvalho: Eu sou Jarbas Gomes de Carvalho, 70 anos [pausa] hoje é dia 24 de janeiro de 2022.

Antonio Max Ferreira da Costa: Você se formou em que?

Jarbas Gomes de Carvalho: Minha graduação foi em administração de empresa.

Antonio Max Ferreira da Costa: Lecionou quais disciplinas?

Jarbas Gomes de carvalho: Lecionei técnicas bancárias, administração e por último sociologia quando encerrado o curso profissionalizante.

Antonio Max Ferreira da Costa: Em que ano o senhor entrou na escola e saiu em que ano?

Jarbas Gomes de carvalho: Entrei 1981, e sai em 2009.

Antonio Max Ferreira da Costa: E aí o senhor deu aula em quais cursos ou em qual curso?

Jarbas Gomes de Carvalho: Só no curso técnico que diziam que era técnico profissionalizante em administração, mas na realidade era auxiliar técnico de administração de empresas.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, era diferente?

Jarbas Gomes de Carvalho: Não, só a nomenclatura, porque os alunos entravam achando que era técnico em administração, mas na realidade era assistente em administração.

Quais as causas que levou você a atuar no ensino técnico profissionalizante de 2º grau?

Jarbas Gomes de Carvalho: Principalmente....eu cheguei lá...no núcleo do Nure que ficava na minha rua, eu entrei pra perguntar se eu podia ensinar no curso de administração, e no momento tinha a professora, que eu não me lembro o nome que era diretora da Escola Estadual Soldado Luiz Gonzaga, que fica lá na avenida 9, aí coincidiu dela estar procurando um professor pra técnicas bancárias, e como eu trabalhava em banco, ela me absorveu num dia, no outro eu tava dando aula, [pausa] aí no outro ano eu pedi transferência para o Anísio Teixeira, por que ficava perto de casa. Minha finalidade maior era...que até hoje ainda tenho vontade, é de transmitir meus conhecimentos pros outros e não guardar para mim.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então na época não era concurso? Era contratos?

Jarbas Gomes de Carvalho: Era contrato!

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí eram absorvidos durante...?

Jarbas Gomes de Carvalho: Fomos absorvidos, acho que no Governo de Zé Agripino, que saiu uma lei dizendo que quem trabalhava ou prestava serviço público por mais de 6 anos, era absorvido, passava a categoria de estatutário e aí a minha categoria como estatutário foi P7C.

O perfil dos estudantes, professores e funcionários eram...

Jarbas Gomes de Carvalho: Os estudantes no começo tinham um certo interesse, eles tinham interesse, e eu sentia que não só era na minha disciplina, em outras disciplinas técnicas também, porque se tinha um boato, vamos dizer assim, que no último ano, todos estariam estagiando, mas isso nunca aconteceu, teve um período que não me lembro...o período, que tinham uns estágios no Banco do Brasil, tipo menor aprendiz, mas isso também foi um ano, dois...e eu não soube de mais nada.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, esses estudantes eles eram só estudantes? Eram trabalhadores? Eles eram de onde? Eles vinham de onde? Eles eram da classe média? Ou de uma classe popular?

Jarbas Gomes de Carvalho: É eu creio que da classe média [pensando]...classe média não, classe mais popular mesmo, não tinha assim, tinha um QI (quem indica), diretor é quem dizia: “fulano tem um estágio em tal canto”, não era uma coisa assim que tinha uma seleção, nada não, era indicado.

Antonio Max Ferreira da Costa: E os professores como eram?

Jarbas Gomes de Carvalho: Era, muito, muito integrado mesmo! Agora, os professores que tinham na época, todos gostavam de ensinar, de transmitir, não tava ali pelo dinheiro, tava porque gostava de ensinar.

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí tinham professores que eram da área técnica e professores que eram da área propedêutica, né que chamam? Área geral...física, química, matemática, e tinham aqueles que eram das áreas específicas?

Jarbas Gomes de Carvalho: Era tinha a área técnica, tinha os outros professores que eram específicos de português, matemática, química, física e biologia, agora essas disciplinas: física, química, biologia e matemática, só se via no 1º ano.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, e nos outros dois anos?

Jarbas Gomes de Carvalho: Nos outros dois anos profissionalizante...curso profissionalizante.

Antonio Max Ferreira da Costa: E aí só ia para os outros dois anos, somente matemática e português, era isso?

Jarbas Gomes de Carvalho: Só matemática e português.

Antonio Max Ferreira da Costa: E o resto era técnico. O senhor lembra de algum funcionário?

Jarbas Gomes de Carvalho: Me lembro, mas não me lembro do nome. Só me lembro de um que trabalhava no arquivo, Idezite...ela trabalhava no arquivo.

Antonio Max Ferreira da Costa: Ela era solícita, prestativa?

Jarbas Gomes de Carvalho: Ela era concursada.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas ela era solícita?

Jarbas Gomes de Carvalho: Era muito.

O currículo e os conteúdos eram...

Jarbas Gomes de Carvalho: Tinha um currículo que era pro curso profissionalizante todo, só que tinha um problema, que eu professor de administração da noite, achava umas coisas dentro do currículo mais importante do

que outras, e o professor de administração da manhã e da tarde, quer dizer, cada professor específico escolhia o seu conteúdo.

Antonio Max Ferreira da Costa: Não havia aquela regra, né...de seguir?

Jarbas Gomes de Carvalho: Não. Tinha a regra, administração e controle por exemplo, aí dentro de administração e controle para todos os anos, eu escolhia o que eu achava mais importante, e outro professor achava, aí se tinha problema pelo seguinte, porque quem vinha pela manhã e chegada de noite, via o conteúdo todo diferente, tinha esse problema, tinha divergência de conteúdo.

Antonio Max Ferreira da Costa: E o conteúdo geralmente, professor Jarbas, batia com o ramo do trabalho, dava pra executar aquele conteúdo no trabalho?

Jarbas Gomes de Carvalho: Dava, dava...dava.

Antonio Max Ferreira da Costa: Porque sua experiência de banco, né? Com certeza traria benefícios para o estudante.

Jarbas Gomes de Carvalho: Na administração e controle, na administração de pessoal, então, eu trabalhava muito em cima da legislação trabalhista, até para dá uma luz em direito melhor a eles, aí outro professor achava melhor cálculos de folha de pagamento, decimo terceiro, essa parte mais técnica, como a parte de cálculo.

O que dizer sobre a (s) metodologia (s), a (s) avaliação (ões) e o (s) estágio (s)?

Jarbas Gomes de Carvalho: A metodologia era giz, esponja e quadro, só.

Antonio Max Ferreira da Costa: Não tinha livro e nem apostilha?

Jarbas Gomes de Carvalho: Não.

Jarbas Gomes de Carvalho: As avaliações ficava a critério de cada professor, cada professor fazia sua prova, seu teste, e passava pra frente. Só tinham duas avaliações, pelo menos eu fazia duas, não eram todos os professores, era uma de pesquisa e a outra teórica, né...dentro do conteúdo dado, as avaliações que tinham era essas.

Antonio Max Ferreira da Costa: E a metodologia era uma aula expositiva que o senhor fazia, depois explicava, copiava no quadro, depois explicava?

Jarbas Gomes de Carvalho: Era todo copiado no quadro.

Antonio Max Ferreira da Costa: E depois era explicado e fazia atividade?

Jarbas Gomes de Carvalho: Era.

Antonio Max Ferreira da Costa: E os estágios, o senhor colocou aí há pouco tempo que eram indicação, até existiam alguns, mas eram indicação?

Jarbas Gomes de Carvalho: Tinham, poucos, mas tinha.

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí os estudantes procuravam fora estágios, no CIEE, IEL? O senhor sabe?

Jarbas Gomes de Carvalho: Não existia essa abertura de estágio pra fora não, só existia essa mesma que eu disse, do que indica, acho que foi somente uns dois anos só.

Quais festas e eventos comemorativos você lembra?

Jarbas Gomes de Carvalho: Comemorativa era São João [risos], tinha festa de São João, dia dos professores, tinha festa no colégio, feijoada, festa no colégio...dia dos estudantes...sabe! professores, estudantes, sete de setembro era feriado normal, tinha desfile, algumas vezes o colégio foi primeiro lugar no desfile.

Antonio Max Ferreira da Costa: E tinha gincana cultural?

Jarbas Gomes de Carvalho: Tinha quando era feito por fora, o colégio mesmo não promovia gincana não.

Antonio Max Ferreira da Costa: O senhor lembra de alguma feira de ciências?

Jarbas Gomes de Carvalho: Teve, pouca, mas tinha. Porque até não tinha conteúdo para fazer uma feira de ciências que era muita teoria, só administração e contabilidade, aí se formava as vezes, mas [pensando]...

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí não tinha muita demanda né?

Jarbas Gomes de Carvalho: Não tinha porque era só o 1º ano, aí tinha laboratório de biologia e física, aí juntava uma besteirinha ali dos alunos só pra dá uma motivaçãozinha maior pra eles.

Que lembranças esses lugares evocam?

Jarbas Gomes de Carvalho: Corredor só ficava com muito aluno no final do ano, para saber se passou ou não na sala dos professores [risos] corria todo mundo, porque a sala dos professores ficava no corredor, corria todo mundo pra lá pra saber se passou, qual a nota, quanto foi e tal.

Antonio Max Ferreira da Costa: A sala de aula?

Jarbas Gomes de Carvalho: Muito carente, muito quente, sem conforto nenhum.

Antonio Max Ferreira da Costa: As cadeiras eram sobrepostas assim mesmo? Uma atrás da outra, fileiras?

Jarbas Gomes de Carvalho: Era.

Antonio Max Ferreira da Costa: Era em círculo?

Jarbas Gomes de Carvalho: Não, era individual, ainda não havia essa técnica de aula em círculo não.

Antonio Max Ferreira da Costa: Havia disciplina na sala de aula? Os estudantes eram tranquilos? Ou eles eram...?

Jarbas Gomes de Carvalho: Dependia muito do professor.

Antonio Max Ferreira da Costa: Há é? Se ele fosse mais rígido.

Jarbas Gomes de Carvalho: Se ele fosse mais rígido até que eles obedeciam.

Antonio Max Ferreira da Costa: Se não era mais elétricos.

Jarbas Gomes de Carvalho: Era bagunçado mesmo!

Antonio Max Ferreira da Costa: Era mesmo?

Jarbas Gomes de Carvalho: Era.

Antonio Max Ferreira da Costa: E essas provas sobrepostas aqui na secretaria? Quando o senhor olha pra aí na secretaria, o senhor lembra de que?

Jarbas Gomes de Carvalho: Eu mesmo nunca coloquei prova assim na secretaria não, eu elaborava em casa e rodava no computador e já levava pronta, mas nessa situação aí tinha vazamento de prova, principalmente no final do ano [risos].

Na época que atuei no ensino técnico profissionalizante de 2º grau, um fato me marcou...

Jarbas Gomes de Carvalho: O que me marcou mesmo, é que o colégio era muito mal tratado, era muito mal tratado mesmo, bem acabadozinho mesmo.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas porque mesmo professor Jarbas? O senhor acha que faltava o que?

Jarbas Gomes de Carvalho: Há [pensando] direção.

Antonio Max Ferreira da Costa: Direção?

Jarbas Gomes de Carvalho: Sim, porque tinha o diretor, mas não tinha assim força junto aos órgãos da secretaria, de fazer a reforma, fazer tintura...falta de verba..., aí eu acho que de 2007, por aí 2005 foi que cada colégio ficou responsável pela sua verba, foi quando melhorou alguma coisa.

Antonio Max Ferreira da Costa: Autonomia né? Financeira?

Jarbas Gomes de Carvalho: É autonomia financeira.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas até então, era tudo ligado ao órgão central, e aí toda verba era buscada lá?

Jarbas Gomes de Carvalho: Era buscada lá, e normalmente eles faziam isso no período de férias de dezembro a janeiro, aí não dava para fazer.

Antonio Max Ferreira da Costa: E esses diretores, eram diretores indicados ou era eleição democrática?

Jarbas Gomes de Carvalho: Era indicado, depois, foi...eu não me lembro o ano que passou a ser democrático.

Antonio Max Ferreira da Costa: Acho que na década de 90, não?

Jarbas Gomes de Carvalho: Acho que foi!

Antonio Max Ferreira da Costa: Ou foi nos anos 2000 mesmo?

Jarbas Gomes de Carvalho: 2000 foi! Foi 2000.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas assim, o senhor não tem nenhum fato marcante que o senhor lembre assim de algum evento, de algum estudante, de algum episódio na escola, ou bom ou ruim, o senhor não lembra...?

Jarbas Gomes de Carvalho: Marcante, tenho não!

Antonio Max Ferreira da Costa: De ninguém que passou no vestibular, ninguém que virou um grande escritor? Nada?

Jarbas Gomes de Carvalho: Não, porque aí quando o aluno terminava ia embora...

Antonio Max Ferreira da Costa: Nunca deu retorno a escola?

Jarbas Gomes de Carvalho: Não, nada!

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, agora eu deixo o espaço aberto para o senhor agradecer. Eu agradeço, muito obrigado pela sua atenção, sua presteza, certo, em contribuir com a minha formação acadêmica.

Jarbas Gomes de Carvalho: Vou tá a disposição, o que depender de mim, o que precisar, estamos aí!

Sessão de videografia ou vídeo história, realizada no dia 14 de fevereiro de 2022 as 10h de modo presencial na residência do agente-sujeito da pesquisa, com duração de 33:39, gravada por meio de um *smartphone*.

Identificação [Diretores]

Evânia Maria Damásio de Souza: Eu sou Evânia Maria Damásio de Souza, é...hoje eu tenho 67 anos, é...hoje é dia 14 de fevereiro de 2022. É sou formada em pedagogia com especialização em recursos humanos, ...me formei em pedagogia né, exerci o cargo...vários cargos, de professora, mas, como mais como administradora escolar, porque na época, a universidade né, quem fazia pedagogia você tinha três opções, em especialização, já saia com especialização, administração escolar, orientação educacional e a supervisão, e aí a minha opção foi administração escolar, então, eu entrei já praticamente no estado e no município, no estado como professora, foi pouco tempo, assim que me formei, eu já fui administrar, né, aí administrei o Jorge Fernandes, acho que por 2 anos, e “peluma” avaliação, assim me disseram, da própria secretaria, eu fui convidada pra ir pro Anísio Teixeira, né...porque nessa época também eles estavam implantando mais um curso profissional, porque antigamente só era administração e contabilidade, e quando na minha chegada, foi exatamente para a gente implantar o curso de serviços bancários, né, que aí a demanda de procura por matrículas que já era grande, ela aflorou muito, então, foi assim, uma das grandes preocupações, não só da gestão, mas também da própria secretaria de educação como seria absorver essa demanda, foi aí que é é...foi acoplado né, se pensou e foi feito de uma forma, assim muito ligeira e tudo, para sanar a situação, usar as dependências do antigo Jardim, Jardim Modelo que ele ficava mais na Prudente, né, e aí foi como nós absorvemos essa clientela, chegamos ao patamar de ter 1.800 alunos.

Antonio Max Ferreira da Costa: E aí você chega na escola em que ano, Evânia?

Evânia Maria Damásio de Souza: Eu cheguei em 1982.

Antonio Max Ferreira da Costa: E saí em que ano?

Evânia Maria Damásio de Souza: Hã?

Antonio Max Ferreira da Costa: E saí da gestão em que ano?

Evânia Maria Damásio de Souza: Saí da gestão em 86...85...final de 85, certo e, ou mais, e é isso. Então, é é a procura sempre foi muito grande, muito grande a demanda de procura de matrícula, sempre foi grande.

Quais as causas que levou você a atuar no ensino técnico profissionalizante de 2º grau, e se envolver na administração escolar?

Evânia Maria Damásio de Souza: Foi uma avaliação, como eu cheguei na administração escolar.

Antonio Max Ferreira da Costa: Um convite né?

Evânia Maria Damásio de Souza: É um convite, né, e eu acho que também pela própria vocação [risos] né, que a gente tem esse..., todos nós, né.

Antonio Max Ferreira da Costa: Perfil né?

Evânia Maria Damásio de Souza: Tem o perfil, é...talvez eu tenha tipo esse perfil, até porque atualizei, atuei nesse, nessa questão da administração por 33 anos, né, foram 33 anos sempre nessa linha de administrar tanto no estado como no município.

Antonio Max Ferreira da Costa: Você falava que a escola, era uma escola de prestígio, né? E havia um grande número de estudantes, né?

Evânia Maria Damásio de Souza: O Anísio Teixeira era os olhos, né, do...eu não digo da secretaria, mas da comunidade...tá. Naquela época você estudar no Anísio Teixeira era um privilégio, era um privilégio! Não é, aí vem a questão da clientela, era eclética, era, mas a gente observava que também tinha pessoas de um nível, de uma classe média alta, tinha até de classe alta, certo! E média era quem ponderava, na verdade a classe média ponderava, a gente tinha essa observação. Aí vem a questão da organização, vem a questão de currículo, não é? E não é fácil! Hoje tô vendo aí que tá voltando, mas acho que tudo muito mais moderno, com tecnologia que não se tinha, não é? A gente tinha que preparar material, apostila, veja quantas disciplinas, né...se tinha dentro do currículo, aí chega um professor e quer apostila, quero recursos, recursos, né? Não se podia pedir livro ao aluno, porque nem todo mundo tinha acesso para comprar, então nosso recurso era apostila!

Antonio Max Ferreira da Costa: E aí era mimeografada, era isso?

Evânia Maria Damásio de Souza: E aí, era uma apostila para ser datilografada, porque a gente não tinha xerox, não é? Aquela apostila ia ser toda datilografada no estêncil, estêncil assim...preto, não é? Depois ia pro mimeografo elétrico que era aquela tinta preta, e as apostilas, as provas, era os recursos...e se tinha quadro e giz.

O perfil dos estudantes, professores e funcionários eram...

Antonio Max Ferreira da Costa: Evânia, como era o perfil dos professores? Havia os professores técnicos,como era esses professores?

Evânia Maria Damásio de Souza: Eram professores...tinha o professor licenciado, com licenciatura plena da área básica, né, então a gente tinha esse professor, e nós tínhamos os professores específicos, né, que não era fácil também selecionar, fazer esse contrato, porque tinha o professor comprometido, não comprometido, há eu vou lá, não é assim, porque esse professor que dá as matérias específicas, eles tinham que ter um compromisso, mas na época as pessoas tinham muito compromisso, muito compromisso, até porque, hoje a gente ainda ver resultado, né, de um trabalho, hoje se ver resultado, né, hoje a gente encontra as pessoas formadas, gente no mercado, não é? Muitos foram...progrediram foram pra universidade, outros não, mas pelo menos na época o mercado de trabalho absorvia, absorvia, você tinha, é é... um diploma, como o povo dizia antigamente, você era quase graduado, né? Porque se a gente hoje, eu comparo muito, né? Determinadas pessoas que fazem as universidades, e comparo o conhecimento, né, do pessoal que fazia o 2º grau, porque era 2º grau, a nomenclatura era essa, e as vezes a gente não ver muita diferença não, né? Porque o professor, eu me lembro muito da época, mesmo ele sendo de uma disciplina específica, você foi aluno e você sabe que o que você escrevia era corrigido, não importava que fosse, que você tivesse respondendo perguntas de história, certo! O específico da disciplina, mas o professor ele corrigia, os erros de português e eu acho que isso contribuiu muito, porque cada um, todo mundo, certo, não é possível que minimamente você vai sair com o português melhor, escrevendo melhor, ortografia melhor!

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí Evânia, esses professores, que eram da área específica, da área técnica que a gente chama, eles atuavam no mercado e na escola, era isso?

Evânia Maria Damásio de Souza: No mercado e na escola.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, eles eram advogados, bancários, contadores?

Evânia Maria Damásio de Souza: É, é... a gente tinha assim, uma professora, que eu digo que ela é muito histórica, eu encontrei ela recentemente (saudosismo), Maria do Carmo. Maria do Carmo é procuradora do estado, na época era permitido, ela trabalhava, ensinava Direito e Legislação, ensina outras disciplinas, né, também,

mas todo mundo aprendia com Maria do Carmo, todo mundo aprendia! E tinha outros professores também muitos bons, administradores, pessoas...contadores né, que, eles atuavam ali...e também, assim o ensino profissionalizante, ele só era o 2º e 3º ano, porque o 1º ano se chamava unificado, que era a base, né? Que aí eles só viam, assim eles só via Química, Física, Inglês, Matemática, Português, Redação no 1º ano, depois quando ele ia continuava com Redação, Português, com a Matemática, aí a Matemática já era a Matemática Financeira, e por aí vai.

Antonio Max Ferreira da Costa: Evânia, e os funcionários, você lembra de algum?

Evânia Maria Damásio de Souza: Lembro, eu ainda tenho muito contato, assim...o tempo vai passando, mas a gente tem contato, né...com algumas pessoas, então, o grupo de professores eram...muitos funcionários, muitos professores, né...e, quando você luta com gente, você trabalha, você tem que ter essa liderança, não é fácil, né...não é fácil, é difícil, mas a coisa caminhava, né...caminhava, a gente tinha os ASGs eles trabalhavam por turno, tinha os vigias, e os funcionários da secretaria, porque os funcionários da secretaria, eles eram pessoas, que eles tinham uma demanda também muito grande, porque dentro daquele núcleo administrativo tinha que ter: o datilografo, o mecanógrafo, né...as pessoas escriturárias, as que faziam...a secretária geral, os auxiliares de secretaria, até porque, tinha a questão dos históricos escolares e do diploma,... eles quem faziam, preparava, aí esse diploma, depois de preparado, de feito e concluído, ele tinha que ir pra secretaria, para inspeção escolar, pra ser analisado e aprovado...uma das coisas que quando eu cheguei no Anísio, porque era muito atrasado esse serviço, certo! As pessoas precisavam, arranjavam um emprego, aí era aquele “aué” de você correr, e ir providenciar, e se tivesse algum erro, aí terminava sendo prejudicado, e aí assim a gente pensou, demos um alento grande, foi quando na nossa gestão a gente não permitia mais que o aluno saísse sem o diploma, durante o ano já ia...agilizando, ficava só o último ano para ser registrado, e aí assim, que a gente já também já via a questão de avançar pra quando chegasse janeiro por aí, ele levasse sua documentação completa, o histórico, declaração, tudo que precisava ele levar para a inspeção ele levaria para não ter mais problemas, e isso foi muito bom, foi muito bom, porque a gente tinha um pessoal que trabalhava nos históricos nos anos anteriores e o nosso praticamente não ficamos devendo diploma de ninguém, algum caso só específico.

O currículo e os conteúdos eram...

Antonio Max Ferreira da Costa: Evânia, o currículo e os conteúdos vinham da secretaria, da secretaria de educação?

Evânia Maria Damásio de Souza: Sim.

Antonio Max Ferreira da Costa: Como é que eles eram, esses currículos?

Evânia Maria Damásio de Souza: Os currículos eram específicos, né, que eles chamavam grade curricular, e era dividido por ano, certo! 1º ano de contabilidade, 2º e 3º, e serviço bancário, administração, né? Tinham algumas disciplinas que era específico para todos cursos, outras não.

Antonio Max Ferreira da Costa: E os conteúdos técnicos, na área técnica, eles tinham relação com esse campo do trabalho?

Evânia Maria Damásio de Souza: Tinham, tinham relação até porque, é..os alunos, é...os alunos tinham que estagiarem, né? Existiam o estágio, e esses estágios como eram? A escola corria atrás, o aluno quando conseguia tudo bem, mas nós tínhamos uma ponte, não é, com o CIEE.

Antonio Max Ferreira da Costa: Já existia o CIEE?

Evânia Maria Damásio de Souza: Já existia o CIEE, e o CIEE era quem fazia esse trabalho específico deles de colocar no mercado os estagiários.

Antonio Max Ferreira da Costa: Eram muitas vagas, ou vocês quem indicavam?

Evânia Maria Damásio de Souza: Eram muitas vagas! Assim não era para a escola toda não...mas tinham vaga na caixa econômica, no curso de serviço bancário não foi muito ruim, porque temos muitos bancos, né? Então, o CIEE agilizava, e nas outras a gente...até no serviço público mesmo né? Na administração, na contabilidade a gente conseguia, e esse pessoal ia fazer o estágio. O estágio era um estágio de 6 meses até 1 ano e meio, podendo renovar.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, ele não era obrigatório, não é?

Evânia Maria Damásio de Souza: Não era obrigatório! Não era obrigatório, porque até o estágio, ele era remunerado, né? Na época, ...eu me lembro que os meninos eles recebiam meio salário, porque eles só trabalhavam 4 horas, né...no estágio, e recebiam o vale transporte [risos] ainda é tempo do vale transporte, mas eles recebiam os vales de estudante, né...pra irem pra o estágio.

O que dizer sobre a (s) metodologia (s), a (s) avaliação (ões) e o (s) estágio (s)?

Antonio Max Ferreira da Costa: E a metodologia das aulas Evânia, como era, era aula expositiva, como era?

Evânia Maria Damásio de Souza: É, a metodologia não tinha muito recurso como hoje, porque hoje eu analisando, eu digo: Meu Deus, se a pandemia fosse naquela época, certo, tinha parado tudo! Porque não tinha computador, não tinha telefone celular, não existia isso. A metodologia era quadro e giz, né...o caderno pros meninos escrever, é...na época já tinha alguns recursos audiovisuais, certo, mas tudo muito difícil.

Antonio Max Ferreira da Costa: No caso, era transparência, né?

Evânia Maria Damásio de Souza: A transparência, levava o retroprojeter, que aí você não tinha o retroprojeter para todo mundo, você tinha que agendar, o retroprojeter, né...e aí o professor fazia mais trabalho como o povo diz, trabalho em grupo, trabalho individual e a avaliação, né...e prova!

Antonio Max Ferreira da Costa: Só era uma prova?

Evânia Maria Damásio de Souza: Era, uma prova, uma prova! Aí esse aluno, se ele ficasse em recuperação, ele fazia prova de recuperação, se ele obtivesse a nota bem, se não, ele não passava de ano, também tinha isso, também não tinha muito...o aluno, quando ele não tinha condição, ele não passava, ele tinha que repetir, ele não tinha condição, ele não estudou o suficiente, e aí a forma era essa de avaliação, de metodologia, era essa.

Quais festas e eventos comemorativos você lembra?

Antonio Max Ferreira da Costa: Evânia, na tua época, quais eram as festas e os eventos comemorativos, que você lembra?

Evânia Maria Damásio de Souza: Olhe, os eventos comemorativos sempre tinham, né...isso aí a gente sempre...eu digo que era muito festeiro, porque tinham sempre os eventos: semana da cultura...a gente tinha as comemorações do dia do estudante, São João, é...um dia na praça, que sempre tinha, então, geralmente parte da cultura, que aí era bem interessante, e tinham vários eventos, certo! Sempre com a participação. Na nossa gestão foi o primeiro mutirão de escola que houve aqui em Natal, foi a experiência da secretaria de educação do estado, que foi uma coisa assim, foi uma experiência muito boa, muito boa, porque o aluno participou, ele pintou, ele lavou, ele viu o quanto dá trabalho, tá entendendo? Quanto dá trabalho, e eles mesmos ter lavado da carteira a pintar as paredes, tinha uma orientação lá de

pintor e tudo, mas foi muito interessante, em um dia elens pintaram tudo, faltou até água que o corpo de bombeiros foi, ...a escola quando deu 7 horas da noite, tava completamente limpa, todas as paredes pintadas, tudo arrumado, e teve sala até que foi encerada, viu, pelos alunos.

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí Evânia, você se lembra se na época, já estávamos na época de 80...se teve algum evento cívico?

Evânia Maria Damásio de Souza: Teve, teve o desfile cívico, né...porque assim, antigamente tinha os desfiles das escolas e as escolas ia tudim, aí depois não, começou só uma escola representava, aí o Anísio Teixeira, penso por ser mais perto, já estar na Praça Cívica [saudosismo], aí ele sempre era o convidado, e aí era a banda, tinha a banda, instrumento de banda, o pessoal da polícia ia lá treinar os meninos, os alunos e tinha o desfile, todo mundo queria desfilar, né...tinha incentivo também dos professores, e isso não era só... interessante é que os eventos não era só do aluno, o evento era do professore, também.

Antonio Max Ferreira da Costa: A escola toda se envolvia?

Evânia Maria Damásio de Souza: A escola toda se envolvia, tava lá todos os professores com sua fardinha, de tênis, todo mundo acompanhando o desfile, certo! Todo mundo envolvido, e já havia esse tipo de envolvimento, do professor e da participação.

Que lembranças esses lugares evocam?

Antonio Max Ferreira da Costa: Evânia, aqui nós temos três imagens, de três espaços da escola, né, aqui é o corredor, aqui é a sala de aula, e aqui é a secretaria com algumas provas sobrepostas, e aí quando você olha para esses três lugares, o que lhe evoca, o que lhe lembra?

Evânia Maria Damásio de Souza: Esse aqui é o que? Esse do meio?

Antonio Max Ferreira da Costa: Esse aqui é a sala de aula.

Evânia Maria Damásio de Souza: Bom, o corredor eu me lembro que não existia corredor com aluno, cheio! né...porque sempre a gente não deixava, porque se o professor faltou e os alunos ficam nos corredores ele vai perturbar, aí tinha o auditório, onde ele ia pra o auditório, tinha jogo de sinuca, tinha jogos lá...uma música baixinha, então, ele ficava lá naquele horário para não perturbar, então, não era 100%, né, porque não existe nada 100%, mas não existia muito aluno nos corredores. E a sala de aula também assim a gente era muito preocupado, porque

hoje o povo né, hoje o povo se não tiver o ar condicionado, “Ave Maria” a gente vai pra imprensa, dizer que a sala não tem ar condicionado, então lá o que a gente tinha era ventilador, nas salas, certo! Carteira, ventilador e o quadro e giz...e muitas vezes superlotadas.

Antonio Max Ferreira da Costa: E eram enfileiradas, assim?

Evânia Maria Damásio de Souza: Eram enfileiradas.

Antonio Max Ferreira da Costa: Um sobreposto ao outro?

Evânia Maria Damásio de Souza: Era, um sobreposto as carteiras, bem...as salas bem lotadas, né...devido a demanda que era muito grande.

Antonio Max Ferreira da Costa: E, Evânia havia disciplina na sala?

Evânia Maria Damásio de Souza: Tinha, tinha que ter disciplina, né como hoje não, que é tudo muito moderno, aluno diz o que quer com o professor, porque é liberdade de expressão...não existia. O aluno tinha voz, tinha, porque tinha as reuniões com os líderes de classe, eles eram preparados pra a reunião com a orientação educacional. O líder fazia um apanhado, se reunia dentro da sala, pra saber o que é que a gente podia melhorar, e aí ele levava aqueles assuntos pra reunião de líder, né, nas salas, a gente tinha a reunião de líder, eles iam e levava, se tivesse algum problema com professor, aquele professor ele é reincidente, então a gente já chamava o professor, e já levava pra reunião de líder para não ficar o disse me disse, certo! Não era confronto, mas se fazia o entendimento pra esse professor compreender que eram vários falando, então tinha alguma coisa errada, e tinha que melhorar, né, se chateava? Chateava, porque ninguém, né, quando a gente é cobrado...muita gente não entende, principalmente naquela época. E a disciplina do aluno, era disciplina sim, na época, é, a maioria das escolas, era obrigado você usar a farda, tinha até o tênis, né...então, o aluno só tinha acesso à escola se ele fosse fardado, né, ele tinha que ir de farda.

Antonio Max Ferreira da Costa: E tinha horário de entrar e sair?

Evânia Maria Damásio de Souza: Tinha entrada e saída. O portão abria as 7 horas da manhã para todos os alunos entrarem, isso não quer dizer que os meninos estão todos na rua não, não tava não, tinha a parte pra eles ficarem lá, tudo mais...tinham uns que gostavam de ficar na praça, e aí tocava aquela sirene...a sirene mesmo para todo mundo ouvir, e aí eles entravam e iam direto pra sala, isso na primeira aula, então, o portão permanecia aberto até 7 e 15, ele tinha 15 minutos pra chegar na aula e o professor acolher, depois de 15 minutos ele ficava lá fora, e ele só...o

portão abria novamente no segundo toque, então, se ele chegasse no terceiro toque, isso era mais, ...não entrava na escola pra perturbar,...porque nesse 15 minutos é a hora do acolhimento, da chamada, né, que o professor vai retomando algumas coisas, então, na nossa visão, o aluno chegando ele não ia...é, eu não digo perturbar, mas atrapalhar, o andamento da aula, depois não, quando você tá envolvido com o conteúdo que entra alguém você realmente se perde um pouquinho, então era dessa forma, certo.

Na época que atuei no ensino técnico profissionalizante de 2º grau, um fato me marcou...

Antonio Max Ferreira da Costa: Evânia, nós estamos agora chegando ao fim, e aí aqui tem uma imagem, né, três imagens, uma do lado que dá pra Prudente de Moraes, as arcadas do Jardim Modelo, a fachada atual da escola, e aqui alguns alunos na Praça Cívica, né, e aí eu gostaria que você citasse um fato que lhe marcou durante a época em que você atuou no ensino técnico profissionalizante de 2º grau, no Anísio Teixeira, o que lhe marcou? Pode ser um fato bom, fato ruim.

Evânia Maria Damásio de Souza: Olha só, eu acho que tudo na vida, tem as coisas boas, tem as coisas ruins, tem as preocupações, né, mas, o Anísio Teixeira o que preocupava muito era as dependências físicas, certo, na época era muito, muito assim, a gente consertava...primeiro porque era um prédio muito antigo, é um prédio, ainda é...e sem conservação, então, era muito, muito difícil você manter, manter um banheiro mais limpo, mais organizado, sabe, isso me preocupava muito, essas coisas, mas enfim, a gente fazia tudo, as salas eram limpas, lavadas em 15 e 15 dias, todas as salas eram lavadas de 15 e 15 dias, era carteira limpa, a gente fazia o que podia, para manter dentro de um padrão de organização, mas isso era uma preocupação.

Antonio Max Ferreira da Costa: Tem algum episódio que você lembra? Que lhe marcou até hoje, um fato de um estudante, de um professor, de uma mãe?

Evânia Maria Damásio de Souza: É tem fatos, teve um fato, de um rapaz, né, de um aluno, acho que já era do 3º ano, ele tinha uma tendência de homossexual, mas isso na época era tudo muito...a gente nem tocava nesse assunto, porque era...não é como hoje, aí esse menino, ele começou a perturbar, ele era sobrinho de um padre...morava com ele, enfim, esse menino era muito perturbado, muito, muito, que ele precisava de um acompanhamento psicológico, mas a orientação da escola,

conversava todo mundo, “num sei o que”, e um dia ele chegou pra mim, a noite, foi uma coisa que me deixou muito apreensiva, dizendo que naquele dia, ele ia se suicidar, e ia se jogar no ônibus, ali na Praça Cívica, pra todo mundo ver, e aí eu comecei a conversar, né, escutar, e ele me tomou a noite todinha, então chegou a hora de tocar, e ele tava lá na minha sala, ai eu fui e disse a ele que eu tinha que vim embora, que respeitava, né, mas eu não podia fazer nada, e vim embora muito preocupada pra casa, mas depois eu vi que ele queria aparecer, tá entendendo, porque quando cheguei em casa tive a preocupação de ligar pra esse padre, né, que era tio dele, e conversamos, ele disse não se preocupe não que ele aqui faz isso também, mas foi uma coisa que eu vim, mas vim muito preocupada.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então não chegou as vias de fato?

Evânia Maria Damásio de Souza: Não, não! Depois ele chegou super bem.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, já havia esses desafios na época?

Evânia Maria Damásio de Souza: Era, muitos, muitos...de alunos de apaixonar pela professora, e a professora que entra em choque [risos] tinha vários fatos, várias coisas assim desse tipo, né, mas, que a gente tem que ter muito equilíbrio pra você escutar um lado, escutar o outro, aí a professor vai, eu não aceito mais fulana na minha sala, né, e aí você não pode tirar a aluna da sala, você tem que correr pra conversar com a aluna, pra professora, e tá tudo bem, deixe de fazer isso.

Antonio Max Ferreira da Costa: Evânia, então eu agradeço. Muito obrigado por ter feito parte da minha formação de doutorando, né.

Sessão de videografia ou vídeo história, realizada no dia 12 de março de 2022 as 10h de modo presencial na residência do agente/sujeito da pesquisa, com duração de 25:68, gravada por meio de um *smartphone*.

Identificação [Diretores]

Maria da Salete Marinho Coelho: Sou Maria da Salete Marinho Coelho, minha idade é 73, hoje é dia 12 do 03 de 2022...me formei em Pedagogia, no ano de 1986, coleei grau. Eu fiz o meu vestibular no Rio de Janeiro, na Escola Notre Dame, mas vim transferida para cá, em 1984 e terminei aqui.

Antonio Max Ferreira da Costa: Certo, e aí exerceu o cargo de diretora em que ano?

Maria da Salete Marinho Coelho: Eu exerci o cargo de diretora...do Anísio, ...de 95 até 2005, fiquei dois mandatos de Garibaldi e meio de Vilma, porque houve a eleição.

Antonio Max Ferreira da Costa: Sim, e chegou ao cargo através de uma indicação?

Maria da Salete Marinho Coelho: Cheguei ao cargo através de uma indicação.

Quais as causas que levou você a atuar no ensino técnico profissionalizante de 2º grau, e se envolver na administração escolar?

Maria da Salete Marinho Coelho: Quando eu entrei no Anísio como supervisora escolar, depois eu passei para vice direção...primeiro com Fátima Macêdo, e depois com Hildegundes.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, a senhora já tinha experiência né?

Maria da Salete Marinho Coelho: Já tinha sido diretora no Augusto Severo por 9 meses no Governo de Geraldo Melo.

Antonio Max Ferreira da Costa: A senhora gostava de atuar no ensino técnico profissionalizante, no Anísio?

Maria da Salete Marinho Coelho: Eu gostava.

O perfil dos estudantes, professores e funcionários eram...

Antonio Max Ferreira da Costa: Qual era o perfil dos estudantes?

Maria da Salete Marinho Coelho: O perfil dos estudantes era muito eclético, a gente podia dizer que a maioria era de Mãe Luiza, podia de dizer que vinha de Parnamirim, que vinha da Zona Norte, muitas vezes eu fui deixar aluno em casa, na Zona Norte, pegava meu carro e ia deixar...deixava, porque existia uma praça na frente, e eles bebiam, e eu tinha que chamar a polícia, eu tinha que chamar...existia muitos problemas sociais, né isso?

Antonio Max Ferreira da Costa: E isso se dava, na praça?

Maria da Salete Marinho Coelho: Na praça, porque vinham alunos do Churchill, do Atheneu e do Anísio juntos.

Antonio Max Ferreira da Costa: E aí esses estudantes, eles eram da classe rica, da classe média, da classe alta ou popular?

Maria da Salete Marinho Coelho: A maioria da classe média.

Antonio Max Ferreira da Costa: A maioria dos estudantes do Anísio era da classe média?

Maria da Salete Marinho Coelho: A maioria da classe média.

Antonio Max Ferreira da Costa: E os professores, como é que eles eram?

Maria da Salete Marinho Coelho: Os professores todos eles...eu cito aqui nomes de: como professor Zuza de português, que foi um excelente professor, era um dos que só saía, que eu ficava, porque eu trabalhava mais a noite, e eu ficava até 10:20 no colégio, e via quem saía antes e depois, perguntava, e professor Zuza nunca e nem horário nenhum saiu antes das 10:20, era um professor que prestava. Tinha Maria do Rosário, que era professora de Biologia, também era, tinha Rosi, tinha (pensando...) muitos professores, matutino e vespertino, todos eles cumpriam os horários, eram professores que cumpriam os horários, que davam matéria, quando existia um professor que não tava, logo vinha para a direção a questão: ele não tá dando aula! Inclusive eu me indispus uma vez com um professor, e botei outro prá fora...professor Teixeira, bêbado dentro da sala, botei pra fora, mandei ele pra casa, no outro dia que ele voltasse.

Antonio Max Ferreira da Costa: Devolveu?

Maria da Salete Marinho Coelho: Não devolvi, a gente conversou com ele depois. E existe dentro do contexto de 23 anos dentro dessas escolas, existiu mil e um...esse outro professor é porque só falava de política, ele queria ser vereador, e só falava de política, então, os alunos vinham mostrar os cadernos limpos, sem ter nada, então, ele veio prá cima de mim, e eu disse a ele: você não trabalha mais nessa escola. Você não dá aula! Aí eu fui prá sala dele, sentei lá atrás sem ele ver e assisti a aula.

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí, Salete...esses professores tinham os do 1º ano que eram da base geral, né? Eles eram formados em licenciatura, para as diversas áreas?

Maria da Salete Marinho Coelho: É, em licenciatura. Sim, e quando era Contabilidade e Administração, então, existiam contadores, existiam professores de direito que já vinham,...porque já existiam várias áreas, dentro do Anísio antes... existia técnicas bancárias,...tinha estatística, informática, contabilidade, e...mas, eles trabalham no início quadro e giz...

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí esses professores da área técnica, além deles trabalharem na escola como professores, eles trabalhavam também no mercado de trabalho, né? Atuavam como profissionais?

Maria da Salete Marinho Coelho: Era, muitos trabalhavam...

Antonio Max Ferreira da Costa: E o perfil dos funcionários, como eram os funcionários?

Maria da Salete Marinho Coelho: Os funcionários...olhe, eu nunca tive problema com quase nenhum funcionário, eu toda vida soube lidar com todos eles, porque se um funcionário fazia alguma coisa errada, eu chamava ele na direção, conversava com ele particular, eu não ia discutir com ele na frente de aluno, e se fosse com aluno, eu também chamava o aluno pra dentro da sala de aula, e...ou pra dentro da direção, e me trancava, e conversava com o aluno, dizia o que estava acontecendo, inclusive teve o caso de um policial que eu fiz ele deixar a arma dentro da direção todos os dias, ele não queria deixar,

Antonio Max Ferreira da Costa: Profissional ou estudante?

Maria da Salete Marinho Coelho: Estudante, aí eu disse: não, você só entra pra sala de aula, se você deixar todos os dias aqui na minha gaveta, fica aqui, a arma dela ficava lá, então, eles sempre tinham confiança em mim, eles conversavam muito comigo, e eu era como se diz psicóloga, porque todos os problemas de funcionários, de professores vinham sempre mais pra mim, do que pra Fátima, porque Fátima era uma pessoa ótima, maravilhosa, mas ela muito estourada, infelizmente eu tenho que dizer. Uma vez eu tirei um jarro do lugar, ela disse: quem tirou esse jarro do lugar? Quem manda aqui sou eu! Quer dizer, era assim, mas eu dizia: tá certo Fátima, bote no seu lugar.

Antonio Max Ferreira da Costa: Depois a gente resolve.

Maria da Salete Marinho Coelho: É, entendeu! Eu era sempre a conciliadora, a mais calma!

O currículo e os conteúdos eram...

Antonio Max Ferreira da Costa: Salete agora a gente vai falar um pouquinho sobre o currículo né, ou grade curricular.... Essas grades curriculares, esses conteúdos, eles vinham de onde? Da secretaria?

Maria da Salete Marinho Coelho: Vinha da secretaria, vinha direto da secretaria, e a gente tinha que acatar, e fazer o horário de acordo com o número de aula de cada um...e...(pensando)

Antonio Max Ferreira da Costa: Eles eram separados, é Administração, Contabilidade?

Maria da Salete Marinho Coelho: Administração tinha uma grade, e Contabilidade tinha outro.

Antonio Max Ferreira da Costa: E aí, os conteúdos que davam nesses cursos, eles tinham relação com o mercado de trabalho? Davam prá executar no mercado de trabalho? Eles tinham relação?

Maria da Salete Marinho Coelho: Tinham relação, existiam até alguns...(pensando)...que davam estágios, que faziam com que ajudasse o aluno nos estágios, nos conteúdos...e a gente sempre procurava mandar aqueles alunos que precisavam mais, os alunos mais carentes, essas coisas. Sempre a gente fazia uma seleção prá os estágios que vinham, ou eles mesmos iam no IEL ali na Mossoró, depois da Mossoró e se inscreviam nos estágios, e os estágios vinham.

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí esse currículo, ele era um ano né? De básico igual para todo mundo, e dois anos de técnico, era assim?

Maria da Salete Marinho Coelho: É, um ano de matérias normais, português, história, geografia, essas coisas, e aí no 2º já ia contabilidade, estatística, informática, aí foi quando veio o laboratório, porque o laboratório veio muito depois, laboratório de informática, né. É o diário de classe eles...a gente tinha que, eu como fui supervisora tinha que todo mês pegar o diário de classe, ver as notas, via as faltas, via as coisas, tentava conversar com aluno que tava faltando.

Antonio Max Ferreira da Costa: Na época tinha orientação educacional, né?

Maria da Salete Marinho Coelho: Tinha orientação, as vezes a gente fazia...conselho.

O que dizer sobre a (s) metodologia (s), a (s) avaliação (ões) e o (s) estágio (s)?

Antonio Max Ferreira da Costa: Salete, agora eu vou conversar um pouquinho com você..., para você me dizer como era a metodologia. Era aula expositiva, né?

Maria da Salete Marinho Coelho: Era aula expositiva, fala, escreve no quadro a matéria, não tinha...as vezes tinham alguns que queriam fazer apostilha, aí faziam

apostilha no mimeografo, existia o mimeografo que você rodava as provas, rodava uma apostilha, rodava uma coisa, era só o professor pedir a menina para bater no extenso, né...e...Quando ele conseguia fazer tipo uma apostilha, aí era mais fácil.

Antonio Max Ferreira da Costa: E a avaliação, eram como, as avaliações?

Maria da Salete Marinho Coelho: A avaliação, ...a gente sempre dizia: metade prova e metade trabalho, pesquisa, teste, as vezes...um trabalho extra, visitar um museu, visitar um...fazer uma feira de ciências, de campo. Rosário fazia muito na praia, levava os alunos prá ver a...de biologia...

Antonio Max Ferreira da Costa: A senhora a pouco tempo falou dos estágios, esses estágios era a escola que oferecia?

Maria da Salete Marinho Coelho: Não, era a própria empresa que solicitava.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mandava prá escola a lista solicitando, aí vocês faziam uma seleção ou indicavam?

Maria da Salete Marinho Coelho: Não, muitas vezes...o IEL...o aluno ia e fazia a inscrição e eles mandavam prá gente preencher.

Antonio Max Ferreira da Costa: Mas, não era prática do currículo, da grade curricular, não vinha lá estágio não?

Maria da Salete Marinho Coelho: Não.

Antonio Max Ferreira da Costa: O aluno é que ia atrás.

Maria da Salete Marinho Coelho: Não, o aluno é que ia atrás.

Antonio Max Ferreira da Costa: Era optativo.

Maria da Salete Marinho Coelho: O aluno ia atrás e a gente dava a declaração que ele tava estudando, e outras vezes eles mandavam, a Cosern mandava, os bancos e muitas indústrias mandavam.

Antonio Max Ferreira da Costa: E o caso de Diana?

Maria da Salete Marinho Coelho: O caso de Diana foi a Cosern. Diana começou o 1º ano, primeiro estágio na Cosern, no 2º ano fez o segundo estágio, 3º ano fez o terceiro, aí depois ela fez Administração, porque o colégio tinha Administração e Contabilidade, aí se matriculou em Administração, eu dei a declaração, ela fez o quarto estágio, aí no quinto ela foi efetivada na Cosern.

Quais festas e eventos comemorativos você lembra?

Antonio Max Ferreira da Costa: Agora, a senhora vai falar um pouquinho sobre as festas e os eventos que a senhora lembra na escola.

Maria da Salete Marinho Coelho: Toda, como é? Nacional, (pensando)... Todo feriado nacional, existia uma coisa que o Governador vinha prá Praça Cívica, o coreto era na frente do Anísio, o Anísio tinha que participar. O Atheneu, o Anísio e o Churchil eram os três que tinham que ter todo mundo fardado, bonitinho, arrumadinho e a gente em cima do coreto, direção, professores.

Antonio Max Ferreira da Costa: Eram os eventos cívicos?

Maria da Salete Marinho Coelho: Eram os eventos cívicos, todos os eventos, existiam feira de ciências, existia...sim ali na Praça sempre existia uma feira de livros...na frente do Anísio e a gente apoiava essa feira de livros com livros mais baratos, tipo biblioteca. E a biblioteca do Anísio também era muito boa, a gente emprestava e o aluno tinha que devolver o livro.

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí tinha São João, Gincana?

Maria da Salete Marinho Coelho: Tinha São João, Gincana.

Antonio Max Ferreira da Costa: Festa dos professores?

Maria da Salete Marinho Coelho: Festa dos professores, e...a gente fazia a festa de São João, a gente fazia os aniversários, festa de fim de ano entre os professores e a direção, também existiam aquela confraternização que a gente no final do ano, fiz muitas!

Que lembranças esses lugares evocam?

Antonio Max Ferreira da Costa: Salete, aqui nós temos três imagens, né? de três locais da escola, aqui nós temos os corredores da escola, aqui nós temos a sala de aula, e aqui nós temos as provas sobrepostas na sala dos professores. Que lugares...que lembranças evocam esses lugares aqui? Os corredores?

Maria da Salete Marinho Coelho: Os corredores, esse corredor ia direto prá cantina, lá no fim onde tinha o menino que vendia sorvete e a cantina, é...a cantina hoje não existe mais, porque naquela época não existia comida, até eu sair do Anísio não existia merenda, a gente não tinha merenda, aí depois que eu saí eu soube que a merenda chegou, prá o Anísio.

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí esses corredores viviam cheios ou os alunos eram disciplinados e estavam todos em sala?

Maria da Salete Marinho Coelho: Sempre na hora de aula a gente proibia, a gente proibia, a gente sempre andava prá lá e prá cá, eu subia, descia, porque tá fora de aula? O que tá havendo? Sempre procurava saber.

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, existia uma disciplina?

Maria da Salete Marinho Coelho: Existia uma disciplina.

Antonio Max Ferreira da Costa: Só entrava no horário, só saia no horário?

Maria da Salete Marinho Coelho: Só entrava no horário, saia no horário, tinha 15 minutos de tolerância, tinham alguns professores que davam, tinham professores que não davam.

Antonio Max Ferreira da Costa: E as salas de aulas eram assim?

Maria da Salete Marinho Coelho: Quando houve a reforma sim, mas antes da reforma não.

Antonio Max Ferreira da Costa: Eram cheias?

Maria da Salete Marinho Coelho: Eram cheias! Eram cheias, era 50, 52 alunos, era porque eu fazia, como é? A matrícula, eram salas entupidas, como se diz,...eu ia pro Atheneu fazer essa matrícula,dava...100 fichas, 50, porque era 1º, 2º e 3º né? Dava vamos dizer, e eu e umas quatro funcionárias do Anísio ia fazer a matrícula, olhar a fila.

Antonio Max Ferreira da Costa: E havia respeito entre estudantes e professores?

Maria da Salete Marinho Coelho: Não existia muita briga dentro da escola não, podia haver briga lá fora. Eu desapartei muita briga lá fora, na praça, chamavam que tava havendo confusão na praça, mas dentro da escola não.

Antonio Max Ferreira da Costa: E havia a relação professor-aluno, eles respeitavam os professores?

Maria da Salete Marinho Coelho: Respeitavam os professores.

Antonio Max Ferreira da Costa: E isso aqui lembra o que a senhora? Essa sala aqui dos professores? Era tranquilo?

Maria da Salete Marinho Coelho: Sala dos professores...Eu fiz muitos arranjos de flores (saudosismo), arrumava a sala dos professores no começo do ano, arrecadava dinheiro das camisas prá comprar uma toalha, prá comprar uma coisa, vendendo as camisas dentro do colégio prá poder fazer... as camisas dos alunos, não era as camisas do colégio não, era vendida nas lojas, mas as camisas dos 3º anos a gente vendia dentro da escola, prá botar um jarro na coisa, prá gente comprar...a gente comprou um geláguia, a gente comprou umas coisas que não

vinham, no Anísio não vinha, no Anísio vinha 3.000 as vezes de três em três meses, prá comprar um material, vamos dizer, caneta...de expediente muito pouco,

Antonio Max Ferreira da Costa: Então, não vinha verba?

Maria da Salete Marinho Coelho: Verba era muito pouca.

Antonio Max Ferreira da Costa: Não era essa gestão com autonomia?

Maria da Salete Marinho Coelho: Não era 6.000, 4.000 e já destinada aquilo, e Fátima sempre que tomava conta disso, eu nunca nem mexi em dinheiro, porque também não existia, não existia dinheiro, o dinheiro que vinha tá aqui, a lista, já tava comprado as vezes antes que os fornecedores...

Na época que atuei no ensino técnico profissionalizante de 2º grau, um fato me marcou...

Antonio Max Ferreira da Costa: Aqui, a gente está quase concluindo, né? Nós temos o Jardim de Infância com as arcadas que fica para a Prudente, temos a fachada da escola nova...temos aqui alguns estudantes na Praça Cívica, a escola da Praça...e aí eu queria que a senhora agora dissesse prá gente um fato que marcou, né, a senhora durante o curso técnico profissionalizante de 2º grau, no Anísio, pode ser um fato triste, um fato bom...

Maria da Salete Marinho Coelho: A morte de Fátima, que prá mim foi um choque! E a inauguração do colégio novo, né? Do prédio novo!

Antonio Max Ferreira da Costa: Foi significativa Salete?

Maria da Salete Marinho Coelho: Foi muito significativa, inclusive tem meu nome ali na placa. Tem meu nome ali na placa, e foi o Governador era (pensando) Fernando...Eu tinha até a foto, se eu procurar ali eu tinha a foto da inauguração.

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí, Salete isso marca um novo tempo na escola?

Maria da Salete Marinho Coelho: Marca! Marcou um novo tempo na escola, só que eu fiquei 3 anos fora com uma sala..., na rua Santo Antônio, vizinha a capela de Santo Antônio, ...eram 10 salas de aula, e eu tomei conta durante 3 anos, eu e Albertina, não tinha nem funcionário eu tinha, e Fátima ficou no Anísio.

Antonio Max Ferreira da Costa: E aí quando vocês voltam prá o prédio novo, né?

Maria da Salete Marinho Coelho: Aí eliminou as 10 salas, né, no caso, foi...não tinha como, porque o colégio, o outro prédio também pertencia ao colégio, aí tinha ali mais 10 salas...porque o outro prédio também pertencia ao colégio...

Antonio Max Ferreira da Costa: Aí Salete, é...quando vocês vem prá cá, prá escola nova em 2002, né? A escola passa a não ofertar Administração e Contabilidade, é isso? [Nesse momento o interfone da casa da agente-sujeita entrevistada toca e ela interrompe a videografia]

Antonio Max Ferreira da Costa: Pronto Salete, então a gente conclui agora, eu gostaria de agradecer a sua disponibilidade, né, a sua disposição né, prá contribuir com a história da nossa escola, né, Anísio Teixeira.

Maria da Salete Marinho Coelho: Eu tive muito prazer em lhe ajudar, e falar sobre a minha vida profissional que não foi fácil, mas venci né? (se emociona) só que ainda estou pendentes ainda três letras, e tá dizendo que eu não tenho mais direito, eu vou ter que ir atrás, eu fui aposentada na G, eu tenho que ir prá J, pois é, mas deixa prá lá.

Antonio Max Ferreira da Costa: Obrigado!

Maria da Salete Marinho Coelho: Obrigada!

APÊNDICE D – Quadro analítico das vozes e imagens da memória histórica dos agentes/sujeitos que (re) constrói a história da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (1982-2002) pesquisados por meio da videografia ou vídeo história e analisadas por meio da metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD)

ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA DAS TRANSCRIÇÕES DAS VIDEOGRAFIAS DOS(AS) **EX-ESTUDANTES** DOS CURSOS TÉCNICOS
PROFISSIONALIZANTES DE 2º GRAU DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA – FASE UNITARIZAÇÃO E CATEGORIAÇÃO

CATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO NA FALA DE ISAURA LIMA ALVES GALVÃO (Década 1980)	UNIDADES DE SENTIDO NA FALA DE JOSÉ MATEUS DO NASCIMENTO (Década 1990)	UNIDADES DE SENTIDO NA FALA DE ANDRINA DE F. S. DE SOUZA (Década 2000)	UNIDADES DE SENTIDO ENTRE AS FALAS DOS AGENTES/SUJEITOS
IDENTIFICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - 56 anos de idade - Estudante entre os anos de 1982 a 1984 - Curso Técnico em Administração de Empresas - Não atuou na área da habilitação - Atuou como técnica de informática - Fez concurso para o IBGE - Ensino Superior incompleto [parou para casar, ter filhos] 	<ul style="list-style-type: none"> - 46 anos de idade - Estudante entre os anos de 1991 a 1993 - Curso Técnico em Administração - Não atuou na área da habilitação - Mudou para área da educação, curso de pedagogia devido teste vocacional durante cursinho - Ensino Superior completo, Curso Pedagogia 	<ul style="list-style-type: none"> - 40 anos de idade - Estudante entre os anos de 1998 a 2000 - Curso Técnico em Administração - Atuou na área, trabalhando como secretária escolar - Ensino superior em Administração incompleto, mudou e concluiu o curso tecnólogo em Recursos Humanos 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevistados na faixa etária entre os 40 e 60 anos. - Entrevistados foram estudantes em tempos diferentes da instituição, trazendo representações da cultura escolar tecnicista resistente durante as décadas de 1980, 1990 e 2000. - Dos três estudantes do técnico em administração, apenas um, depois da conclusão do curso, continuou atuando profissionalmente e ampliando a formação, em nível superior, na área. <p>[Poucos alunos atuavam na área profissional de formação, considerando as décadas em estudo. O mercado de trabalho passou a cobrar outro perfil de formação baseado na filosofia da qualidade total, polivalente e flexível.]</p>
CAUSAS DA ESCOLHA DO CURSO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE	<ul style="list-style-type: none"> - Pais incentivaram muito fazer cursos profissionalizantes - Necessidade de entrar no mercado de trabalho - Oportunidades amplas: “[...] a oportunidade era bastante ampla, ... e realmente foi comigo, com minha irmã, com meus irmãos. Então, ele abria um leque na verdade [...].” - Opção também dos irmãos - Escola de prestígio, 	<ul style="list-style-type: none"> - Decisão dos pais - Ânsia de ajudar financeiramente a família - Formação para uma profissão: “[...] a ideia de que quem estudasse na escola da Praça, o Anísio Teixeira, sairia com uma profissão, uma habilitação e teria melhor inserção no mercado de trabalho.” - Escola famosa: “[...] o que atraiu a ida a 	<ul style="list-style-type: none"> - Preferência apenas pelo Ensino Médio: “[...] a minha preferência, era o ensino mesmo.” - Vaga muito concorrida. Eram formadas filas enormes! - “Era uma escola de prestígio, muito, muito mesmo!” 	<ul style="list-style-type: none"> - Influência dos pais/família na decisão de escolha pelo curso técnico. - Essas famílias apostavam na realização de cursos profissionalizantes como perspectiva de formação para os filhos. - Havia necessidade de inserção imediata no mercado de trabalho por uma necessidade social de sobrevivência. - A escola Anísio Teixeira tinha reconhecimento social como lugar de excelência na formação técnica em nível de 2º. Grau. - Não havia vagas para todos, por isso familiares e estudantes “peregrinavam” à porta da instituição. <p>[Durante as três décadas a Escola Anísio Teixeira continuou referência na formação profissionalizante e da cultura tecnicista.]</p> <p>[Para maioria das famílias pobres, a esperança de mais uma fonte de renda na casa era possibilidade de melhorar de vida. A</p>

	funcionava em três turnos - Curso concorrido [Filas para conseguir vaga]	Escola Anísio Teixeira não foi nem o curso, mas a questão da fama que a escola tinha.” - Havia concorrência muito grande por vagas, devido status dado pela escola		expectativa estava na realização de um curso técnico, cuja vaga era bastante concorrida. Há uma contradição aqui, quando comparamos com a realidade de inserção desses alunos no mercado de trabalho.] [Para essas famílias que vivem do trabalho, ter apenas o Ensino de 2º. Grau não basta, pois muitos não tem a perspectiva de ir para o Ensino Superior e o sentido da sobrevivência fala mais alto.]
SOBRE OS ESTUDANTES	- Estudantes em sua maioria classe média, mas havia estudantes das classes menos favorecidas	- Estudantes advindos de outros bairros - Filhos da classe trabalhadora	- Estudantes advindos de outros bairros e cidades vizinhas - Estudantes trabalhadores - Filhos da classe trabalhadora	- Na década de 1980 a maioria dos estudantes ainda era provenientes da classe média, porém nas décadas de 1990 e anos 2000 a predominância é de estudantes das classes populares, filhos da classe trabalhadora. - Nas décadas de 1990 e nos anos 2000 os estudantes eram advindos de outros bairros da cidade de Natal. - No final dos anos 1990 até 2002 haviam estudantes que vinham do interior do RN, passavam a semana estudando e trabalhando e no final de semana retornavam para suas cidades de origem. [Ao longo das três décadas o perfil socioeconômico dos alunos foi mudando: alunos que moravam em bairros adjacentes e, depois, os que moravam em cidades do interior. As condições de formação foi mudando. Será que o currículo também muda?]
SOBRE OS PROFESSORES	- Professores técnicos que atuavam nas habilitações [administração, contabilidade, direito, economia]	- Professores técnicos que atuam nas habilitações profissionais	- Professores técnicos que atuavam nas habilitações	- Os três agentes/sujeitos entrevistados afirmaram que os professores eram técnicos nas habilitações e campos de trabalho das áreas administrativa, contábil, econômica, estatística e do direito. - Exerciam atividade de ensino sobre o campo em que eles atuavam como técnicos. [Corpo de professores com formação específica e prática profissional na área, o que implicava numa prática formativa qualificada no ensino profissionalizante. Agentes importantes no movimento de resistência da cultura tecnicista e manutenção da instituição.]
SOBRE OS FUNCIONÁRIOS	- Não lembra dos funcionários	- Lembro dos diretores e da funcionária da	- Lembro somente da diretora Salete	- Os funcionários foram pouco lembrados pelos agentes/sujeitos entrevistados.

		biblioteca		<p>- Os agentes/sujeitos entrevistados da década de 1990 e dos anos 2000 enquadram os diretores e a pessoa da biblioteca no rol dos funcionários.</p> <p>[De que forma esses agentes da administração escolar, contribuíram com a resistência/flexibilização da cultura escolar tecnicista? A figura do diretor estava como indicação política. O que essa condição implicava?]</p>
SOBRE O CURRÍCULO	<ul style="list-style-type: none"> - Currículo dividido - Parte geral [1º ano] e a parte técnica [2º e 3º ano] 	<ul style="list-style-type: none"> - Currículo de 3 anos - Parte geral [1º ano] e a parte técnica [2º e 3º ano] - Português e Matemática não continuava nos outros dois anos 	<ul style="list-style-type: none"> - Currículo dividido - Parte geral [1º ano] e a parte técnica [2º e 3º ano] - Português e Matemática continua nos outros dois anos 	<ul style="list-style-type: none"> - Os agentes/sujeitos concebem o currículo como um documento aglutinador de disciplinas e conteúdos ministrados no ensino técnico profissionalizante de 2º grau. - Currículo fragmentado, parcelarizado, reduzido e essencialmente técnico. - Existe divergência quanto a disciplina de Português e Matemática, pois o estudante dos anos 1990 diz que essas disciplinas da base geral não continuavam no 2º e 3º ano, das disciplinas técnicas, sendo que a entrevistada dos anos 2000, adverte que as duas disciplinas continuavam entre a parte técnica. <p>[Em relação ao currículo, houve preservação ou mudança?] [As disciplinas de Português e Matemática eram as únicas que permaneciam na grade curricular de todos os anos do ensino técnico profissionalizante de 2º grau na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira.]</p>
SOBRE OS CONTEÚDOS	<ul style="list-style-type: none"> - Voltado para as habilitações - Preparação para o mercado de trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> - Voltado para as habilitações - Preparar para o mercado de trabalho de forma teórica 	<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdos voltados para o mercado de trabalho: “os conteúdos como falei, era bem rico pra a área administrativa, né...a gente tinha...a disciplina de controle de custo, direito e legislação, psicologia, economia, mercado 	<ul style="list-style-type: none"> - Os conteúdos eram voltados para as habilitações, ou seja, para os cursos de Assistente em Administração e Técnico em Contabilidade. - Os agentes/sujeitos entrevistados foram unânimes em afirmar que os conteúdos objetivam preparar o estudante para o mercado de trabalho. <p>[Os conteúdos ministrados no ensino técnico profissionalizante de 2º grau do Anísio Teixeira, nas habilitações de Assistente em Administração e Contabilidade tinham a intenção de formar para o mercado de trabalho, materializando a cultura do tecnicismo] [Os conteúdos objetivavam formar para o mercado de trabalho, mas ficava apenas na seara do teórico, sendo assim, questiona-se:</p>

			de trabalho, estatística, [...]”	será que formar técnicos para o mercado de trabalho com aplicação de conteúdos de forma imagética, é suficiente para a instituição Anísio Teixeira permanecer formando profissionais até os anos de 2002?]
SOBRE AS METODOLOGIAS	- Parte prática e teórica	- Centradas na exposição dos conteúdos - Cópia, explicação e prova - Pesquisas em grupo e individual	- Relação entre teoria e prática: “Eles traziam, assim essas questões de empresas, né...cálculos trabalhistas pra gente fazer, é...demissão, rescisão de funcionários, a gente fazia esse cálculo, lembro até hoje [risos]” - Trabalhos de sala em grupo e individual - Pesquisas em grupo e individual - Cópia, explicação e debate	- Em todas as décadas 1980, 1990 e nos anos 2000 as metodologias utilizadas nas práticas pedagógicas da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira era centrada em grande medida na exposição dos conteúdos, preocupando-se com a objetividade e com a instrução programada no repasse das informações. - Nos anos de 1980 e nos anos 2000 os agentes/sujeitos afirmam haver uma metodologia entre a teoria e prática. - Havia nos anos 2000 o uso da metodologia da resolução de estudos de caso, simulando situações do campo empresarial/comercial. - Os agentes/sujeitos entrevistados dos anos de 1990 e anos 2000 evidenciam a sequência metodológica [copiar, explicar e perguntar], sendo o perguntar trocado pela agente dos anos 2000 pelo nome de debater. - Nos anos de 1990 e 2000 aparecem como metodologia as pesquisas em grupo e individual. [A metodologia predominante nas práticas pedagógicas da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira desde as décadas de 1980 até os anos 2000 permanece na exposição de conteúdos, seguida da sequência: cópia no quadro, explicação das informações e perguntas/repostas. Além disso, destaca-se a existência da análise da tarefa de aprendizagem, ordenando os passos da instrução, e executando o programa, no movimento de reforço das respostas corretas, conforme os objetivos.]
SOBRE A AVALIAÇÃO	- Provas tradicionais escrita e teórica	- Provas tradicionais escrita e teórica	- Provas tradicionais escrita e teórica - Estudos de caso	- Os instrumentos de avaliação evidenciados pelos três agentes/sujeitos entrevistados são a prova tradicional escrita e teórica. - Somente a agente/sujeito dos anos 2000 relata os estudos de caso, como instrumento de avaliação. [A avaliação utilizada pelos professores da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira era meramente provas escritas e teórica,

				com finalidade somativa e classificatória, verificando se os conteúdos transmitidos foram memorizados.]
SOBRE OS ESTÁGIOS	- Realizou estágio na Petrobrás	- Não realizou estágio: “inclusive o estágio né...foi uma decepção assim pra a gente né...porque a gente pensava realmente que iria atuar numa empresa, a escola iria encaminhar a gente para uma empresa, para a gente fazer o estágio, só que quando foi no momento de estágio, disseram: olhe você vai ter que procurar...mandaram a gente pra o IEL, o SINE essas empresas, é...procurar um...pra ver se conseguia um estágio, né...”	- Não realizou estágio, pois: “No meu tempo não tinham pela escola, né...a gente tinha que procurar o Ciee, IEL, mas direcionado pela escola não, tinha que partir da gente, né...os estágios”	- Apenas a agente/sujeito entrevistada dos anos de 1980 realizou estágio, mesmo afirmando que a escola não ofertava estágio como prática curricular, mas havia espaço no mercado para os estudantes do Anísio Teixeira. - Os estudantes dos anos de 1990 e 2000 não realizaram estágios, pois nessa época era necessário buscar os órgãos de seleção de estagiários. - Ambos os agentes/sujeitos dos anos de 1990 e 2000 são unânimes em dizer que era difícil conseguir um estágio no mercado natalense. - A demanda de estudantes nos anos de 1990 e 2000 era maior que a oferta de campos para estágios. [Os estágios como prática profissionalizante no contexto da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira após meados da década de 1980 deixa de ser um componente ofertado pela instituição escolar, ficando essa aplicação dos conteúdos das habilitações profissionalizantes nos postos do mercado de trabalho a cargo dos próprios estudantes, diante disso, pode-se pensar que a escola nem formava para o mercado de trabalho e nem para a continuidade no ensino superior, uma vez que nas décadas de 1980 e nos anos 2000 não havia a exigibilidade dos estágios como prática formativa.]
SOBRE FESTAS E EVENTOS COMEMORATIVOS	- Festas juninas e gincanas beneficentes	- Não lembra de festas e eventos comemorativos	- Tinha uma gincana, mas era para os estudantes do diurno	- Todos os estudantes entrevistados dizem não lembrar de festas cívicas. - As estudantes da década 1980 e do ano 2000 lembra das gincanas. - Os eventos aconteciam com maior intensidade nos turnos matutino e vespertino, na qual destaca a agente/sujeita dos anos 2000. [As festas e os eventos comemorativos mais lembrados são as gincanas, mas porque será que os estudantes não lembram das festas cívicas já que a Escola Estadual Professor Anísio Teixeira foi fundada no contexto

				de uma cultura escolar tecnicista e de governos ditatoriais, seria uma forma de censura da memória ou essas práticas de moral e cívica foram extintas dessa escola?]
LEMBRANÇAS SOBRE O LUGAR CORREDOR	- Lugar de amizade - Controle e disciplina	- Espaço de transito e de sociabilidade - Controle e disciplina	- Espaço de transito e de sociabilidade - Controle e disciplina	- O corredor da escola é mencionado pelos três agentes/sujeitos como espaço de sociabilidade. - Os três agentes/sujeitos entrevistados concebem o corredor como a materialização do controle e da disciplina. [O corredor da instituição Anísio Teixeira se constitui na materialidade escolar como um espaço onde as pessoas transitam e mantem relações de sociabilidade, mas é também um espaço de controle e disciplina, deixando claro que lugar de estudante é no espaço da sala de aula, estudando.]
LEMBRANÇAS SOBRE O LUGAR SALA DE AULA	- Lugar de aprendizagem e amizades - Salas lotadas - Controle e disciplina [sentávamos enfileirados e identificados por uma sequência numérica]	- Espaço de sociabilidade - Salas lotadas - Controle e disciplina [sentávamos enfileirados e identificados por uma sequência numérica]	- Lugar de aprendizagem - Controle e disciplina [sentávamos enfileirados]	- A sala de aula é lembrada pelos agentes/sujeitos dos anos de 1980 e 1990 como um espaço de sociabilidade, aglomerado de estudantes, controle e disciplina. - A sala de aula é vista pelos agentes/sujeitos dos anos de 1980 e dos anos 2000 como lugar de aprendizagem. - Todos os agentes/sujeitos apontam a rigidez na organização e disposição das cadeiras e mesas [móbia da sala de aula]. - Os agentes/sujeitos dos anos de 1980 e 1990 rememoram que o estudante era visto e identificado como um número e não um nome. [A sala de aula é o espaço de sociabilidade, aprendizagem, com grande número de estudantes, sendo estes visto como um número no espaço, espaço esse permeado pelo controle pela disciplina aplicava pelo professor, que fazia questão de ter um espaço limpo, organizado e silencioso.]
LEMBRANÇAS SOBRE AS OUTRAS DEPENDÊNCIAS DA ESCOLA	- Da secretaria lembro do cheirinho de álcool das provas	- Da secretaria lembro das provas	- Não mencionou	- Os estudantes entrevistados lembram pouco das dependências da escola, apenas os estudantes das décadas de 1980 e 1990 sinalizam a sala da secretaria, como sendo o local de produção das provas. [As outras dependências físicas e arquitetônicas da Escola Anísio Teixeira evidenciada pela memória dos estudante é a secretaria

				atrelada a confecção das provas, o que permite-nos refletir que os espaços da administração escolar não era lugar frequentado diariamente pelos estudantes, uma vez que esses espaços ficavam apartados/separados dos espaços destinados aos estudantes, reafirmando ainda mais a materialização de uma cultura escolar tecnicista engendrada nessa instituição em investigação] [Porque será que a dependência secretaria da escola está associada as provas?]
FATO (S) MARCANTE (S)	- Morte de um amigo querido de sala [acidente na Petrobras] - O carinho dos professores e do pessoal da portaria - Momentos na cantina	- O evento que fui reprovado na disciplina de geografia no 1º ano, mas o professor desconsiderou dando uma nova chance de fazer a prova que havia esquecido a data	- Mudança do prédio do Anísio 1998 para o Caic de Lagoa Nova - Reforma do prédio antigo, retornando para um prédio esteticamente bonito em 1999.	- Os fatos marcantes apresentados pelos agentes/sujeitos entrevistados são divergentes, mas complementares, pois os fatos lembrados pelos três estudantes transitam em episódios tristes [perdas] que serviram de lição para a vida, tornando pessoas melhores. [Os fatos marcantes no contexto da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira são contingências da condição humana, que trazem a memória sentimentos concorrentes e complementares, externados em amizade, carinho, desafio, empatia, motivação, tristeza, esperança, mudança, beleza e futuro.]

ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA DAS TRANSCRIÇÕES DAS VIDEOGRAFIAS DOS(AS) **EX-PROFESSORES** DOS CURSOS TÉCNICOS
PROFISSIONALIZANTES DE 2º GRAU DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA – FASE UNITARIZAÇÃO E CATEGORIAÇÃO

CATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO NA FALA DE JARBAS GOMES DE CARVALHO (Década 1980)	UNIDADES DE SENTIDO NA FALA DE ROZICLEIDE BEZERRA DE CARVALHO (Década 1990)	UNIDADES DE SENTIDO NA FALA DE ISMÊNIA VERÔNICA BARBOZA (Década 2000)	UNIDADES DE SENTIDO ENTRE AS FALAS DOS AGENTES/SUJEITOS
IDENTIFICAÇÃO	- 70 anos de idade - Bacharel em Administração de Empresas. - Lecionou as disciplinas de Técnicas Bancárias, Administração e	- 56 anos de idade - Licenciatura em Ciências Biológicas e bacharelado em Zoologia, especialização em Psicopedagogia,	- 57 anos de idade - Licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas, mestrado em Ciências Naturais e Matemática, -	- Os agentes/sujeitos entrevistadas tem idades correspondentes as faixas etárias dos 70 a 57 anos. - Entrevistadas foram professoras em tempos simultâneos na instituição, trazendo representações da cultura escolar tecnicista resistente e flexibilizada durante as décadas de 1990 e 2000. - As duas professoras entrevistadas eram licenciadas nas disciplinas de biologia e possuem pós-graduação stricto-sensu.

	<p>Controle e Sociologia (após a extinção do ensino técnico profissionalizante de 2º grau em 2002).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entre os anos de 1981 a 2009. - Atuou no curso Técnico Profissionalizante de Assistente em Administração. 	<p>mestrado em Ciências Naturais e Matemática, doutorado em Educação e Pós-doutorado em linguagem.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Lecionou a disciplina de Biologia. - Entre os anos de 1990 a 2009. - Atuou nos Cursos Técnicos em Assistente de Administração e Contabilidade. 	<p>Lecionou as disciplinas de Biologia, Física, Química e Informática.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entre os anos de 1995 a 2003. - Atuou nos Cursos Técnicos em Assistente de Administração e Contabilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevistada dos anos 2000 além da sua área de formação inicial complementou sua carga horária com outras disciplinas, tais como: física, química e informática. - Ambas professoras entrevistadas atuaram nos dois cursos técnicos profissionalizantes de Assistente em Administração e Contabilidade. <p>[Diferentemente dos professores da parte técnica profissionalizante, as professoras da base geral possuíam formação inicial em cursos de graduação, habilitação em licenciatura não necessitando serem também profissionais técnicas nas habilitações de Administração e Contabilidade.]</p>
<p>CAUSAS DA ESCOLHA POR ATUAR NO CURSO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Busquei um contrato no Núcleo do NURE - Após 1 ano trabalhando na Escola Estadual Soldado Luiz Gonzaga, pedi transferência para o Anísio Teixeira, pois ficava próximo a minha residência. - “Minha finalidade maior era...que até hoje ainda tenho vontade, é de transmitir meus conhecimentos prós outros e não guardar para mim”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Havia passado no concurso público para professores da Seec-RN. - Encaminhada pela Seec-RN para ocupar a vaga de Biologia [40h]. - “[...] eu não sabia que lá era técnico profissionalizante, eu só vim saber quando eu cheguei na escola e fui recebida pelo diretor atual que era professor Roberto...Roberto Cabral, [...]”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Havia passado no concurso público para professores da Seec-RN. - Encaminhada pela Seec-RN para ocupar a vaga de Biologia por 6 meses, vindo a complementar com as disciplinas de Física, Química e Informática. - “[...] quando foi introduzida a parte de informática no Anísio, não tinham professores que dessem a aula, e...como eu tinha curso, já tinha...já sabia um pouco...vou dizer um pouco, porque eu não sabia 	<ul style="list-style-type: none"> - As agentes/sujeitas dos anos de 1990 e 2000 não tiveram uma causa aparente para atuarem no ensino técnico profissionalizante de 2º grau. - Foram encaminhadas pela Seec-RN para ocuparem vagas/cargas horárias disponíveis. - A professora dos anos de 1990 atuou sempre na disciplina de formação inicial, porém a professora dos anos 2000 teve que ministrar aulas de disciplinas que não correspondiam ao componente curricular a qual realizou concurso público. <p>[Nas décadas de 1980 os professores eram convidados e contratados para atuarem nos cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira, pois estes tinham o notório saber e dominavam os conhecimentos do campo de formação profissional. Já as professoras que lecionavam disciplinas da base geral, das décadas de 1990 e dos anos 2000 eram admitidas por meio de concurso público de provas e títulos, sendo aprovadas e nomeadas eram encaminhadas pelo órgão central (SEECD-RN) para as escolas disponíveis.]</p>

			<p> muito, de informática, o diretor na época era José Fernandes me convidou, me pediu pra assumir essas turmas, e assim foi feito”.</p>	
<p>SOBRE OS ESTUDANTES</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estudantes pertencente a classe popular - “É eu creio que da classe média [pensando]...classe média não, classe mais popular mesmo, [...]”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estudantes advindos de outros bairros - Pertencentes as classes média e baixa da sociedade: “[...] mas eram meninos e meninas muito interessados em tá, né... na educação fazendo curso de boa qualidade”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Diversidade de estudantes, mas a maioria era pertencente a classe menos favorecida - Estudantes trabalhadores no turno da noite - Estudantes fora de faixa que estavam buscando uma formação técnica profissionalizante para melhorar sua ocupação no mercado de trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> - Na década de 1990 ainda havia um número significativo de estudantes pertencentes a classe média da sociedade. - Nos anos 2000 havia uma diversidade de estudantes pertencente em sua maioria a classe popular da sociedade. - Ainda nos anos 2000 os estudantes do noturno eram estudantes trabalhadores, buscando se profissionalizar e ou melhorar sua ocupação no mercado de trabalho. <p>[Ao longo das três décadas o perfil socioeconômico dos alunos foi mudando: alunos que moravam em bairros adjacentes e, depois, os que moravam em cidades do interior. As condições de formação foi mudando. Será que o currículo também muda?]</p>
<p>SOBRE OS PROFESSORES</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Professores da área técnica sem licenciatura e professores das áreas específicas com licenciatura - “Era tinha a área técnica, tinha os outros professores que eram específicos de português, matemática, química, física e biologia, agora essas disciplinas: física, química, biologia e matemática, só se via 	<ul style="list-style-type: none"> - Professores licenciados que atuavam na base geral - Professores formados na parte profissionalizante sem licenciatura: “[...] tínhamos aqueles professores que eram formados na parte profissionalizante, e esses professores não tinham o curso de licenciatura, então eles atuavam como 	<ul style="list-style-type: none"> - Professores em sua maioria comprometidos com o ensino - Uma pequena parcela de professores sem compromisso com o ensino - Existia professores da parte técnica profissionalizante e da parte geral: “[...] existiam o pessoal das áreas técnicas, 	<ul style="list-style-type: none"> - Os entrevistados afirmaram que existiam os professores da parte técnica profissionalizante nos campos de trabalho da administração e da contabilidade. - Os três professores entrevistadas são unânimes em afirmar que os licenciados lecionavam suas disciplinas na base geral, especificamente no 1º ano do curso técnico profissionalizante de 2º grau. - Tanto o professor Jarbas como a professora a professora Ismênia destacam que a maioria dos professores eram comprometidos com o ensino realizado na E. E. Professor Anísio Teixeira. <p>[Corpo de professores com formação específica e prática profissional na área, o que implicava numa prática formativa qualificada no ensino profissionalizante. Agentes importantes no movimento de resistência da cultura tecnicista e manutenção da</p>

	<p>no 1º ano”.</p> <p>- Ao ser perguntado sobre como eram os professores, logo tem-se a resposta: “Era, muito, muito integrado mesmo! Agora, os professores que tinham na época, todos gostavam de ensinar, de transmitir, não tava ali pelo dinheiro, tava porque gostava de ensinar”.</p>	<p>professor de administração, né...professor de direito e assim sucessivamente, então, eram professores que...esses professores já atuavam a partir do 2º ano, [...]”.</p>	<p>tinha professores que eram formado em direito, contabilidade, administração...tinha o pessoal da biologia, do português, da história que dava aula, se não me engano, acho que era no 1º ano, [...]”.</p>	<p>instituição.]</p>
<p>SOBRE OS FUNCIONÁRIOS</p>	<p>- Lembrança dos funcionários, mas não lembra os nomes deles</p> <p>- Recorda da funcionária do arquivo: “Me lembro, mas não me lembro do nome. Só me lembro de um que trabalhava no arquivo, ldezite...ela trabalhava no arquivo”.</p>	<p>- Lembrança dos funcionários da limpeza, secretaria, coordenação pedagógica, direção e orientação educacional</p> <p>- “[...] tínhamos a equipe de coordenadores pedagógicos, porque naquela época a gente não tinha somente coordenação, nós também tínhamos orientadores, isso facilitava muito para os estudantes quando eles apresentavam alguma situação que precisava de ajuda, [...]”.</p>	<p>- Lembrança da funcionária da limpeza, do porteiro e do pessoal da secretaria</p>	<p>- Os funcionários mais lembrados pelas agentes/sujeitos entrevistadas foram o pessoal da limpeza e da secretaria.</p> <p>- A professora entrevista da década de 1990 destacou no rol dos funcionários a direção, coordenação e a figura do “orientador educacional”.</p> <p>- O professor entrevistado da década de 1981 menciona apenas a funcionária que trabalhava no arquivo.</p> <p>[De que forma esses agentes pertencentes e submetidos ao comando da administração escolar, contribuíram com a resistência/flexibilização da cultura escolar tecnicista? A figura do diretor estava como indicação política. O que essa condição implicava? O coordenador e o orientador eram indicados pela direção da escola? Como se davam os processos pedagógicos engendrados por esses dois agentes subordinados a direção da instituição?]</p>
<p>SOBRE O CURRÍCULO</p>	<p>- Currículo técnico único para o curso técnico profissionalizante</p>	<p>- Currículo com base nos documentos legais LDB Nº 9.394/96,</p>	<p>- Currículo eminentemente técnico voltado para</p>	<p>- A professora entrevista da década de 1990 concebe o currículo como materialização dos documentos norteadores e legais, como por exemplo, a LDB, Nº 9.394/96.</p>

	<p>- Era um currículo adaptado a turma e ao turno de ensino</p> <p>- “Tinha um currículo que era pro curso profissionalizante todo, só que tinha um problema, que eu professor de administração da noite, achava umas coisas dentro do currículo mais importante do que outras, e o professor de administração da manhã e da tarde, quer dizer, cada professor específico escolhia o seu conteúdo”.</p>	<p>Diretrizes e outros.</p> <p>- O currículo deveria ser: “[...] flexível e que tivesse como principal pilar a contextualização, que é justamente respeitar a história de vida daqueles estudantes, [...]”.</p>	<p>as habilitações profissionalizantes</p>	<p>- O currículo na memória dos professores entrevistados correspondentes aos anos de 1981 e 2000 é visto como eminentemente técnico voltado para formar para as habilitações profissionalizante de Assistente em Administração e Contabilidade.</p> <p>- O currículo para a professora da década de 1990 inaugura uma flexibilização do tecnicismo gestado desde a década de 1980.</p> <p>- O currículo na visão do professor Jarbas tinha um problema, pois os conteúdos selecionados nos turnos eram divergentes.</p> <p>[Houve predominância da flexibilização na grade curricular do ensino técnico profissionalizante de 2º grau a partir da década de 1990, mas permanece o ideário da cultura escolar tecnicista de formação do estudante para o mercado de trabalho.]</p>
<p>SOBRE OS CONTEÚDOS</p>	<p>- Os conteúdos eram técnicos da área e se aproximava das situações do posto de atuação profissional</p> <p>- “Na administração e controle, na administração de pessoal, então, eu trabalhava muito em cima da legislação trabalhista, até para dá uma luz em direito melhor a eles, aí outro professor achava melhor cálculos de folha de pagamento, decimo terceiro, essa parte mais técnica, como a parte de cálculo”.</p>	<p>- No 1º ano, os conteúdos eram gerais: biologia, química, física, geografia, história, arte, etc.</p> <p>- 2º e 3º ano, conteúdos profissionalizantes voltados para as habilitações</p> <p>- Conteúdos das disciplinas de Português e Matemática continuava no 2º e 3º ano</p>	<p>- Os conteúdos da base geral eram trabalhados por meio dos livros, enriquecendo com apostilhas e pesquisas orientadas</p> <p>- Os conteúdos de informática foram buscados com professores de outras escolas, bem como o sistema operacional dos computadores</p>	<p>- Existia uma divisão nos conteúdos, os da base geral, ministrados no 1º ano do curso técnico profissionalizante de 2º grau, conforme cita as professoras entrevistadas.</p> <p>- As disciplinas de língua portuguesa e matemática continuavam sendo estudadas no 2º e 3º ano, advertiu a professora da década de 1990.</p> <p>- A agente/sujeita correspondente ao ano 2000 estabeleceu que os conteúdos da base geral eram trabalhados por meio de livros, apostilhas e pesquisas orientadas.</p> <p>- Os conteúdos de informática eram ministrados sem uma base curricular norteada por documentos, como coloca a professora dos anos 2000.</p> <p>- Os conteúdos da base técnica tinham relação com a prática profissional, porém ficava na teoria como coloca o professor dos anos de 1981.</p> <p>[Os conteúdos ministrados no ensino técnico profissionalizante de 2º grau do Anísio Teixeira, nas habilitações de Assistente em Administração e Contabilidade tinham a intenção de formar para o mercado de trabalho, materializando a cultura do tecnicismo]</p>

				<p>[Os conteúdos objetivavam formar para o mercado de trabalho, mas ficava apenas na seara do teórico, sendo assim, questiona-se: será que formar técnicos para o mercado de trabalho com aplicação de conteúdos de forma imagética, é suficiente para a instituição Anísio Teixeira permanecer formando profissionais até os anos de 2002?]</p> <p>[Em virtude da falta de professores de informática em meados dos anos de 1990 era comum oferecer aos professores da escola das disciplinas da base geral a nova disciplina “Informática” o que comprometeu o ensino e a aprendizagem, pois estes não tinham formação acadêmica e nem profissional para ministrarem aulas de computação.]</p>
SOBRE AS METODOLOGIAS	<ul style="list-style-type: none"> - Metodologia do ensino expositivo - Uso do recurso de quadro e giz - “A metodologia era giz, esponja e quadro, só”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Metodologia behaviorista com foco no ensino expositivo - Em biologia iniciava-se a inclusão da relação teoria e prática - Aulas de laboratório e de campo em biologia 	<ul style="list-style-type: none"> - Metodologia do ensino expositivo - Em biologia, química e informática iniciava-se a inclusão da relação teoria e prática - Aulas de laboratório nas disciplinas de biologia, química e informática - Seminários 	<ul style="list-style-type: none"> - Quanto a metodologia os professores estabelecem que era predominantemente expositiva. - As professoras Rozicleide e Ismênia colocam que na aula de biologia, iniciava-se a inclusão de atividades práticas em laboratório, estendendo-se para as disciplinas de química e informática ministrada pela professora dos anos 2000. - A professora do ano 2000 disse incluir como metodologia o seminário em suas aulas. <p>[A metodologia predominante nas práticas pedagógicas da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira desde as décadas de 1980 até os anos 2000 permanece na exposição de conteúdos, seguida da sequência: cópia no quadro, explicação das informações e perguntas/repostas, traduzindo-se com uma forte marca da teoria behaviorista empreendida no contexto da cultura tecnicista]</p> <p>[Os únicos recursos materiais disponível nas aulas era apenas quadro e giz.]</p>
SOBRE A AVALIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formal, composta por prova e pesquisa teórica - “Só tinham duas avaliações, pelo menos eu fazia duas, não eram todos os professores, era uma de pesquisa e 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação com a abordagem tecnicista - Prova escrita como instrumento quantitativo - Inclusão da feira de ciências como mais um instrumento de 	<ul style="list-style-type: none"> - Instrumentos avaliativos: seminários, trabalhos, testes e provas teóricas escritas com questões objetivas e discursiva para 	<ul style="list-style-type: none"> - Os professores entrevistados citam a prova escrita teórica como instrumento avaliativo. - Apesar da prova teórica escrita ser um instrumento avaliativo predominante, as professoras Rozicleide e Ismênia mencionam outros instrumentos de avaliação do ensino e da aprendizagem que parecem avançar, saindo do tecnicismo gestado desde a década de 1980.

	a outra teórica, né...dentro do conteúdo dado, as avaliações que tinham era essas”.	avaliação	pensar	[A avaliação utilizada pelos professores da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira era vista como um instrumento de verificação dos conteúdos transmitidos, sendo este medidos por meio de provas escritas e teóricas, com finalidade somativa e classificatória. Esse tipo de avaliação quantitativa demonstra que os professores do recorte temporal investigado se alinham a perspectiva de avaliação do tecnicismo.]
SOBRE OS ESTÁGIOS	<ul style="list-style-type: none"> - Existiam estágios, mas eram poucas vagas - A indicação da vaga de estágio era provinda da direção escolar - “Não existia essa abertura de estágio pra fora não, só existia essa mesma que eu disse, do que indica, acho que foi somente uns dois anos só”. 	- Não lembra do estágio, pois essa parte ficava com os professores da base técnica	<ul style="list-style-type: none"> - Não lembra do estágio - A maioria dos estudantes do noturno já trabalhavam nas habilitações profissionais - “[...] muitos alunos das minhas turmas que já trabalhavam com contabilidade, eles precisavam só do diploma, porque nessa época, o técnico de contabilidade e administração, eles tinham...acho que até hoje ainda é assim, eles tinham quase o mesmo poder que um técnico de nível superior, [...]”. 	<ul style="list-style-type: none"> - O professor Jarbas da década de 1981 diz que existia estágio, mas era poucas vagas e quem indicava era a direção. - As professoras entrevistadas dizem que não lembrar dos estágios, deixando transparecer que nas décadas de 1990 e 2000 a escola não ofertava estágios. - Conforme a professora entrevistada dos anos 2000 a maioria dos estudantes do noturno já atuavam nas habilitações ofertadas pela E. E. Professor Anísio Teixeira. <p>[Conforme a memória das professoras entrevistadas fica evidente que nas décadas de 1990 até os anos 2000 a instituição não ofertava estágios profissionalizantes como prática formativa obrigatória nas habilitações da grade curricular. Diante dessa informação, é possível indagar se houve mudanças na grade curricular dos cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau em Assistente de Administração e Contabilidade, ou se já era uma demanda baixa do mercado para admissão de profissionais nessas habilitações?]</p>
SOBRE FESTAS E EVENTOS COMEMORATIVOS	<ul style="list-style-type: none"> - Havia festas e eventos cívicos - Lembra do São João, dia do estudante, dia do professores e 7 de setembro 	<ul style="list-style-type: none"> - Não lembra de festas e eventos comemorativos cívicos - Lembra apenas as feiras de ciências interdisciplinar 	<ul style="list-style-type: none"> - Não havia desfile de 7 setembro no Anísio Teixeira - Na semana do 7 de setembro os estudantes eram 	<ul style="list-style-type: none"> - As professoras da década de 1990 e dos anos 2000 lembram da feira de ciências, pois ambas materializaram essa ideia de propagação de conhecimento inovadora e interdisciplinar. - O professor Jarbas, menciona a feira de ciências como evento, mas era apenas no 1º ano, nas disciplinas da base geral. - Na época do professor Jarbas, havia o desfile cívico de 7 de

	<ul style="list-style-type: none"> - Lembra das feiras de ciências das disciplinas da base geral ofertada no 1º ano - “Comemorativa era São João [risos], tinha festa de São João, dia dos professores, tinha festa no colégio, feijoada, festa no colégio...dia dos estudantes...sabe! professores, estudantes, sete de setembro era feriado normal, tinha desfile, algumas vezes o colégio foi primeiro lugar no desfile”. 		<ul style="list-style-type: none"> levados para a Praça Cívica para as solenidades: “[...] a Praça Cívica não me traz lembranças, me traz assim...quando tinha a semana do 7 de setembro, que os soldados faziam as disposições, ...aeronáutica, exército que a gente levava os alunos aí, [...]”. - Lembra apenas as feiras de ciências interdisciplinar 	<ul style="list-style-type: none"> setembro. - Mesmo afirmando não haver eventos cívicos em comemoração ao 7º de setembro no interior da instituição escolar, a professora dos anos 2000 relembra que levava os estudantes para semana da pátria que acontecia na Praça Cívica com a presença dos militares. <p>[As festas e os eventos comemorativos mais lembrados pelas professoras da década de 1990 até os anos 2000 foram as feiras de ciências. Acredita-se que as feiras de ciências interdisciplinares já era uma marca da flexibilização das práticas educativas-culturais que antes amparava-se na ideia de formação para o mercado de trabalho, como treinamento teórico ocorridas até meados da década de 1990, depois desse marco, percebe-se na memória dessas professoras a inclusão, bem como a possibilidade do estudante aprender fazendo, cuja compreensão se efetiva na ideia de preparação para o mundo do trabalho.]</p>
LEMBRANÇAS SOBRE O LUGAR CORREDOR	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço de trânsito e de aglomeração de estudantes 	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço de trânsito e de integração 	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço de trânsito, sujeira e aglomeração de estudantes 	<ul style="list-style-type: none"> - Predomínio da lembrança do corredor como espaço de trânsito para os professores entrevistados. <p>[O corredor da instituição Anísio Teixeira se constitui na materialidade escolar como um espaço onde as pessoas transitam geograficamente dentro do espaço físico da instituição.]</p>
LEMBRANÇAS SOBRE O LUGAR SALA DE AULA	<ul style="list-style-type: none"> - Local de aulas - Salas lotadas, quente e sem conforto - Controle e disciplina [estudantes sentavam enfileirados] 	<ul style="list-style-type: none"> - Comportamento behaviorista dos estudantes na sala de aula - Local de aprendizagem - Salas lotadas - Controle e disciplina [os estudantes sentavam enfileirados] - Respeito entre estudantes e professores 	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço de aprendizagem e sociabilidade - Salas lotadas - Controle e disciplina [os estudantes sentavam enfileirados] 	<ul style="list-style-type: none"> - Os agentes/sujeitos entrevistados são unânimes em dizer que a sala de aula era um espaço de aprendizagem, com grande número de estudantes. - Havia controle e disciplina, inclusive na organização das cadeiras e mesas, e na relação professor-estudante, reforçam as entrevistadas Rozicleide e Ismênia. <p>[A compreensão das professoras entrevistadas nas décadas de 1990 e dos anos 2000, demonstram-nos que a sala de aula era um espaço de aprendizagem, na qual deveria imperar a organização da mobília, limpeza da sala e da mobília, o silêncio e o respeito entre as partes estudante/professor. No espaço da sala de aula havia controle e disciplina, deixando transparecer que a cultura tecnicista permanecia resistindo.]</p>

<p>LEMBRANÇAS SOBRE AS OUTRAS DEPENDÊNCIAS DA ESCOLA</p>	<p>- Sala da secretaria era um espaço da escola apenas. - “Eu mesmo nunca coloquei prova assim na secretaria não, eu elaborava em casa e rodava no computador e já levava pronta, mas nessa situação aí tinha vazamento de prova, principalmente no final do ano [risos]”.</p>	<p>- Sala dos professores lembra da organização das provas</p>	<p>- Sala da secretaria era um espaço burocrático de entrada e saída do diário de classe - Praça Cívica como local de mal comportamento [uso de drogas]</p>	<p>- A dependência citada pela entrevista da década de 1990 foi apenas a sala dos professores como espaço de organização das provas dos estudantes. - Já a professora dos anos 2000 cita a secretaria da escola como um espaço burocrático, de entrada e saída de documentos escolares. - A professora dos anos 2000, mencionou a Praça Cívica como extensão das dependências da escola, mas não como um local de modernização, sociabilidade e beleza. - O professor Jarbas observa a imagem da secretaria da escola como mais um espaço físico da escola, pois seus materiais pedagógicos eram elaborados em sua própria casa.</p> <p>[As outras dependências físicas e arquitetônicas da Escola Anísio Teixeira evidenciada na memória das professoras das décadas de 1990 e dos anos 2000, coloca a secretaria como um espaço operacional e burocrático. Como pensar uma instituição que já incluía práticas educativas-culturais idealizadas na formação do estudante para o mundo do trabalho, e ainda continua percebendo a materialidade (arquitetura da escola) nos ditames do tecnicismo? Seria possível refletir que os espaços físicos podem até ser alterados, mas os comportamentos podem resistir ao tempo.]</p>
<p>FATO (S) MARCANTE (S)</p>	<p>- A escola era mal cuidada pela direção e pelo órgão central “[...] tinha o diretor, mas não tinha assim força junto aos órgãos da secretaria, de fazer a reforma, fazer tintura...falta de verba..., aí eu acho que de 2007, por aí 2005 foi que cada colégio ficou responsável pela sua verba, foi quando melhorou alguma coisa”.</p>	<p>- Feira de ciências como mudança de paradigma: “[...] ali vocês mostraram para todos os professores que vocês não podiam mais continuar com aquele ensino tecnicista, porque por meio da orientação vocês faziam, e quando eu me vi diante daquelas atividades, eu me</p>	<p>- Estudantes que desmaiavam com fome - Um estudante que estava estudando para se tornar advogado de uma gang</p>	<p>- A professora entrevista da década de 1990 lembra dois fatos marcantes que transitam entre a felicidade [feira de ciências] e a tristeza [acidente e obtido da estudante], mas que serviram de lição de vida. - A professora dos anos 2000 difere da entrevistada da década de 1990, pois a agente/sujeita em destaque trouxe dois fatos tristes, pois estes demonstram a condição social do tipo de estudante do Anísio Teixeira. - O professor da década de 1981, diverge das professoras, apontando o descaso da administração escolar e do órgão central, nos aspectos financeiros, centralizando os recursos na SEEC-RN, ficando a escola sob a submissão desse órgão.</p> <p>[Os fatos marcantes predominante no contexto da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira são contingências da condição humana,</p>

		<p>emocionei muito, muito, né...até hoje eu lembro, até hoje...".</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acidente de uma estudante que ajudei a socorrer, mas veio a óbito - Duas estudantes que esmaiaram com fome 		<p>que trazem a memória sentimentos paradoxais, concorrentes e complementares, externados na felicidade/tristeza; vida/morte; riqueza/pobreza; fartura/fome; saúde/doença; paz/violência, mal cuidado/bem cuidado; belo/feio.]</p>
--	--	---	--	--

ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA DAS TRANSCRIÇÕES DAS VIDEOGRAFIAS DOS (AS) **EX-DIRETORES** DOS CURSOS TÉCNICOS PROFISSIONALIZANTES DE 2º GRAU DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA – FASE UNITARIZAÇÃO E CATEGORIAÇÃO

CATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO NA FALA DE EVÂNIA MARIA DAMÁZIO DE SOUZA (Década 1980)	UNIDADES DE SENTIDO NA FALA DE MARIA DA SALETE MARINHO COELHO (Década 1990 a 2000)	UNIDADES DE SENTIDO ENTRE AS FALAS DOS AGENTES/SUJEITOS
IDENTIFICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - 67 anos de idade - Graduada em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar, especialista em Recursos Humanos. - Exerceu o cargo de Diretora de 1982 até 1985. -Chegou ao cargo através de um convite da SEEC-RN. 	<ul style="list-style-type: none"> - 73 anos de idade. - Graduada em Pedagogia. - Exerceu o cargo de Diretora de 1995 até 2005. - Chegou ao cargo através de uma indicação política. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os agentes/sujeitos entrevistadas tem idades correspondentes as faixas etárias dos 67 a 73 anos. - As entrevistadas foram diretoras em tempos diferentes (cronologicamente) na instituição, trazendo representações da cultura escolar tecnicista resistente e flexibilizada durante as décadas de 1980, 1990 e 2000. - As duas diretoras entrevistadas eram graduadas em Pedagogia, sendo a diretora dos anos de 1980 pós-graduada em Recursos Humanos. - As diretoras entrevistas chegaram ao cargo de administradora escolar por meio de indicação e não de eleição democrática, até porque na época não havia gestão democrática. <p>[As diretoras que administraram a E. E. Professor Anísio Teixeira respectivamente nas décadas de 1980, 1990 e 2000 eram mulheres, e possuíam formação acadêmica em Pedagogia. Ambas entendiam dos processos da administração escolar, e desse modo comandavam essa instituição de formação técnica profissionalizante de 2º grau, tida como de referência na cidade de Natal.]</p>
CAUSAS QUE LEVOU	- Convite e uma	- "Eu entrei no Anísio	- As agentes/sujeitas dos anos de 1980 e a dos anos de 1990 e 2000 não tiveram uma

<p>A ATUAR NA ADMINISTRAÇÃO DA E. E. PROF. ANÍSIO TEIXEIRA</p>	<p>avaliação da SEEC-RN, e por ter vocação para a administração escolar. - “Foi uma avaliação, como eu cheguei na administração escolar”. - “É um convite, né, e eu acho que também pela própria vocação [risos] né, que a gente tem esse..., todos nós, né”.</p>	<p>como supervisora escolar, depois eu passei para vice direção...primeiro com Fátima Macêdo, e depois com Hildegundes”. - “Já tinha sido diretora no Augusto Severo por 9 meses no Governo de Geraldo Melo”.</p>	<p>causa aparente para atuarem no ensino técnico profissionalizante de 2º grau. - A diretora dos anos de 1980 foi convidada pela SEEC-RN e como já tinha atuado na administração escolar aceitou. - A diretora dos anos de 1990 e 2000 chegou no Anísio Teixeira como supervisora, sendo indicada por políticos para administrar a escola. [Mesmo sendo indicadas por políticos e convidada pela Seec-RN, as diretoras possuíam habilitações acadêmicas e competência profissional para administrarem uma instituição escolar de ensino técnico profissionalizante de 2º grau.]</p>
<p>SOBRE OS ESTUDANTES</p>	<p>- Estudantes pertencentes a classe média alta. - “Naquela época você estudar no Anísio Teixeira era um privilégio, era um privilégio! Não é, aí vem a questão da clientela, era eclética, era, mas a gente observava que também tinha pessoas de um nível, de uma classe média alta, tinha até de classe alta, certo! E média era quem ponderava, na verdade a classe média ponderava, a gente tinha essa observação”.</p>	<p>- Estudantes pertencentes a classe média em sua maioria. - “O perfil dos estudantes era muito eclético, a gente podia dizer que a maioria era de Mãe Luiza, podia de dizer que vinha de Parnamirim, que vinha da Zona Norte, [...]”.</p>	<p>- Nas décadas de 1980, 1990 e 2000 a maioria dos estudantes eram pertencentes a classe média. - Geograficamente os estudantes conforme a diretora dos anos de 1990 e 2000, eram advindos da zona leste, zona norte e até da grande Natal (Parnamirim). [Ao longo das três décadas o perfil socioeconômico dos alunos conforme a fala das diretoras permanece em sua maioria centrado na classe média: alunos moravam em bairros adjacentes, na zona norte e na grande Natal.]</p>
<p>SOBRE OS PROFESSORES</p>	<p>- Professores em sua maioria comprometidos com o ensino. - Existia professores com licenciatura plena atuando na área básica-geral e os professores bacharéis da área</p>	<p>- Professores em sua maioria comprometidos com o ensino. - Existia professores com licenciatura plena atuando na área básica-geral e os professores bacharéis da área</p>	<p>- As agentes-sujeitas entrevistadas advertiram que a maioria dos professores da escola eram comprometidos com o ensino. - Os entrevistados afirmaram que existiam os professores da área básica-geral com habilitação em licenciatura, e os da parte técnica profissionalizante com formação em bacharelado. - As diretoras entrevistadas são unânimes em afirmar que os licenciados lecionavam suas disciplinas da área básica-geral, especificamente no 1º ano do curso técnico profissionalizante de 2º grau.</p>

	<p>específica atuando nas disciplinas técnicas. - É, é... a gente tinha assim, uma professora, que eu digo que ela é muito histórica, eu encontrei ela recentemente (saudosismo), Maria do Carmo. Maria do Carmo é procuradora do estado, na época era permitido, ela trabalhava, ensinava Direito e Legislação, ensina outras disciplinas, né, também, mas todo mundo aprendia com Maria do Carmo, todo mundo aprendia! E tinha outros professores também muitos bons, administradores, pessoas...contadores né, que, eles atuavam ali...e também, assim o ensino profissionalizante, ele só era o 2º e 3º ano, porque o 1º ano se chamava unificado, que era a base, né? Que aí eles só viam, assim eles só via Química, Física, Inglês, Matemática, Português, Redação no 1º ano, depois quando ele ia continuava com</p>	<p>específica atuando nas disciplinas técnicas. - “É, em licenciatura. Sim, e quando era Contabilidade e Administração, então, existiam contadores, existiam professores de direito que já vinham,...porque já existiam várias áreas, dentro do Anísio antes... existia técnicas bancárias,...tinha estatística, informática, contabilidade, [...]”.</p>	<p>[Corpo de professores possuíam formação específica e prática profissional na área, o que implicava numa prática formativa qualificada no ensino profissionalizante. Esses professores foram importantes no movimento de resistência e ou flexibilização da cultura tecnicista e manutenção da instituição, além de serem comprometidos com a prática de ensino.]</p>
--	--	--	---

	Redação, Português, com a Matemática, aí a Matemática já era a Matemática Financeira, e por aí vai”.		
SOBRE OS FUNCIONÁRIOS	<p>- Lembrança dos funcionários: ASGs, vigias e os funcionários da secretaria.</p> <p>- “[...]os funcionários da secretaria, eles eram pessoas, que eles tinham uma demanda também muito grande, porque dentro daquele núcleo administrativo tinha que ter: o datilógrafo, o mecanógrafo, né...as pessoas escriturárias, as que faziam...a secretária geral, os auxiliares de secretaria, até porque, tinha a questão dos históricos escolares e do diploma,... eles quem faziam, preparava, aí esse diploma, depois de preparado, de feito e concluído, ele tinha que ir pra secretaria, para inspeção escolar, pra ser analisado e aprovado...[...]”.</p>	<p>- Lembrança dos funcionários como um técnico operacional.</p> <p>- “Os funcionários...olhe, eu nunca tive problema com quase nenhum funcionário, eu toda vida soube lidar com todos eles, porque se um funcionário fazia alguma coisa errada, eu chamava ele na direção, conversava com ele particular, eu não ia discutir com ele na frente de aluno, e se fosse com aluno, eu também chamava o aluno prá dentro da sala de aula, e...ou prá dentro da direção, e me trancava, e conversava com o aluno, dizia o que estava acontecendo, [...]”.</p>	<p>- No quesito funcionários a diretora da década de 1980, lembra especificamente dos ASGs, vigias e funcionários da secretaria, já a diretora dos anos de 1990 e 2000 lembra de modo geral dos funcionários como técnicos e não destaca nenhum cargo específico.</p> <p>- A diretora entrevista da década de 1980 destacou as atividades realizadas pelo pessoal da secretaria, tais como: produção dos históricos e diplomas, já a diretora dos anos de 1990 e 2000 foca nas relações humanas entre a direção e os funcionários, dizendo que se dava muito bem com esse grupo.</p> <p>[As diretoras entrevistadas lembram dos seus funcionários de formas divergentes. A diretora da década de 1980 lembra dos seus funcionários de forma mais técnica, já a diretora dos anos de 1990 e 2000 estabelece com seus funcionários relações que ultrapassam o campo técnico, possibilitando o diálogo entre as partes.]</p>
SOBRE O CURRÍCULO	<p>- Documento legal enviado pela SEEC-RN.</p> <p>- Currículo eminentemente técnico</p>	<p>- A grade curricular vinha da SEEC-RN e a direção acatava.</p> <p>- Grade curricular técnica</p>	<p>- As diretoras entrevistadas concebem o currículo como documentos norteadores e legais, enviados pela SEEC-RN.</p> <p>- O currículo na memória das diretoras ouvidas correspondentes aos anos de 1980, 1990 e 2000 é visto como eminentemente técnico voltado para formar para as habilitações</p>

	<p>voltado para as habilitações profissionalizantes.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grade curricular específica para cada curso técnico profissionalizante. - “Os currículos eram específicos, né, que eles chamavam grade curricular, e era dividido por ano, certo! 1º ano de contabilidade, 2º e 3º, e serviço bancário, administração, né? Tinham algumas disciplinas que era específico para todos cursos, outras não”. 	<p>e voltada para as habilitações profissionalizantes de administração e contabilidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> - “É, um ano de matérias normais, português, história, geografia, essas coisas, e aí no 2º já ia contabilidade, estatística, informática, aí foi quando veio o laboratório, porque o laboratório veio muito depois, laboratório de informática, né”. 	<p>profissionalizante de Assistente em Administração e de Contabilidade.</p> <p>[Houve predominância da flexibilização na grade curricular do ensino técnico profissionalizante de 2º grau a partir da década de 1990, mas permaneceu o ideário da cultura escolar tecnicista de formação do estudante para o mercado de trabalho, chegando na escola a era da informática, materializado na inauguração de um laboratório de computação, cuja perspectiva intencional era a objetividade-logicidade das informações (conteúdos) organizados em módulos programados sem se quer haver a participação estudante.]</p>
<p>SOBRE OS CONTEÚDOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Os conteúdos estavam contidos na grade curricular, eram técnicos, e tinham relação com o campo das habilitações profissionalizantes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os conteúdos estavam contidos na grade curricular, eram técnicos, e tinham relação com o campo das habilitações profissionalizantes. - Os conteúdos trabalhados mantinham relação com o campo de trabalho? “Tinham relação, existiam até alguns...(pensando)...que davam estágios, que faziam com que ajudasse o aluno nos estágios, nos conteúdos...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Os conteúdos na visão das diretoras entrevistadas eram uma espécie de núcleo contido na grade curricular. - Os conteúdos ensinados mantinham relação com o mercado de trabalho, conforme a habilitação profissionalizante. <p>[Os conteúdos ensinados nos cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau do Anísio Teixeira, nas habilitações de Assistente em Administração e Contabilidade tinham a intenção de formar para o mercado de trabalho, materializando a cultura do tecnicismo]</p> <p>[Os conteúdos objetivavam formar para o mercado de trabalho, mas será que existia prática de estágio obrigatória como conclusão das habilitações?]</p>
<p>SOBRE AS METODOLOGIAS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Metodologia do ensino expositivo. - Uso do recurso de quadro, giz e caderno. 	<ul style="list-style-type: none"> - Metodologia do ensino expositivo. - Uso do quadro, giz e caderno. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quanto a metodologia as diretoras estabelecem que era predominantemente expositiva. - Metodologicamente para o desenvolvimento do ensino, usava-se como recursos: o quadro, o giz e o caderno.

	<p>- Recurso do retroprojektor de transparências, mas era pouco.</p> <p>- “É, a metodologia não tinha muito recurso como hoje, porque hoje eu analisando, eu digo: Meu Deus, se a pandemia fosse naquela época, certo, tinha parado tudo! Porque não tinha computador, não tinha telefone celular, não existia isso. A metodologia era quadro e giz, né...o caderno pros meninos escrever, é...na época já tinha alguns recursos audiovisuais, certo, mas tudo muito difícil”.</p>	<p>- “[...] fala, escreve no quadro a matéria, não tinha...as vezes tinham alguns que queriam fazer apostilha, aí faziam apostilha no mimeografo, existia o mimeografo que você rodava as provas, rodava uma apostilha, rodava uma coisa, era só o professor pedir a menina para bater no extenso, né...e...Quando ele conseguia fazer tipo uma apostilha, aí era mais fácil”.</p>	<p>- Havia as apostilas mimeografadas e utilização de retroprojektor com transparências, mas era um recurso reduzido.</p> <p>[A metodologia predominante nas práticas pedagógicas da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira desde as décadas de 1980 até os anos 2000 permaneceu na exposição de conteúdos, seguida da sequência: cópia no quadro, explicação das informações e perguntas/repostas, traduzindo-se como uma forte marca da teoria behaviorista empreendida no contexto da cultura tecnicista, porém contendo traços da pedagogia tradicional.]</p> <p>[Os únicos recursos materiais disponível nas aulas era apenas quadro, giz, caderno, computadores, retroprojetores de transparências, máquinas registradoras e de cálculos.]</p>
<p>SOBRE A AVALIAÇÃO</p>	<p>- Instrumentos avaliativos: trabalho em grupo, trabalho individual e prova</p> <p>- “[...] o professor fazia mais trabalho como o povo diz, trabalho em grupo, trabalho individual e a avaliação, né...e prova!”.</p> <p>- “[...] uma prova! Aí esse aluno, se ele ficasse em recuperação, ele fazia prova de recuperação, se ele obtivesse a nota bem,</p>	<p>- Instrumentos avaliativos: trabalhos, provas, pesquisas teóricas e de campo.</p> <p>- “A avaliação, ...a gente sempre dizia: metade prova e metade trabalho, pesquisa, teste, as vezes...um trabalho extra, visitar um museu, visitar um...fazer uma feira de ciências, de campo. Rosário fazia muito na praia, levava os alunos prá ver a...de biologia...”</p>	<p>- As diretoras entrevistadas citam a avaliação como sendo um instrumento teórico.</p> <p>- A diretora dos anos de 1990 e 2000 além de evidenciar a avaliação como instrumento teórico, cita as atividades de campo como instrumento de avaliação.</p> <p>[A avaliação utilizada na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira segundo as diretoras tratava-se de um instrumento de verificação dos conteúdos ensinados, sendo este medidos por meio de provas escritas e teóricas, com finalidade somativa e classificatória. Esse tipo de avaliação quantitativa demonstrava que o ensino na escola se alinhava a perspectiva de avaliação tecnicista, mesmo já sendo incluída por alguns professores a prática avaliativa de estudo de campo.]</p>

	<p>se não, ele não passava de ano, também tinha isso, também não tinha muito...o aluno, quando ele não tinha condição, ele não passava, ele tinha que repetir, ele não tinha condição, ele não estudou o suficiente, e aí a forma era essa de avaliação, de metodologia, era essa”.</p>		
<p>SOBRE OS ESTÁGIOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Existiam estágios, não era para todos, mas tinha um número considerável de vagas. - Não era obrigatório na grande curricular, era uma formação completar. - Parceria da escola com o CIEE - “Tinham, tinham relação até porque, é..os alunos, é...os alunos tinham que estagiarem, né? Existiam o estágio, e esses estágios como eram? A escola corria atrás, o aluno quando conseguia tudo bem, mas nós tínhamos uma ponte, não é, com o CIEE”. - “Eram muitas vagas! Assim não era para a escola toda não...mas 	<ul style="list-style-type: none"> - Existiam estágios, mas não era prática obrigatória da grade curricular. - Os estud/antes que iam atrás, mas as vezes os órgãos mandavam algumas ofertas: “[...] e a gente sempre procurava mandar aqueles alunos que precisavam mais, os alunos mais carentes, essas coisas. Sempre a gente fazia uma seleção prá os estágios que vinham, ou eles mesmos iam no IEL ali na Mossoró, depois da Mossoró e se inscreviam nos estágios, e os estágios vinham”. - A diretora cita o caso de estágio da estudante Diana: “O caso de Diana foi a Cosern. Diana começou o 1º ano, 	<ul style="list-style-type: none"> - As diretoras entrevistadas são unânimes na afirmação de que havia a oferta de estágios na escola, mesmo não sendo prática obrigatória na grade curricular. - Os estágios eram intermediados com os órgãos institucionais: CIEE e IEL. - A oferta de estágios era menor que a demanda, por isso, havia seleção por parte dos órgãos institucionais. <p>[Fica evidente na narrativa das diretoras que a instituição escolar não ofertava estágios profissionalizantes como prática formativa obrigatória nas habilitações da grade curricular das décadas de 1980, 1990 e 2000. Diante dessa informação, é possível indagar se houve mudanças na grade curricular dos cursos técnicos profissionalizantes de 2º grau em Assistência de Administração e Contabilidade, ou se já havia uma baixa demanda do mercado para admissão de profissionais nessas habilitações?]</p>

	<p>tinham vaga na caixa econômica, no curso de serviço bancário não foi muito ruim, porque temos muitos bancos, né? Então, o CIEE agilizava, e nas outras a gente...até no serviço público mesmo né? Na administração, na contabilidade a gente conseguia, e esse pessoal ia fazer o estágio. O estágio era um estágio de 6 meses até 1 ano e meio, podendo renovar”.</p>	<p>primeiro estágio na Cosern, no 2º ano fez o segundo estágio, 3º ano fez o terceiro, aí depois ela fez Administração, porque o colégio tinha Administração e Contabilidade, aí se matriculou em Administração, eu dei a declaração, ela fez o quarto estágio, aí no quinto ela foi efetivada na Cosern”.</p>	
<p>SOBRE FESTAS E EVENTOS COMEMORATIVOS</p>	<p>- Havia festas e eventos cívicos. - Lembra do São João, dia do estudante, semana da cultura, um dia na praça, mutirão de limpeza e desfile de 7 de setembro - “Teve, teve o desfile cívico, né...porque assim, antigamente tinha os desfiles das escolas e as escolas ia “tudim”, aí depois não, começou só uma escola representava, aí o Anísio Teixeira, penso por ser mais perto, já estar na Praça Cívica [saudosismo], aí ele sempre era o convidado, e aí era a</p>	<p>- Havia festas e eventos cívicos. - Lembra do São João, Gincana, Feira de Ciências, Feira do Livro, Festa dos Professores e Confraternização de Final do Ano. - “Todo feriado nacional, existia uma coisa que o Governador vinha prá Praça Cívica, o coreto era na frente do Anísio, o Anísio tinha que participar. O Atheneu, o Anísio e o Churchill eram os três que tinham que ter todo mundo fardado, bonitinho, arrumadinho e a gente em cima do coreto, direção, professores”.</p>	<p>- As diretoras são unânimes em dizer que o Anísio Teixeira era uma escola festiva e que as práticas cívicas estavam bem presentes.</p> <p>[As festas e os eventos comemorativos mais lembrados pelas diretoras entrevistadas foram os eventos cívicos, perdurando até os anos 2000. Nota-se na narrativa das agentes-sujeitas que era um prestígio participar dessas solenidades, pois haviam muitas personalidades políticas, militares e da sociedade potiguar presente nesse momento.]</p>

	<p>banda, tinha a banda, instrumento de banda, o pessoal da polícia ia lá treinar os meninos, os alunos e tinha o desfile, todo mundo queria desfilar, né...tinha incentivo também dos professores, e isso não era só... interessante é que os eventos não era só do aluno, o evento era do professor, também”.</p>		
<p>LEMBRANÇAS SOBRE O LUGAR CORREDOR</p>	<p>- Espaço de transito. - “[...] o corredor eu me lembro que não existia corredor com aluno, cheio! né...porque sempre a gente não deixava, porque se o professor faltou e os alunos ficam nos corredores ele vai perturbar, [...]”.</p>	<p>- Espaço de transito. - “Sempre na hora de aula a gente proibia, a gente proibia, a gente sempre andava prá lá e prá cá, eu subia, descia, porque tá fora de aula? O que tá havendo? Sempre procurava saber”.</p>	<p>- Predomínio da lembrança do corredor como espaço de transito para as diretoras entrevistadas.</p> <p>[O corredor da instituição Anísio Teixeira se constitui na materialidade escolar como um espaço onde as pessoas transitam geograficamente dentro do espaço físico da instituição.]</p>
<p>LEMBRANÇAS SOBRE O LUGAR SALA DE AULA</p>	<p>- Local de aulas. - Salas lotadas, com ventiladores, carteiras, quadro e giz. - Controle e disciplina [estudantes sentavam enfileirados]. - Havia respeito dos estudantes para com os professores. - “Tinha, tinha que ter disciplina, né como hoje não, que é tudo muito moderno, aluno diz o</p>	<p>- Local de aulas. - Salas lotadas, com carteiras, quadro e giz. - Controle e disciplina [estudantes sentavam enfileirados]. - Havia respeito dos estudantes para com os professores. - “Eram cheias! Eram cheias, era 50, 52 alunos, [...]”. - “Não existia muita briga dentro da escola não,</p>	<p>- As diretoras entrevistadas são unânimes em dizer que a sala de aula era um espaço de aprendizagem, com grande número de estudantes. - Havia controle e disciplina, inclusive na organização das cadeiras e mesas, e na relação professor-estudante.</p> <p>[Para as diretoras entrevistadas a sala de aula era um espaço de aprendizagem, na qual deveria imperar a organização e o respeito entre estudantes e professores. Percebe-se que no espaço da sala de aula havia controle e disciplina, modelando o comportamento do estudante. Essas condutas deixa transparecer que a cultura tecnicista permanecia resistindo, mesmo trazendo resquícios da pedagogia tradicional.]</p>

	<p>que quer com o professor, porque é liberdade de expressão...não existia. O aluno tinha voz, tinha, porque tinha as reuniões com os líderes de classe, eles eram preparados pra a reunião com a orientação educacional. O líder fazia um apanhado, se reunia dentro da sala, pra saber o que é que a gente podia melhorar, e aí ele levava aqueles assuntos pra reunião de líder, né, nas salas, a gente tinha a reunião de líder, eles iam e levava, se tivesse algum problema com professor, aquele professor ele é reincidente, então a gente já chamava o professor, e já levava pra reunião de líder para não ficar o disse me disse, certo! Não era confronto, mas se fazia o entendimento pra esse professor compreender que eram vários falando, então tinha alguma coisa errada, e tinha que melhorar, né, se</p>	<p>podia haver briga lá fora. Eu desapartei muita briga lá fora, na praça, chamavam que tava havendo confusão na praça, mas dentro da escola não”.</p>	
--	--	--	--

	<p>chateava? Chateava, porque ninguém, né, quando a gente é cobrado...muita gente não entende, principalmente naquela época. E a disciplina do aluno, era disciplina sim, na época, é, a maioria das escolas, era obrigado você usar a farda, tinha até o tênis, né...então, o aluno só tinha acesso à escola se ele fosse fardado, né, ele tinha que ir de farda”.</p>		
<p>LEMBRANÇAS SOBRE OUTRAS DEPENDÊNCIAS DA ESCOLA</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Praça Cívica como um local em que os estudantes gostavam de ficar. - Praça Cívica extensão das atividades culturais dos estudantes da escola. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sala dos professores. - “Sala dos professores...Eu fiz muitos arranjos de flores (saudosismo), arrumava a sala dos professores no começo do ano, arrecadava dinheiro das camisas prá comprar uma toalha, prá comprar uma coisa, vendendo as camisas dentro do colégio prá poder fazer... as camisas dos alunos, não era as camisas do colégio não, era vendida nas lojas, mas as camisas dos 3º anos a gente vendia dentro da escola, prá botar um jarro na coisa, prá gente comprar...a gente 	<ul style="list-style-type: none"> - A dependência citada pela diretora dos anos de 1980, foi apenas a Praça Cívica. - A dependência apontava pela diretora das décadas de 1990 e 2000 foi apenas a sala dos professores como um local agradável e de convivência. <p>[As dependências físicas e arquitetônicas evidenciadas pelas diretoras demonstram a diferença de perfil dessas administradoras escolares, visto que atuaram na escola em diferentes épocas. A diretora dos anos de 1980 coloca a Praça Cívica como extensão das instalações físicas do Anísio, uma espécie de local de convivência, deixando transparecer que a escola estava localizada num espaço de status da cidade de Natal. Quanto a diretora das décadas de 1990 e 2000, percebe-se o valor dado as boas relações humanas e a promoção do diálogo entre os seus professores.]</p>

		comprou um geláguia, a gente comprou umas coisas que não vinham, no Anísio não vinha, no Anísio vinha 3.000 as vezes de três em três meses, prá comprar um material, vamos dizer, caneta...de expediente muito pouco, [...]”.	
FATO(S) MARCANTE(S)	<ul style="list-style-type: none"> - Dependências físicas do prédio da escola mal cuidada e antiga. - Um estudante homossexual comunicando que iria cometer suicídio em frente a Praça Cívica: “[...] teve um fato, de um rapaz, né, de um aluno, acho que já era do 3º ano, ele tinha uma tendência de homossexual, mas isso na época era tudo muito...a gente nem tocava nesse assunto, porque era...não é como hoje, aí esse menino, ele começou a perturbar, ele era sobrinho de um padre...morava com ele, enfim, esse menino era muito perturbado, muito, muito, que ele precisava de um acompanhamento 	<ul style="list-style-type: none"> - A morte da diretora Fátima Macêdo. - A inauguração do novo prédio da escola. - “A morte de Fátima, que prá mim foi um choque! E a inauguração do colégio novo, né? Do prédio novo!” - “Foi muito significativa, inclusive tem meu nome ali na placa. Tem meu nome ali na placa, e foi o Governador era (pensando) Fernando...Eu tinha até a foto, se eu procurar ali eu tinha a foto da inauguração”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os fatos marcantes apresentados pelas diretoras entrevistadas são divergentes, mas complementares, pois os fatos lembrados pelas administradoras escolares transitam em episódios desafiantes, tristes e alegres. - A diretora das décadas de 1990 e 2000 rememora a inauguração do novo prédio da escola no final dos anos de 1990. <p>[Os fatos marcantes no contexto da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira são contingências da condição humana, que trazem a memória sentimentos externados por meio da empatia, saudosismo, alegria, tristeza e desafios.]</p>

	<p>psicológico, mas a orientação da escola, conversava todo mundo, “num sei o que”, e um dia ele chegou pra mim, a noite, foi uma coisa que me deixou muito apreensiva, dizendo que naquele dia, ele ia se suicidar, e ia se jogar no ônibus, ali na Praça Cívica, pra todo mundo ver, e aí eu comecei a conversar, né, escutar, e ele me tomou a noite todinha, então chegou a hora de tocar, e ele tava lá na minha sala, aí eu fui e disse a ele que eu tinha que vim embora, que respeitava, né, mas eu não podia fazer nada, e vim embora muito preocupada pra casa, mas depois eu vi que ele queria aparecer, tá entendendo, porque quando cheguei em casa tive a preocupação de ligar pra esse padre, né, que era tio dele, e conversamos, ele disse não se preocupe não que ele aqui faz isso também, mas foi uma coisa que eu vim, mas vim muito preocupada”.</p> <p>- Estudante que se</p>		
--	--	--	--

	<p>apaixonava pela professora: “Era, muitos, muitos...de alunos de apaixonar pela professora, e a professora que entra em choque [risos] tinha vários fatos, várias coisas assim desse tipo, né, mas, que a gente tem que ter muito equilíbrio pra você escutar um lado, escutar o outro, aí a professor vai, eu não aceito mais fulana na minha sala, né, e aí você não pode tirar a aluna da sala, você tem que correr pra conversar com a aluna, pra professora, e tá tudo bem, deixe de fazer isso”.</p>		
--	--	--	--